

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

ANA RENATA MOURA RABELO

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE MULHERES-
ENFERMEIRAS: IMPLICAÇÕES PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM**

Belo Horizonte - MG

2022

ANA RENATA MOURA RABELO

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE MULHERES-
ENFERMEIRAS: IMPLICAÇÕES PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Enfermagem da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito para obtenção do
título de Doutora em Enfermagem.

Área de Concentração: Saúde e Enfermagem

Linha de pesquisa: Educação em Saúde e
Enfermagem.

Orientadora: Prof. Dra. Kênia Lara Silva.

Belo Horizonte - MG

2022

Rabelo, Ana Renata Moura.
R114p Processos de subjetivação e participação social de mulheres-
enfermeiras [manuscrito]: implicações para o Cuidado de
Enfermagem. / Ana Renata Moura Rabelo. - - Belo Horizonte: 2022.
231f.: il.

Orientador (a): Kênia Lara Silva.

Área de concentração: Saúde e Enfermagem.

Tese (doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Enfermagem.

1. Cuidados de Enfermagem. 2. Feminismo. 3. Ativismo
Político. 4. Discurso. 5. Disparidades nos Níveis de Saúde. 6.
Justiça Social. 7. Educação em Saúde. 8. Saúde Pública. 9.
Dissertação Acadêmica. I. Silva, Kênia Lara. II. Universidade
Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título.

NLM: HQ 1101

Bibliotecário responsável: Fabian Rodrigo dos Santos CRB-6/2697



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
 ESCOLA DE ENFERMAGEM
 COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ATA DE DEFESA DE TESE

ATA DE NÚMERO 187 (CENTO E OITENTA E SETE) DA SESSÃO PÚBLICA DE ARGUIÇÃO E DEFESA DA TESE APRESENTADA PELA CANDIDATA ANA RENATA MOURA RABELO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM ENFERMAGEM.

Aos 26 (vinte e seis) dias do mês de janeiro de dois mil vinte e dois, às 08:30 horas, realizou-se a sessão pública para apresentação e defesa da tese "PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE MULHERES-ENFERMEIRAS: IMPLICAÇÕES PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM", da aluna **Ana Renata Moura Rabelo**, candidata ao título de "Doutora em Enfermagem", linha de pesquisa "Educação em Saúde e Enfermagem". A Comissão Examinadora foi constituída pelas seguintes professoras doutoras: Kênia Lara da Silva (orientadora), Ana Lúcia Abrahão da Silva, Luciana Kind do Nascimento, Isabela Silva Cancio Veloso e Kleyde Ventura de Souza, sob a presidência da primeira. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

APROVADA;

REPROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, eu, Andréia Nogueira Dellino, Secretária do Colegiado de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 26 de janeiro de 2022.

Profª. Drª. Kênia Lara da Silva

Orientadora (Esc.Enf/UFMG)

Profª. Drª. Ana Lúcia Abrahão da Silva

(UFF)

Profª. Drª. Luciana Kind do Nascimento

(PUC/MG)

Profª. Drª. Isabela Silva Cancio Veloso

(EE/UFMG)

Profª. Drª. Kleyde Ventura de Souza

(EE/UFMG)

HOMOLOGADO em reunião do CPQ
 em 01.02.2022

Andréia Nogueira Delfino
Secretária do Colegiado de Pós-Graduação

MODIFICAÇÃO DE TESE

Modificações exigidas na Tese de Doutorado da Senhora ANA RENATA MOURA RABELO.

As modificações foram as seguintes:

A Banca não registrou modificações. Registraram a qualidade da produção e organização das análises realizadas.

NOMES	ASSINATURAS
Profª. Drª. Kénia Lara da Silva	_____
Profª. Drª. Ana Lúcia Abraão da Silva	_____
Profª. Drª. Luciana Kind do Nascimento	_____
Profª. Drª. Isabela Silva Cancio Velloso	_____
Profª. Drª. Kleyde Ventura de Souza	_____



Documento assinado eletronicamente por Kenia Lara da Silva, Membro, em 27/01/2022, às 11:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por Kleyde Ventura de Souza, Professora do Magistério Superior, em 27/01/2022, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por Luciana Kind do Nascimento, Usuário Externo, em 28/01/2022, às 09:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por Isabela Silva Cancio Velloso, Professora do Magistério Superior, em 28/01/2022, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por Ana Lúcia Abraão da Silva, Usuário Externo, em 29/01/2022, às 10:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

HOMOLOGADO em nome do CPU

Em *[assinatura]*



Documento assinado eletronicamente por **Andriela Nogueira Delfino**, Assistente em Administração, em 02/02/2022, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_documento_acesso_externo=0, informando o código verificador **1217493** e o código CRC **CE4655A3**.

Referência: Processo nº 23071.229027/2020-06

HOMOLOGANDO em nome do CPO
Em *AY. Delfino*

SEI nº 1217493

AGRADECIMENTOS

Certo dia me perguntaram o que eu ganho ao final do doutorado. Fiquei pensando nos ganhos todos que tive: escrita, leitura, raciocínio, pensamento filosófico, persistência, são tantos... Mas, o que me incomodou foi pensar no ganho AO FINAL do processo. Com certeza as melhores flores que colhi foram no DECORRER dos estudos e pesquisa. Quantas jardineiras e jardineiros para regar, cuidar e colher essas flores comigo. Para vocês, que tornaram o percurso mais prazeroso e menos solitário e apoiaram minha autenticidade, dedico este trabalho.

Aos meus **pais** que amorosamente estiveram comigo desde o menor desejo de ser enfermeira, pesquisadora, mulher consciente, até todos os passos dados em busca dos estudos, atrás dos sonhos e meus instintos;

A meu amor **Silvio** que caminhou lado a lado, em cada instante deste processo, escutou muiiiiito, falou tantas vezes o que eu precisava ouvir, me desejou boa sorte todos os dias ao acordar e ao deitar...

A **Kênia**, um “casamento” que dura anos e que me ensina cada dia mais. Obrigada por dar asas a minha imaginação, ajudar a selecionar as espécies que cabiam no meu jardim, caminhar junto e não me deixar desistir. Tivemos muitos momentos difíceis, mais do que eu imaginava que teria...

A **Ará**, que além de me inspirar a ser uma pessoa mais criativa teve o cuidado de, como educadora, ler meus textos, mesmo que essa teoria fosse densa e o universo desconhecido...

A **minha família**, em especial Vovó Mundica, Anderson, Ailton, Renata, Silvia, Edson, Mariana, Mariô, sogro e sogra. Obrigada por compreenderem, aos domingos e feriados, quando chegava a hora de irmos embora dos nossos cantinhos do céu, dizendo “agora tenho que estudar”.

Aos meus amores **Vitória, Guilherme, Lavínia e Juju**, desejar um mundo melhor se torna menos utópico quando penso e estou com vocês;

As minhas **amigas e amigos da SES-MG**, em nome especial daqueles com os quais mais compartilhei esse percurso - Karla, Roberta, Ane, Nati, Aninha, Dra. Regina, Hugo, Mônica, Lelê, Monique, Marina, Lucas e Ana Paula. O que é o SUS se não for a educação permanente? O que é o SUS se não for à implicação dos seus trabalhadores? Conferência de

saúde das mulheres, grades de parto, pandemia, Valora Minas e Doutorado: equação que só é possível “porque a gente tem a gente”, agora sou mais forte.

Em nome de Elen e Rafa agradeço a todas e todos do **Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Prática de Enfermagem (NUPEPE)**, minha certeza de continuar fazendo pesquisa de qualidade e preocupada com as desigualdades;

Em nome de Cynthia Romano agradeço aos colegas, amigos e professoras do **Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFMG**, por dividirmos os aprendizados, e também as angústias, alegrias e medos;

Em nome de Fernanda Batista agradeço **as amigas da ABEn-MG** pela oportunidade de me aproximar a cada dia mais da História da Enfermagem e do universo de militância pela profissão;

As(os) amigas(os) que torceram de uma posição um pouco mais distante. Sei que parte do sol ou chuva que eu precisava chegou por energias emanadas por vocês, que a cada etapa que eu tinha pela frente estavam enviando suas bênçãos.

Lá do céu, meus ancestrais, em especial a intercessão da vovó Maria e do vovô Lilico, com quem um dia sonhei em minha plateia, inchado de orgulho.

Agradeço especialmente as mulheres que encontrei durante a pesquisa, protagonistas deste trabalho, observadas, entrevistadas e convidadas para as bancas de qualificação e defesa. Carrego comigo frases, cantos, indagações, desejos, semblantes, choros, gritos, que vi, ouvi e ecoaram do encontro com vocês, que ajudaram a produzir uma nova Ana.

Com tantas flores no caminho e jardineiras(os) ao meu lado, preciso dizer algo sobre Deus e Maria? Realmente é como o vento que não vemos, mas sentimos. Estiveram e estão comigo, o tempo todo.

Se Eu Fosse Eu

Quando eu não sei onde guardei um papel importante e a procura revela-se inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolheria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase "se eu fosse eu", que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar, diria melhor SENTIR.

E não me sinto bem. Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser movida do lugar onde se acomodara. No entanto já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas e mudavam inteiramente de vida.

Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua, porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei.

Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria presa na cadeia. E se eu fosse eu daria tudo que é meu e confiaria o futuro ao futuro.

"Se eu fosse eu" parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido.

No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. Bem sei, experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor aquela que aprendemos a não sentir. Mas também seríamos por vezes tomados de um êxtase de alegria pura e legítima que mal posso adivinhar. Não, acho que já estou de algum modo adivinhando, porque me senti sorrindo e também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais (LISPECTOR, 1984, p.159)

Rabelo, Ana Renata Moura. Processos de subjetivação e participação social de mulheres-enfermeiras: implicações para o cuidado de enfermagem. 2022. 231. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

RESUMO

Adoto como objeto de estudo a subjetivação de mulheres-enfermeiras envolvidas em movimentos sociais e as implicações para o cuidado e profissão de Enfermagem. Tal escolha se dá diante do contexto de desigualdades de gênero na sociedade e na profissão. Busco sustentação em referenciais que embasam entendimentos acerca da importância dos movimentos de mulheres na redução das desigualdades de gênero e como impulsionadores da (re)existência de corpos e vidas mais críticas e criativas e referenciais do cuidado de Enfermagem, em uma perspectiva política e social. Defendo a tese de que os movimentos sociais se caracterizam como dispositivos para mulheres-enfermeiras, de modo que tanto potencializam modos de subjetivação, são disparadores de técnicas e práticas de si, como podem ser capturados por jogos de verdade, locais de disciplinamento, travestidos de práticas de liberdade. Em consequência, a participação em movimentos sociais tem implicações na produção do cuidado de Enfermagem, uma extensão do ser, no modo saber-fazer. Adoto as seguintes questões norteadoras: Como ocorre a participação de enfermeiras nos movimentos sociais de mulheres e movimentos feministas? Como se conforma a subjetivação delas nesses espaços? Quais implicações para o cuidado são produzidas nessa/ por essa participação? O objetivo do estudo foi analisar os modos de subjetivação de mulheres-enfermeiras envolvidas em movimentos sociais de mulheres e feministas e as implicações para o cuidado de Enfermagem. Trata-se de pesquisa-interferência, de abordagem qualitativa, ancorada na perspectiva pós-estruturalista e com enfoque narrativo. Na caixa de ferramentas foram incluídos referenciais e instrumentos de observação-participante e de entrevistas narrativas. A produção dos dados foi orientada por dois momentos interligados: Mapeamento da participação e envolvimento de enfermeiras em movimentos sociais de mulheres, coletivos femininos e espaços de participação social; e Analítica da subjetivação de mulheres-enfermeiras envolvidas com o ativismo político e social e implicações para o cuidado de Enfermagem. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e todas as etapas estão em consonância com os princípios éticos que envolvem pesquisas com seres humanos. O conjunto de dados obtidos resulta da observação de 17 eventos ocorridos na Região Metropolitana de Belo Horizonte-MG e seis entrevistas narrativas com enfermeiras inseridas em movimentos sociais e com representação política, no

período de novembro de 2018 a abril de 2021. Os textos de campo foram convertidos em três cenas vividas e (re)criadas de encontro com mulheres nos movimentos sociais, sobre o ponto de vista do cuidado de Enfermagem. As entrevistas foram submetidas à analítica do discurso, tendo como base conceitual Michel Foucault, sendo apresentadas em dois modos: narrativa coletiva em formato de História em Quadrinhos; e uma perspectiva transversal de análise dos discursos em trechos. Os resultados são discutidos em três categorias: Contextos e enredos dos encontros; Ser mulher-enfermeira e o envolvimento em movimentos sociais; e O envolvimento sociopolítico e o saber-fazer-cuidado de mulheres-enfermeiras. Os dados produzidos confirmam a tese de doutorado: os movimentos sociais de mulheres se apresentam como dispositivos de subjetivação e, em uma balança provisória entre discursos permanentes e emergentes, se destaca o potencial destes últimos para acionar e afetar corpos, politizar e criar vínculos e redes e acionar e desenvolver saberes sociopolíticos-emancipatórios com implicações na produção do cuidado de Enfermagem. Evidenciou-se a necessidade de promover mudanças na forma de cuidado comumente ofertada. O estudo contribui para aproximações com a temática da participação social e feminismo em saúde, com possíveis retornos em termos de redução das desigualdades de gênero na vida de cada uma, na profissão e para a sociedade. Novas perguntas e reflexões são disparadas no sentido de continuidade da evolução na relação entre feminismo e enfermagem, passagem ainda que gradual de um estado de estranhamento para inclusão nos currículos, fazeres cotidianos e lógicas de pensamento.

Palavras-chave: Subjetivação; Cuidados de Enfermagem; Conhecimentos de Enfermagem; Feminismo; Ativismo político; Discurso; Iniquidades em Saúde; Justiça Social; Educação em Saúde; Saúde Coletiva.

Rabelo, Ana Renata Moura. Subjectivation processes and social participation of women nurses: implications for nursing care. 2022. 231. Thesis (Doctorate in Nursing) – School of Nursing, Federal University of Minas Gerais, 2022.

ABSTRACT

I adopt as object of study the subjectivation of women-nurses involved in social movements and the implications for care and the nursing profession. Such choice is given the context of gender inequalities in society and in the profession. I seek support in references that support understandings about the importance of women's movements in reducing gender inequalities and as drivers of the (re)existence of more critical and creative bodies and lives and references of Nursing care, from a political and social perspective. I defend the thesis that social movements are characterized as devices for women-nurses, in such a way that they both potentiate modes of subjectivation, are triggers of techniques and practices of the self, and may also be captured by games of truth, places of disciplining, disguised as practices of freedom. Consequently, the participation in social movements has implications in the production of Nursing care, an extension of being, in the way of knowing how to do. I adopted the following guiding questions: How does the participation of nurses in social movements of women and feminist movements occur? How is their subjectivation shaped in these spaces? What implications for care are produced in/by this participation? The objective of the study was to analyze the modes of subjectivation of women-nurses involved in women's social and feminist movements and the implications for Nursing care. This is a qualitative interference research, anchored in the post-structuralist perspective and with a narrative approach. The toolbox included references and instruments of participant-observation and narrative interviews. Data production was guided by two interconnected moments: Mapping of the participation and involvement of nurses in women's social movements, women's collectives and spaces for social participation; and Analytic of the subjectivation of women-nurses involved in political and social activism and implications for Nursing care. The project was approved by the Research Ethics Committee of the Federal University of Minas Gerais and all steps are in line with the ethical principles involving research with human beings. The data set obtained results from the observation of 17 events that occurred in the Metropolitan Region of Belo Horizonte-MG and six narrative interviews with nurses inserted in social movements and with political representation, in the period from November 2018 to April 2021. The field texts were converted into three scenes experienced and (re)created of encounters with women in social movements, from the point of view of

Nursing care. The interviews were submitted to discourse analytics, having Michel Foucault as conceptual base, being presented in two modes: collective narrative in Comic Book format; and a transversal perspective of discourse analysis in excerpts. The findings are discussed in three categories: Contexts and storylines of the encounters; Being a woman-nurse and the involvement in social movements; and The sociopolitical involvement and the know-how-care of women nurses. The data produced confirm the doctoral thesis: women's social movements present themselves as subjectivation devices and, in a provisional balance between permanent and emerging discourses, the potential of the latter to trigger and affect bodies, politicize and create bonds and networks and trigger and develop sociopolitical-emancipatory knowledge with implications for the production of nursing care stands out. The need to promote changes in the form of care commonly offered was evident. The study contributes to approximations with the theme of social participation and feminism in health, with possible returns in terms of reducing gender inequalities in the life of each one, in the profession, and for society. New questions and reflections are triggered in the sense of continuing the evolution of the relationship between feminism and nursing, even if gradually moving from a state of estrangement to inclusion in the curricula, daily actions and logic of thought.

Keywords: Subjectivation; Nursing Care; Nursing Knowledge; Feminism; Political Activism; Discourse; Health Inequities; Social Justice; Health Education; Collective Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquema de busca e seleção das publicações.....	26
Quadro 1 - Artigos selecionados como amostra final da revisão.....	27
Figura 2 - Espaços de participação social e coletivos encontrados nas redes sociais e no campo.....	36
Quadro 2 – Síntese dos eventos acompanhados durante a produção dos dados	53
Imagem 1 - Registro fotográfico de painel de desejos e sentimentos de mulheres envolvidas no evento observado, 2020	59
Imagem 2 – Registro fotográfico de chegada de frente feminista em ato público do dia Internacional da Mulher, 2020	72
Imagem 3 - Registro fotográfico de ato público no dia Internacional da Mulher, 2020	73
Quadro 3 - Aspectos singulares de cada narrativa. Belo Horizonte, MG, Brasil, 2020	84
Figura 3 - Por uma enfermagem implicada	88
Figura 4 - Relações entre movimentos sociais, mulher-enfermeira e o cuidado	156
Figura 5 - Categorias e subcategorias de discussão	157

SUMÁRIO

1	PONTO DE PARTIDA	18
2	OBJETIVO GERAL (Onde planejamos chegar).....	23
3	BUSCANDO TRILHAS JÁ PERCORRIDAS E BASES CONCEITUAIS	24
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	31
4.1	Delineamento teórico-metodológico	31
4.2	Produção dos dados	33
4.2.1	Participantes do estudo	34
4.2.2	Caixa de ferramentas	39
4.2.3	A escrita de si e os métodos narrativos na perspectiva feminista	41
4.2.4	Análise dos dados.....	45
4.3	Aspectos éticos	51
5	RESULTADOS	52
5.1	Percurso de uma pesquisadora (in)mundo: encontros com os movimentos sociais e a subjetivação de mulheres	52
5.1.1	Panorama de um vasto campo de pesquisa	56
5.1.2	Cenas vividas e (re)criadas do encontro com mulheres nos movimentos sociais e a reflexão sobre o cuidado	60
5.2	Narrativas de mulheres-enfermeiras com inserção em movimentos sociais	80
5.2.1	Ocupação do intervalo entre histórias: singularidade de cada narrativa	80
5.2.2	Interseções entre a vida e o trabalho: caminhos e saídas nos movimentos sociais	86
5.2.3	Esforço de transversalização analítica: os processos de subjetivação e cuidado na perspectiva do discurso	91
6.	TECENDO LINHAS ENTRE A ENFERMAGEM E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL	157
6.1	Contextos e enredos dos encontros: participação social, novos movimentos sociais, militância, ativismo e feminismos	158
6.2	Ser mulher-enfermeira e o envolvimento em movimentos sociais	172

6.2.1	A participação social como um dispositivo de subjetivação ..	172
6.2.2	Vir a ser feminista: do estranhamento ao reconhecimento de potencialidades	182
6.3	O envolvimento sociopolítico e o saber-fazer-cuidado de mulheres-enfermeiras	185
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
	REFERÊNCIAS	
	APÊNDICES	
	ANEXOS	

Preâmbulo: Os vários discursos que me conformam: fronteira entre o privado e o público

Ana, menina doce nascida em uma família de quatro filhos

Renata, renascida diariamente na potente persistência

Início dos anos 90, intensificação das políticas neoliberais, capitalismo e patriarcalismo

Fevereiro/carnaval, expressão cultural e política, folia e resistência;

Parto normal hospitalizado, recheado de intervenções

Branquitude e classe média

Escola pequena, grandes amigas

“Religião e política não se discute”

Educação religiosa, rígida e tradicional: disciplina e sistematização

Educação encorajadora e afetuosa

“Minha filha não dependa de marido, estude”

Quando chega a menstruação o que acontece?

Timidez, quem contou para todos que isso aconteceu?

Os brinquedos e amigos precisam ser cuidadosamente pensados

Essa menina já não é menina

Estímulos para o sonho/papel de procriação e cuidado doméstico

“Uma mulher bem-sucedida no trabalho não pode ser também bem-sucedida na vida pessoal”

O que quero ser quando crescer?

Aprendi a amar e expressar o amor por meio do cuidado, *caritas*

Então o que mais se não a Enfermagem?

Popularização da internet, invasão das vidas e relações humanas

Na universidade um mundo novo, muito maior do que imaginava

Múltiplas pessoas, desejos, afetos, correntes filosóficas, possibilidades, paradigmas

Habilitação para dirigir, descobrindo que não conhecia nem os bairros de BH

E a Enfermagem? Acolhimento e escuta, MAS formatados em Ciência

Entre o que pode e o que não pode dizer, entre teoria e prática, entre obediência e subversão

Coordenar equipes e ser trampolim para os sujeitos: relações de poder e papel social

Curso técnico em massoterapia: conexão com a outra mulher pelo toque

Posse em cargo público: entre as decisões políticas e técnicas

O Estado somos nós: será que dou conta do microfone? Porque não consigo falar alto? Porque várias vezes quando criança sonhava que diante de uma situação de perigo ficava muda, sem voz?

No relacionamento a dois a descoberta do prazer, inclusive sozinha

Minha casa, meu corpo: minhas, nossas ou suas regras?

Liberdade de sair de casa sem dizer para onde vai

Responsabilidade de chegar em casa e encontrá-la como deixamos

Multiplicidade de novas tarefas

“Minha filha, não é bom que você dê conta de tudo”

Duas metades de uma laranja ou duas laranjas inteiras?

Ciúmes por quê se o outro não me pertence?

Um sobrinho atrás do outro: “Quando vocês vão gerar os primos?”

Críticas ao funcionamento da igreja-instituição, “não estamos discutindo a fé”

No mestrado a potência que transborda, “não dá para molhar só o pé”

Mergulho em Foucault

Mergulho na vivência do parto por mulheres e por parteiras/enfermeiras obstétricas

Encontro entre os corpos: pesquisadora-participante; mulher-parteira

Ensaio de uma enfermeira-feminista ou apenas de uma menina-mulher que pensa em ser parturiente?

Em que medida me manter no privado? Quanto me aventurar publicamente?

Pera aí, feminismo... ocupação dos ambientes públicos... movimentos sociais... Novas rajadas e abalos¹

¹Alusão ao trecho do capítulo de Eribon (1992): “A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e de abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado no alto mar [...] é eminentemente o caso de Foucault. Seu pensamento não cessa de crescer em dimensões, e nenhuma das dimensões está contida na precedente” (ERIBON; 1992, p. 118)

Onde se conglomeram as mulheres feministas? O que representa o espaço dos movimentos sociais para elas? O que fazem as mulheres ativistas para atingir as demais? Como se encontram as enfermeiras do ponto de vista de um cuidado político? Qual formato de pesquisa dará conta de combinar movimentos sociais, feminismo e subjetivação? Foucault é a referência adequada?

Muitas dúvidas e angústias, muitas mobilizações, muita afetação

Por vezes me sinto cansada, do tema de pesquisa, do trabalho, da casa, dos relacionamentos humanos, do subconsciente que dá conta dos dias que antecedem a defesa... Querendo voltar pra casa, para o privado...

Mas escuto um batuque, um grito, um parto, a publicação de uma nova resolução ou decreto, um pedido de conselho amoroso, um dado novo de feminicídio, BASTA, me coloco a caminho novamente da rua, do público, do encontro

É por todas nós... Ou quem sabe é por mim mesma...

1. PONTO DE PARTIDA

Para iniciar esse relatório da tese, e em congruência com os elementos pré-textuais anteriores, gostaria de demarcar que essa pesquisa é um lastro de experiência, da experiência da pesquisadora que se mistura com a experiência da orientadora e de muitas mulheres. Deste modo, acreditamos (e desejamos) que o estudo seja capaz de produzir em sua audiência, em especial em trabalhadores da saúde vinculados a profissões majoritariamente femininas, uma experiência dialógica, afetações e implicações.

As desigualdades de gênero são, no cenário global e brasileiro, condições sociais de extrema relevância, pois consistem em uma realidade distante de ser superada. O Brasil ocupa a 92ª posição no ranking de igualdade de gênero, composto por outros 152 países (WORLD ECONOMIC FORUM, 2020). Apesar de as mulheres terem alcançado importantes avanços como o direito ao voto, a inserção no mercado de trabalho (indicativos de autonomia financeira) e a contracepção (indicativos de autonomia sexual), ainda persistem condições desiguais de participação política (BIROLI, 2018) e iniquidades sociais como a violência contra a mulher; a desvalorização no mercado de trabalho e o acesso desigual a bens e serviços, em especial das mulheres negras e pobres:

[...] muitas mulheres ainda não decidem sobre suas vidas, não estão constituídas como mulheres de direitos e são lançadas à exclusão social por um modelo social e econômico preconceituoso, patriarcal, injusto e desumano que aprofunda as desigualdades sociais (BRASIL, 2017, p.5).

Em meio à pandemia de COVID-19, diversas condições de desigualdades foram acentuadas. Vive-se uma crise sanitária e econômica que somada a (des)governança de saúde pública, autoritarismo neoliberal e negacionismo da ciência têm conformado também uma crise social e política (ORTEGA; ORSINE, 2020). Todo esse cenário se configura como um desafio para os movimentos de mulheres e feministas com a necessidade de retomar o reconhecimento de lutas e resistências que possam agregar as necessárias transformações sociais (OLIVEIRA; MARÇON, 2019).

Os movimentos sociais, além de fortalecer a sociedade civil na construção de caminhos por uma nova realidade social, sem injustiças, exclusões, desigualdades e discriminações, são espaços onde há um potencial de modificação das formas de vida, de transgressão da atual posição ocupada na sociedade contemporânea, capazes de produzir avanços na saúde, no cuidado da vida e no modo de ser (DUARTE, 2012; GOHN, 2019). Especificamente, os feminismos englobam movimentações sociais e políticas devotadas à

superação da subordinação feminina, disputa de narrativas históricas e questionamentos quanto à justiça social (MCLAREN, 2016; OLIVEIRA; MARÇON, 2019).

No cenário social vivido pelas mulheres, acentuam-se as disputas biopolíticas, onde a vida torna-se o capital virtual por excelência. As disputas políticas e os modos de governo atualizam-se na vida em si (OLIVEIRA; MARÇON, 2019). Para Ayres (2017) os efeitos das iniquidades muitas vezes resultam da “coisificação” das relações, além das radicais e duradouras assimetrias de visibilidade e possibilidades de expressão entre as pessoas. O autor destaca que há necessidade de resgate do valor de solidariedade social espontânea e criativa e da busca de superação de uma visão individualista e individualizante das ações humanas, sendo o cuidado uma possibilidade de dar voz a essas perspectivas subjetivas negligenciadas, oprimidas ou desconhecidas (AYRES, 2017).

Lucena e Paviani (2017), ancoradas na trajetória histórica de construção da profissão de Enfermagem e em diversos referenciais de cuidado, fazem uma discussão acerca do conceito “saber-fazer-cuidado”, propondo a reflexão dos saberes que constituíram e constituem a prática profissional. Para elas, o saber-fazer-cuidado é concretizado em ato, no contexto das relações sociais, um modo de “ser-em-relação”, uma contínua reconstrução de significados a respeito de si, do outro, do mundo, de saúde e de doença.

A Enfermagem é uma das disciplinas que vêm sistematicamente pensando, pesquisando e publicando sobre o cuidado (AYRES, 2017). A profissão é majoritariamente feminina, de modo que sua posição social é permeada por desigualdades de gênero que se sustentam no patriarcalismo. Tais fatos se expressam em relações de poder cristalizadas, em situações históricas de submissão a outros profissionais e em comportamentos e condutas normatizadas. Esse contexto é associado à vivência de desprazer, sofrimento e baixa identificação institucional, além de impactar negativamente na qualidade da assistência prestada (BARBOSA, *et al.*, 2011; BARROS, *et al.*, 2012; FLETCHER, 2007; VIEIRA, *et al.*, 2013). Portanto, como sujeito que cuida, a enfermeira também se encontra inserida histórica e socialmente na trama complexa das relações sociais de uma mulher (LUCENA; PAVIANI, 2017; PIRES; FONSECA; PADILHA, 2016; RABELO, 2016).

É preciso ampliar atuação e conhecimentos na Enfermagem no sentido de buscar coalizões por espaços democráticos na profissão, nas políticas públicas e na sociedade, de modo que não se perca o potencial político capaz de enfrentar iniquidades de gênero (das mulheres e na profissão) (PIRES; FONSECA; PADILHA, 2016): “[...] a riqueza política da enfermagem reside justamente no que as enfermeiras menos identificam, ou seja, na multiplicidade de sujeitos, ações, inserções e atuações em inúmeros cenários” (PIRES;

FONSECA; PADILHA, 2016, p.1228). Também para Ayres (2017) é preciso ultrapassar as pautas tradicionais da Enfermagem, visando analisar as dimensões processuais de encontros efetivamente produtores de cuidado, incluindo formas facilitadoras ou obstaculizadoras do reconhecimento mútuo dos sujeitos envolvidos em tais relações.

Na pesquisa desenvolvida no mestrado investiguei o cuidado de si a partir das decisões sobre os corpos e vidas de 14 enfermeiras obstétricas. O cuidado de si assume o lugar de uma forma de auto-governo (governo de si), vivida em relação a determinados jogos de verdade e por meio da qual os sujeitos fabricam formas próprias de pensar e encontrar escapes, os processos de subjetivação (GONDRA; KOHAN, 2006).

Apesar de reconhecerem a importância dos movimentos sociais, as enfermeiras entrevistadas, envolvidas em uma produção de cuidado de nítido reconhecimento, refutaram a ideia de serem feministas, e pouco citaram os movimentos sociais como espaços de produção de si, de saúde e de vida (RABELO, 2016). Na mesma linha, o estudo de Carneiro (2015) demonstrou forte resistência das mulheres ao feminismo, fato que a autora relaciona a “geração do pós-feminismo”, na qual as mulheres consideram suficientes as conquistas sociais, políticas e econômicas alcançadas na contemporaneidade (CARNEIRO, 2015).

Também para mim a relação entre enfermagem e feminismo era perpassada pela posição de estranhamento, mas inquietada pela curiosidade estimulada por encontros com o controle social do Sistema Único de Saúde (SUS), em minha experiência de gestora da saúde. Portanto, notava a necessidade de estranhar e desnaturalizar determinados modelos de ser mulher, enfermeira, pesquisadora e gestora de saúde e conceitos de feminismo e saberes-práticas de enfermagem.

Diante do princípio da descontinuidade em relação à produção discursiva, proposto por Michel Foucault e que nos remete ao entendimento de que, como sujeitos, estamos em constante formação, adoto este estudo como uma (des)continuidade da pesquisa desenvolvida no Mestrado. Desse modo, o objeto deste estudo consiste na subjetivação de mulheres-enfermeiras envolvidas em movimentos sociais e as implicações para o cuidado e profissão de Enfermagem.

Maciazeki-Gomes, *et al.* (2016) apontam a escassez de literatura no campo dos estudos de gênero associada às discussões sobre participação política e subjetividade e recomendam a ampliação de enfoques nessa temática. Ademais, uma revisão integrativa apontou necessidade de desenvolver estudos qualitativos que compreendam as experiências de líderes de enfermagem que contribuem significativamente de modo político (RASHEED; YOUNAS; MEHDI, 2020).

Uma revisão de escopo a nível global buscou compreender se, porquê, quando e como os enfermeiros se envolvem em ação política, bem como os ganhos desse envolvimento. Apesar da limitação do estudo em considerar apenas a biblioteca CINAHL, os achados sugerem um aumento de investigações sobre política de enfermagem a nível macro e ação política, mas poucas evidências que revelem interesse e empenho sustentado de enfermeiros para agir politicamente nas esferas governamentais em prol do bem público. Sugere-se o investimento em investigações que tratem do envolvimento político das associações de enfermagem e de outros grupos de enfermagem, para contrariar a opinião de que os enfermeiros são apolíticos (WILSON, *et al.*, 2020).

Portanto, apesar do reconhecimento do caráter feminino da profissão, são encontradas poucas e espaçadas evidências acerca da aproximação entre a enfermagem e os movimentos sociais, especialmente os feministas. Alguns estudos se focalizam nas contribuições da vertente teórica do feminismo para a área da enfermagem (CHINN, 1995; SIGSWORTH, 1995) e outros tratam da perspectiva de gênero para avaliar a conformação social da profissão (PADILHA; VAGHETTI; BRODERSEN, 2006; PIRES, 2007; PIRES; FONSECA; PADILHA, 2016).

Destaca-se que “tem-se defendido um modelo de profissional assexuado, rígido, autoritário, excessivamente técnico e pouco politizado” (PIRES, 2007, p. 718) o que reflete na dificuldade de avançar nos modelos de atenção à saúde e na reconstrução de mitos e discursos sobre a profissão (PIRES, 2007). Especificamente, em contexto de crise considera-se que ocupar espaços de atuação política é um caminho para retomada da estabilidade democrática (ARAÚJO *et. al.*, 2018).

Na literatura, encontramos relatos de diferentes experiências de influências da participação e controle social sobre a produção de políticas públicas e práticas de saúde, o que é assegurado pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990 (BRASIL, 1990). Todavia, neste estudo, buscou-se focalizar a atenção no que se produz no caso de trabalhadoras(es) que se aventuram, fora dos formatos instituídos da saúde, ir ao cenário de domínio do outro, assumir a posição de co-participante que difere daquela costumeira de demandante/prescritor. Talvez este também seja um ensaio de enfermeira feminista que se mobiliza com a inquietação de encontrar uma medida ponderável entre replicar práticas e discursos históricos, e se aventurar em novos referenciais, discursos e espaços.

Assim, em uma desconfiança do por que enfermeiras refutam ser chamadas de feministas, defendo a tese de que **os movimentos sociais se caracterizam como dispositivos para mulheres-enfermeiras**, de modo que tanto potencializam modos de subjetivação, são

disparadores de técnicas e práticas de si, como podem ser capturados por jogos de verdade, locais de disciplinamento, travestidos de práticas de liberdade. Em consequência, **a participação em movimentos sociais tem implicações na produção do cuidado de Enfermagem, uma extensão do ser, no modo saber-fazer.**

Para Foucault (1979/1995) dispositivo é:

[...] um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979/1995, p.244).

Portanto, o pressuposto é de que os espaços de participação social favorecem processos de subjetivação, práticas de si, mas também implicam na criação de identidades, sendo locais de disputas entre discursos emergentes e dominantes. Mas, acredito que tais tensões impelem um importante vetor de forças sobre o cuidado, com potencial de impulsioná-lo enquanto prática social e política. Desse modo, adoto as seguintes questões norteadoras da pesquisa: Como ocorre a participação das mulheres-enfermeiras nos movimentos sociais de mulheres e movimentos feministas? Como se conforma a subjetivação delas nesses espaços? Quais implicações para o cuidado são produzidas nessa/por essa participação?

2. OBJETIVO GERAL (ONDE PLANEJAMOS CHEGAR)

Analisar os modos de subjetivação de mulheres-enfermeiras envolvidas em movimentos sociais de mulheres e movimentos feministas e as implicações para o cuidado de Enfermagem.

3. BUSCANDO TRILHAS JÁ PERCORRIDAS E BASES CONCEITUAIS

Na busca por trilhas de pesquisa percorridas e bases conceituais acerca dos processos de subjetivação e movimentos sociais, a revisão integrativa foi selecionada como método de pesquisa por sua amplitude e possibilidade de inclusão simultânea de pesquisas teóricas e empíricas, conduzidas por diversas metodologias. O método proporciona conclusões gerais sobre o problema de pesquisa, identificando as lacunas do conhecimento, questões centrais da área em foco, marcos conceituais ou teóricos, ou seja, apresentado o estado da arte da produção científica sobre um determinado tema (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; SOARES, *et al.*, 2014).

Para a elaboração da revisão, construí previamente um protocolo, seguindo as etapas: (i) identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; (ii) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; (iii) identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; (iv) categorização, análise e interpretação dos resultados; e (v) apresentação da revisão (GALVÃO; SAWADA; MENDES, 2003).

A condução da revisão foi norteada pela seguinte questão: Como a participação em movimentos sociais se conforma enquanto dispositivo de subjetivação de mulheres? Buscou-se assim investigar os discursos, instituições, leis e proposições em articulação neste processo (FOUCAULT, 1979/1995).

Para a elaboração da pergunta norteadora e, também como base para o desenvolvimento das estratégias de busca, adotei a estratégia PICOT (P – *population*; I – *intervention*; C – *comparison*; O – *outcomes*; T – *time*). Foi considerado como *Population* os estudos que se direcionassem para fenômenos relacionados às mulheres, do ponto de vista do gênero; como *Intervention* a participação destas mulheres em movimentos sociais ou de modo ativista pelas causas feministas; como *Outcomes* a produção de processos de subjetivação e *Time* o período de 10 anos. Não houve *Comparison* de interesse, por se tratar de uma revisão integrativa de caráter qualitativo e orientada por *Meaning Question* (MELNYK; FINEOUT-OVERHOLT, 2019).

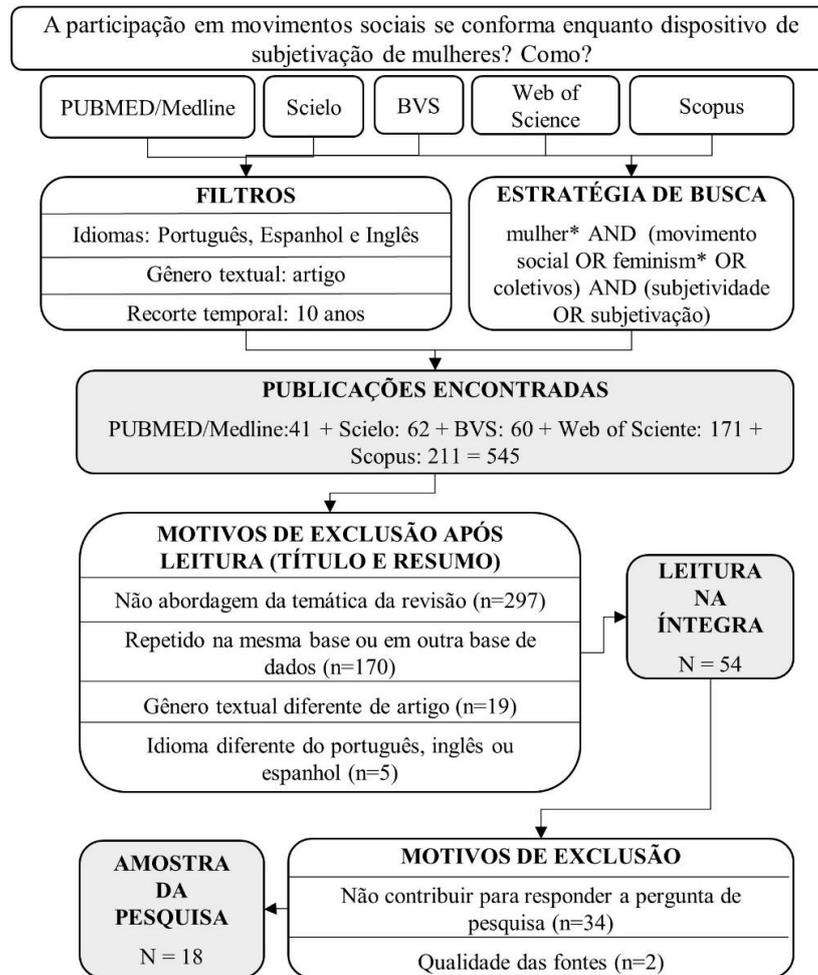
Para a seleção dos artigos, utilizei acesso *online* aos bancos de dados PUBMED/Medline, Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), com exceção de MEDLINE, e as bases *Web of Science* e *Scopus*. Os critérios de inclusão definidos foram: estar nas línguas português, inglês ou espanhol; ter sido publicado entre 2009 a 2018 e conter os termos “mulher*” AND (movimento social OR feminism* OR coletivos) AND (subjetividade OR

subjetivação) presentes como Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), Medical Subject Headings (MeSH), respectivamente, e seus sinônimos, no título ou termo isolado no corpo dos resumos. Os termos foram definidos após análise minuciosa das opções estabelecidas pela BVS e NCBI e utilizadas nos artigos já conhecidos. Os critérios de exclusão adotados foram: não responder a questão norteadora, gênero textual diferente de artigo científico e repetição em bases/bancos diferentes. A pesquisa foi realizada no mês de janeiro de 2019, totalizando 545 publicações encontradas.

Inicialmente, em um teste de elegibilidade preliminar e de forma a refinar os textos encontrados, realizei a leitura e análise dos títulos e resumos, excluindo as publicações conforme critérios definidos. A principal causa de exclusão foi a não abordagem da temática da revisão, sendo pelo uso do termo “feminismo” para referir-se a teoria feminista, e não a prática social, ou por citar o termo “mulheres”, mas não adotar essa população como objeto de estudo. Ao fim desta etapa, encontrei um total de 54 referências pré-selecionadas.

Na segunda etapa, tais publicações foram avaliadas em um processo de análise minuciosa na íntegra para que então resultasse na amostra final que seria categorizada em temas. Nesta etapa foram excluídas novamente as referências que não contribuíam para responder a questão norteadora da revisão e também foram avaliados quesitos relacionados à metodologia dos estudos, de forma a apreender a qualidade das fontes. Após esta etapa foram selecionados 18 textos (Figura 1).

O motivo de exclusão predominante na segunda fase foi não se ater a investigar a participação em movimentos sociais/ coletivos de mulheres como uma *Intervention* de pesquisa (17 estudos analisados), sendo que em muitos deles tais espaços/práticas era apenas o contexto. Oito estudos foram excluídos por não contribuírem para o entedimento da subjetivação/ subjetividade de mulheres enquanto *Outcome*. Em oito estudos havia a ausência de ambas variáveis norteadoras da revisão (*intervention* e *outcome*); em dois procedeu-se à exclusão devido a ausência de informações básicas sobre os aspectos metodológicos e éticos; e em um dos estudos analisados não havia centralidade nos aspectos acerca do gênero (*Population*).

Figura 1 - Esquema de busca e seleção das publicações

Fonte: figura elaborada pela autora

Todos os estudos incluídos foram classificados de acordo com o nível de evidência, conforme proposto por Melnyk e Fineout-Overholt (2019) para *Meaning questions*.

Os 18 artigos incorporados na amostra final encontram-se listados na Tabela 1, caracterizados quanto a Autoria (ano); área de estudo, objeto de estudo e Nível de evidência/tipo de estudo (MELNYK; FINEOUT-OVERHOLT, 2019). Para elaboração deste panorama foram consideradas definições atribuídas pelos(as) próprios(as) autores(as) dos artigos, mas quando não estavam postas claramente, também foram considerados os entendimentos a partir da análise realizada.

A maioria dos estudos incluídos foi publicada em inglês (61%); sob os referenciais teóricos de Michel Foucault, Donna Haraway, Deleuze, Guattari, Marx, Antonio Gramsci, Cavarero, Elspeth Probyn, Judith Butler. Além disso, há suporte no referencial de feminismo transnacional e no referencial feminista teorizado em quatro ondas, conforme mencionam

Dean e Aune (2015). Praticamente todos os artigos estão vinculados às ciências sociais, em especial: Sociologia, Antropologia e Psicologia, mas também existem estudos da Educação, Relações Internacionais, Economia, Filosofia, Cultura e Geografia, destacando o forte caráter de interdisciplinariedade. Destaca-se um artigo vinculado à Ciências sociais e Medicina.

Mais da metade (56%) dos resultados é proveniente de estudos empíricos, qualitativos únicos; além de seis artigos teóricos de reflexão e dois relatos de experiência. As participantes dos estudos se vinculam a: organizações feministas religiosas, coletivo com vocação e formação artística, movimento social do campo, Movimento Sem Terra (MST), movimentos juvenis e movimentos do segmento LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers e o símbolo de “+” representa toda e qualquer outra manifestação de gênero que não está delimitada).

Quadro 1 - Artigos selecionados como amostra final da revisão

Autoria (ano)	Área de estudo	Objeto(s) de estudo	Tipo de estudo
Martínez-Guzmán, <i>et al.</i> , (2018)	Ciências sociais	Vínculos teórico-metodológicos entre fotovoz e o pensamento feminista, além de interfaces com a pesquisa feminista nas últimas duas décadas.	Estudo qualitativo único/ II (<i>Single qualitative studies</i>)
Martínez e Sanfèlix (2017)	Artes	Discursos patriarcais e neoliberais vigentes e a construção de subjetividade nas práticas artísticas.	Estudo descritivo único/ IV (<i>Single descriptive studies</i>)
Maciazeki-Gomes, <i>et al.</i> , (2016)	Psicologia Social	Modos de vida afetados pela participação política de mulheres do movimento de trabalhadoras rurais.	Estudo qualitativo único/ II
Taramundi (2016)	Educação	Relações entre Kairós, agência política e ativismo feminista (feminismo de estado e movimentos feministas) e a transmissão de conhecimento e consciência feminista como componentes-chave da educação feminista.	Estudo de opinião/ V (<i>Expert opinion</i>)
Yanay-Ventura e Yanay (2016)	Sociologia e antropologia	Mulheres judias ortodoxas na construção do feminismo religioso e o binarismo entre religião e feminismo	Estudo qualitativo único/ II
Dean e Aune (2015)	Ciências políticas e relações internacionais	Feminismos do século XXI frente as revoltas de gênero contemporâneas, além de convergências e divergências entre demandas e práticas feministas européias.	Estudo de opinião/ V

Autoria (ano)	Área de estudo	Objeto(s) de estudo	Tipo de estudo
Jiménez (2015)	Sociologia	Subjetividade e a relação com movimentos sociais denominados “pernas cruzadas”	Estudo de opinião/ V
Rosa e Silva (2015)	Psicologia histórico-cultural	Diferentes papéis sociais, significados e sentidos atribuídos ao processo de envolvimento em movimento social de luta pela terra	Estudo qualitativo único/ II
Machado (2014)	Antropologia	Interfaces entre estudos antropológicos sobre gênero e sexualidade e os movimentos sociais pelos direitos das mulheres e pelos direitos à diversidade sexual no Brasil	Estudo de opinião/ V
Midden e Ponzanesi (2013)	Ciências Sociais	Conceituação de 'emancipação' na teoria e prática feminista	Estudo qualitativo único/ II
Pine (2013)	Ciências sociais e Medicina	Impactos do golpe de Estado em Honduras sobre enfermeiras e profissionais hondurenhos; avaliação de enfermagem e análise etnográfica como meios de solidariedade somática, política e resistência	Estudo qualitativo único/ II
Flournoy (2013)	Economia, Cultura e Sociedade	Movimento das mulheres da direita cristã no encontro entre feminismo, neoliberalismo e cristianismo	Estudo de opinião/ V
Taylor (2013)	Filosofia	Subjetividade moderna ocidental e esforços no combate à violência sexual contra mulheres	Estudo de opinião/ V
Olive (2012)	Cultura	Utilização de blogging como método de pesquisa	Estudo descritivo único/ IV
Vacchelli (2011)	Políticas sociais: geografia feminista	Subjetividades em mudança das mulheres ativistas e como desafiam a ordem política e espacial das relações de gênero	Estudo qualitativo único/ II
Rinaldo (2011)	Sociologia	Adaptação por ativistas mulçumanas de discursos globais em importantes debates públicos sobre pornografia e poligamia	Estudo qualitativo único/ II
Monteiro, Machado e Nardi (2011)	Psicologia	Estratégias de mulheres para lidar, enfrentar ou contestar significados estigmatizantes associados a identidades de gênero ou orientações sexuais	Estudo qualitativo único/ II
Sa'ar a e Gooldin (2009)	Sociologia e antropologia	Formação da subjetividade feminista de jovens	Estudo qualitativo único/ II

Fonte: quadro elaborado pela autora

De um modo geral, os artigos apontam os movimentos sociais como dispositivos de subjetivação de mulheres, com implicações em práticas de si e práticas sociais e sendo mais explícita essa discussão nos estudos de Maciazeki-Gomes, *et al.*, (2016); Dean e Aune (2015); Jiménez (2015); Machado (2014); Monteiro, Machado e Nardi (2011); Martínez e Sanfèlix (2017). Pine (2013); Rosa e Silva (2015); Saa'ar a e Gooldin (2009); Vacchelli (2011), Na maioria dos estudos analisados, a participação política em movimentos sociais contribui para deslocamentos, “revoluções”, produção de vidas mais críticas e reflexivas. Os efeitos e modos de produção da subjetivação na vida das mulheres são apresentados de diversas formas.

Nos trabalhos selecionados diversos termos/conceitos que remetem ao referencial de subjetivação foram utilizados pelos autores para descrever resultantes da participação de mulheres em movimentos sociais: subjetividade(s) política, em mudança, ou feminista; identidade política; agência política; práxis política; emancipação; dessubjetivação; resistência política; autoconsciência, desterritorialização; consciência feminista e pós-moderna; solidariedade; fuga para as margens e auto-reflexão subjetiva.

Importante demarcar que o referencial teórico adotado nos artigos selecionados se apresenta como fator determinante para o encontro de um ou outro termo/conceito. Por exemplo, Taramundi (2016) adota o referencial de Antonio Gramsci, assim discute a subjetividade política coletiva e transformação social a partir da relação entre movimentos feministas e feminismo de Estado. Como há uma multiplicidade de referenciais adotados, há também multiplicidade de *outcomes* relacionados à subjetivação, uma vez que no desenvolvimento da ciência muitos referenciais derivam de uma mesma corrente filosófica.

Os estudos incluídos indicam que é preciso considerar a subjetividade de cada mulher envolvida nos movimentos sociais e suas múltiplas identidades. O pertencimento a estes espaços está ligado a um ativismo político-social que se manifesta no e pelo corpo feminino e se constitui como dispositivo de subjetivação de mulheres, ao mobilizar aspectos do ambiente privado, estabelecer apoio/ solidariedade entre as mulheres e produzir vidas mais críticas e reflexivas. O processo de pertencimento é apontado como processual, muitas vezes antagônico, e apresenta influências no e do contexto macrossocial, produzindo mudanças nas formas de construir relações sociais na contemporaneidade.

Na revisão se destacou a lacuna do conhecimento sob o prisma da saúde, e especialmente na perspectiva da Enfermagem. Assim como as escolas, prisões e as igrejas, na sociedade moderna, os hospitais (e como derivação destes todos os espaços da saúde e a atuação dos profissionais da saúde) se constituíram como instituições disciplinares com forte tendência de formatar e normatizar os sujeitos para padrões ideais (FERREIRA NETO, 2018;

LUCENA; PAVIANI, 2017; SANTOS; SILVEIRA; SILVA, 2016). Por isso, apesar do objeto da revisão ser pouco abordado pelas ciências da saúde, há implicação direta com tal temática, no sentido do cuidado em situar o sujeito no centro da reflexão, livre de toda moral orientada por um código, de todos os atributos que lhe foram impostos pelo saber moderno e pelo poder disciplinar e normalizador (FOUCAULT, 2012).

As nuances das contribuições dos referenciais encontrados para o objeto de estudo serão apresentadas ao longo do texto, em especial na discussão dos dados empíricos.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Delineamento teórico-metodológico

Há diferentes métodos de pesquisa orientados por teorias feministas e para captação da subjetividade, com diversidade de abordagens, ferramentas, posturas e escolhas metodológicas que podem ser adotadas por pesquisadores(as). Pelos achados da revisão integrativa realizada é possível afirmar que no geral o campo de pesquisa é composto de referenciais qualitativistas, com intensa produção de narrativas, em atitude de reflexividade e adoção de postura de pesquisa-ação, que tem seu delineamento e percurso conformados pelos aspectos contextuais. Há também uma multiplicidade de ferramentas para produção e análise dos dados, o que está relacionado à existência de distintas disciplinas, áreas e referenciais teórico-metodológicos no campo da pesquisa qualitativa.

Mas, tradicionalmente nas ciências, e a Enfermagem também se insere nessa trama, existe uma hipervalorização da sustentação dos estudos em uma episteme patriarcal, em conhecimento baseado em fundamentos empíricos “insuspeitáveis”, em normas universais de racionalidade, em paradigmas da cientificidade; o que desafia a emergência de formas de pensar que contradigam esses pressupostos (RIBEIRO, *et al.*, 2017; STRATHERN, 2009).

Os movimentos sociais, e em especial o feminismo, convidam a abandonar a universalidade, neutralidade e objetividade, e adotar como pressupostos a proliferação de identidades, a incorporação de vivências subjetivas e agencialidades (OLIVE, 2012; MACHADO, 2014). Desse modo, no *fazer ciência*, vem sendo superada a possibilidade de existência de pesquisador/a neutro/a ou pesquisa desinteressada, em especial nas abordagens qualitativas. O sujeito pesquisador é considerado interessado, um sujeito epistêmico dotado de teorias e métodos para interpretar os objetos da ciência e também um sujeito que valora certas coisas e não outras, adota certas opções e concepções ideológicas (MERHY, 2004).

Mas essa possibilidade de sermos sujeitas interessadas por si só, diante do objeto de estudo, vinha se apresentando como insuficiente. Foi quando encontramos apoio em teorias feministas para captação da subjetividade e no referencial de sujeito implicado no escopo da pesquisa-interferência. Ademais, na discussão de políticas de saúde e iniquidades, indica-se a necessidade de retornar algumas questões postas pela materialidade, com destaque para a corporeidade, tomando como base referenciais feministas e de novos materialismos (ARANDA, 2019).

Desse modo, optamos por fazer pesquisa considerando o que Merhy (2004) denomina como “conhecer militante de um sujeito implicado”. São pesquisas feitas por pessoas implicadas com reformas sociais e que se:

“[...] lançam à busca da produção de conhecimentos de maneira muito singular, como militante desta reforma que se quer conhecer, sob diferentes aspectos, mas sempre para deles usufruir nas suas apostas e ações, como sujeito social, seu protagonista” (MERHY, 2004, p.11).

Considerando esses pressupostos, este estudo consiste em uma pesquisa-interferência, de abordagem qualitativa, ancorada na perspectiva pós-estruturalista e com enfoque narrativo. Optar pela pesquisa qualitativa tem diferentes significados a depender das abordagens teóricas e perspectivas adotadas. Mas todo trabalho de pesquisa qualitativa deve considerar a complexidade histórica do campo, o contexto do objeto pesquisado e a experiência vivida: “Investigação qualitativa é, portanto, uma atividade que se afirma a partir do contexto situacional, da localização e implicação do observador em relação ao objeto e seu entorno” (FERIGATO; CARVALHO, 2011, p. 665).

Por sua vez, utilizar referencial pós-estruturalista em pesquisa em saúde significa questionar o que é a realidade, quem são os indivíduos e como se relacionam socialmente para promover a saúde. Essa perspectiva teórica considera que a realidade e as verdades são construções sociais produzidas na articulação entre discursos dominantes e emergentes, que procuram manter ou modificar certos entendimentos e práticas sociais estabelecidas (CARVALHO; GASTALDO, 2008).

A pesquisa-interferência pautada em referenciais pós-estruturalistas, se desenha de um modo que acolhe (in)mundices, produz pesquisadores e favorece o traço nomadológico. Este modo de pesquisa escapa da totalização dominante característica da produção de conhecimento, uma vez que faz alianças epistemológicas de desconstrução, questiona enfoques tradicionais insuficientes e produz intervenções radicais no campo da micropolítica (FIGUEIREDO, *et al.*, 2019).

Demarco especial afinco com as contribuições teóricas e metodológicas de Foucault para o aprofundamento da compreensão sobre a constituição dos sujeitos e as relações de poder e saber. Nesta perspectiva ocorre o desaparecimento das divisões entre micro e macroestrutura e a constituição de um espaço social simultaneamente híbrido e próprio (CARVALHO; GASTALDO, 2008).

É preciso ponderar que ao se aportar nos princípios da pesquisa qualitativa, na perspectiva pós-estruturalista e da pesquisa-intervenção, a construção da metodologia se dá no transcorrer do processo do estudo, estando o pesquisador em um estado de “corpo alerta ao

que o campo pede” (FIGUEIRERO, *et al.*, 2019), imbricado tanto na composição do problema de investigação, como na construção de estratégias e nos modos de constituição e interpretação dos dados analíticos (VARGAS; XAVIER, 2013; MINAYO, 2017), o que em momento algum confere falta de credibilidade à pesquisa desenvolvida:

[...] a perspectiva pós-estruturalista entende que não se pode estabelecer de antemão o processo de pesquisa, pois nada assegura que o planejado *a priori* se concretize ou que postulações teóricas previamente estabelecidas funcionem (TEDESCHI; PAVAN, 2017, p.2).

De outro modo, não se ater a um método não impede de, para entrar no campo, a pesquisadora produzir para si um corpo levemente preparado, não no sentido de encomendas e métodos prontos, mas com conhecimento dos procedimentos disponíveis. Por isso, na organização da caixa de ferramentas são considerados os conhecimentos e padrões científicos (FIGUEIREDO, *et al.*, 2019) e parte-se da elaboração de perguntas e interrogações, da articulação com a produção de informações e da busca por mecanismos ou estratégias de descrição e análise (TEDESCHI; PAVAN, 2017).

Tedeschi e Pavan (2017) apresentam posicionamentos epistemológicos e elementos conceituais que auxiliam na construção do modo de problematização, dos quais destaco: (i) A desconstrução de sistemas universais para dar espaço à diferença, à invenção de novos significados: “visibilizar o que foi invisibilizado pelo discurso hegemônico” (p. 5); (ii) A contextualização do pensamento, sempre construído em um regime de verdade e por isso com fronteiras do discurso; (iii) A historicidade dos regimes de verdade marcando os sistemas disciplinares, normatizadores e excludentes da sociedade (escolas, hospitais e prisões) por relações de saber e poder e (iv) Resistência e biopotência como escapes sempre possíveis (TEDESCHI; PAVAN, 2017).

Destaco a não pretensão de verdade uma vez que o resultado de pesquisas como esta costuma reverberar e ecoar em várias direções, produzindo efeitos e diferentes regimes de verdades, que não necessariamente produzem certezas e categorias de descrição de termos sobre o objeto pesquisado, mas novas perguntas e reflexões (CERQUEIRA, *et al.*, 2014).

4.2 Produção dos dados

A produção dos dados foi orientada por dois momentos interligados, com o intuito de alcance do objetivo do estudo:

- (i) Mapeamento da participação e envolvimento de enfermeiras em movimentos sociais de mulheres e movimentos feministas; e
- (ii) Analítica da afetação de mulheres-enfermeiras por meio de processos de subjetivação e das implicações para o cuidado de Enfermagem.

Em ambos momentos foram privilegiados os encontros, as diferentes relações existentes no campo (FIGUEIREDO, *et al.*, 2019) – mulheres-enfermeiras com os movimentos sociais e com as práticas de cuidado, pesquisadora com participantes, movimentos com o tipo de pesquisa, pesquisa com o campo e muitas outras.

4.2.1 Participantes do estudo

As participantes do estudo são mulheres-enfermeiras e possuem nítido reconhecimento de atuação política na enfermagem, estão envolvidas em espaços de participação social, incluindo movimentos sociais de mulheres e/ou feministas. A decisão por não-seleção de um movimento específico, ou movimentos envolvidos com uma causa específica, tem associação com o entendimento teórico da interseccionalidade. Compreende-se que os diversos marcadores da diferença se entrecruzam na produção dos sujeitos e subjetividades: raça, condição econômica, geração, orientação sexual/ identidade de gênero, entre outros (BRAH; PHOENIX, 2004).

No primeiro momento da pesquisa, de mapeamento das enfermeiras envolvidas com movimentos sociais, foi necessário ir a campo, conhecer os coletivos sociais, adentrar nos locais onde ocorrem os movimentos sociais e estão as mulheres-enfermeiras engajadas. A postura adotada foi de “Assumir a mulher, ou as mulheres como próprio campo de pesquisa, na medida que seus corpos foram território privilegiado de dominação, disputa de saberes, práticas de normalização, e discurso de verdade” (OLIVEIRA; MARÇON, 2019, p. 68).

Assim, iniciei a produção dos dados em 20 de novembro de 2018, quando já havia ocorrido a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CEP/UFMG) e recebi o convite por e-mail para participação em um evento que considerava que, provavelmente, haveria a presença de movimentos sociais de mulheres. Interessante que, não por acaso, a

produção iniciou-se no dia Nacional da Consciência Negra, tema amplamente debatido pelos movimentos sociais femininos devido à interrelação de gênero e raça.

Como forma de inserção nos espaços com potencial para encontro das participantes, planejei, *à priori*, iniciar a produção dos dados pela participação nas reuniões do Conselho Estadual da Mulher (CEM) e do Conselho Estadual de Saúde de Minas Gerais (CES-MG), por meio da apresentação do projeto, agregando atores na identificação de participantes. E, visando possibilitar o encontro com pessoas de coletivos autônomos, localizar páginas nas redes sociais que se destinam a manifestação dos movimentos de mulheres e acompanhá-las.

Iniciei uma sistemática para o levantamento dos coletivos autônomos nas redes sociais, a partir daqueles participantes da construção do Plano Decenal de Políticas para as Mulheres do Estado de Minas Gerais (PDPM-MG) 2019/2029 - instrumento de gestão participativo e com grande capacidade de acionamento de movimentos feministas e sociedade civil. No processo de construção do PDPM-MG foi relatada a representação de 65 organizações da sociedade civil.

De posse da lista dessas organizações (MINAS GERAIS, 2018), que inclui sociedade civil, órgãos públicos e outras entidades participantes, fiz uma busca inicial na internet, identificando o significado das siglas presentes e quais seriam possíveis movimentos ou coletivos de mulheres (instituídos ou não). Entidades que envolvem órgãos públicos e também tem participação da sociedade civil, tais como os conselhos e fóruns regionais, foram considerados como espaços de participação social. Após este tratamento encontrei representantes de 14 espaços de participação social e 21 movimentos sociais/coletivos, que explicitamente se voltam para a temática das mulheres.

Na sequência, a partir de 05 de janeiro de 2019, realizei buscas na internet localizando páginas e perfis nas redes sociais e *blogs* desses movimentos. Aqueles encontrados (17 páginas e 1 perfil do Facebook; 12 perfis do instagram e 2 blogs) passei a seguir/ acompanhar, de modo a buscar a presença de mulheres-enfermeiras e a realização de eventos que fossem interessantes para o objeto de pesquisa. À todo momento, nas buscas nas redes sociais, mantive posição aberta a inclusão de outros coletivos ou movimentos, inclusive incorporei outros três no acompanhamento: Coletivo Alzira Reis, Quem ama não mata e Adelaides.

A seguir represento graficamente (Figura 2) a diversidade de tais espaços e movimentos, cada qual com seus objetivos e pautas:

Figura 2: Espaços de participação social e coletivos encontrados nas redes sociais e no campo



Fonte: figura elaborada pela autora

Nota: Os espaços de participação social encontrados são locais de proteção da mulher e da criança, além de locais de defesa dos direitos sexuais e reprodutivos, direitos raciais e direitos relativos ao acesso à saúde. Eles

foram dispostos por cima de uma linha que delimita uma forma retangular, representando que espaços instituídos são locais que formatam práticas e discursos. Mas, ao mesmo tempo, optei pelo modo pontilhado, representando que nem sempre essa forma é rígida, fechada e também de modo a não “conter” os movimentos dispostos no interior da forma, por isso a linha é descontínua. Os movimentos/ coletivos por vezes passam e ocupam cadeiras nesses espaços. Busquei incluir as logomarcas dos próprios movimentos e espaços por entender que essas imagens foram estrategicamente elaboradas, de modo a demarcar o ponto de encontro entre as participantes, campo de atuação, reflexão, defesa e luta.

Diante do acompanhamento das redes sociais, identifiquei que a importância da produção de narrativas *online* não pode ser desconsiderada na atualidade, entretanto percebi que essa opção envolveria todo um método específico de produção e análise de dados e que não necessariamente agregaria no alcance dos objetivos da pesquisa. Por isso optei por abortar essa fonte, no sentido formal de coleta de dados para a pesquisa e de identificação de participantes. Porém, o acompanhamento de tais redes sociais me forneceu pistas sobre os eventos e me faz imergir cotidianamente no contexto de pesquisa, inclusive participando da minha formação subjetiva enquanto mulher-enfermeira feminista.

Ademais, apesar de ter feito um planejamento para apresentação da pesquisa em espaços formais de participação social das mulheres – CES-MG e CEM – não foi possível realizar essa atividade, uma vez que no ano de 2019 as atividades do CEM foram interrompidas e mesmo com tentativas de solicitação de pauta no CES-MG não obtive autorização. Entretanto, não percebo prejuízos dessa impossibilidade, pois encontrei conselheiras vinculadas a esses espaços durante a observação-participante em campo.

Assim, o mapeamento da participação de mulheres-enfermeiras nos movimentos sociais se deu, prioritariamente, por meio da participação em eventos que ocorreram na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). A opção pela RMBH está relacionada à concentração de manifestações na capital do estado de Minas Gerais. No campo, planejei identificar as participantes com perfil de mulheres-enfermeiras que se agenciam com a causa das mulheres, envolvidas na luta por direitos e atuantes em movimentos sociais, coletivos de mulheres ou expressões sociais dos feminismos. Entretanto, durante a observação-participante as mulheres encontradas não se identificavam como enfermeiras.

Então, reelaborei a metodologia utilizando o método de amostragem não probabilística e intencional, denominado bola de neve. Esse tipo de amostragem orienta-se pela inclusão deliberada pelo pesquisador de participantes considerados estrategicamente ricos em informação e que apresentam manifestações extraordinárias ao fenômeno de interesse (PATTON, 2002).

Iniciei a sequência de indicações por uma enfermeira que tinha sido mencionada, por diversas vezes, por pessoas influentes nos movimentos sociais da RMBH. Essa enfermeira me

indicou outras mulheres-enfermeiras. Paralelamente, em um evento científico que participava, conheci a segunda mulher-enfermeira entrevistada que se destacou por apresentar elementos do perfil buscado. As terceira e quarta participantes foram indicadas pela primeira entrevistada. A quarta entrevistada indicou muitas enfermeiras.

Neste ponto da pesquisa e, diante dos dados produzidos até então, fizemos uma análise de representação e percebemos que seria importante incluir participantes com vinculação político-partidária, que fossem de outras gerações e mulheres negras. Neste sentido, optamos por entrevistar outras duas mulheres-enfermeiras, uma indicada pela quarta entrevistada e outra lembrada por nós por sua militância, totalizando seis participantes. O julgamento quanto à inclusão foi realizado pelas pesquisadoras considerando os aspectos de adequação e apropriação para definir uma amostra capaz de gerar dados suficientes e de qualidade e produzir uma compreensão plena do fenômeno de interesse.

Visando preservar o anonimato das participantes, ao longo do estudo, as mulheres-enfermeiras serão aleatoriamente mencionadas com parte do nome de seis personalidades femininas. Para essa escolha foi feito contato com elas solicitando que escolhessem nomes de guerreiras e/ou enfermeiras que marcaram a história, para que fossem assim denominadas no trabalho. Assim, os nomes selecionados foram: Maria Barbosa, Estamira Gomes de Souza (Mira), Ivone Lara, Noraci Pedrosa (Nora), Mary Jane Seacole e Edma Valadão. No Apêndice A são apresentados alguns elementos das histórias dessas mulheres que são inspiradores para o ativismo de enfermagem.

É preciso considerar que a pesquisa qualitativa parte do pressuposto da representatividade da enunciação individual para o coletivo ao considerar que indivíduo e coletividade, sujeito e meio, estão em constantes interações, e que o indivíduo se apresenta como uma síntese complexa de seu contexto sócio-histórico, possuindo, uma interioridade, mas também uma configuração social mais ampla. Neste sentido, não é possível (nem esperado) que em pesquisa qualitativa seja definido *à priori* o tamanho da amostra, mas sim estrategicamente pensada a abrangência dos atores sociais e as condições dessa seleção, preocupando-se não com as generalizações, mas, sobretudo, com a profundidade e diversidade no processo de compreensão (MINAYO, 2017).

A escolha das enfermeiras participantes se deu, portanto, observando recomendações para que haja representatividade do todo na escolha de um grupo, das quais destaco: (i) a utilização de instrumentos que permitam espaço às homogeneidades, mas também às diferenciações entre os sujeitos, sem desprezar informações ímpares; (ii) privilegiar sujeitos sociais que possuem atributos buscados pelo objeto do estudo; (iii) concentrar esforços no

grupo social mais relevante, porém dando atenção aos subgrupos; (iv) considerar um número suficiente de participantes que propicie reincidência e complementariedade das informações (MINAYO, 2017).

Ademais, a opção por interromper a coleta de dados se deu ao observar reincidência e complementariedade das informações que indicaram que os objetivos da pesquisa foram atingidos. Importante, porém, destacar a possibilidade de sempre haver elemento(s) de irrepetibilidade ao optar por entrevistas narrativas.

4.2.2 Caixa de ferramentas

Na caixa de ferramentas para produção dos dados foram incluídos referenciais e instrumentos de observação-participante e entrevistas narrativas, seguidas de analítica do discurso.

A opção por uma produção de dados com momentos diversos e conduzida com aporte em uma caixa de ferramentas se aproxima da cristalização (tradução de *crystallization*), uma das práticas recomendadas que conferem credibilidade em pesquisas qualitativas, em especial pós-estruturalistas ou performativas. A Cristalização difere do que é denominado como Triangulação, pois não há pretensão de fornecer uma verdade singular mais válida. Como em um cristal, a combinação de substâncias, com uma infinita variedade de formas, mutáveis, amorfas, que refletem aspectos externos e internos, buscando um entendimento mais complexo, profundo, porém ainda assim totalmente parcial (TRACY, 2010).

As entrevistas narrativas têm sido definidas como uma técnica de coleta de dados não estruturada, de profundidade, com características específicas. Por meio dessa ferramenta se propõe reconstruir acontecimentos sociais, a partir da perspectiva das informantes. Para isso, recomenda-se que a(o) entrevistador(a) se atenha a: ativar o esquema da história; provocar narrações das informantes e, uma vez começada a narrativa, conservar seu andamento através da mobilização do esquema autogerador. Como instrumentos para tal condução deve-se utilizar questões exmanentes, previamente estabelecidas, por interesses da pesquisa; e questões imanentes, da própria entrevistada, acionadas ao longo da entrevista, na linguagem da participante (JOVCHEIOVITCH; BAUER, 2002).

Assim, as entrevistas foram orientadas por questões exmanentes de um roteiro (Apêndices B e C) e por questões imanentes elaboradas no decorrer da entrevista; áudio-gravadas e minuciosamente transcritas na íntegra. O roteiro de entrevista, após realização das duas primeiras entrevistas, foi modificado de modo a adaptar as questões disparadoras das narrativas com vistas ao alcance do objeto de estudo, o que condiz com o caráter de

irrepetibilidade das entrevistas narrativas. No Apêndice B é apresentado o roteiro inicial utilizado nas duas primeiras entrevistas e no Apêndice A, a versão revisada. As alterações visaram tornar a linguagem mais acessível e adequada ao propósito de conservação do andamento da narrativa, pela mobilização de esquema autogerador. Além disso, as experiências iniciais demonstraram um ganho em transferir as questões sobre o perfil da participante para o fim da entrevista.

A observação-participante foi registrada em textos de campo onde foram incluídas notas de campo detalhadas (eventos externos) além de reflexões sobre os afetos da pesquisadora (respostas internas) e algumas interpretações realizadas (CLANDININ; CONNELLY, 2016a). Os textos de campo estiveram abertos a múltiplas possibilidades de incorporações e formatos, incluindo experiências de vida ao longo da produção dos dados, de modo que se manteve uma postura de abertura às possibilidades imaginativas. Foram obtidas também fotos e vídeos em espaços públicos (sem identificar as pessoas e por isso sem pedir autorização) e realizadas gravações de áudios da pesquisadora em momentos imediatamente após a observação, para que auxiliassem no processo de redação dos textos de campo.

Assim, os textos de campo e as entrevistas transcritas se constituem como *corpus* principal, isto é, o principal material sobre o qual se deu a análise. Destaca-se que a produção dos dados foi interrompida ao identificar o alcance do objetivo da pesquisa.

Importa destacar que no transcorrer dessa pesquisa fomos surpreendidas pela pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2), um vírus identificado como a causa de surto de doença respiratória, detectado pela primeira vez em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. A doença causada pelo SARS-CoV-2 passou a ser denominada como COVID-19 (CORONA VIRUS DISEASE – Doença do Coronavírus). Nesse contexto, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia e em 20 de março, o Ministério da Saúde confirmou transmissão comunitária em todo território brasileiro.

A OMS e, por conseguinte, o Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, passou a orientar que durante a fase de transmissão comunitária do vírus fosse adotado o isolamento social como medida prioritária de contenção da transmissão, o que comprometeu o contato face-a-face com participantes da pesquisa. Diante desse cenário foi enviado ao CEP/UFMG uma emenda no projeto prevendo a realização de entrevistas por via remota. Para isso, na condução de três entrevistas realizadas por via remota, utilizamos a ferramenta Google Meet®, por ser gratuita, de fácil utilização e permitir interação por áudio e vídeo, de modo a minimizar os impactos da ausência do contato face-a-face.

4.2.3 *A escrita de si e os métodos narrativos na perspectiva feminista*

No decorrer da pesquisa em campo, utilizando a caixa de ferramentas elaborada, me deparei com a necessidade de buscar outros suportes teóricos e metodológicos, especialmente para a análise e interpretação dos dados. Almejava sustentação para a produção de textos de pesquisa coerentes com os pressupostos adotados, com os achados da revisão integrativa sobre metodologias de pesquisa de captação da subjetividade e consoantes com a teoria feminista. Também essa busca por outros suportes teórico-práticos foi motivada pelo encontro de críticas feministas ao referencial de Foucault, especialmente endereçadas a um suposto pessimismo, passividade e androcentrismo.

Neste processo, encontrei diferentes usos, ampliações e aplicações da obra de Foucault à experiência feminista. Como exemplo menciono a descrição de Oliveira e Marçon (2019) sobre a adoção de formas de pesquisar de um coletivo feminista, uma epistemologia feminista nas ciências, embasada em McLaren, Haraway e Harding e especialmente em *Escrita de Si* de Foucault. Também encontrei suporte em referenciais que se filiam aos métodos narrativos e de pesquisa cartográfica. É preciso demarcar que, apesar de adotar tais bases teóricas, a produção dos dados se deu em um processo crítico e criativo, que incorpora dimensões subjetivas, emotivas e intuitivas, apresentado em detalhes no subcapítulo 5.1.2 – “Cenas vividas e (re)criadas do encontro com as mulheres nos movimentos sociais e a reflexão sobre o cuidado”.

A adoção histórica de um sujeito universal, racional e moderno é um fator interditor de pesquisas feministas. Neste sentido, o trabalho é de dar espaço ao que costumeiramente é invisibilizado pelo discurso hegemônico, reconhecendo o caráter político e histórico dos regimes de verdade. Portanto, ao assumir a militância do “pessoal é político”, enquanto pesquisadoras tornamo-nos corpos de escuta, passagem e resistência a temas de saúde, cuidado e experiências das mulheres, muitas vezes até então silenciadas (OLIVEIRA; MARÇON, 2019).

Foucault e as feministas expandem o universo político incluindo aspectos considerados privados, tais como relacionamentos pessoais, a sexualidade e o corpo (MCLAREN, 2016). Nesse sentido, para Machado (2014), algumas incorporações metodológicas foram feitas a partir de “ensinamentos” dos movimentos feministas. Uma delas, tratada como uma inflexão, é que a pesquisadora adote uma posição que implica em posicionamento político, ainda que não militante.

Assim, na revisão integrativa encontrei a exigência de abandono da neutralidade e objetividade nas pesquisas (OLIVE, 2012), produção de pesquisas parciais e situadas e com especial aporte no referencial de conhecimento situado de Donna Haraway (MIDDEN; PONZANESI, 2013; OLIVE, 2012; VACCHELLI, 2011). Para Cornejo, Faúndez e Besoain (2017, p. s/n) a análise dos dados qualitativos é inerentemente um processo subjetivo: “[...] el investigador es su instrumento, determinando la forma de llevar a cabo los procedimientos de codificación, categorización, descontextualización y recontextualización de los datos”.

De modo análogo, tenho buscado encarar uma postura de não neutralidade com relação as preferências teórico-políticas e em especial um “[...] uso político do Feminismo para produção de outros modos de existência e cuidado” (OLIVEIRA; MARÇON, 2019, p.62). Nesse sentido, pela minha condição de pesquisadora branca, de classe média, heterossexual, casada, enfermeira, católica e que habita o campo da gestão em saúde, assumo de antemão uma posição situada que tem implicações nos dados produzidos da observação e nos discursos orais produzidos pelas mulheres-enfermeiras nas entrevistas, pois há uma construção de identidade da audiência em relação com a performance produzida pelas participantes.

Também durante a realização da revisão integrativa encontrei repetidas vezes a adoção de narrativas, seja enquanto ferramenta de produção de dados, seja como tipo de pesquisa ou método de análise (SA’ARA; GOOLDIN, 2009; MACIAZEKI-GOMES, *et al.*, 2016; OLIVE, 2012; VACCHELLI, 2011). Fina e Georgakopoulou (2012) apontam que as narrativas podem ser assumidas como um gênero textual ou como um modo, método e/ou epistemologia. Nesta tese assumo a narrativa ora como método, ora como gênero textual.

As narrativas são apontadas como prática feminista, pois a narração torna possível o surgimento de um espaço relacional. Isso ocorre tanto no caso da prática da autoconsciência, “[...] onde o eu narrável passa por um processo de subjetivação através da experiência coletiva e da exposição a outros, quanto na experiência da entrevista, onde o falante se posiciona de acordo com as narrativas passadas e presentes [...]” (VACCHELLI, 2011, p.781). Também para Tamboukou (2016) as narrativas são experiências produtoras de realidades, podendo gerar fortes efeitos.

Os métodos narrativos vêm se consolidando nas ciências a partir do entendimento do valor das histórias e das narrativas para relatar fenômenos sociais (DENZIN, 2010; JOVCHEIOVITCH; BAUER, 2002). Do ponto de vista da narrativa como gênero textual, Denzin (2010) interpreta como um movimento de *new experimental work*, com pouco consenso sobre como ler e escrever, ou como e onde publicar a chamada *literary social science*.

Nem toda pesquisa pode ser representada em formato literário, dependerá das questões de pesquisa, do objeto de estudo e da audiência pretendida. Além disso, a qualidade de tais pesquisas, no campo das pesquisas críticas qualitativas, dependerá de critérios científicos como profundidade, autenticidade, confiança, reflexividade, ética, aplicação, articulação com o método; mas também poéticos, tais como experiência corporal e concentração artística (DENZIN, 2010). Fina e Georgakopoulou (2012) apresentam ainda o critério de narratividade, capacidade de capturar reações e emoções humanas. Portanto, nessa combinação entre poesia e pesquisa, é preciso conectar-se tanto com o campo das ciências sociais, quanto com o campo artístico/literário (DENZIN, 2010).

Já do ponto de vista da narrativa como modo de pesquisa, Tamboukou (2016) afirma que apesar da virada narrativa nas ciências sociais, não há uma abordagem única para condução das pesquisas, e os modos dependem da área de filiação - sociolinguística, psicologia, antropologia – e dos enquadres teóricos e metodológicos que as sustentam. Com filiações ao pós-estruturalismo, fornece contribuições para o delineamento de pesquisas, em especial ao se aportar em Arendt, Spinoza, Foucault, Deleuze, Guattari e Certau e por não se preocupar com o que é a narrativa, mas com suas condições e possibilidades, narrativa como/no discurso e a subjetividade como efeito da narratividade:

Minhas três proposições para essa formulação sugerem que as narrativas pessoais e as histórias de vida devem ser tomadas como: 1) efeitos de poder/saber e, por esse ângulo a pesquisa narrativa deveria se dedicar às condições e possibilidades de sua emergência; 2) como modalidades de poder e desejo; 3) como produtivas, não apenas como efeitos de poder/saber, mas como construtoras de realidades e de sujeitos (TAMBOUKOU, 2016, p. 72)

Sobre a produção de dados em pesquisas narrativas, Clandinin e Connelly (2016b) enfatizam que o trabalho se dá no campo, no espaço tridimensional entre social e pessoal, tempo e espaço e eu e o outro, e que, enquanto pesquisadoras, precisamos entender que estamos no intervalo entre histórias, ou seja, a história dos sujeitos e campos de estudo não começa nem termina quando o pesquisador realiza a pesquisa. Ao contrário, inseridas no campo, pesquisadoras vivem as histórias, contam tais experiências e as modificam ao reviver e/ou recontar.

Entendendo a importância do eu mencionado por Clandinin e Connelly (2016b) e pela compreensão da produção do pesquisador em campo característica em pesquisas-interferencia, realizei movimentos de reflexividade. A composição de autonarrativas movimenta o eu no espaço tridimensional, faz lembrar histórias passadas que influenciam perspectivas presentes, entre o subjetivo e o social (CLANDININ; CONNELLY; 2016b).

A análise dos dados em investigações qualitativas e vinculadas a enfoques biográfico-narrativos não é uma etapa avançada da pesquisa, ela já começa desde o início e, portanto, se dá no processo. A análise dos dados é parte do desenho, da revisão, do marco teórico, da produção dos dados, do ordenamento e registro, e inclui até mesmo a forma de apresentação escrita (CORNEJO CANCINO; FAÚNDEZ; BESOAIN, 2017).

Diante das colocações, se deu a composição das cenas do subcapítulo 5.1.2, a partir da experiência concreta do encontro com as mulheres em sua diversidade, por meio da escuta dos sujeitos, identificação de marcas de resistencia e produção de uma subjetividade corporificada: “[...] deslocando categorias de análises comparativas ou generalizantes para inclusão radical do saber corporificado da mulher” (OLIVEIRA; MARÇON, 2019, p.67).

A pesquisa narrativa deve captar os momentos do processo de tornar-se outro (eus narrados estão expostos, transformados, desterritorializados), permanecendo, porém, único e irrepetível. Portanto, são sugeridas trilhas de pesquisa, sendo preciso centrar-se: (i) nas singularidades; (ii) no surgimento do sujeito político; (iii) nos pontos de partida para devires nômades; (iv) no conhecimento encarnado (*embodied*); (v) no imaginário, como um caminho que dá acesso às realidades do mundo social; (vi) no espaço-tempo, abandonando temporalidades lineares; (vii) na dança entre poder e desejo; (viii) no poder constitutivo das histórias em produzir realidades e sujeitos (TAMBOUKOU, 2016).

No ato de entrevistar ou estar em campo, pesquisadoras são acionadas em uma relação que não é neutra, nem objetiva. Portelli (2016) afirma que “[...] fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador” (p.10). No campo, pesquisadoras se mantêm em constante negociação de relacionamentos, propósitos, transições, modos de ser útil, na construção da intimidade entre pesquisador-participante (CLANDININ; CONNELLY, 2016b).

Para que também as participantes possam participar dessa relação dialógica, Gutiérrez *et al.* (2015) apontam como importante a opção por narrativas individuais que sejam validadas pelas participantes, uma vez que propiciam relação de horizontalidade pesquisadora-participante e a própria participante define os discursos que considera importantes, os modifica da maneira que considerem necessário. Em uma renúncia ao positivismo, mais do que uma validação, podemos denominar esse processo como uma colaboração.

Em Campos (2011) também é encontrada uma defesa radical no que se denomina de posição participativa, uma grande preocupação em, no processo interpretativo, valorizar a possibilidade de dizer, de serem coautoras da tese, de rejeitar uma postura de suspeita sobre o dito. Slomp Junior *et al.* (2020) recomendam um esforço contínuo para que todos participantes sejam de algum modo pesquisadores.

Tais apontamentos parecem de estreita coerência com os cuidados com os jogos de verdade na análise de discurso baseada em Foucault. Por isso, as transcrições das entrevistas foram compartilhadas com as participantes para complementação e correção, em um processo colaborativo.

4.2.4 Análise dos dados

Sobre o processo de análise de entrevistas narrativas a postura dos autores é aberta quanto aos procedimentos analíticos – estruturalista, temática, discurso, entre outras (JOVCHEIOVITCH; BAUER, 2002). Porém Clandinin e Connely (2016b) apontam o trabalho de pesquisadores narrativos como uma familiaridade máxima com as tantas e multifacetadas narrativas presentes no campo e um delineamento de possíveis encontros e ligações entre elas. Assim, neste estudo, as narrativas particulares foram analisadas sob o olhar da diferença, mas também em sua transversalidade.

A análise dos dados foi sustentada por analítica do discurso adaptada a perspectiva das narrativas e tendo como base conceitual Michel Foucault. Mais do que uma função linguística de junção de enunciados, o discurso é uma prática sócio-histórica, uma dimensão de produção da realidade social: “O discurso se (re)produz, se dissipa e se multiplica, ou seja, em uma palavra circula, através de nossas práticas languageiras, claro está, mas precisa ser deduzido delas, não são elas” (PASSOS, 2019, p.2).

Costumeiramente as formas de análise do discurso são conduzidas com aporte na linguística. Mas trabalhar com o discurso na perspectiva de Foucault implica ir além da manifestação expressa pelo uso da linguagem. Para além dos signos, interessa a formação e disposição de tais signos com as relações de poder, hierarquias, interdições (LUCENA; PAVIANI, 2017). A busca é pela maneira como o poder domina e se faz obedecer, como é exercido, quais os efeitos do exercício do poder em seus mecanismos, em suas relações, em seus diferentes níveis e campos de extensões na sociedade (FOUCAULT, 2012). Assim, foi conduzido um processo artesão frente aos discursos das mulheres-enfermeiras, somado a análise das relações de poder, saber e subjetividade, encontradas em campo.

Foucault estabelece pistas, mas não desenvolve uma metodologia, um passo a passo metódico. Isso não significa ausência de rigor, cuidado e responsabilidade, pois existe a preocupação de escolher, adaptar e criar estratégias, ancoradas em suas obras clássicas e em referenciais que fazem discussão metodológica de forma coerente com seus pressupostos. As

obras *Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2008) e *Ordem do discurso* (FOUCAULT, 1996) são bibliografias obrigatórias.

A análise do discurso é um trabalho sempre tateante, nunca acabado, num permanente movimento de deslocamento, especialmente quando o que se está analisando é parte de nosso próprio presente (PASSOS, 2019). O convite é de não aceitar passivamente o que nos é dado como certo e verdadeiro, e assumir uma postura de dúvida, desconfiança e hesitação diante das verdades deste mundo (GARRÉ; HENNING, 2017).

Toda a obra de Foucault é importante no processo de análise do discurso, envolvendo o entendimento das relações de poder, saber e subjetividade; porém alguns conceitos são ainda mais necessários, destaque: enunciado, formação discursiva, sujeito do enunciado e prática discursiva.

Para Foucault, o discurso é “[...] o conjunto de enunciados que se apoia num mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p. 122), e os enunciados, por sua vez, envolvem práticas discursivas e não discursivas, visíveis e não visíveis, que se movimentam ao nível da existência concreta, engendrando e fazendo agir por meio de um conjunto de regras, em uma rede de normas de existência e coexistência. Ao conjunto de regras, denomina-se formação discursiva, pois “[...] elas permitem o aparecimento de certos enunciados e não outros, determinam a raridade e regularidade dos enunciados, as regras de constituição de certos conceitos e objetos, e não outros, a dispersão e interdiscursividade dos discursos” (PASSOS, 2019, p.3).

Batista (2018) descreve o objeto do discurso como uma categoria pela qual as formações discursivas podem ser analisadas. Nesse sentido, sugere que se questione, à maneira foucaultiana:

Quais são as regras que formam um discurso? A quais regularidades reporta-se um objeto para fazer parte de uma formação discursiva? Quais normas enquadram a forma pela qual um discurso pode ser questionado? Alguns verbos imperativos propostos: encontrar no discurso as palavras empregadas, a estrutura formal de proposições e os tipos de encadeamentos que subjagam essas referências a regras do discurso; identificar o que se pode e o que não se pode escrever sobre a temática; de que lugar se fala e para qual lugar se direciona a interlocução (BATISTA, 2018, p.91).

O sujeito do enunciado é uma posição de sujeito, quem está sócio-historicamente autorizado a enunciar-lo. Mas os enunciados estão implicados em um domínio de saber e por isso não remetem a uma instância fundadora, mas a outros enunciados constituídos dentro do mesmo sistema de formação e que por isso podem ser repetidos. “[...] Daí que Foucault muitas vezes utiliza a expressão prática discursiva para ressaltar que o discurso é uma prática

e precisa ser atualizado e repetido para permanecer” (PASSOS, 2019, p.4). Portanto, os enunciados estão estreitamente relacionados com a história, sendo que cada época vê ou diz aquilo que se dá a ver ou a dizer. Por isso é preciso tornar visível e dizível as regras históricas (PASSOS, 2019).

Do ponto de vista operacional, de posse do material se procede com a análise num exercício de imersão nos dados, extraíndo as questões de investigação num movimento que busca desvendar a prática dos sujeitos envolvidos, sem pretender explicações unívocas, ou seja, sem pretender apenas um significado. A tentativa não é a descoberta de discursos verdadeiros ou falsos; não se trata de interpretá-los no sentido de buscar explicações para o que esses estão tentando dizer ou intenções escondidas por detrás deles; o movimento é o de discutir e analisar os efeitos produzidos pelo próprio discurso (GARRÉ; HENNING, 2017). Passos (2019) demarca que o posicionamento de pesquisadores diante da realidade implica permanentes jogos de resistência entre discursos e práticas, entre práticas discursivas e não discursivas.

Nesta pesquisa, a imersão nos dados das entrevistas se deu por no mínimo cinco leituras integrais de cada uma, com duração média de 30 horas/entrevista e tendo determinado focos para cada leitura. Entretanto esses focos se misturaram, sem haver uma sequência estanque de análise. As três primeiras leituras giraram em torno do interesse de conhecer a narrativa, enquanto as outras duas leituras foram momentos de aprofundamento nos discursos. Os enfoques dados em cada leitura estão descritos a seguir:

1. *Transferência de uma narrativa falada para uma narrativa escrita*: neste enfoque da análise, estive preocupada com a transcrição do material, em produzir um registro minucioso (que por si só já é interpretativo) do discurso verbal, dos sons, pausas, silêncios, altura da voz. Utilizei a seguinte padronização de códigos de transcrição adaptados de Marcuschi (2000):

(xx) Incompreensão de palavras ou segmentos.
 (hipótese) – Hipótese do que se ouviu.
 / Truncamento.
 MAIÚSCULA Entonação enfática.
 - - Silabação.
 ? Interrogação.
 ... Qualquer pausa.
 -- -- Comentários que quebram a sequência temática da exposição.
 [Superposição, simultaneidade de vozes.
 “ ” Citações literais de textos, durante a gravação
 { } quando era necessário registrar comentários com percepções da coleta ou da transcrição
 X nome de pessoas, locais e coletivos

2. *A ocupação do intervalo entre histórias*: leitura denominada **temática**, na qual me preocupei em demarcar trechos sobre quais movimentos sociais mencionados, quais temas de luta e debate e quais as formas de participação social. Além disso, estive atenta a questões sobre a condução das entrevistas, as questões iminentes utilizadas e a interlocução estabelecida com as participantes;
3. *Episódios narrados*: Na terceira leitura, denominada estrutural e influenciada por Riessman (2008a), busquei segmentar a entrevista em episódios, identificando o resumo, a(s) ação(ões) complicadora(s) – virada narrativa -, avaliação, solução e coda, quando finaliza a narrativa, retornando a audiência ao presente. Denominei alguns episódios como “paralelos”, pois surgem como exemplos no meio de outro episódio, ou não tem um ciclo completo composto por ação complicadora, avaliação, solução e coda. Muitas vezes os episódios paralelos são expressões de interdição/ raridade discursiva.
4. *O que se performa*: Na leitura denominada performática e com aporte em Riessman (2008b), busquei centrar atenção na sujeita do discurso, no que performa por meio de discursos diretos, utilização de refrões, flexões verbais e construção de versões preferenciais de si (denominadas no referencial como *self/selves* preferenciais). A atenção é na posição de quem fala, buscando localizar também o espaço deixado vazio pelo desaparecimento da autora; e
5. *Qual a ordem do discurso e quais possibilidades da narrativa*: Na quinta e mais demorada leitura, denominada analítica do discurso, me concentrei nas questões do discurso não identificadas nas leituras anteriores, buscando os enunciados, a formação discursiva por meio de regras do discurso, regularidades/raridades, interdiscursividade, efeitos nos corpos, posições subjetivas e possibilidades de resistência. O foco desta leitura é dado às relações de poder, saber, jogos de verdade e processos de subjetivação.

Cornejo Cancino, Faúndez e Besoain (2017) relatam formas de pesquisar adotadas diante do “[...] desafio de construir métodos que permitam trabajar con la subjetividad del equipo de investigación y relevar el carácter dialógico del relato de vida” (p.s/n). Em especial um tipo de escolha epistemológica e metodológica me pareceu inspiradora: dispositivos analíticos que articulem duas lógicas de análise - uma singular (de cada personagem) e outra transversal (do conjunto de participantes) – de modo simultâneo e circular (CORNEJO CANCINO; FAÚNDEZ E BESOAIN, 2017).

No decorrer das leituras de análise, realizei marcações manuais nas entrevistas impressas e redigi uma síntese de cada leitura, em uma escrita livre e complementada com trechos das entrevistas, de modo que ao final da análise de cada entrevista havia um registro dos dados produzidos, orientado pelo encadeamento: Descrição da participação em movimentos sociais; Impulso para participação social; Interlocução pesquisadora-participante; Episódios narrados; Sujeita do discurso; Condições de (co)existência do discurso (regras do discurso, posições corporais, conexões espaço e tempo, interdiscursividades) e Possibilidades de escape. O documento produzido nesta etapa possui 154 páginas.

Ao final da análise de cada narrativa, preocupada com a lógica singular, foram registradas informações sobre o perfil da participante, condições de produção dos encontros, interlocuções com a pesquisadora, bem como coerências e tensões internas de cada relato (destacando de que forma cada narrativa colabora com os objetivos do estudo). Desse modo, no subcapítulo 5.2.1 – “Ocupação do intervalo entre histórias: singularidade de cada narrativa” - é apresentado um informe de cada narrativa.

Nos diferentes métodos de análise de dados qualitativos, há preocupação com a identificação de unidades de análise. Portanto, na lógica transversal, os registros de cada entrevista foram analisados em conjunto, sendo contrastados os resultados, reconstruindo olhares temáticos da fase singular e retomando olhares analíticos emergentes (CORNEJO CANCINO; FAÚNDEZ; BESOAIN, 2017). Assim, neste momento de análise ocorreram situações em que alguns aspectos anteriormente despercebidos foram então visualizados, sendo preciso retornar e reanalisar aquele ponto.

Destacam-se três aspectos importantes na escrita narrativa – selecionar a melhor maneira de contar a história do processo reflexivo que sustentou a investigação; incorporar o aspecto dialógico e não conclusivo dos dados e análises e dialogar com a comunidade científica e sociedade (CORNEJO CANCINO; FAÚNDEZ E BESOAIN; 2017). Assim optei por apresentar os resultados da análise transversal das entrevistas em dois formatos:

- No subcapítulo 5.2.2 “Narrativa coletiva: interseções na vida e no trabalho, caminhos e saídas nos movimentos sociais”, endereçado a dialogar com os diversos campos de formação e atuação da enfermagem e com a população; e
- No subcapítulo 5.2.3 “Esforço de transversalização analítica: os processos de subjetivação e cuidado analisados na perspectiva do discurso” endereçado à comunidade científica e preocupada em dialogar com os referenciais existentes.

Portanto, os resultados serão apresentados na perspectiva narrativa e de uma escrita de si – minha no campo e das enfermeiras nos movimentos sociais: “[...] a oportunidade do uso da escrita de si, como ruptura da lógica patriarcal, assumindo a pesquisa e a produção de conhecimento onde as próprias mulheres pesquisadas e pesquisadoras são corpos de passagem para a produção de um outro conhecimento” (OLIVEIRA; MARÇON, 2019, p. 68). Ademais, os resultados são apresentados em núcleos argumentativos, as vezes disparados pela entrevista, outras pelo emergir do campo. O trabalho de pesquisadoras é o de reunir e organizar os enunciados, que estavam dispersos e embaralhados, produzindo unidades de sentido, estabelecendo as regularidades enunciativas (GARRÉ; HENNING, 2017).

Colocamo-nos na retaguarda em relação a esse jogo conceitual manifesto; e tentamos determinar segundo que esquemas (de seriação, de grupamentos simultâneos, de modificação linear e recíproca) os enunciados podem estar ligados uns aos outros em um tipo de discurso; tentamos estabelecer assim, como os elementos recorrentes dos enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar em extensão ou em determinação, ser retomados no interior de novas estruturas lógicas, adquirir, em compensação, novos conteúdos semânticos, constituir entre si organizações parciais (FOUCAULT, 2008, p. 66-67).

4.3 Aspectos éticos

O projeto foi submetido às instâncias Departamentais da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em seguida apreciado e aprovado pelo CEP-UFMG (Aprovação CAAE 98586718.5.0000.5149 - Anexo A). As etapas da pesquisa estão em consonância com os princípios éticos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) acerca de pesquisas que envolvem seres humanos e pesquisas nas ciências sociais e humanas, conforme Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013) e Resolução 510/2016 (BRASIL, 2016).

Após a aprovação do projeto, no transcorrer da produção de dados, às participantes da pesquisa foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice D) e os dados somente foram coletados mediante a leitura e assinatura deste termo. No caso das entrevistas *on-line*, por permissão do CEP/UFMG, obtivemos o consentimento por meio whatsapp ou e-mail, sendo garantido acesso das participantes a uma cópia do termo por meio digital.

As alterações decorrentes da pandemia por coronavírus, a saber: previsão de entrevistas *on-line* e extensão do período de coleta de dados previsto em cronograma da pesquisa foram informadas ao CEP/UFMG, via emenda, no mês de junho de 2020. Sendo assim interrompi a realização das entrevistas narrativas até que ocorresse a aprovação das alterações por novo parecer de tal Comitê (Anexo B).

5. RESULTADOS

5.1 Percurso de uma pesquisadora (in)mundo: encontros com os movimentos sociais e a subjetivação de mulheres

“Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo”
(FOUCAULT, 2008, p.20).

O mapeamento da participação e envolvimento de enfermeiras em movimentos sociais de mulheres e movimentos feministas foi realizado, especialmente, por meio da observação-participante de eventos organizados por coletivos ou com a participação de mulheres ativistas. Digo especialmente pois, enquanto pesquisa-interferência, me mantive em constante imersão também nos outros espaços que ocupo e mesmo na esfera pessoal de vida, no acompanhamento de redes e mídias sociais, identificando possíveis fontes de informações e afetações.

As observações nos espaços acompanhados foram descritas em textos de campo, incluindo relatos sobre os eventos, produção de autonarrativas e registro de fotos, áudios e vídeos. No Quadro 2 sintetizo os eventos acompanhados, local e data onde ocorreram, duração da observação, extensão dos textos de campo produzidos e movimentos sociais encontrados. O conjunto de dados empíricos desta fase da pesquisa resulta de 17 eventos acompanhados em 18 dias distintos, no período de 15 meses de produção de dados, totalizando cerca de 70 horas de observação, 79 páginas de descrição e encontro com representantes de 24 movimentos sociais e de outros seis espaços de participação social.

Quadro 2 – Síntese dos eventos acompanhados durante a produção dos dados

Nº	Data	Evento	Local	Duração (horas)	Material produzido	Movimentos sociais/ coletivos identificados e espaços instituídos de participação social
1	20/11/18	Visibilidade negra - mesa redonda II	Escola de Enfermagem UFMG	3	3 pág. relato	Não houve identificação explícita de movimentos sociais, mas foi um evento organizado por um coletivo de mulheres, mobilizado para discutir o gênero no escopo da Enfermagem e da saúde
2	28/11/18	Novos desafios para enfrentamento da violência nos dias atuais	Casa dos Direitos Humanos	3	6 pág. relato	<ul style="list-style-type: none"> • Marcha Mundial de Mulheres (MMM); • GRAAL do Brasil; • Escola de Ativismo¹ • União Nacional dos Estudantes • Business Professional Women • Sindicato Central dos Trabalhadores e trabalhadoras do Brasil
3	06/12/18	Audiência pública – entrega do Plano Decenal de Políticas para as Mulheres	Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais	2,5	4 pág. relato	<ul style="list-style-type: none"> • Coletivo Brejo das Sapas; • Federação dos Trabalhadores da Agricultura do estado de MG (FETAEMG) • Coletivo Olga Benário • GRAAL do Brasil • Rede de Mulheres Negras do estado de MG
4	11/12/19 29/01/19	Reuniões de organização do evento unificado em alusão ao dia Internacional da Mulher 2019	Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (ALMG)	6,5	12 pág. relato	<ul style="list-style-type: none"> • Consórcio Mulheres das Gerais • Movimento Quem ama não mata • FETAEMG • MMM • Frente Brasil Popular • Movimento Olga Benário • Linhas do Horizonte • Fórum de Mulheres do Mercosul no Brasil • Conselho Nacional de Direitos da Mulher

Nº	Data	Evento	Local	Duração (horas)	Material produzido	Movimentos sociais/ coletivos identificados e espaços instituídos de participação social
						<ul style="list-style-type: none"> • Coletivo de mulheres do Partido do Trabalhadores (PT)/MG • Mulheres e rede sustentabilidade • "das muitas" • Fórum mineiro de conselheiras estaduais • Grupo Aconchego • Associação da Visibilidade Feminista • Conselho Estadual da Mulher-MG (CEM-MG) • Central Única dos Trabalhadores (CUT) • Conselho Estadual de Saúde de Minas Gerais (CES-MG)
5	27/02/19	Ensaio do Bloco Truck do Desejo	Mercado do campo	1,5	2 vídeos, 3 fotos e 2 pág. relato	Havia sinalizações do Movimento Sem Terra (MST) nas camisas, bonés e nas identificações do local.
6	04/03/19	Apresentação do bloco KIDS Mães em Movimento	Bairro Santa Amélia	2	1 foto e 1 pág. relato	Nenhum especificamente
7	04/03/19	Desfile do Bloco Garotas Solteiras	Bairro Lourdes	0,5	1 foto e 2 pág. relato	Nenhum especificamente
8	04/03/19	Apresentação do bloco A Luz de Tieta	Bairro Lourdes	0,5	1 pág. relato	Nenhum especificamente
9	05/03/19	Desfile do bloco Baque de Mina	Centro/BH	2	8 vídeos, 6 fotos e 2 pág. relato	Nenhum especificamente
10	08/03/19	Ato público e institucional - Dia Internacional da Mulher	ALMG e Praça Sete	8	16 vídeos, 24 fotos e 14 pág. relato	Os mesmos das reuniões de organização, além de representação de movimento estudantil e do movimento "eu empurro essa causa"

Nº	Data	Evento	Local	Duração (horas)	Material produzido	Movimentos sociais/ coletivos identificados e espaços instituídos de participação social
11	10/03/19	Desfile do bloco Filhas de Clara	Bairro Renascença/BH	3	3 vídeos, 12 fotos e 3 pág.	Nenhum especificamente
12	14/03/19	Roda de conversa: Pensando o SUS para todas as mulheres – Papel Social e Práticas de Saúde	Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG)	3	2 fotos e 9 pág. relato	Não era um espaço onde as mulheres se identificaram pela associação com movimentos sociais pois se direcionava para servidoras da SES-MG, mas haviam duas mulheres vinculadas a movimentos sociais - Marcha das Margaridas e movimentos LGBTQ+
13	16/03/19	Roda sentidos do nascer	Parque dos Mangabeiras	2	6 pág. relato	Movimento Sentidos do Nascer
14	09/06/19	Peça Banho de sol	Museu CCBB Praça da Liberdade	3	2 pág. relato	Nenhum especificamente
15	25 a 27/06/19	9ª Conferência Estadual de Saúde	Serraria Souza Pinto	26,5	2 fotos e 4 pág. relato	Diversos, mas não identifiquei explicitamente nenhum
16	21/09/19	Evento lançamento livro - Equipe Bom Parto	Nova Lima	2	1 pág. relato	Nenhum especificamente
17	08/03/20	Manifesto Dia Internacional de Mulher	Praça Sete	2,5	7 pág. relato	Diversos, mas um se destacou: Movimento Adelaides
TOTAL				71,5	79 pág. relato	

Fonte: quadro elaborado pela autora

5.1.1 Panorama de um vasto campo de pesquisa

Como apresentado no Quadro 2, os eventos acompanhados tinham diversas formatações: acadêmicos (mesas redondas e eventos científicos); festivos e culturais (desfiles de blocos de carnaval, peças teatrais e lançamento de livros); eventos conduzidos por conselhos de participação popular; audiências públicas; atos públicos; e rodas de conversa com atores do SUS. Durante a participação nos eventos estive atenta a aspectos como: a pauta defendida nestes espaços, as expressões das mulheres que dele participavam (vestimentas, falas, semblantes, ações), as vias e desvios dos assuntos definidos nas pautas e possíveis identificações de enfermeiras.

O Dia Internacional da Mulher ganhou destaque na observação em campo, pois representa a possibilidade de unificação dos movimentos, sendo denominado “8M Unificado”. Nas ações em torno do 8M Unificado, foram encontrados 18 movimentos sociais em busca de uma pauta central. Mas, ao mesmo tempo, representantes desses movimentos buscavam espaços de demarcação das identidades próprias.

Nos eventos observados o Carnaval de Belo Horizonte foi citado como um ato político de demarcação das necessidades e lutas feministas. O bloco Garotas Solteiras, por exemplo, sugere que os foliões ajam “Sem qualquer tipo de preconceito”, respeitem o “Não é não” e entendam que “Carnaval não é mercadoria”. Dias antes do carnaval de 2019, o bloco postou nas suas redes sociais:

O Carnaval de BH cresceu muito nos últimos anos, e talvez quem esteja chegando agora não conheça muito da história por trás dele. Esse movimento começou a ressurgir com mais força em 2010, com blocos que se declararam como movimentos sociais e políticos pedindo pelo direito à cidade e pelo uso e apropriação dos espaços públicos, de forma igualitária, diversa e popular. Os blocos de rua buscavam fazer da festa carnavalesca um modelo de transformação do espaço e de vivência da cidade, somando à festa pautas de conflitos da nossa sociedade, como causas feministas, raciais e da comunidade LGBT, lutas de classes, territoriais, políticas, mobilidade urbana, habitação. O sentimento de retomada das ruas é de reafirmar o caráter espontâneo da festa como forma de resistência popular diante desse modelo de espaço controlado e gerido apenas pelo poder público (BLOCO GAROTAS SOLTEIRA, 2019).

Exemplifico esse caráter político por um dos gritos de guerra do bloco Baque das Minas: “Não somos meras engrenagens, não queremos morrer trabalhando”. Nesse sentido, busquei informações sobre blocos de rua e eventos que tivessem tal perspectiva norteadora. Duas amigas envolvidas com o carnaval de BH me ajudaram a identificar as fontes oficiais de divulgação dos blocos e outros blocos cadastrados na Belotur (empresa municipal de turismo), mas que não autorizavam a divulgação. Neste processo localizei o aplicativo

denominado “Belo Horizonte surpreende” e passei a seguir algumas redes sociais de blocos de rua. Os blocos de rua encontrados, com movimentações no Carnaval de BH de 2019 e que pareciam ter propósitos feministas foram: A Luz de Tieta, Baque de Mina (com participantes do movimento Marcha das mulheres), Bruta Flor, Filhas de Clara, Garotas Solteiras, KIDS Mães em Movimento, Sagradas e Profanas, Tomara que Caia, Trovão das Minas e Truck do Desejo.

A partir dos blocos localizados fiz um levantamento da programação de apresentação deles durante o carnaval, incluindo ensaios e desfiles no pré e pós-carnaval, para que me programasse para acompanhar. Infelizmente os blocos Bruta Flor, Tomara que Caia e Sagradas e Profanas já tinham se apresentado no pré-carnaval e por isso não foi possível acompanhá-los presencialmente. Também não foi possível o acompanhamento do bloco A Luz de Tieta, pois sua apresentação foi embargada pela prefeitura. Tais blocos não fizeram outras apresentações no carnaval, mas mantive o acompanhamento por redes sociais.

Interessante mencionar que durante o carnaval a Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais se manifestou por meio do Ofício nº 71/2019 com recomendações, após informações da imprensa de que a Polícia Militar do estado iria atuar para coibir o cunho político dos eventos durante o carnaval. A defensoria recomendou a revisão de tais procedimentos e que as forças policiais se abstivessem de deter ou direcionar qualquer orientação sobre o conteúdo político das manifestações, reafirmando o direito humano à manifestação política, e a característica vital dos espaços públicos e do carnaval.

Neste acompanhamento do carnaval me vi sendo conduzida por atos lúdicos, dançando, cantando com as mulheres e me colocando na pele de cada uma delas quando os olhos, corpo, cabelos, brincos, fantasias, dialetos, hinos e marchinhas, expressavam qual o sentido político da luta.

Voltando ao conjunto de eventos acompanhados, foram identificados movimentos sociais/coletivos de mulheres, com demarcação de pautas relacionadas à: agricultura familiar, posse de terra, identidade de gênero e orientação sexual, prostituição feminina, movimento estudantil, sindicalismo, raça/cor, empreendedorismo feminino, câncer da mulher, violência contra a mulher (institucional, obstétrica, física, psicológica, sexual, patrimonial, etc), participação política, judicialização em saúde e humanização do parto e nascimento.

Em alguns eventos, as mulheres não se vinculavam a um movimento específico, ou se vinculavam a coletivos ampliados, que não se restringiam a uma temática ou segmento específico, como a Marcha Mundial de Mulheres. No entanto, na linguagem e atitudes de tais mulheres observei um discurso comum de visibilizar a desigualdade política, econômica e

social de gênero e lutar pela mudança das condições atuais, por direitos e interesses das mulheres.

Assim, diversas denúncias de facetas de desigualdades com efeitos sobre os corpos das mulheres, foram feitas nesses espaços: violência contra a mulher, violência obstétrica, racismo, reforma trabalhista e da previdência, misoginia, homofobia, desigualdades regionais, crimes ambientais, avanço do estado não-laico, intersecção entre orientação sexual, raça/cor e condição sócio-econômica/ de moradia, criminalização do aborto, uso de álcool e outras drogas, armamento da sociedade e condições sociais da população em situação de rua.

Os eventos acompanhados também se caracterizavam como espaços de análise da conjuntura política e dos efeitos nas vidas das mulheres. Como a produção dos dados se deu no fim de 2018 e anos correntes de 2019 e 2020, alguns acontecimentos políticos foram amplamente mencionados, tais como: Impeachment de Dilma Rousseff, fim do mandato de governos de esquerda em Minas Gerais e no país; posse de ministra dos direitos humanos que defende a família e o tradicional papel da mulher; assassinato de Marielle Franco (vereadora do Rio de Janeiro); efervescência de projetos de lei sobre armamento, mudanças trabalhistas e da previdência; crime ambiental da Vale em Brumadinho. A música “Vamos pra rua fazer a revolução” (<https://www.facebook.com/daniela.ramos.5454/videos/2161190577302500/>), lançada pelos movimentos da RMBH entre o carnaval e o ato do 8M de 2019, exemplifica a relação dos movimentos com o contexto político.

Diante das denúncias realizadas, encontrei manifestações verbais, corporais e escritas que refletem a leitura feita pelas mulheres dos movimentos acerca dos fenômenos denunciados e mesmo manifestações de posicionamento adotado: crença em um Estado com forte responsabilidade na seguridade social; reforma trabalhista e da previdência maléfica para as mulheres; desigualdades regionais relacionadas ao coronelismo existente no interior do estado; malefícios do capitalismo exacerbado; posição contrária à ditadura, ao fascismo e ao fundamentalismo, e a favor do Estado laico. Politicamente também foram debatidos: a eleição de Trump nos Estados Unidos, a necessidade de reforma política com maior inserção das mulheres, o valor do voto e as implicações diretas sobre os direitos das populações vulnerabilizadas, a realidade burocrática do Estado, a necessidade de enxugamento da máquina pública e o interesse hegemônico no distanciamento das mulheres de possibilidades de estudo e autonomia econômica. A Imagem 1 a seguir ilustra desejos e pensamentos das mulheres que participaram de um dos eventos, muitos deles relacionados à conjuntura política:

ao lado “das minorias” e a força do discurso coletivo. O sistema público de saúde como uma política de Estado foi citado como um avanço fundamental para a vida das mulheres.

Ademais, destacou-se a força dos movimentos sociais, trabalhadores e usuários do campo da saúde mental, e certa coesão de discursos a favor das lutas denominadas como reforma psiquiátrica. No acompanhamento de uma conferência estadual de saúde, por exemplo, notei que não havia propostas contrárias aos princípios do movimento de reforma psiquiátrica brasileira e que, a proclamação de propostas vinculadas à saúde mental era acompanhada de um coro da plateia que se manifestava apoiando, resultando em muitos votos favoráveis.

No decorrer da produção de dados representantes ou organizações formais da Enfermagem não foram evidenciados explicitamente, ou seja, as mulheres não se apresentavam sob a titulação de Enfermagem ou não mencionavam essa atuação profissional. Em raros casos, essa menção foi realizada, mas sem que as participantes tivessem estabelecido relação entre discurso feminista, militância pela causa das mulheres e a atuação na Enfermagem. Nas conversas informais, foram identificadas algumas enfermeiras envolvidas em movimentos sociais.

Em uma postura de reflexividade, enquanto mulher, pesquisadora e enfermeira, me vi pensando em como as práticas de Enfermagem se relacionavam a esse espaço, as denúncias e estratégias apresentadas e quais possibilidade de cuidado poderiam existir sustentadas ou influenciadas pelo ativismo social feminista. De modo a dar lugar a tais reflexões, a seguir, são apresentadas cenas dos movimentos sociais, em uma opção estética pelo diálogo com as artes, um exercício de deixar falar o campo, as vivências.

Em tais cenas serão observadas características dos espaços de participação social que implicam em exercícios de repensar as práticas de saúde e de Enfermagem - existência de intensos embates discursivos, contrapondo identidades, princípios e teorias; expressões de apoio mútuo e solidariedade; o corpo como peça-chave para manifestação das experiências de subjetivação; e um chamado incisivo ao posicionamento e a ocupar espaços públicos institucionais.

5.1.2 Cenas vividas e (re)criadas do encontro com mulheres nos movimentos sociais e a reflexão sobre o cuidado

Neste tópico, pretendo conduzi-la(o) a vivenciar parte das experiências que vivi em campo, enquanto enfermeira e lidando com movimentos sociais. Esse subcapítulo resulta de um

processo interpretativo de transformação dos textos de campo em textos de pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2016a). Nesse movimento, os textos de campo deixaram de ser adotados em uma postura cronológica, passando a ser tratados em termos de afetos, em uma mistura de passado, presente e futuro, um agir intuitivo (SLOMP JUNIOR, *et al.*, 2020). Nesta postura coloco-me como narradora-personagem, em autorreflexão, no sentido de avaliar o que representa para mim, mulher-enfermeira, se inserir nos movimentos sociais, espaços de encontro de pessoas, ideologias e possibilidades de práticas de saúde.

Pesquisadores que se filiam à cartografia têm denominado esse processo como criação de um diário cartográfico, que não apenas seja uma descrição do observável, mas uma narrativa da relação entre pesquisador-mundo pesquisado, das afecções na micropolítica do encontro entre corpos, com múltiplos tempos, entradas e vozes (SLOMP JUNIOR, *et al.*, 2020).

A Cartografia relatada tem relações com as invenções de um grupo de pesquisa vinculado a Universidade Federal Fluminense na linha da Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde. Ou seja, importante minimizar expectativas em relação a uma cartografia que produz mapeamento geográfico. O que busco são os atravessamentos com as mulheres e como, no encontro, são produzidos sentidos e ressignificados para as ações e pensamentos.

Assim, as cenas foram construídas conjugando momentos vividos e observados, além de semblantes, discursos verbais marcantes e inquietações presenciadas. Também foram incluídas situações cotidianas de trabalho e de vida e implicações em meu corpo, alma, lazer. Não existe uma temporalidade bidimensional (passado e presente), o passado é como uma virtualidade que está sendo atualizada no presente, quando olhamos para os acontecimentos daquele tempo (FOUCAULT, 1992; SLOMP JUNIOR, *et al.*, 2020).

Como apresentado anteriormente, pelo referencial teórico selecionado, não há pretensão de verdade, nem de universalidade. Há um interesse em ir além da estrutura da língua escrita, uma ocupação da escrita como vetor de agenciamento, acessando uma afetabilidade discursiva (SLOMP JUNIOR, *et al.*, 2020). Portanto, as cenas, como um exercício pessoal, combinam “autoridades” daquilo que vi, ouvi e li, “[...] com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso [...]” (p. s/n) adotando temporariamente verdades de um corpo de conhecimento, de histórias (FOUCAULT, 1992). Mais do que um processo individual-singular, os textos produzidos se conformam como ferramentas coletivo-singulares sobre o encontro, trazendo com e em minha voz múltiplas vozes provenientes dos encontros vividos (SLOMP JUNIOR, *et al.*, 2020).

Para a escrita, estive implicada em leituras e escuta de contos e histórias de mulheres, livros literários, teses e dissertações, filmes, vídeos, *podcasts*, que me auxiliaram na busca do tempero para (re)criação das cenas. Os momentos de escrita e leituras eram alternados, cuidando para não esgotar demais na escrita nem dispersar demasiadamente na leitura (FOUCAULT, 1992).

Inspirada pelo curta “Vida Maria” (RAMOS J; RAMOS M, 2006), que demarca os efeitos do patriarcado que se estendem por gerações na vida das mulheres, optei por criar nove figuras protagonistas com variações cotidianas de nomes compostos à Maria. Elas nasceram da combinação de diferentes personagens que encontrei no campo, são mulheres ficcionais ainda que representem um mosaico de pedaços-inteiros e múltiplos de fato encontrados em campo. Esses mosaicos poderão agradar ou não a audiência, como na arte, mas antes disso como uma escrita de si foram “[...] elaborados por discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação” (p. 130) e passados por uma operação de transformação da verdade em *ethos* (FOUCAULT, 1992).

Sobre a produção do Diário Cartográfico, Slomp Junior, *et al.* (2020) acentuam o potencial que há de nublar as fronteiras entre os discursos do pesquisador (in)mundo e os discursos daquelas com quem se encontra, especialmente pela utilização de discurso indireto livre, modo discursivo discorrido inicialmente por Bakhtin. Há nessa possibilidade a potência do narrador, mesmo quando se remete a outros narradores, não abrir mão de também se expressar. Para Authier-Revuz (2015), o discurso indireto livre é caracterizado pela imbricação de vozes, como um dizer partilhado pelos enunciados autoral e alheio, não sendo possível precisar a responsabilidade enunciativa.

Utilizando esse modo discursivo busquei trazer embaçamento para as fronteiras entre os discursos meus e das mulheres envolvidas nos movimentos sociais e me esforcei em atualizar as ações passadas no presente, meu e no de quem lê. Deste modo construí as cenas com falas encontradas em modo indireto. Na primeira aparição são apresentadas informações descritivas sobre as personagens; e em caixas de texto episódios lembrados, externos, paralelos.

Ao refletir sobre os movimentos executados na construção desta parte da tese eclodiu a analogia com o caleidoscópio, “[...] aparelho óptico formado por um pequeno tubo de cartão ou de metal, com pequenos fragmentos de vidro colorido, que, através do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos inclinados, apresentam, a cada movimento, combinações variadas e agradáveis de efeito visual”. Esse é um brinquedo que tive acesso em minha

infância e me fascinava. O nome "caleidoscópio" deriva de palavras gregas que representam "belo, bonito" e "olhar (para), observar" (WIKIPÉDIA, 2017?).

A analogia com o caleidoscópio que em minha mente surgiu, envolve os seguintes fatores: a conjugação de cenas e personagens, como no brinquedo os cacos de vidro, cada um com um formato, um tamanho, uma cor, uma multiplicidade combinada; que ganha sentido pelo olhar e movimento de quem manuseia o brinquedo, o olhador, a pesquisadora (in)mundo, que também é fabricada em regimes de saber, poder e verdade e vai narrando o que vê e interpreta, passando pelo lúdico, criativo e crítico, tecendo processos de subjetivação; e que para gerar imagens geométricas, belas, precisa de espelhos, no caso os referenciais teóricos que aportam este estudo. O caleidoscópio permite diversas miradas a quem vai ler a escrita de si, as narrativas e a tese. Por assim ser, denominei as cenas de mosaicos. Abaixo dos mosaicos são apresentados recortes de textos de pesquisa, reflexões sobre as cenas vividas e (re)criadas.

Mosaico 1: O cuidado no contexto das violências contra as mulheres

Para construção desta cena foram utilizados textos de campo dos eventos 1, 2, 4, 10, 13 e 14 enumerados no Quadro 2.

Estamos acomodadas em uma sala com uma mesa redonda e o microfone ao centro, rodeadas por mulheres muitas, jovens e idosas, acadêmicas, profissionais de diversas áreas, mulheres políticas, representantes da sociedade e de movimentos. Algumas se denominam feministas, outras ali estão por que em seu trabalho lidam com a violência contra mulheres. Aguardo o início do evento botando reparo nas pessoas, em como se comportam, lembrando de onde já conheço algumas. Noto que nesses espaços sempre fico mais sozinha, me sentindo num ambiente estranho, pensando se vim com a roupa adequada, se sei me portar e o que falar. Uma condutora do evento esclarece: o objetivo de hoje é identificar estratégias para avançar com políticas e ações de enfrentamento da violência contra as mulheres mineiras.

Do Carmo (representante do povo no poder legislativo) sugere começar a conversa com uma apresentação de cada uma. Após alguns instantes, iniciam-se as falas como uma resposta consensual. Zezé (idosa, vinculada à academia como professora de universidade pública) disse que está envolvida com os movimentos sociais há alguns anos e que acredita poder contribuir com o debate, pois há muito tempo estuda o fenômeno da violência contra as mulheres. Das Graças (idosa fundadora de uma associação de mulheres empresárias), se apresenta como uma recém-aposentada, e conta que todo seu envolvimento com movimento de mulheres se deu por audácia em desbravar o mundo empresarial feminino. Na sequência,

em sentido anti-horário da mesa, se apresentam Conceição (funcionária da segurança pública) que demarca sua posição cristã e Duda (jovem estudante de terapia ocupacional) que por sua vez acentua sua representação enquanto bissexual e negra, vinculada ao movimento estudantil. Me pego pensando quais posicionamentos sobre a violência esperar de cada mulher.

É chegada a minha vez e também me apresento, envergonhada por não estar vinculada a nenhum movimento e na timidez da minha juventude, com pouca experiência para debater nesses espaços. Outras mulheres se apresentam.

Ao final das apresentações Do Carmo retoma a palavra destacando a importância daquele encontro diante do crescimento no número de casos de mulheres violentadas, no número de feminicídios e das demais formas de violência. Ela relembra que as mulheres sempre estão submetidas a circunstâncias que as emperram de fazerem escolhas e destaca que só será possível vencer a violência através do feminismo.

Zezé, ambientada com o microfone, apresenta detalhes sobre os dados da violência contra as mulheres negras e afirma que eles refletem uma realidade vivida desde o Brasil colônia. Pergunta se todas sabem que existe uma fábula da democracia racial, marcadamente exemplificada pela expressão “todo mundo tem um pezinho na senzala”. Zezé conta que essa fábula vem sendo disseminada há anos, como se vivêssemos em harmonia racial, mas diz que na verdade o que ocorre é uma contínua exploração dos corpos negros, em especial das pretas brasileiras. Zezé conclui sua fala dizendo que qualquer ação planejada deverá ter um olhar especial sobre algumas populações, especialmente as negras e pobres que mais são acometidas.

Encorajada por essa fala, Duda expressa seu ponto de vista em relação as mulheres e jovens das periferias. Diz que, por experiência própria, sabe a dificuldade que as “minas” tem de se deslocar para chegar em BH, no horário que for, ainda mais se forem pessoas que não são filiadas à movimento. Propõe que sejam feitas ações mobilizadoras espalhadas pelo estado, não apenas concentradas na capital, atingindo também as pessoas que moram em cidades vizinhas, na região metropolitana.

Neste momento Das Graças se posiciona dizendo estar incomodada com as falas proferidas. Para ela, existem os recortes de raça/cor e classe que expõem mulheres a condições diferenciadas, mas considera que os problemas vividos por todas mulheres são similares. Exemplifica dizendo que existem mulheres empresárias que também apanham para valer, mesmo não sendo pobres e pretas. Portanto, a violência de gênero também atinge a elite de mulheres. Sugere que as ações para combater a violência mirem todas as mulheres, não apenas as de esquerda, ou as das periferias. Conclui dizendo que muitas vezes soa para ela

como se não nos preocupássemos com as outras mulheres e que não pode ser desqualificado o mérito de mulheres que venceram financeiramente por lutas próprias.

Zezé apazigua os discursos contraditórios dizendo que é preciso ouvir diferentes pontos de vista e que, costumeiramente, os discursos de esquerda dominam nos espaços de presença dos movimentos sociais, havendo inclusive preconceitos endereçados às mulheres de direita. E assim esclarece que, apesar do lugar de fala de Das Graças ser diferente do de muitas que ali estão, “na hora do vamos ver” podemos contar com ela. Zezé sabiamente diz que a sociedade não é feita só de gênero, a sociedade tem classe, raça, renda e por isso é preciso entender que em alguns momentos damos a mão a parceiras com posicionamentos ideológicos diferentes e em outros a gente solta a mão. Com aquela fala o clima se apazigua.

Zezé muda um pouco o rumo da prosa, nos convidando a exercitar uma visão ampla do fenômeno da violência e até das outras condições vividas pelas mulheres. Ela incita uma postura de autocrítica das políticas públicas construídas no Brasil, muitas delas com envolvimento de mulheres feministas, já que foram longos anos de governo de esquerda no país. Ela considera que as feministas de gestão, e se inclui nesse grupo, não conseguiram avançar muito e questiona se essas mulheres também não estão a serviço do patriarcado. Afirma que não quer servir ao patriarcado de jeito nenhum. Neste momento fico um pouco deslocada por ter me apresentado como representante do poder executivo, por estar diretamente envolvida com políticas públicas direcionadas à saúde, por não me vincular a partidos políticos, por participar da elaboração de políticas de um modo muitas vezes distante da população, das mulheres. Penso o que posso falar para justificar os dados ruins em um diagnóstico de saúde das mulheres, além da qualidade da assistência prestada pela Enfermagem em muitos casos. Queria poder me explicar, mas fui pega de surpresa, em um ambiente que é para mim familiar, com um dialeto distante do meu e em um movimento de pensamento que não era previamente calculado.

Percebo que Conceição também fica deslocada por ser funcionária pública. Ela muda um pouco o assunto da conversa, propondo que o tema central de ação do grupo gire em torno da paz, paz nas casas, o combate à violência doméstica, paz como sucesso, como tranquilidade, como felicidade, a paz de não ser violentada, nem ver os filhos serem mortos. Neste momento, Zezé nitidamente altera-se, de um modo enfático diz que a paz traz a ideia de posição conciliadora, o que não é uma estratégia boa sob o ponto de vista feminista e, em especial, no momento político vivido. Lê então o conto “Da Paz”, de Marcelino Juvêncio Freire, sob um silêncio total, olhares e clima de desconforto:

[...] Eu não sou da paz. Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não senhor. Não solto pomba nenhuma, não senhor. Não me venha me pedir para chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça. Uma desgraça! [...] A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Ela Fica lá ó, lá! Tá vendo? Um bando de gente dentro dessa fila demente. A paz é muito chata. Paz não fede nem cheira. Paz parece brincadeira, mas é coisa de criança. Tai uma coisa que eu não gosto, esperança. A paz é muito falsa. A paz é uma senhora que nunca olhou na minha cara. A paz não mora aqui no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue [...] (FREIRE, 2008).

O poema atinge a todas como um chute no peito. Fico pensando na complexidade do fenômeno da violência contra as mulheres e o que de fato pode ser feito para mudar esse cenário. Conceição humildemente tenta se explicar, está estarecida. No restante da reunião permanece em silêncio.

Duda menciona que pensar nas mulheres privadas de liberdade é um bom exemplo de que a paz não é um caminho adequado, afinal em nome da paz e da ordem social há o enclausuramento. Ela questiona que paz possuem as mulheres presas se não tem nem direito a momentos de prazer ou lazer. Conta que, como num rosário que nunca acaba elas escutam sem cessar: “sim senhora, mão pra trás, cabeça baixa; sim senhora, mão pra trás cabeça baixa”. Duda lembra ainda que o Sistema somos nós e narra uma frase emblemática de Audre Lorde (poeta feminista negra dos Estados Unidos): “os silêncios não me protegeram de nada e isso é o que mais me arrependo”.

A reunião continuou com encaminhamentos sobre data, local, formato, quem participaria da ação, entre outras definições. Eu fiquei retida, concentrada no meu eu. Fui para casa com borboletas no estômago, ou seria indigestão? Uma sensação de que a violência também pode me atingir, já atinge?! Por isso sou também parte dessa luta. As borboletas querem sair pela garganta, talvez ainda sejam larvas imaturas, o casulo ainda é rígido demais, me sinto no percurso de metamorfosear.

O fenômeno da violência (Trecho de texto de pesquisa):

À primeira vista, cacos da violência não podem gerar um retrato bonito, por isso muitas vezes se esquivam falar deles, do ato em si e do agressor. Melhor centrar-fogo no sujeito, na mulher-potência. Floreiam-se hipóteses sobre as causas e consequências, mas no corpo de quem vive a violência, de quem coloca o pé no chão, na terra que não é propriedade, pode haver muitas outras coisas, medos, pretensões. Fala-se da escada para sair do chão, do meio de superação da violência, elevar-se, agarrar-se no que é esperançoso, na paz, na imagem pura do céu. Agarra-se na perspectiva do feminismo, no que a história tem a ensinar sobre os fenômenos

sociais e políticos. Quem sobe a escada pode ter compassos diferentes, peculiaridades postas pela cor da pele, pela condição de liberdade, pelo local de moradia. No percurso da subida pode surgir medo, angústia, felicidade, vontade de alcançar algo maior ou apenas dormir uma noite sossegada. Ou será que o que importa é a escada? A estrutura de madeira, de ferro ou de granito. Qual o limite ao qual leva a escada? Parece linear, mas permite retornar alguns degraus, permite subir de costas, permite ser apoiada transversalmente no chão e brincar de amarelinha, ou ser usada de ponte para atravessar de um lado para o outro. Não há limites para a criatividade, e assim se conformam muitas possibilidades de caminhos. Interessante que uma escada para se sustentar precisa sempre de um apoio, que pode ser firme ou instável, um serviço, um profissional, uma escuta. Quem está ao lado enquanto se está no chão ou subindo/descendo a escada, no teti-a-teti? Quem sustenta a escada precisará se moldar caso surjam riscos de desestabilizar, dar um passo para trás, flexionar os joelhos, tendo firmeza, mas também flexibilidade, precisa se conhecer, saber seus limites, precisa também de cuidado.

Mosaico 2: O cuidado a partir de uma perspectiva feminista institucional

Para construção dessa cena foram utilizados textos de campo dos eventos 3, 4, 10, 12, 16 e 17 enumerados no Quadro 2.

Estamos em um ato público-institucional, vinculado aos poderes legislativo, executivo e judiciário do estado, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Estão presentes diversas mulheres que se envolvem com a causa feminista, se manifestam por meio de transição capilar (da química para a naturalidade, alisados para crespos/cachos e tingidos para brancos), vestimentas, adesivos, faixas, batuques. Algumas pessoas permanecem o tempo todo, como uma plateia, proferem frases, aplausos, cantos. Todavia, há também passantes que param para escutar e observar, algumas(ns) sentam, dançam, pedem espaço no microfone, pulverizam ideias novas e provocativas. Também estão presentes figuras públicas como deputadas(os), vereadoras(os), servidoras(es) públicas(os) e defensoras públicas. Noto que também havia homens e crianças, porém em menor número.

Percebo algumas feições de desagrado, endereçadas aos discursos carregados de afiliações feministas, ou por divergências políticas, ou mesmo por registrar presença no evento com a finalidade de cumprir tabela, afinal esse é um evento de visibilidade política, não há como não participar, até a Rede Globo está presente. O incomodo é maior diante de algumas falas, críticas referentes à necessidade de maior representação das mulheres na

política, a violência institucional vivida por legislaturas femininas e a necessidade de melhoria das políticas públicas direcionadas às mulheres.

Do Carmo cumprimenta as pessoas e faz algumas provocações: Bom dia às mulheres, homens se sintam contemplados. Ela questiona a baixa participação política das mulheres, mesmo sendo elas que representam o povo nas periferias, na figura das catequistas, professoras e lideranças comunitárias. Faça um paralelo com o cenário do trabalho em saúde: se somos nós mulheres que majoritariamente cuidamos da população, prestamos assistência à saúde, ocupamos os postos de trabalho, porque não temos o poder da caneta nas políticas públicas da saúde ou porque nossa presença coticiada não nos permite expressar nossas vozes?

Voltando a cena, percebo intensificação das feições e comentários de desagrado quando Zezé, em um momento do ato que homenageia Marielle Franco, relata que tal assassinato representa a não aceitação da ocupação dos espaços de poder por mulheres. Ela afirma que os homens eliminam as mulheres de várias formas, batendo, desqualificando, desconstruindo sua imagem pública, matando e ainda buscando justificar tais ações. Zezé diz que nenhuma mulher deve ser vítima de violência e que seria hipocrisia debater a violência doméstica e não falar em violência institucional, com a qual se convive diariamente nos cargos políticos, acadêmicos, de gestão e no campo profissional.

Acerca da representatividade política, Do Carmo demarca que nenhuma parlamentar chegou àquele posto sozinho, cada uma leva consigo muita gente que votou e confiou. Por isso pede que não as elejamos e deixemos sozinhas, achando que assim a tarefa está cumprida, simplesmente porque elegemos mulheres ativistas. Muito pelo contrário, a tarefa está apenas começando. Ela solicita que estejamos presentes todos os dias, junto com elas, com a bandeira, a pauta, a camisa e o *botom*.

Conceição muda um pouco o tom da discussão, mas há uma linha condutora atizada anteriormente. Ela questiona como o discurso feminista, tão comum para muitas mulheres presentes, alcança as outras mulheres, principalmente aquelas mais atingidas pelo patriarcado e pelo capitalismo, mulheres das periferias, em situação de vulnerabilidade. Ou seja, ela indaga o que os movimentos de mulheres tem feito por aquelas que não estão envolvidas neles e quais meios podem ser utilizados para atrair essas mulheres.

Também Duda afirma, utilizando como exemplo a incompreensão do termo feminicídio, que é importante massificar a fala dos movimentos, torná-la acessível. Duda quer saber da concretude das ações, o que tem sido trabalhado na vida das pessoas, das minas, das “manas”, no dia-a-dia do que é ser mulher, do que é viver mulher na sociedade brasileira.

O incomodo gera certo esvaziamento do espaço: os incomodados que se retirem. Quem precisava estar ali para marcar presença pode se ausentar, foi já está feito. A presença das(os) passantes ganha espaço. Observo as pessoas, brancas, pretas, pardas, moradoras de rua pedindo esmola, pessoas apressadas para chegarem ao trabalho, mulheres ambientadas com o centro da cidade e outras deslocadas, com o medo de circular no centro estampado no rosto.

O cheiro, os gritos de protesto, as cores e as músicas fazem pano de fundo para minhas recordações, são como adubo, terreno fértil para as reflexões:

[...] será que eles não ouvem os meus gritos? Meus choros, meus silêncios tão aflitos, me ajude por favor a pôr um fim...estou aqui.. não, eu não cai da escada, não, eu não sou desastrada, não... os muros nos separam tanto assim? Estou aqui... (mensagem em formato de música proferida no ato)

[...] elas estão chegando pelas portas e janelas, avenidas e vielas, elas estão chegando.. 2x (REFRÃO)// Chegando como o vento forte, chegando com vida e norte, chegando para questionar, chegando para mudar// Chegando sempre com docura, chegando para juntar as forças, chegando para encantar, chegando para alegrar... // Chegando para sarar as juntas, chegando para juntar as forças, chegando para construir, chegando para prosseguir..." (mensagem em formato de música proferida no ato).

As inquietações me fazem refletir sobre a translação do feminismo para dentro das instituições, o que me transporta virtualmente para uma cena vivida no meu cotidiano de trabalho.

Em dada ocasião minha chefe chamou a todos do setor para tirar uma foto na mostra intitulada: "Femicídio: Bordando a resistência" do Movimento Linhas do Horizonte. Esta ficou exposta no meu local de trabalho por duas semanas, por iniciativa minha e de algumas colegas. A foto seria um registro de que nos importamos com a pauta do feminicídio e por isso tínhamos nos organizado para que a exposição ocorresse. A primeira foto foi feita com a equipe sorrindo, até que nos atentamos para o fato de que os dados apresentados na exposição (nome e história de vida das mulheres que morreram por feminicídio no Brasil) não condiziam com semblantes alegres. Então alguns propuseram uma foto séria e Maria Vitória propôs uma atitude de estender o braço em punho serrado, simbolizando a luta. Me vi envergonhada em assim me manifestar, talvez porque de fato estaria dizendo "me filio com a militância feminista" e assim me mantive séria no registro fotográfico, com o braço junto ao corpo. Essas são coisas que se vive no íntimo, no *mix* de sentimentos que nos conformam enquanto sujeitos. Interessante perceber que poucas colegas se manifestaram com punho cerrado, e agora me lembro de ter esse sentimento de vergonha de me posicionar num espaço de grande circulação de pessoas. Apesar de acreditar no feminismo e me considerar feminista, me vejo buscando formas de justificar a participação nos movimentos, como se não pudesse participar se não houvesse uma justificativa plausível, uma demanda de trabalho ou de estudo. Ranços que permanecem e representam limitações para o fortalecimento do feminismo institucional, tão necessário.

As atividades do ato retomam minha atenção. Duda convoca a todos a participarem de uma estratégia que seu coletivo iniciou, preocupado com as periferias. São rodas de conversa nas escolas para tratar, em uma linguagem simples, de temas como: autocuidado, assédio, beleza negra, violência, direitos humanos, meio ambiente e elaboração de currículo. Duda fala que o projeto pode crescer, extravasando o público jovem, atingindo também mulheres da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e população de rua, mas para isso convoca parcerias, diz depender da disponibilidade de um número maior de pessoas. Duda explica que quando o foco é a juventude as escolas e o ambiente acadêmico merecem destaque, pois são os meios pelos quais as jovens acessam o feminismo. Lembra também que a ampliação do feminismo na atualidade está relacionada à visibilidade das redes sociais, onde os coletivos encontram abertura para postar posicionamentos e convidar pessoas para discutir pautas.

Em um tom saudosista, Vitória elogia os projetos produzidos nas comunidades. Na sequência, do seu ponto de vista, apresenta o contexto da atuação feminista na construção de políticas públicas. Ela faz uma avaliação da sua atuação como militante na gestão pública, marcada por grandes esforços, mas também empecilhos para avançar. Diz que é uma mulher preta e favelada, que se inseriu na gestão com muitos sonhos e energia e junto com algumas companheiras, mas foi sendo formatada no meio do caminho, sem, porém, abandonar a militância, as comunidades, sem deixar de fazer as atividades de formação, sempre orientada pela perspectiva dos movimentos sociais.

Fico lembrando que no meu caso, diferente de Vitória, o caminho tem sido inverso. Minha inserção nos movimentos iniciou posteriormente à graduação, quando já trabalhava na construção de políticas públicas, possivelmente influenciada pelo contexto de universidade pública ao qual me inseri. Lembro-me de uma situação vivida do cotidiano com implicação do pensamento crítico desenvolvido na convivência com e pelo estudo acerca dos movimentos sociais:

Em um evento do trabalho senti uma grande necessidade de dizer algo acerca do assunto que vinha sendo discutido. Apesar de estarmos em um espaço grande, com cerca de 200 pessoas e com a necessidade de utilização de microfone, o conteúdo a abordar seria algo da rotina de trabalho, um discurso confortável por ser habitual. Mesmo diante destas condições durante e após minha fala senti calafrio, palpitação, nervosismo, o que é comum nessas situações. Sentia uma necessidade de dar um basta ao meu sistema nervoso involuntário. Fiquei me perguntando sobre o porquê de haver essa dificuldade tão grande de falar em público, apesar de estar em vias de me formar enquanto docente. Eis que algumas respostas me surgem, como num estalo, num processo de autocrítica. Muitas vezes considero que o que tenho para falar não é importante e acabo ficando insegura ou agindo apressadamente. O que tenho ouvido nos espaços feministas em relação à necessidade e dificuldade das mulheres ocuparem espaços de poder é, portanto, também uma realidade vivida por mim. Será que não há relação entre essa dificuldade de falar em público e o fato de que historicamente fui estimulada a “engolir” aquilo que queria dizer porque os outros (em um domínio machista e mesmo geracional do discurso) consideravam que eu não teria nada de importante para dizer?

A certa hora do evento o caráter institucional foi se esvaindo, e o caráter público crescendo, junto com a ocupação da rua, a desmontagem de estruturas formais, o abandono das cadeiras, o aquecimento de blocos de samba, o surgimento de passinhos e a chegada de frentes conduzidas por lideranças. Com isso a diversidade de feminismos ficava mais aparente, diversidade de pautas. Até que num momento do ato, três frentes de movimentos se encontraram, cada qual vindo de suas bases locais e trazendo bandeiras, faixas, varais, instrumentos, músicas selecionadas, roupas, pinturas no corpo, adesivos, adereços de carnaval, pernas de pau, instrumentos de conotação dúbia: luta e festa. Ocorria a unificação, precedida pela redação de um manifesto comum que ali seria lido, um texto com veias cidadãs, políticas, culturais e educacionais. Também havia um coro comum: “Uma manhã, eu acordei/ E ecoava: ele não, ele não, não, não/ Uma manhã, eu acordei E lutei contra um opressor/ Somos mulheres, a resistência De um Brasil sem fascismo e sem horror/ Vamos à luta, pra derrotar O ódio e pregar o amor (2x)...”

Imagem 2: Registro fotográfico de chegada de frente feminista em ato público do dia Internacional da Mulher, 2020



Fonte: imagem obtida pela pesquisadora em espaço público

Tão interessante ver um ato ser conduzido por mulheres, pacificamente, aliado a manifestações culturais, sem necessidade de nenhuma intervenção policial, nem mesmo demarcando a rua. Algo no mínimo inesperado para mim, uma vez que os atos públicos são difundidos como perigosos e que necessitam de intervenção para contê-los:

Imagem 3 – Registro fotográfico de ato público do dia Internacional da Mulher, 2020



Fonte: imagem obtida pela pesquisadora em espaço público

Não sei precisar o que ocorreu depois daquele momento, sei que me sentia confortável, nem um pouco assustada com o diferente, deslumbrada com a força das mulheres. Tenho percebido que as mulheres que pertencem aos movimentos têm preocupações estéticas, religiosas, tem famílias, são normais. O sentimento é de que apesar da minha branquitude e de ser de classe média eu também posso ser acolhida e posso falar. Noto que tenho exercido a militância a favor dos direitos e da dignidade das mulheres de modo institucionalizado e também em aspectos da vida pessoal, ainda que a passos curtos. Vejo-me tocando em assuntos afins cotidianamente, enfrentando pessoas e *tabus* que antes eram improváveis, conduzindo aqueles que me rodeiam a repensarem ideologias e atitudes, defendendo políticas de saúde mais ampliadas, não apenas restritas aos aspectos reprodutivos da mulher, repensando os vários privilégios que possuo, questionando o sistema social e político que vivemos.

Costumeiramente me sinto angustiada com as perspectivas (ou a falta delas), especialmente no contexto político brasileiro, e pelo que vivemos e viveremos durante e pós-pandemia, uma crise de saúde, mas também social e política. Converso com pessoas mais experientes que me ajudam a entender bases históricas, conceituais e teóricas sobre o que é democracia, regimes de governo e mesmo a ditadura, a restrição mais explícita da liberdade.

Para minha geração a ditadura é uma utopia e ao mesmo tempo a democracia é tão real que não valorizamos, não imaginamos o que seria viver sem ela. Talvez aí possa estar um dos motivos pelos quais somos tão neutras(os) nas instituições em que estamos vinculados. O Agora pede posicionamento, os efeitos da oposição ideológica são ainda mais pesados sobre as tantas vidas que não importam.

O feminismo nos espaços institucionais (Trecho de texto de pesquisa):

Ato público ou institucional? Pés no chão ou voando? As duas coisas ao mesmo tempo. Há uma visão panorâmica da polis, no sentido platônico de refletir sobre a potencialidade das virtudes individuais para a realização de uma coletividade cidadã e política, preocupada com direitos e deveres. Mas é preciso extravasar o limite da contemplação e as barreiras físicas, ir além de uma casa, um bairro, um eu, um movimento, uma teoria. Gerar concretude. Entre sair do chão e olhar a polis podem ser necessários anos e encontros muitos; para voltar ao chão novamente mais alguns tempos. O que dizer do tempo despendido para se interessar pelas pautas das mulheres? Ir ao público... É preciso estar disposto a ser afetado, abandonar algumas racionalidades impostas, se dedicar a ouvir, deixar-se impregnar pela tipicidade ou imprevisibilidade dos movimentos. A altura não amedronta quando se olha adiante, mas o frio na barriga retorna quando olhamos para a realidade que precisa ser mudada. E assim vamos seguindo: olhando adiante e abaixo alternadamente, ora nômade ora sedentário.

Mosaico 3: O cuidado em saúde e de Enfermagem diante da perspectiva feminista

Para construção dessa cena foram utilizados textos de campo dos eventos 1, 10, 12, 13, 15 e 16 enumerados no Quadro 2.

Após uma cascata de vivências mobilizadoras (diria até perturbadoras) junto aos movimentos de mulheres, passei dias digerindo as provocações, me colocando a pensar nos espaços institucionais e nas relações estabelecidas no trabalho. Remoía situações em que as questões feministas eram tomadas como secundárias e chegava à conclusão de haver desinformação em relação ao que de fato representa essa perspectiva de mundo e o quanto a questão de gênero, como outros marcadores da diferença, influem na saúde. Assim me sentia obrigada a colocar em pauta essa discussão no trabalho, sem parecer insistente demais, em um formato diferente do que tinha experimentado até ali. Emergiu uma possibilidade de ação para responder meus anseios, que fortalecesse tanto o discurso feminista em construção em meu

corpo quanto no ambiente de trabalho. Seria uma roda de conversa com trabalhadoras do SUS sobre papel social e práticas de saúde. Sinto, porém, que precisarei somar forças. Pois bem, busco apoio de Vitória e materializamos juntas as ideias, o *layout* do convite e as provocações para condução da roda (A perspectiva de gênero é uma onda passageira dos tempos atuais? Como ela afeta nossas formas de ofertar saúde? Como seria se nossa história fosse marcada por uma sociedade matriarcal? Adotar a perspectiva de gênero na saúde é uma opção, uma demanda, uma potencialidade ou uma dificuldade?).

É chegado o dia e horário agendados. Será que alguém vai aparecer? Para não haver uma perda por WO garantimos a presença das colegas mais próximas, mais por consideração a nossa amizade que por interesse na pauta. Também convidamos uma mulher indígena a estar conosco, dividindo um pouco da sua história e experiência com os cuidados em saúde. Para nossa surpresa comparecem 15 trabalhadoras e um trabalhador, um bom número perto do que esperávamos, um baixo quantitativo perto da quantidade de pessoas que ali trabalham.

Após conversas preliminares, Maria Flor (mulher indígena que adotara este nome desde que se mudara para a capital) se apresenta dizendo qual sua origem, há quanto tempo mora no meio urbano e o tamanho da sua responsabilidade em representar uma diversidade de povos. Fisicamente também há uma apresentação: na cabeça um cocar, no rosto e braços pinturas e no corpo vestimentas típicas da população indígena. Flor replica um rito indígena, preparando um sapó (mistura de guaraná e água) na cuia para que todos possam beber. Explica que o rito é usual em sua cultura, em momentos prévios a grandes acontecimentos, como lutas ou reuniões. Flor diz que é como um sinal de conexão entre as pessoas, no sentido de que “somos todos irmãos, lutamos a mesma luta e por isso tomamos na mesma cuia”. Assim oferece a bebida a todas e contraindica para gestantes presentes. A cuia vai passando de mão em mão e as pessoas, em sua maioria, compartilhando a bebida, meio que embaladas umas pelas outras.

Enquanto o rito ocorria, Flor conta um pouco dos costumes de sua comunidade, o sentimento de irmandade que paira entre os povos e alerta para o projeto de genocídio e de enfraquecimento da luta dos povos indígenas em curso no país. Relata ainda que, há mais de uma década, pariu no meio urbano e que nesse processo se viu na fronteira entre o parir tradicional indígena e o parir da cidade. Enquanto as parturientes nas aldeias possuem sempre uma rede de apoio, ao parir na cidade se sentiu desamparada, viveu situações de desrespeito e falta de reciprocidade. Nessa vivência os profissionais da saúde tomaram atitudes diante das próprias expectativas em relação ao parto de uma índia. Exemplifica contando que a induziram a parir de cócoras, quando não se sentia preparada. Naquele momento se sentiu

como um “parto show em hospital público”. Faz também uma menção a expressão comumente utilizada para encorajar as mulheres a terem um parto natural: “parir não é só coisa de índio”. E assim afirma que se sente profundamente incomodada com tais atitudes que desqualificam o modo de parir indígena.

Noto que as pessoas presentes estão atentas e admiradas. Surgem relatos de que antes desse encontro muitas trabalhadoras não tinham experimentado nenhum contato com mulheres indígenas.

Comento que conceitualmente denominamos esse tipo de acontecimento como violência obstétrica, e que atos como este se distanciam das redes potentes que tem se construído em torno da humanização do parto, movimento que estimula a ocorrência de partos respeitosos, com envolvimento da família, em ambientes de conforto e marcados por histórias de ressignificação de mulheres.

Maria Aparecida (profissional da Enfermagem com inserção em conselho de classe e conselho de saúde) conta que a violência institucional, dentro dos serviços de saúde, é mais comum do que imaginamos ou queremos imaginar. Relata que nos longos anos que atuou na assistência viu por diversas vezes ser ofertado tratamento diferenciado a quem paga ou não, aos clientes do SUS, em oposição aos clientes privados/conveniados.

De modo interessante, aquelas que trabalham na produção de políticas de saúde presentes na roda, concordam e reconhecem que em diversos espaços e situações os profissionais da saúde não adotam posturas orientadas pela perspectiva de gênero: “a gente não facilita nada para a outra mulher, a gente dificulta”. Vitória diz que lidamos com mulheres que não conhecem seu corpo, que foram educadas em um processo de repressão, que pensam que o corpo é sujo e que deve permanecer escondido. Há um dissenso, pois é justamente esse o perfil de mulheres que estimulamos a realizar o exame preventivo do colo do útero, invasivo em termos de privacidade, e adotando uma linguagem masculina, porque enxergamos os pacientes e não as pacientes. Aparecida conclama a pensar no que pode ser feito, em termos de políticas de saúde, para que as mulheres tenham espaços onde possam falar da vida sofrida que tem, pensando na saúde e não na doença.

Maria Rosa (jovem trabalhadora do SUS em função de serviços gerais, moradora de uma ocupação antiga da capital) se emociona e com um discurso simples e profundo, que carrega consigo toda uma comunidade, provoca tanto quem apresenta vinculação com a academia quanto com a assistência/gestão. Rosa faz um apelo de respeito às comunidades da periferia, diz que elas não estão à espera de serem estudadas ou ouvidas, que as mulheres que lá vivem precisam de ações concretas, políticas efetivas. Ela pergunta se sabemos o que elas

fazem na periferia. Diz que cozinham a última medida do arroz e escolhem entre o remédio para as dores do corpo e o lápis dos filhos. Solicita que ao entrar na comunidade peçamos licença por estar entrando na vida das mulheres, uma vida baseada em abreviações do nome do trabalho acadêmico de muita gente, conclama para que sejamos gratas pelo diploma ou cargo político que carregamos, pela comida quente, o banheiro limpo e outras facilidades da vida. Rosa pede que dessem as mãos de verdade às comunidades, que nos esforcemos para entregar a elas o que é de direito.

Nesse ponto Aparecida, com uma vasta bagagem do controle social, conta um pouco do que têm aprendido convivendo nesse âmbito do SUS, juntamente com usuários, outros trabalhadores, prestadores e gestores. Ela diz que a inclusão de mais financiamento no SUS não garante seu pleno funcionamento e sim o controle social efetivo, vigilante. Exemplifica perguntando se já reparamos que é mais fácil fazer uma sessão de quimioterapia que uma coleta de citopatológico. Questiona quais modelos de gestão e de atenção nós defendemos. Assim, convoca o envolvimento com a democracia, dizendo que não podemos perder a oportunidade de fazer democracia, o tempo todo. Destaca que não está colocando o controle social num pedestal de perfeição, pelo contrário, é preciso avaliar o quanto somos representados por quem ocupa as cadeiras, é preciso aprender a sacrificar a individualidade pela coletividade e compreender que a obediência é contrária à democracia.

Linkando as experiências relatadas com as ideias centrais da roda, digo que é fundamental que tenhamos ações voltadas para intervir no modo como ofertamos atenção à saúde para mulheres, no microespaço, entendendo que somos mulheres cuidando de outras mulheres. Menciono que a Enfermagem precisa se posicionar mais, ser menos obediente. Questiono se já repararam que historicamente nós extravasamos o ambiente privado, mas pouco ocupamos efetivamente os espaços públicos, enquanto mulheres. Parece que estamos apenas replicando os olhares e atitudes machistas nos espaços que ocupamos.

Sinto no ar um misto de sentimentos: consciência da necessidade de envolvimento na luta democrática por um SUS melhor e medo de se inserir nessa seara política. Vitoria relata que, costumeiramente, como trabalhadoras do SUS, somos desaconselhadas de tomar partido em decisões políticas e de ocupar locais de poder. Escondemos-nos por detrás do discurso de que nos compete o papel assistencial e técnico e às nossas chefias ou representantes o papel político e partidário.

Àquela altura da roda nos lembramos de olhar o relógio e o adiantar da hora nos assusta. Aproxima-se o horário de almoço e o assunto está longe de ser esgotado. Para não comprometer os próximos encontros e cumprir com o protocolar Vitória vai dando

encerramento na roda. Ela diz que trabalhar por um SUS melhor é trabalhar para nós também, assim como o feminismo que é um projeto que vai transformar a vida das mulheres e da sociedade inteira. Por isso afirma que cabe falar de povo e de nossas vidas, projeto de sociedade, governo de SUS. “Nós somos povo, nós somos mulheres”.

Peço que as participantes avaliem rapidamente como foi aquele momento. A roda é apontada como um importante espaço para pensadoras de políticas públicas, na percepção de que temos um meio social onde convivemos e de que vive-se uma luta diária ao pensar na outra e na gente. Sugerem que o grupo continue se reunindo.

Por fim, Vitória conduz um ato comum na militância de mulheres. Naquele dia completava um ano do falecimento de Marielle Franco. Ela diz ser uma coincidência providencial, porque era isso que Marielle queria e pelo que ela lutava: para que cada vez mais as mulheres se unissem e reivindicassem os seus direitos. Vitória esclarece que nos costumes dos movimentos sociais, de modo a manter uma pessoa viva na memória, faz-se um tipo de homenagem da seguinte forma: alguém fala “aos nossos mortos nenhum minuto de silêncio, mas uma vida inteira de luta” e chama o nome da pessoa homenageada por três vezes, enquanto as pessoas respondem “presente”. E assim se manifesta o grupo, finalizando com aplausos.

Surreal perceber que essa cena ocorreu dentro da estrutura formal da gestão da saúde, em horário de trabalho e com grande envolvimento das pessoas participantes. A roda proporcionou que as trabalhadoras da saúde se aproximassem do feminismo, quebrassem alguns *tabus* em relação ao movimento social e ainda vivessem uma experiência própria dos movimentos. Corrijo algumas percepções anteriores a essa experiência: temos outras trabalhadoras com a percepção de que ser feminista para quem trabalha na saúde não é uma escolha, é a opção possível e necessária. Talvez elas só estivessem alienadas com o trabalho, ou isoladas. É importante reconhecer os elos de uma rede a se formar.

O cuidado em uma perspectiva feminista (Trecho de texto de pesquisa)

Há sempre uma fronteira e transpassá-la pode ser coisa de um passo, dado por um corpo. Do lado de cá nuvens de um mundo irreal, desenhado; do lado de lá a liberdade, mas por outro ângulo o caos. Reparar o mundo de fora pode ser um bom começo. Olhar às pessoas, escutá-las. Mas além de olhar o vendaval, se está pronta para encará-lo? É preciso estar a postos, com as ferramentas que serão necessárias, as críticas existirão, o sol, a chuva. Há uma estrutura de casa ou igreja no caminho, que pode servir de ponto de apoio para aguardar a tempestade passar, mas se não passar até quando permanecer por ali? A escolha é

um abandono da neutralidade. Se a escolha for de permanecer, poderão permanecer práticas desrespeitosas e ações de enquadramento de populações.

O impulso por querer ir parece maior quando se entende o papel social, quando se entende que não se está só, quando se entende a necessidade própria e das pessoas. A Enfermagem se profissionalizou a partir de uma prática religiosa antiga, daí permanecem algumas heranças, o que dizer da obediência para uma freira? Porém a Enfermagem não se resume a esse quesito. A cor muitas vezes não é visibilizada, no Brasil é negra. Uma mulher negra nos remete tantas coisas. A persistência de lutas históricas e cotidianas, de um trabalho que se consome em ato, de um cuidado diário e educativo, das negociações infindáveis, a persistência pela democracia. Não há problema em exercer atividades consideradas domésticas, limpar feridas, trocar fraldas, dar banho. É preciso aliar o fazer a reflexão, a crítica, aos estudos, a cientificidade. Mas cuidado, pode haver novas racionalidades impostas pela ciência em desenvolvimento. Tudo é perigoso.

5.2 Narrativas de mulheres-enfermeiras com inserção em movimentos sociais

No segundo momento de pesquisa, foram realizadas seis entrevistas, com duração média de 1h23min. Sobre o perfil das participantes elas possuem idade média de 44 anos (três de 30-40 anos, uma de 40-50 anos e duas com mais de 50 anos), se graduaram em universidades públicas brasileiras há 17 anos (média), quatro delas possuem formação *stricto sensu* e uma delas possui pós-graduação *lato sensu*. Sobre a naturalidade, metade é proveniente do sudeste do país, duas do nordeste e uma do Norte do país. Elas atuam na docência, assistência à saúde ou no legislativo e se vinculam a sindicatos, partidos políticos e/ou movimentos sociais/coletivos. Nem sempre as participantes relataram vinculação a movimentos de mulheres ou feministas propriamente ditos. Entretanto, na narrativa de todas elas, foi encontrado engajamento em pautas que podem ser consideradas feministas, já que visam à superação da subordinação e opressão femininas.

Durante a negociação para que ocorressem as entrevistas, as participantes mencionavam diversas informações de meu interesse, de modo que os textos de campo são importantes materiais para tais registros. Visando reduzir as perdas, ao iniciar a gravação comumente tentava recapitular algumas informações já mencionadas. Frequentemente após a primeira questão exmanente, as participantes silenciavam em ato de reflexão, ou recapitulavam sobre qual percurso de fala seguiriam. Mas apesar de traçar caminhos, ao longo da entrevista as narrativas tomavam rumos diversos, passando por episódios que escolhiam relatar. No subcapítulo a seguir apresento informações singulares sobre a condução de cada entrevista.

5.2.1 Ocupação do intervalo entre histórias: singularidade de cada narrativa

Maria:

Entrevista que ocorreu em um espaço da universidade, inicialmente com certa formalidade, mas no transcorrer da entrevista ganhou naturalidade. Por ser a primeira, fiz muitas intervenções e explicações sobre a pesquisa o que pode ter acarretado em uma busca constante pela participante em responder pressupostos da pesquisa. Mesmo quando a questão exmanente era “Como você enxerga na atualidade os movimentos sociais de lutas feministas?”, havia uma intenção de demonstrar o modo como se dá a participação da enfermagem e de enfermeiras em movimentos sociais. Sobre a interlocução entre nós, Maria buscou uma aproximação por meio de citação de assuntos afins, contando experiências do próprio mestrado/doutorado, divulgando informações do meio acadêmico, como a vigência de

processo de seleção de professores, dando conselhos sobre o trabalho na gestão da saúde e se mantendo em prontidão.

Essa entrevista contribuiu para a identificação de outras participantes, para uma visão aprofundada sobre movimento estudantil e sobre a relação do feminismo e participação social com o cenário da academia e da graduação. Foi encontrada tensão narrativa na tratativa de espaços formais de organização da profissão e espaços vinculados a partidos políticos.

Mira:

Identificação da participante em um evento científico, quando percebi aspectos de seu discurso e apresentação compatíveis com perfil buscado para a pesquisa. A entrevista foi realizada durante o almoço, o que possibilitou fluidez da conversa. A entrevista foi intensa, repleta de episódios que foram sendo linkados pela participante de modo que, em alguns momentos, precisei intervir com questões exmanentes, tentando voltar o foco da entrevista. Noto que a motivação para participar da pesquisa parecia ser o prazer de compartilhar algumas das histórias vividas em espaços de participação social. Noto tensão narrativa (momentos interrompidos nos episódios e pouco explorados) em relação a ícones e entidades representativas da Enfermagem.

Essa entrevista contribuiu, especialmente, para debates sobre o cuidado na enfermagem em uma perspectiva política, com posições situadas em prática, perpassados por embates com diferentes pessoas e preocupação em produzir mudanças das estruturas existentes.

Ivone:

Participante encontrada por diversas vezes durante observação-participante em campo, mas sem que eu soubesse que era enfermeira. Primeira entrevista realizada por via remota e apresentando, portanto, algumas características típicas deste formato de coleta de dados, dos quais destaco a dificuldade em identificar, para fazer intervenções, os momentos de interrupção da narração, dado o *delay* da mídia. Ao longo da entrevista a principal ponte de interlocução entre nós foi o engajamento acadêmico, de modo que três dos 11 episódios encontrados na narrativa foram vinculados à vida acadêmica.

Na transcrição noto que utilizei muitas questões imanentes, pois existiam aspectos da narrativa nos quais considerava importante me aprofundar: o que era a executiva de curso, diferença dos movimentos de engajamento antes e depois da inserção em curso superior, resistências vividas no trabalho e desvalorização da enfermagem como motivação para

inserção em movimentos sociais. Por este caráter de muitas intervenções, a entrevista conformou-se mais como exploratória do que narrativa.

A entrevista com Ivone contribuiu para discussões sobre a perspectiva feminista influenciando no *modus operandi* de trabalho, porque a participante detalha sobre o percurso de trabalho nos diversos cenários em que esteve. Ademais, em diversos momentos, Ivone faz menção à relação trabalho e gênero, divisão sexual do trabalho, ocupação do ambiente público e doméstico por mulheres. Mas, apesar dessa recorrência, identifico certa tensão acerca das relações com movimentos de pautas relativas à categoria profissional. Noto que há muitas interfaces com a narrativa de Maria. Uma marca desta entrevista é a percepção da universidade como local de expansão de horizonte, de virada de vida.

Nora:

Entrevista que ocorreu presencialmente por pedido da participante, mesmo em meio à pandemia, todavia respeitando limites na interação, de modo a preservar medidas de segurança. A entrevista foi realizada no local de trabalho e foi encerrada por força maior – horário de fechamento do serviço de saúde.

No início da entrevista Nora apresentou espanto em relação a meu desejo em conhecer sua história/vida. Nesse momento negociou quais informações apresentaria, propondo um recorte na enfermagem, mas ao mesmo tempo mencionando fatos sobre a vida pessoal.

Essa entrevista possui aspectos antes não explorados, em especial críticas sobre as condições de trabalho da enfermagem, uma classe trabalhadora, e sobre aspectos geracionais do feminismo. Identifico tensões da narrativa em relação ao trabalho, a questões partidárias e a inserção de homens na enfermagem. Noto relações com as narrativas de Maria e Ivone.

No momento de indicação das próximas participantes é interessante considerar pontuações realizadas acerca das diferenças geracionais entre feministas. Ademais, Nora indicou fortemente que incluíssemos na pesquisa enfermeiras negras, em especial que tivessem a causa do movimento negro como norte de atuação.

Mary:

Participante incluída pelo anseio em possuir representação de alguém que seja de outra geração da enfermagem. Utiliza constantemente gírias e dialetos da juventude. A entrevista ocorreu por meio remoto, dividida em dois momentos, sendo de longa duração (na somatória 2h47min). A conexão ficou ruim em momentos da entrevista, quando a interação visual foi prejudicada. A entrevista possui forte característica de narrativa (18 episódios foram

encontrados). Utilizei apenas duas questões iminentes, uma sobre engajamento em um coletivo específico; e outra acerca de motivadores para silenciamento diante de situações do ensino.

A interlocução pesquisadora-participante se deu em torno do ambiente acadêmico e de pesquisa. Mary deposita expectativa na pesquisa para: valorização de espaços de participação social e avanços necessários para a enfermagem e a prática em saúde, pelo apoio de referenciais (legitimadores). Noto, porém, uma demarcação da diferença entre nós pelo meu estado de não pertencimento a movimento estudantil e adoção de uma posição aconselhadora pela participante.

A entrevista contribuiu para perceber nuances das relações de poder e subjetivação de quem participa de movimentos sociais, em especial o contexto do movimento estudantil, as relações com docentes e com outras pessoas dos movimentos. Cerca de 70% dos episódios se relacionavam com atividades ocorridas pelo envolvimento no movimento estudantil.

Na entrevista há um caráter costante de humor/sarcasmo, encontrado em episódios paralelos, ou mesmo como solução dada para ações complicadoras de alguns episódios. Destaca-se que é como se a resistência em alguns momentos ocorresse por uma piada, o relato de uma situação engraçada ou menção a algum “meme”. Sobre tensões da narrativa, foram narrados, com interdições, episódios de conflitos internos aos movimentos sociais, com o ápice de uma acusação de comportamento opressor. Além disso, há raridade no tratamento da relação entre enfermagem e feminismo no contexto da formação.

Edma:

Entrevistada foi indicada por Nora e incluída pelo anseio em possuir representação de alguém com vinculação político-partidária e que fosse uma representação negra. Nesse sentido, noto em algumas falas leituras de desigualdades raciais, porém não demonstrou afinco no envolvimento em pautas do movimento negro.

Entrevista conduzida de modo remoto e com aspecto mais exploratório que narrativo, ainda assim identifiquei 12 episódios. Há um forte caráter de provocação, um uso do discurso enquanto possibilidade, o discurso mobilizador do engajamento político da enfermagem. Nesse sentido, muitas vezes fui provocada.

Precisei utilizar três questões iminentes, para explorar mais sobre como lida com o fato de sua família não possuir uma cultura de envolvimento político, sobre o envolvimento nas pautas de valorização da enfermagem e a virada de envolvimento também em outras pautas.

A interlocução pesquisadora-participante se estabeleceu principalmente em torno do assunto de pesquisas na enfermagem. Por ser figura pública, possuía expectativas de formalidade, mas Edma concordou com uma condução da entrevista com características de informalidade. A participante demonstrou, por diversas vezes, preocupação em ter se emocionado durante a entrevista, pedindo desculpas pelo choro.

Destaco suas contribuições em torno de uma forma de engajamento social antes pouco explorada – a sindical – e contribuições para o entendimento do envolvimento em pautas de valorização da enfermagem e de reconhecimento enquanto classe profissional. Apenas em dois episódios há elementos da vida pessoal, os demais são todos vinculados ao contexto de engajamento político em pautas ligadas ao ensino ou trabalho da Enfermagem. Em muitos momentos da entrevista é criada uma dualidade entre interesses e articulações de enfermeiras e médicos. A entrevista contribuiu também para o entendimento das relações de poder/saber e subjetivações no contexto sindical e parlamentar.

Foi encontrada tensão discursiva em relação às expectativas geradas em torno de si, enquanto representação política, para devolutivas à Enfermagem.

O Quadro 3 abaixo apresenta uma síntese dos aspectos da análise singular de cada narrativa.

Quadro 3: Aspectos singulares de cada narrativa. Belo Horizonte, MG, Brasil, 2020.

	Espaços/ movimentos aos quais se vincula	Condições de produção dos encontros*	Coerências internas[†]	Tensões internas[‡]
Maria	Movimento sindicalista	Presencial em ambiente formal da universidade; indicada por pessoas do campo.	Participação social e a academia; representação social da enfermagem	Envolvimento partidário e com espaços formais de organização da profissão
Mira	Partido político e movimentos relacionados à terra e aos povos	Presencial em ambiente informal; identificada durante um evento; interrompida por compromisso da participante.	Cuidado político na enfermagem, posições situadas em prática, embates com diferentes pessoas	Ícones e entidades representativas da Enfermagem

	Espaços/ movimentos aos quais se vincula	Condições de produção dos encontros*	Coerências internas†	Tensões internas‡
Ivone	Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e partido político	Remoto; identificada em eventos e indicada por outras participantes; caráter mais exploratório que narrativo	Embates no trabalho; amarras atreladas à vinculação com a igreja; divisão sexual do trabalho	Movimentos/pautas da categoria profissional
Nora	MMM, coletivos musicais, virtuais e de categoria profissional.	Presencial em local de trabalho; indicada por outra entrevistada; Interrompida por fechamento do serviço.	Condições de trabalho e relações de gênero.	Espaços formais de organização da profissão.
Mary	Espaço de defesa da democracia, dos direitos sociais e da saúde, Frente contra tercerização, grupo de estudos decoloniais, partido político.	Remoto; incluída pelo interesse em geração mais jovem; conduzida em dois momentos e por vezes com problemas de conexão	Nuances da participação em movimentos estudantis, comum tom de irônia/ sarcasmo nos relatos.	Conflitos internos nos movimentos sociais, acusação de atitude opressora; enfermagem e feminismo.
Edma	Comissões de mulheres, saúde, trabalho, transporte e direitos humanos no legislativo	Remoto; indicada por outra entrevistada, tom constantemente debatedor e provocador.	A enfermagem está inerte, fragmentada, não percebe a importância e não se organiza como categoria; A medicina possui uma organização diferenciada.	A pressão sofrida por representar politicamente a enfermagem, mas que sozinha não consegue avançar com algumas pautas

Fonte: quadro elaborado pela autora

Nota: *local/meio de encontro; modo de identificação da participante; aspectos relativos à entrevista; †aspectos retratados com fluidez nas narrativas, para os quais se dedica maior número de episódios e detalhes, incluindo principais personagens narrados; ‡aspectos relacionados a impasse ou dificuldade de narração (raridade ou interdição no discurso).

5.2.2 *Interseções entre a vida e o trabalho: caminhos e saídas nos movimentos sociais*

Ao analisar cada entrevista, uma das etapas foi a análise estrutural dos episódios, o que gerou um registro de resumo, ação complicadora, avaliação, solução e coda para cada episódio e separado por entrevista. De posse desse material e, com o objetivo de produzir uma narrativa coletiva, construí uma matriz analítica com os resumos dos episódios de cada objeto de estudo, dividindo-os nos seguintes núcleos argumentativos:

1. A participação nos movimentos sociais e a relação com a vida pessoal;
2. A participação nos movimentos sociais e a relação com a prática como enfermeira;e
3. A participação nos movimentos sociais e a relação com a profissão de enfermagem.

De posse dessa matriz analítica realizei uma análise transversal dos núcleos, buscando construir narrativas coletivas de cada um. Observei os núcleos mais desenvolvidos em cada entrevista, os contextos mais comuns e as entrevistas que se destacaram em cada núcleo, tendo iniciado a construção da narrativa coletiva deste pelo enredo do episódio desta entrevista que se destacou. Após definida a temporalidade ou cena mais comum, aquela que seria tratada, fui complementando com episódios e falas de outras entrevistas.

Durante a fabricação da narrativa coletiva, me veio o desejo de produzir tirinhas de Histórias em Quadrinhos (HQs). Este fato esteve vinculado ao interesse em difundir os dados produzidos na pesquisa. As HQs são um gênero textual popular, especialmente entre jovens e adultos, consistindo em desenhos e falas apresentados em sequência lógica, o que dá dinâmica e movimentação a uma história ou ideia que se deseja produzir. Seu potencial é também reconhecido do ponto de vista pedagógico e informativo no campo da promoção e educação em saúde, com destaque para seu uso em questões ditas como delicadas. Uma revisão de literatura demonstrou que pelo uso de HQs, mesmo conceitos complexos e técnicos, podem ser assimilados por pessoas leigas. São apontados ganhos tanto para quem lê as HQs quanto para aqueles que a produzem, do ponto de vista de abstração do conhecimento científico (PRADO; SOUSA JR; PIRES, 2017).

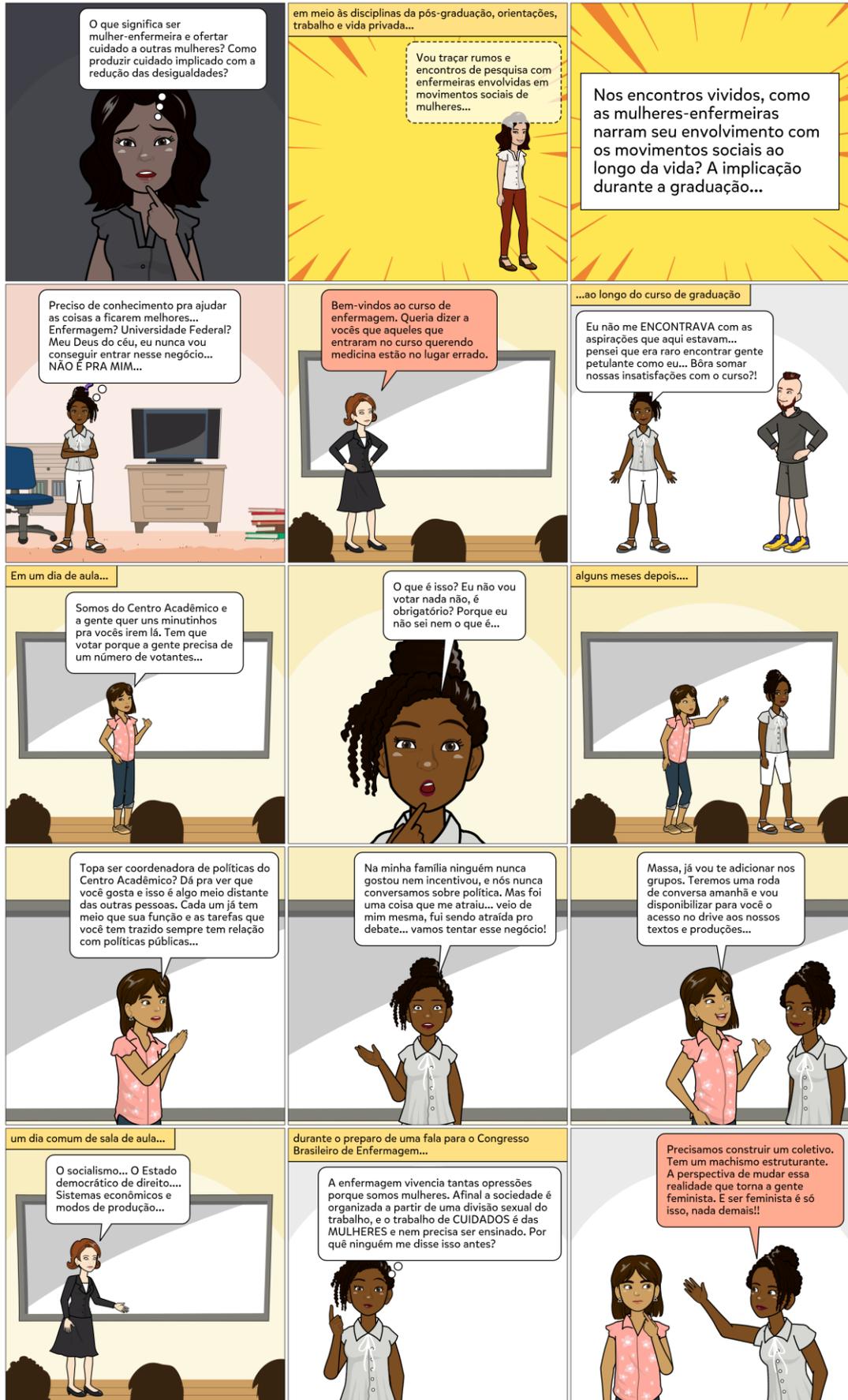
Esses potenciais têm proximidade com o objeto de estudo, pois o feminismo na enfermagem foi encontrado ao longo da pesquisa como um tema-tabu. Os resultados da pesquisa se mostraram complexos e orientados por teorias densas como a de processos de subjetivação baseada em Michel Foucault. Este momento de produção de narrativas coletivas foi importante também do ponto de vista de reflex(ação) da pesquisadora (in)munda.

São recomendados alguns cuidados acerca da utilização das HQs no âmbito da promoção e educação em saúde - cuidados com a concepção da história e escolha de conceitos

abordados; e precauções com a forma como os personagens se comunicam com o leitor e entre si (PRADO; SOUSA JUNIOR; PIRES, 2017). Especificamente neste trabalho, me preocupei em ser fiel às falas das entrevistadas, mas apresentando-as como foram recepcionadas no encontro pesquisadora-participante, afetando-me e sendo afetadas por meu corpo de mulher-enfermeira-pesquisadora.

No processo de criação das HQs encontrei indicações para o uso do Programa Pixton Edu, que se mostrou adequado por ser de fácil manuseio e as ferramentas gratuitas atenderem minhas necessidades. A Figura 3 abaixo apresenta a HQ produzida.

Figura 3: Por uma enfermagem implicada







Fonte: figura elaborada pela autora

Sobre a composição das três tirinhas que conjuntamente compõem a HQ criada, apresento detalhes a seguir:

- (i) A Implicação começa no cenário da graduação: Dos 40 episódios tratados no núcleo “A participação nos movimentos sociais e a relação com a vida pessoal”, 27 deles tinham relação com a formação acadêmica, por isso esse foi o cenário escolhido para a

primeira tirinha. Neste escopo havia episódios acerca da inserção na universidade, da entrada e ações junto ao movimento estudantil e relação com a academia no período pós- formação. Destacaram-se as narrativas de Nora e Mary.

- (ii) Implicar-se para ofertar um cuidado diferenciado: No núcleo de análise “A participação nos movimentos e a relação com a prática como enfermeira”, encontrei 15 episódios narrados, ocorridos especialmente no contexto de atuação da saúde mental ou em unidades básicas de saúde. Características presentes em tais episódios relacionados ao cuidado foram: embates com outros profissionais, produção de diagnóstico junto à comunidade, práticas subversivas, práticas contextualizadas com as necessidades da população e mobilização de outros profissionais. . Por diversas vezes foi demarcada a diferenciação destes formatos de oferta de cuidado em relação ao modo aprendido na graduação ou comum de ser encontrado. A narrativa de Mira se destacou com maior concentração neste núcleo, talvez por possuir mais tempo de experiência profissional dentre todas entrevistadas.
- (iii) Pingos nos is da profissão de enfermagem: No núcleo “A participação nos movimentos e a relação com a profissão de enfermagem”, composto por 16 episódios, a narrativa de Edma foi a que teve maior destaque. Foram encontradas percepções de influências das relações de gênero nas opressões da enfermagem em diferentes cenários – na graduação, na vida pessoal e no trabalho. Assim, ao compor essa tirinha, propus que personagens de enfermeiras das outras duas tirinhas se encontrassem em diálogo.

5.2.3 Esforço de transversalização analítica: os processos de subjetivação e cuidado na perspectiva do discurso

Os dados das entrevistas foram analisados, considerando o objeto de estudo adotado e os procedimentos metodológicos relatados anteriormente. Deste processo, resultaram as categorias temáticas abaixo descritas:

- Locais, momentos, motivadores e formas de participação social;
- Subjetivação de mulheres-enfermeiras envolvidas em movimentos sociais; e
- Implicações do ativismo para o saber-fazer enfermagem.

Locais, formas, momentos e motivadores de participação social

Nesta categoria de análise busco focalizar as atenções nas relações estabelecidas entre as mulheres-enfermeiras e os movimentos sociais. Por isso serão apresentados resultados acerca dos movimentos com os quais se dá o engajamento, modos de pertencimento e expressão junto aos movimentos sociais, temas de luta e aspectos da conexão espaço-temporal das narrativas.

As participantes entrevistadas relataram histórias de engajamento em diversos movimentos sociais ou coletivos. Alguns destes são ampliados e mais conhecidos, como Marcha Mundial das Mulheres (MMM), Movimento Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens, Executiva Nacional de Estudantes de Enfermagem, Diretório Acadêmico (DA) de Enfermagem, Frente Nacional contra privatização da Saúde e Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES).

Outros movimentos relatados são locais e específicos, e por isso, serão mencionados genericamente, visando preservar anonimato das participantes. São eles: movimento de estudantes de cursos da saúde, movimento anticapitalista, movimento de enfermeiros engajados com a política ou com questões sindicais/trabalhistas, movimento juvenil religioso, movimentos feministas de manifestações artísticas, grupos que se articulam virtualmente e movimentos considerados interseccionais ou decoloniais, pois são feminista e tem aderência às pautas do movimento negro. Sobre a denominação “coletivo”, Ivone remete a ideia de um grupo pequeno:

[...] a gente fala coletivo parece que é um grupo pequeno né? Mas elas são... um coletivo que tem inserção em 19 cidades {risos} do Norte de Minas, {risos} elas são enormes assim, a ação que a gente fez lá elas levaram três mil mulheres [...]
[IVONE]

Outros espaços de participação social também foram relatados: sindicato de Enfermagem, Federação Nacional dos Enfermeiros, intersindical da saúde, conselhos municipais, estaduais e nacional de saúde, Conselho Regional de Enfermagem (COREN), Central Única dos Trabalhadores (CUT), partidos e grupos políticos. Especificamente no caso de Ivone, o formato de formação acadêmica foi também mencionado como com aderência às formas de participação social, devido ao perfil do curso de mestrado em que se inseriu:

[...] é um mestrado que é marcado por essa inserção nos MOVIMENTOS também né? Tipo assim eu vou fazer parte/ eu fiz o mestrado na XX do Rio... mas numa turma muito diferente assim, uma turma que era... foi uma construção da FIOCRUZ com o Ministério da Saúde e com a Escola Nacional Florestan Fernandes que é do MST... **então era uma turma só de militantes assim dos movimentos** [...]
[IVONE]

Há consideração de que nos espaços de participação social as pessoas se repetem e que esses são locais de encontro com pessoas com perfis semelhantes ao próprio ou com aqueles que têm o objetivo de captar novos integrantes, como relatado por Edma. Algumas mulheres e enfermeiras são nomeadamente mencionadas em um tom de orgulho, como exemplos para si por serem provocadoras, militantes, lideranças. Nora demarca, com nominalização e discurso direto, ações de professoras da faculdade ou enfermeiras/pessoas do movimento mais conhecidas. Outras mulheres são denominadas genericamente como “subversivas” e também de grande importância para as participantes:

[...] nessa época a gente construiu o estágio de vivência e essas mesmas pessoas/**todo mundo é muito um grupo só** né {risos} assim... [MARIA]

[...] nos encontros de estudantes você ia encontrando as pessoas **petulantes que nem a gente** [...] [MIRA]

[...] elas montaram um grupo agora em homenagem a **XX, que foi uma militante assim SUPER liderança** na nossa época, super importante, ela era muito da mística, era uma pessoa super legal assim e que apoiava muito o movimento de mulheres[...] [MARIA]

[...] mas tem outras histórias né, assim as mulheres que ocuparam esses lugares antes eram... **mulheres SUBVERSIVAS** né {risos}, que eram colocadas num lugar pra cuidar... que eram sei lá... mulheres que estavam nas ruas... enfim tem MUITAS dimensões da enfermagem né [...] [MARIA]

[...] eu lembro da **professora X falando isso** "olha não espere que é porque é uma categoria só, que é uma equipe só, que vai ocorrer alianças, existem opressões históricas que fazem com que o nível médio se posicione de um jeito diferente e existe também enfermeiras que não se... sentem representadas pelo ensino médio e que não vão construir aliança com o nível médio" {riso} [...] [NORA]

[...] então fui sendo atraída pro debate, na época tinha pessoas que davam muito jornalzinho pra gente ler, tinha muita aquela coisa do, que hoje a gente sabe o que é né {tom de riso}, **parece que tem aquelas pessoas que vão lá PEGAR os estudantes** pro envolvimento da militância [...] [EDMA]

Nos relatos sobre o engajamento nos movimentos sociais encontrei alguns temas de luta e debate, organizados abaixo em grandes grupos temáticos:

- ✓ Agroecologia, educação ambiental, desastres ambientais (incluindo a relação gênero, mineração e saúde), direito à terra; luta das mulheres do campo e rurais;
- ✓ Direitos sexuais e reprodutivos (em especial camisinha feminina e aborto), transexualidade, prostituição, gênero e saúde;
- ✓ Políticas públicas (em especial o SUS), dificuldade de acesso à saúde, privatização, terceirização e neoliberalismo na saúde;
- ✓ Violência obstétrica e institucional, humanização do parto e nascimento;

- ✓ Formação em Enfermagem: defesa da universidade pública e de qualidade, estrutura das universidades e ciências, formas de avaliação do ensino público, igualdade de oportunidades de estudo para enfermagem e medicina;
- ✓ Questões trabalhistas e sindicais da enfermagem: condições de trabalho, adicional de insalubridade, ocupação de espaços sindicais, piso salarial, jornada de trabalho, acumulação de cargos, remuneração salarial, acesso a Equipamentos de Proteção Individual, testagem durante pandemia de COVID-19; e
- ✓ Desigualdades sociais, raciais e de gênero e opressões (em especial racismo, regionalismos, homofobia, violência contra a mulher), direitos das populações vulnerabilizadas (mulheres, negras e indígenas).

A defesa do SUS se destaca como pauta debatida pelas participantes, mencionada como fio condutor para adesão às demais pautas e como uma atividade cotidiana:

[...] na época eu ajudei a organizar o projeto piloto nacional do VERSUS, essa coisa da defesa do Sistema Único de Saúde então assim a defesa do SUS foi... digamos que o fio condutor PRA EU CHEGAR as outras lutas, as outras pautas, hoje eu tenho consciência disso, na época eu não tinha... [NORA]

[...] aquelas coisas realmente começaram a fazer parte de mim, a coisa de **defender o SUS, de ouvir alguém falando do SUS** e eu "nossa como que você fala do SUS, você sabia que você usa SUS?" e aí tipo... vira uma coisa do cotidiano, tipo é MUITO do **cotidiano**, você tá tomando uma cerveja você fala "agradeço o SUS essa cerveja não vai te dar uma dor de barriga" [...] [MARY]

Há uma consideração de que historicamente os movimentos feministas têm pautas diversificadas, sendo um desafio a unificação em momentos como a organização anual das atividades em torno do dia 8 de março. Especificamente na atualidade, é apontada a diversidade de coletivos e a conformação virtual:

Mas hoje em dia o movimento social e feminista ele é MUITO pulverizado assim ele é muito... é outra característica assim, tem VÁRIOS coletivos [...] um lugar MUITO importante antigo é a construção do oito de março né... Eu lembro que era assim a gente já ficava apavorada de pensar porque eram as reuniões que... {tom de riso} iam todos os movimentos, então **é caótico no sentido de que são muitas pautas** [...] Bom eu acho que o histórico é esse **e hoje assim... tem MILHARES** né, tem as meninas anarquistas, tem os coletivos... que acontecem mais na internet, então tem vários fluxos mais virtuais... [MARIA]

Assim, o modo de participação virtual aparece nos episódios de forma naturalizada, especialmente pela inserção em grupos/coletivos de redes sociais, como meio de suporte e comunicação com pessoas afins. Nas entrevistas com Ivone e Nora, encontro contraponto entre as formas de participação que se dão virtualmente e aquelas tradicionais/presenciais. Nora acredita que o feminismo precisa estar no cotidiano, se adequar a rotina das mulheres, permitir que o povo participe. Valoriza a movimentação da rua, se vincula a esse tipo de

expressão e não a militância virtual. Mas também reconhece a importância da militância online, ainda mais em tempos de pandemia:

[...] mas não enquanto o coletivo né, assim o coletivo pensando, inclusive aquelas pessoas lá dentro isso já tem muito tempo que que ele inexistente **então praticamente hoje ele existe enquanto um grupo de whatsapp** né [...] [IVONE]

[...] eu sou **militante presencial** né eu tô vivenciando essa coisa da militância ser online agora, mas eu sou militante que faz/ que sai do trabalho e vai pra reunião... que faz ato na rua, que pede licença da polícia da prefeitura pra poder/ [...] moção, que faz abaixo assinado... que faz reunião de negociação, enfim... mas ok, essa forma de militar é importante, o que seria de nós na pandemia? [NORA]

O pertencimento aos movimentos/coletivos vai se dando aos poucos e os movimentos possuem mística, metodologia e pedagogia próprias. Assim, os movimentos são perpassados por conhecimentos específicos e terminologias próprias. Edma, por exemplo, utiliza muitas expressões do âmbito trabalhista, tais como piso salarial, jornada de trabalho e aposentadoria. Menciona que precisou entrar em uma faculdade de direito para entender melhor sobre o campo do direito do trabalho. Mary pontua preocupação com o preparo dos sucessores que conduzirão os espaços em relação às características, metodologias do grupo:

[...] e FOI AÍ a minha conexão com o movimento de mulheres... a partir daí **comecei ir participando** e veio as etapas de preparação porque iam duas mulheres pra Pequim [...] [MIRA]

[...] tinha muitas coisas que eram da **metodologia dos próprios movimentos**, então a gente **tinha mística, tinha hora do trabalho né do trabalho coletivo** e tal [...] [IVONE]

[...] **acordo coletivo... database...** são termos que a gente vê no movimento sindical... database, acordo coletivo... que mais? Só... deixa eu ver se consigo me lembrar... a gente tinha database aqui em novembro, então era a data que a gente sentava com patrão né, com **sindicato patronal** pra ter uma PAUTA de reivindicação, aí tinha que fazer **assembléia de base**, são tudo terminologias que a gente aprende lá no movimento sindical [...] [EDMA]

[...] eu falei pra APRENDER o que era uma convenção coletiva de trabalho... mas tinha legislações que eu queria me aprofundar... então eu fui fazer direito... e gostei muito [...] [EDMA].

[...] na época eu queria continuar na presidência do Centro Acadêmico e **fazer uma transição com uma colega que assim ela tinha ido pra lá, pro evento**, e eu já tava passando MUITA coisa pra ela, que ela precisava articular porque na minha cabeça aquela ia ser minha última gestão do Centro Acadêmico... falei "nao vai ser minha última gestão, o outro ano vai ser meu último ano"... entendeu? [MARY]

Diante dessa conformação própria dos movimentos, encontramos indícios de se tornar um dispositivo de disciplinamento, capturado por jogos de verdade, o que, todavia, pode ser uma particularidade ou exigências de momentos e pessoas. Mary, por exemplo, menciona que no espaço do movimento estudantil congregam muitos movimentos, com ideologias diversas e siglas próprias, que se equivocadamente utilizadas podem gerar constrangimentos/inconvenientes. Ademais, há o aspecto dos movimentos serem misteriosos, rodeados de um conhecimento próprio que parece limitar o acesso. Destaca-se a utilização de uma estrutura

discursiva que demarca a rapidez, agilidade de decisões importantes, limitadores de entendimento de quem está introduzido nos espaços. Esse conhecimento próprio é apresentado com interdiscursividade em momentos da narrativa:

[...] no movimento estudantil **você tem que ter uma cartilha** porque tem a {lista várias siglas de nomes de movimentos}, tipo tudo são movimentos políticos que compõem também a construção, tem os Autonomistas, os Anarquistas e os independentes que participam também e aquela massa toda, aquilo tudo misturado tá ali no movimento estudantil participando dos espaços [...] **é muito movimento e o povo falava essas siglas eu ficava assim "meu Deus do céu... o que é isso?" e se você confunde**, por exemplo, UJC com UJS, meu Deus o mundo acabou [...] [MARY]

[...] e aí tentei falar com essa menina foi até pelo Facebook e **ela demorou a me responder e eu perguntando o que era**, como que organizava, como que fazia pra fazer parte né? O que era isso... que eu tinha entendido que era algo assim hierarquicamente superior ao Centro Acadêmico, **mas não sabia como funcionava né [...]** E eu achava que ela tava sei lá com uma má **VONTADE de explicar direito o que era... depois que eu fui entender que o negócio é muito complexo, nem DÁ PRA EXPLICAR...** assim numa mensagem, num parágrafo sabe? [MARY]

[...] foi uma coisa tipo de umas quatro reuniões, por aí, muito grandes que duravam uma tarde inteira e parecia que tú tava num congresso que **você piscou, passou, aprovou a PEC**, aprovou a lei e você “meu Deus do céu e agora?”. Agora sei lá, cortou tudo ,agora não vai ter mais auxílio alimentação, sabe? **Tipo é um negócio esquisito...** [MARY]

Nesse sentido de mística, pedagogia e metodologia próprias, foram narradas diversas formas de expressão e modos de engajamento em movimentos sociais, coletivos e espaços de participação social, reunidos em grupos abaixo, por similaridade:

- ✓ Marchas, manifestações de rua, atos públicos, ações populares, organização de eventos do Dia Internacional da Mulher, oferta de cuidados de saúde junto aos movimentos (composição de Comissão de Saúde);
- ✓ Acionamento e questionamento do poder público, adesão a greves, ocupação de escolas públicas, organização de assembleias, composição de espaços de decisão (como congregação acadêmica), articulação política para aprovação de pautas;
- ✓ Ações de arrecadação de verbas para os coletivos e espaços de participação social, apoio financeiro e emocional às companheiras e a outras pessoas que precisam;
- ✓ Fundação de espaços de participação social e presença em reuniões de diferentes coletivos/espaços de participação social;
- ✓ Elaboração de rodas de conversa, debates coletivos, oficinas sobre gênero em eventos da Enfermagem, oficina terapêutica, semana feminista na faculdade;

- ✓ Análise conjuntural sobre os momentos vividos, estudos e leituras acadêmicas, participação e organização de eventos científicos, incluindo mobilizações da enfermagem e discurso político nesses eventos, coleta de informações como subsídio para reivindicar direitos;
- ✓ Recepção de estudantes calouros, articulação com universidades privadas, formação política e engajamento de juventude estudantil;
- ✓ Divulgação do papel dos sindicatos e enfrentamentos judiciais em causas sindicais;
- ✓ Candidatura para gestão e inserção em espaços de participação social, apoio a chapas específicas em eleições; e
- ✓ Divulgações em redes sociais dos movimentos.

Nota-se que as atitudes de análise conjuntural e formação da juventude são hegemônicas nesses espaços, fundamentais para compreender em que contexto internacional, nacional e local se dá os entraves, incluindo as dificuldades de avançar com pautas de valorização da enfermagem. Assim, sua não realização está associada ao relato de decepção ou ressentimento:

[...] não fazia uma reunião nem do nosso sindicato dos enfermeiros, nem na articulação sindical sem fazer uma análise de conjuntura... internacional, nacional e depois pra cair na enfermagem, e pra depois cair na saúde e na enfermagem [...] [EDMA]

{relatando sobre o fim da prática de realizar análise de conjuntura} [...] hoje em dia eu sei que não fazem mais isso entendeu? E a gente se ressentiu [...] porque é aí que você dá formação para os mais novos [EDMA]

[...] pra gente entender por que a enfermagem era aquilo ali, aquele mundinho da Enfermagem... se ela não tivesse no contexto geral dos trabalhadores, no contexto geral da saúde.. no contexto geral do país... e até internacional porque o Brasil era tão explorado do jeito que é... você saía sem entender porquê a enfermagem não cresce... [EDMA]

A formação política é relatada em ambientes de descontração, narrados por Edma como à base de vinho e petiscos, como algo que se vive, não se ensina. Por seu caráter de naturalidade, Edma menciona que só foi perceber essa nuance após uma elaboração:

[...] e a minha formação política... a gente fazia ela **a base de vinho, a base {tom de riso} de tira gosto** porque a gente se reunia as vezes né, se reunia no sindicato dos médicos aí "ah vamos comp/ vamos tomar um vinho" aí ficava... batendo papo, batendo papo, batendo papo... naquela época você não entendia que isso era uma formação política... mas agora eu entendo, entendeu? Agora eu entendo... então a gente conversava e isso você ia falando... e aí você dava formação política, você não precisava isso ser ENSINADO em uma universidade porque isso não se ensina [...] [EDMA]

Nas narrativas de Ivone, Mary e Nora há diferenciação entre as formas de movimentação denominadas “basistas”, ou seja, aquelas nas quais se dedica ao trabalho de

base, o trabalho com o movimento em si e com a comunidade; e aqueles movimentos denominados “universitários”, com caráter teórico. Nora faz críticas a essa segunda faceta de feminismo, atrelando a questões de raça/cor, de “branca universitária”. De modo similar, ao compreender que o papel dos movimentos é ajudar localmente, Mary critica a restrição de ações do Centro Acadêmico somente a aspectos operacionais, menciona que as atividades desenvolvidas, muitas vezes, se restringiam a ações de recepção de calouros e confraternização e valoriza um “envolvimento orgânico”. Não há clareza no que seria essa expressão de envolvimento orgânico, todavia parece ser algo mais político, ativo, compromissado e preparado para atuar nas diversas circunstâncias:

[...] muitas vezes **algumas se aproximam do feminismo por leituras mais acadêmicas**, hoje em dia é muito comum, leituras mais acadêmicas, blogs, internet, **mas eu já me aproximei no feminismo via movimento** né [...] [IVONE]

[...] não tem LÓGICA, a gente fazer uma reunião domingo a tarde e querer que a mulher... que tá lá no bairro X, cuidando de menino, vá. Então esse feminismo de branca UNIVERSITÁRIA... eu tava de saco cheio e aí eu tava começando a me ver como essa branca universitária... [NORA]

[...] e aí as vezes eu sou chamada de basista porque eu gosto mesmo é de trabalho de base [...] o que me dá o pé no chão é isso aqui... trabalhar com o povo me dá a realidade... eu sou povo também mas tem uma distância social gigantesca e o feminismo tem que fazer sentido para essas mulheres também... [NORA]

[...] e a gente tenta fazer uma **forma de estudar que não seja muito academicista**, então mesmo você não sendo da área e você tendo lido, por exemplo, o texto ok "ai não li o texto eu tive um monte de coisas" “ok **escuta as pessoas e tenta linkar com sua experiência de vida**”... [MARY]

[...] só que o centro acadêmico nesse primeiro momento ele tinha uma **característica muito operacional** [...]ligava ali um pouco com a atlética, de confraternizar de "ah não aqui na escola, na faculdade de enfermagem funciona assim" ensinar onde fica as coisas pras pessoas que não tem vivência naquele espaço, como se fosse um grupo de acolhimento... [MARY]

[...] a executiva começou a participar **de uma forma mais orgânica** dessa organização - vamos dizer assim - dessa frente. Voltou-se para uma ligação com os movimentos sociais que tinha mais no começo, pelo que eu vi da história, pelo que eu ouvi nas palestras e até pelos estatutos da executiva, tinha uma ligação com o MST né com essa coisa do direito à terra também, à saúde, mas precisava entender essa dimensão de discussão só que as pessoas que fizeram essa conexão em algum momento saíram da entidade [...] agora a gente tava num novo momento que tinha uma conexão com **esse movimento orgânico**, com essa frente nacional, fazia esse debate, eu acho que isso ajudou a dar um certo ânimo nas discussões, na coisa de **onde nós vamos estar, o que nós vamos fazer, então ficava uma coisa muito a reboque do que a conjuntura ta trazendo isso então a resposta é só essa** "não, a gente já ta organizado, a gente tá analisando a conjuntura, a conjuntura pode ter trazido isso" mas a gente fica mais capacitadas pra dar uma resposta né? [...] então **esse tipo de mobilização e debate ensina também sobre... como - não vou dizer nem como se comportar - mas assim que existem soluções pra determinadas situações** [...] [MARY]

Edma menciona que a discussão política na sociedade e no ambiente doméstico é algo que as pessoas não gostam, não incentivam. Do contrário, nas narrativas, há uma regra discursiva sobre a necessidade de buscar sustentação e formação política. Nesse sentido,

Danrada realiza contraponto entre ambiente doméstico, associado ao termo “leigo”, e ambiente externo - universidade e sindicato. Também Mary considera que os espaços de movimentos sociais precisam ser valorizados, sendo que a pesquisa e o ensino são caminhos profícuos:

[...] na minha família ninguém nunca gostou nem nunca incentivou... nenhuma participação social, nem política, nem absolutamente nada [...] nós nunca conversamos sobre política [...] [EDMA]

[...] minha mãe foi aprendendo né no começo e tal "você tá onde?" eu "não mãe, tive que participar de uma reunião"... e aí **mamãe também... leiga assim né, mamãe não tem estudo...** aí foiii... aceitando porque vai fazer o quê? **Você tá numa universidade**, você diz que tá lá porque teve uma reunião e vai ficando, então você vai ficando e aí... acaba que você vai **buscar muito essa sustentação do lá de fora** entendeu? Porque dentro de casa você não tinha... né? Depois **quando foi no sindicato a mesma coisa** [...] Então a gente sempre buscou essa relação mais do lado de fora até mesmo pra conversar e a minha formação política... [EDMA]

[...]eu acho que **esses espaços eles precisam ser mais valorizados...** sabe? E acho que uma forma de fazer isso também é aquele olhar ali da pesquisa ensino e tudo mais, acho que isso pode ajudar [...] [MARY]

Nora enfatiza a resistência histórica das pessoas ao feminismo, mesmo em lugares onde parece haver uma abertura maior, como faculdade pública de ciências sociais. Diante das regras de discurso sobre o que é feminismo, os usos dos termos para denomina-lo variam entre “luta das mulheres” e “mulheres em luta”. Fazendo uma análise sobre o movimento, menciona que sofreu mudanças ao longo da história, de modo que a resistência ao feminismo na realidade reduziu bastante, em especial por conta das manifestações mais recentes. Considera que existem diferente gerações de feministas, havendo, entretanto, um momento de vácuo em que o movimento ficou adormecido:

[...] na época cada uma de nós tinha que se virar pra falar sobre a "luta das mulheres" nem se falava feminismo... a gente que tinha que chegar num momento da fala e se assumir... feminista e dizer que o feminismo... é pra mudar a vida das mulheres e a vida das pessoas e mundo enfim... mas não era assim que começava o debate era sempre "a luta das mulheres" ou "mulheres em luta" e tal [...] **ERA QUASE UMA HERESIA falar feminismo...** discutir isso em... lugares onde parecia completamente contextualizado/ **TODOS OS LUGARES...** to-dos os lugares **a gente só falava de feminismo entre a gente que era feminista...** pra você ter uma ideia na universidade... falava assim "gênero eee" - tipo "violência de gênero" ok, violência de gênero a gente entende o que é mas... **ABERTAMENTE** "estudos feministas" isso era só quem era **DO MOVIMENTO** feminista [...] [NORA]

Mas agora a impressão que eu tenho... é que... o debate tá um pouco mais **ABERTO** por conta das manifestações todas que a gente teve nos últimos anos né, é um processo social, eu tenho toda clareza disso, a gente tem uma **GERAÇÃO** de feministas aí que não necessariamente é o mesmo feminismo que a gente tinha... que eu aprendi com essas mulheres, então eu tenho ciência de que eu tava ali aprendendo com outras mulheres mais velhas e que eu fazia parte de uma juventude [...] a gente não inventou a roda, a gente só tava sendo... aquela geração que estava retomando **o debate que tava mais adormecido** [...] a gente foi andando aí é até **ESSE FLORIR** aí do... das várias mulheres... urbanas que aí eu acho que a Marcha das Vadias teve um pouco de contribuição... tiveram uns fatos públicos relacionados aos estupros... a luta pela legalização do aborto, **essas pautas acho que elas contribuíram pra trazer mais mulheres jovens pra rua**, mas na **ÉPOCA** era assim **FAZER**

REUNIÃO COM FEMINISTA era... é tipo eu e as meninas éramos as mais novas o resto era cinquenta anos pra cima quarenta anos pra cima [...] tem um vácuo, era isso, era tipo a geração da X... da X... {menciona nome de feministas conhecidas da cidade} das meninas sindicalistas ali... que tavam construindo o PSOL, outras o PT e... as meninas de vinte e poucos anos, então **tem vinte e poucos anos de vácuo** que... hoje **a gente percebe e atribui a... essa coisa da ONGzação**, do movimento de mulheres na década de 90 [...] [NORA]

Também, na narrativa de Ivone, há um trecho que demonstra algumas resistências ou desentendimentos sobre o que consiste o movimento feminista. Há interdiscursividade com a conotação de que o 8M é um espaço ou momento de demarcação das lutas das mulheres, não um momento de recolocar o corpo das mulheres sobre controle. Por isso, em um dos episódios, quando um profissional sugere utilizar a data para outra finalidade, a enfermeira tenta contornar a situação:

[...] a gente tinha uma coleta tão baixa de citopatológico e tava chegando casos inclusive avançados né, tipo assim, então e aí a gente tinha um coordenador de saúde da mulher que era da ginecologia {tom irônico} e a primeira coisa que ele sugeriu foi que a gente fizesse um multirão de coleta de citopatológico no 8 de março, aí eu já assim {tom de riso} né **arrepiei** [...] [IVONE]

Sobre aspectos espaço-temporais das narrativas, a pandemia de COVID-19 em curso foi mencionada nas entrevistas. Especificamente Ivone relaciona o momento com a percepção de tempo:

[...] então se eu trazer... pra casa meu filho e ele pegar, ele não tem imunidade... aí a gente fica se segurando pra, com uma VONTADE de ir, mas "oh pera aí o que isso vai trazer? Muita calma nessa hora, vamos esperar mais um pouco, vamos..." [...] [EDMA]

Na entrevista com Maria, as manifestações políticas de 2013 foram apontadas como um marco histórico circundado pela crítica às políticas públicas do momento, marcadas pela dificuldade de avançar com pautas feministas, intensificação da mercantilização e privatização. Esse acontecimento histórico, que culminou no impeachment de Dilma Rousseff, é apontado como um momento crucial que resultou em uma fragmentação dos movimentos sociais e até mesmo na desvinculação de algumas pessoas do ativismo mais instituído, como ocorreu com a própria participante. Também Nora apontaos momentos eleitorais como aqueles de grande influencia na criação de disputas, rupturas e fragmentações sociais:

[...] eu acho que teve a ver com o processo das manifestações de 2013 [...] teve uma crítica muito forte a atuação da DILMA [...] ela teve várias, nós tivemos várias críticas, o próprio projeto Rede Cegonha pra gente foi super problemático assim, a discussão do aborto foi super problemática... então isso já deixou bem frágil o movimento porque... a gente começou a discordar MUITO assim internamente... por mais que a gente reconhecesse a importância da Rede Cegonha tinha uma... REafirmação dessa política materno-infantilista e enfim que pra gente era super difícil, e aí a negação do aborto de novo... claro que hoje assim... né? Aí já falando da minha percepção, eu acho que... o processo era mais difícil do que a gente imaginava né? Assim, ali dentro, mas pra gente era muito difícil entrar uma

mulher... da esquerda e reafirmar esses lugares de novo, mais uma vez, e ouvir POUCO o movimento feminista, embora tenha criado Secretaria de Políticas Públicas para mulheres que foi super importante né? [...] tinha uma esquerda anti-copa, criticando todo esse processo da mercantilização, internacionalização as questões... associadas ao Brasil e da venda e do comércio e da prostituição, de tantas pautas {voz com riso}... e né? Assim das ocupações sendo retiradas pra construção dos empreendimentos... essas coisas [...] essa etapa foi uma etapa que eu sei assim de tudo porque aí eu fiquei BEM... bem... eu acho que todo mundo ficou assim/ na verdade o movimento fragmentou e aí a gente parou de se encontrar [...] [MARIA]

[...] houve algumas.. alguns RACHAS por conta das/ **sempre as eleições**, então a eleição SERRA é... Dilma, nem lembro mais, aí tinha um racha [...] [NORA]

Enquanto isso, a narrativa de Mary traz importantes elementos acerca de outros acontecimentos importantes da história recente da educação e saúde pública no Brasil: transferência da gestão de hospitais de ensino para empresa privada e votação da Emenda Constitucional (EC) nº 95/2015, com ocupação das universidades:

[...] tinha essa discussão dentro da ABEn, tava sendo discutida a questão do Golpe... e Temer no poder tirando um monte de coisas aí... e tava uma loucura, uma efervescência e a Emenda Constitucional 95, ela ainda era PEC 241, e as escolas estavam começando a ser ocupadas naquele momento [...] [MARY]

O ativismo disparado no sentido de envolvimento com partidos políticos e com eleições é entremeado por interdições e raridades discursivas. Na entrevista com Mira este é um assunto não abordado, na narrativa de Maria encontro um cuidado em selecionar as palavras a serem usadas. Há também interdição ao tratar da temática acerca do Partido dos Trabalhadores e do MST, talvez por serem um partido e um movimento perpassados por acirradas divisões de opiniões públicas. Ademais, em um episódio narrado por Mary, destaca-se a oposição entre políticos e militantes, os primeiros em glória e os segundos na luta. Edma, em certo trecho, preocupa-se em explicar que as pessoas convidadas para aprofundamento da análise de conjuntura não eram vinculadas a partidos, porque o espaço sindical era plural. E Ivone faz uma diferenciação entre partidos registrados e aqueles que não são registrados:

[...] eu acho que hoje a Marcha tá se abrindo assim, mas eu tenho a sensação... que quando foi as manifestações de junho, esses novos movimentos assim, essa estrutura que a gente tinha, que era associada ao MST, ao P/ assim pessoas próximas do PT e da Consulta... **eu acho que ela ficou sendo um pouco...** mas aí depois montaram/ agora tem um coletivo que chama X que é muito parceiro da Marcha, eu acho que tem **ressignificado** [...] [MARIA]

[...] eu lembro de uma cena muito forte, que foi assim lá de frente ao congresso - um pouco antes daquele brinde que saiu em todos os jornais com os políticos brindando e o povo no fundo - da gente... eu e mais duas colegas do Centro Acadêmico, com as nossas mochilas pra socorrer as pessoas e parou um helicóptero em cima da gente e soltou uma bomba... [MARY]

[...] chama alguém da CUT que é aquela pessoa que tá ESTUDANDO aquilo... ou traz... sempre das centrais Sindicais, de um outro sindicato, uma pessoa que tem uma base mais aprofundada nessas conjunturas políticas... **Nunca adentrando na questão política-partidária porque aí o sindicato sempre foi PLURAL**, sempre teve... desde a direita até a esquerda, tinha gente do PSDB, tinha gente do... PCdoB,

tinha gente do PT, tinha gente do PDT... então a gente não adentrava na questão PARTIDÁRIA... a gente adentrava na questão SINDICAL [...] [EDMA]

[...] eu participo de outra organização que é uma organização política que é um partido político, mas não é um partido REGISTRADO, igual a gente né? É eleitoralmente chama X, tem até um nome diferente não é? Não parece mesmo um partido mas é [...] [IVONE]

São realizadas críticas à conformação e organização dos partidos políticos. Em muitos trechos isso é feito em contraposição com a forma de agir dos movimentos sociais. Assim, Edma, apesar de ser parlamentar, denomina parlamentares de “os caras” e destaca que ambiente e forma de fazer deles são estranhos e diferentes do modo como atuava nos sindicatos. Utiliza a expressão “tiro, porrada e bomba” no superlativo, como uma intertextualidade para demarcar a dificuldade de superar o quantitativo de deputados da oposição. Ela menciona que há um *modus operandi* próprio e diferente das expectativas de quem desconhece o espaço, destacando certa distancia entre a enfermagem/movimentos e a política partidária:

[...] mas você ter 35 deputados lá dentro eles votam e acabou... então não precisa/ é TIRO, PORRADA, BOMBA e... os caras não tão nem aí e votam e vão embora... [EDMA]

[...] o parlamento era outro mundo... e a gente enquanto tá do lado de cá, do trabalhador, que tá ali nas cadeiras ou nas galerias gritando, é uma coisa, mas você lá dentro... é outra, então um... o processo parlamentaar é tudo totalmente diferente e a gente chega lá... muito crua nesse processo, porque... **a gente só procurava o parlamento pra aprovar...** ou pra fazer... a luta de classe né? [EDMA]

[...] **todo processo de construção, de auto-organização das mulheres dentro do partido, de qualquer partido que eu tenha conhecimento... que eu acompanhei é tenso...** pra ter um setor de mulheres, pra ter um... enfim a discussão de cotas na diretorias, então por exemplo a gente acompanhou as mulheres do MST tendo que LUTAR pra fazer parte do setor de produção... [NORA]

[...] e aí em dois mil e DOZE eu tava bem desgastada com o movimento, inclusive por questões de hegemonia de partido, eu nunca... fui de partido político, eu não tenho nada contra quem é, mas eu não consigo me adequar assim a essa forma de organização que eu/ [...] então não dava pra poder... conciliar agenda de partido com isso tudo e também porque eu num.. me identifico mesmo [...] [NORA]

Nora considera que o envolvimento social é capaz de suprir o que partidos políticos e governos não suprem. Relacionado a este dado, Ivone relata embates constantes com vereadores, sob a alegação de que permitir o acesso da população à saúde incomodava tais políticos, os colocava sob ameaça, ao ponto de sua atitude ser relacionada a intenções de candidatura:

[...] e o trabalho de base que eu e outras companheiras estávamos fazendo, a gente tava aglutinando pra essa questão do... mais das faltas dos partidos - qual que era a minha grande crítica: bom, por quê que a gente tem que dar prioridade pra uma pauta que tá sendo/ vem de cima pra baixo, sendo que o que a gente tá discutindo aqui FAZ DIFERENÇA na vida das pessoas?... E é isso que tem que tá... no nosso cotidiano... "o feminismo tem que tá no cotidiano da vida das mulheres" essa era a nossa frase [...] [NORA]

[...] que aí possibilitava fazer coleta de exame, vacinação, atendimento. As vezes revezava, uma vez era enfermeiro, outra o médico, as vezes era técnico... pronto, tipo assim, não tinha mais demanda pros vereadores entendeu? {tom de riso} Não tinha demanda de levar pra exame, não tinha demanda de... **aí isso foi... deixando eles meio pavorosos assim** [...] e eu achei super engraçado como que pensa a cabeça das pessoas assim né 'ah isso aí é um... um grupo político, ela vai querer se candidatar' {riso} entendeu? Tipo assim eu não tava querendo me candidatar a nada eu tava querendo organizar o serviço de saúde [...] [IVONE]

Apesar de tais tensões discursivas entre movimentos e partidos políticos, e do espaço legislativo parecer distante da prática profissional, Ivone demonstra engajamento na construção de pontes entre deputados(as) e a classe profissional:

[...] eu contribuo com essa pauta também da formação, acompanho a pauta da saúde e contribui inclusive pra articulação, pra que fosse criada a frente parlamentar em defesa da Enfermagem né? [...] então conquistamos esse espaço assim [...] as entidades/ o Fórum de enfermagem, as entidades assim também.. me viram como um ELO ali dentro da Assembléia pra tá fazendo... essa defesa também da Enfermagem [...] [IVONE]

Motivadores para inserção nos movimentos sociais e o ativismo no ambiente acadêmico:

As atividades em torno de uma Conferência Internacional de Mulheres foram mencionadas por Mira como pontapé inicial para inserção nos movimentos sociais, por possibilitar encontro com figuras emblemáticas, tais como Rose Muraro, escritora, intelectual e feminista brasileira (Wikipédia, 2020?). Também na narrativa de Ivone, um evento foi crucial para despertar o interesse nos movimentos sociais acadêmicos – O Encontro Nacional de Estudantes de Enfermagem - que ocorreu na cidade em que morava, tendo se engajado na organização do evento e, conseqüentemente, no movimento estudantil. Já no caso de Nora, o envolvimento com movimentos sociais se deu inicialmente por interesse em socializar:

[...]eu já tinha saído da faculdade... isso em noventa e cinco ou foi noventa e quatro e ia ter a conferência de... mulheres em Beijing né? E tava uma grande mobilização em torno disso... e eu passo e esse Intertec ia levar a Rose Muraro... não sei se já ouvistes falar dessa mulher né? Ia levar Rose Muraro... ela era assim o centro das atenções lá ne? Aí eu vi Rose Muraro, fui ver o que era aquilo, falei assim 'porra vou' aí gravei né e fui **FOI AÍ a minha conexão com o movimento de mulheres...** [MIRA]

[...] naquele ano foi um ano que aconteceu **o encontro nacional dos estudantes de enfermagem** aqui em X, entãooo o pessoal que era já do DA e o pessoal que tava na executiva passou nas turmas convidando pra participar, e aí **um grupo da minha turma ficou bastante ANIMADO assim e foi ajudar a construir mesmo....** esse encontro, estrutura, as coisas todas, **e foi a partir daí que eu me inseri, aí eu me inseri no DA** aí fiquei várias, algumas gestões no DA, fui pra executiva de curso e fui uma gestão de DCE também... na universidade [...] [IVONE]

[...] eu fui pro DA, virei coordenadora geral do DA {tom de riso} mais por motivações de esporte, de COLETIVIDADE mesmo.. eu tive uma adolescência muito privada então ali eu tava vivenciando também aquele ciclo do agrupamento né? [NORA]

Nota-se nos trechos acima que a inserção em universidade é pano de fundo dos impulsos para engajamento social e político. Nas narrativas de Mary e Edma esse aspecto é ainda mais evidente. Portanto, sobre a conexão espaço-temporal das entrevistas há grande dedicação em relatar fatos da época da graduação, sendo encontrados muitos episódios acerca do envolvimento com movimentos estudantis, vinculados ou não a centro acadêmico. Esse aspecto foi tratado na tirinha 1 do subcapítulo 5.2. – “Intersecções entre a vida e o trabalho: caminhos e saídas nos movimentos sociais”. Especialmente a narrativa de Maria é saudosista em relação ao ativismo durante a graduação. Em certo momento, relata o desejo de querer retornar à situação daquela época, ou seja, se inserir nos movimentos novamente, de modo profundo e intenso:

[...] assim a participação, conhecer movimento, entender o que é isso e chegar no fone e falar “nossa eu quero participar desse negócio... parece que é importante” né? Isso começou em dois mil e quatorze, quando eu comecei a faculdade de enfermagem aqui na X[...] [MARY]

[...] eu entrei pra universidade pública, pra X, e aí foi uma festa muito grande e dali não sei por que cargas d'agua eu já fui pro lado do diretório acadêmico de enfermagem e aí... o ENVOLVIMENTO, começa o envolvimento com os estudantes [...] [EDMA]

[...] eu tô super querendo me aproximar de novo/ assim mais/ talvez de um outro lugaaar... [MARIA]

Nora menciona que o movimento estudantil, durante a formação em Enfermagem, é o primeiro espaço de ativismo no qual se insere. Nesse espaço a concepção de movimento social é atrelada ao entendimento de socialismo e de direito universal. Esse dado pode ser aproximado ao fato de que, para Ivone, o engajamento em movimento estudantil representou uma virada na forma de participação social, antes atrelada aos movimentos religiosos. Os “outros” movimentos que passa a ocupar, depois da inserção na universidade, são ligados a políticas sociais:

[...] eu acho que tem isso, PRIMEIRAMENTE a minha entrada nos movimentos sociais se dá pela... enfermagem, se dá pelo movimento estudantil, eu aprendi o que é socialismo na sala de aula, {riso} através do Sistema Único de Saúde entendendo o que era um direito universal...[NORA]

[...] eu já participava disso e também através dos movimentos mais ligados à IGREJA então eu já participei de... era criança ainda já participava de rádio COMUNITÁRIA, já participava... de outros grupos sociais... muito marcado pela presença da igreja católica e de... várias/ na igreja mesmo eu participei de muitos ESPAÇOS assim de participação social, **mas foi a partir da inserção na universidade que eu fui participar de OUTROS movimentos**, então é na universidade... eu participei ativamente do movimento estudantil e... dos processos mais coletivos dentro da universidade... e a partir dessa inserção na universidade eu conheci outros movimentos como... movimentos mais ligados à defesa do SUS, os CONSELHOS de saúde né? [IVONE]

Por ser um espaço da diversidade e da crítica, a universidade se conforma como um espaço de expansão de horizonte, um local politizado e de realização de crítica a instituições

de poder, como a igreja/religião. Nesse sentido, a universidade aparece como um apoio para criação de resistências em relação a determinismo e meritocracia, além de princípios atrelados a doutrina religiosa. Ademais também foi relatada a participação da academia na construção de um entendimento de papel social das pessoas para mudar o cenário das desigualdades. Foram relatados episódios de embates acadêmicos decorrentes da diversidade de opiniões e perfis:

[...] **AMPLIEI** o olhar assim pra aquilo e para o que era mesmo a organização do mundo, porque quando eu entro na... universidade a minha vida era muito marcada pela inserção na igreja assim então... eu era uma figura que... eu tava numa banda, tava num grupo de jovens, era ministra da eucaristia, era não sei o quê, fazia tudo quanto era {tom de riso} coisa dentro da igreja né... e aí depois, **quando eu entro na universidade, tipo assim, esse mundo da igreja vai se afastando...** [IVONE]

[...] foi abrindo um mundo de coisas assim pra mim, foi me apresentando essas oportunidades de conhecer várias outras pessoas que em VÁRIOS outros espaços faziam justamente isso... estavam trabalhando... e se organizando em prol de construir um mundo melhor, mudar as coisas tal então... eu acho que foi essa MUDANÇA de um espaço onde era um espaço muito mais ligado a religião, e esse processo da caridade, pra um espaço que me colocou no processo mesmo de enxergar o mundo do jeito que ele é, com as desigualdades, onde que aquilo realmente não era natural e nem era só porque Deus queria, {risos} passava pela vontade dos próprios homens MANTER essa desigualdade e também transformá-la [...] [IVONE]

[...] e assim uma coisa que não parecia lógica, tipo "gente como que as pessoas estão numa universidade... que é o lugar do conhecimento, do certo bem entre aspas e vão passar pessoas entendidas, doutores e tudo mais **e aí você vê doutores discordando entre si, você "hum parece que não basta ser doutor tem ali as divergências e tudo mais"** [...] [MARY]

[...] então assim, na minha turma ainda tinha uma divisão muito grande de perfil econômico, sócio-econômico entrando, então TINHA MUITOS EMBATES na minha turma sabe? Tinha muitos embates mesmo "como pode? meu Deus como assim? De onde vocês vieram?" sabe? **E acontece, é isso, é a UNIVERSIDADE né, é o diverso** [...] [MARY]

Diante das ponderações anteriores destaca-se o potencial da universidade pública com seus ambientes democráticos – centro acadêmico, conselho de classe – e atividades afins, tais como atividades de extensão. O Diretório Acadêmico (DA), em especial, é apontado como um espaço de encontro e de apoio, inclusive após a formação já ter sido concluída, e também um meio de captar novos estudantes. A faculdade privada é citada como coparticipante nos movimentos sociais, com baixo envolvimento político:

[...] o DA teve um momento que ele se transformou num comitê de movimentos sociais porque todos nós que íamos formando a gente ia se ENGAJANDO [...] e aí quando tinha os fóruns, as assembléias populares, a gente se ENCONTRAVA e o DA era uma referência para a juventude [...] digamos que o DA se transformou num QG {quartel general} [...] e com isso a gente **influenciava também os estudantes que estavam lá, que ainda estavam na faculdade a vivenciar essas experiências** [...] os estudantes tinham ali como o LUGAR de apoio tanto político quanto... de conforto mesmo [...] [NORA]

[...] e a gente construía uma formação para os estudantes da graduação, era em parceria com alguns professores, então tinha um caráter também **extensionista** [...] a

gente reunia em geral aqui em X, vinha o pessoal da X... então VÁRIAS universidades federais, principalmente, mas acho que a [universidade privada] também participava esporadicamente [...] [MARIA]

[...] só que o universo da UNIVER-SI-DA-DE... **principalmente da universidade PÚBLICA...** pelo menos PRA MIM, foi algo que mudou minha perspectiva assim ó de ponta-cabeça... de entendimento de mundo... e aí aqueles espaços micro que era ali no centro acadêmico, representante de turma, reunião dos discentes, Conselho diretor... Conselho universitário, diretório central dos estudantes, e aí a partir dessa vivência eu comecei a MUDAR minha lente de ver o mundo eu falei "gente esse o negócio é babado hein {risos}, como é que é isso?"... [...] [MARY]

[...] a gente contou com apoio da PUC, foi **quando a gente trouxe a PUC pro movimento estudantil** assim dinâmico e politizado também, eles não participavam até então... [MARY]

Ademais, na entrevista com Mary, há uma regra discursiva acerca do papel de engajamento social e político de professores, por isso valoriza as atitudes específicas de uma docente. Em sua narrativa, observamos também que no espaço acadêmico se conformam relações de poder entre professores e estudantes, situações de ser coagida/reprimida, sob o pretexto de cuidado pelos professores. Como fatores para tais embates são mencionadas: distância financeira entre professores e alunos, discursos de autoridade docente sob alegação de “ética profissional” e “autonomia didática”, e titulações (como mestrado e doutorado), conferindo poder a certas pessoas. Nessa hierarquia entre professores e alunos há relato da vontade de envolver os docentes no espaço dos movimentos sociais:

Essa professora ela era muito engajada... uns anos depois, durante o percurso da faculdade, ela virou sindicalista do ANDES {SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR} tipo uma mulher... porreta... nada pára ela, a bicha voa e aí {risos} ela sempre provocava muito a turma, ela tinha, **ela entendia esse o papel dela como professora, de provocar, da gente estar REALMENTE questionando as situações** [...] [MARY]

[...] são coisas que me marcou muito ouvir... eu acho que mescla um pouco porque uma das coisas que uma das professoras falou foi assim... "**será que essa é a melhor postura pra VOCÊ que gosta da academia e tudo mais...** assim essas OUTRAS PESSOAS que não ESTÃO AQUI, você ter que levar tudo isso nas suas costas"/ assim eu não, eu ainda tenho um pouco, na verdade pode ser os dois componentes, **tanto uma coisa de cuidado...** em ser essa pessoa., mas ao mesmo tempo também é um... "olha aí pelo que está se arriscando", **também é uma forma de reprimir** [...] [MARY]

[...] eu falei "gente como é que a gente vai botar essa senhorinha pra entrar no RU {restaurante universitário}? {risos} Como é que fica isso?" Aí as professoras "não vocês vão almoçar com a gente" a gente "meu Deus, a gente vai comer naquele restaurante chique e tal"... então assim toda essa coisa rolando, acontecendo... [MARY]

[...] foi e perguntou "não professora, eu não tô entendendo, então quer dizer que as meninas não podem vim de short pra aula... por que?". "Porque aqui não é lugar pra isso, a gente tá passando as orientações do professor X e ele já definiu que vai ser desta forma e ele tem - como é que é, tem um negócio didático? - **autonomia didática pra organizar como é que vai ser as coisas**, o foco não é esse entendeu? [...] [MARY]

[...] como ele também tá no mestrado, ele tá nos outros espaços, TAVA NÉ assim muito presente nos outros espaços, era uma pessoa que... ninguém queria mexer com ele né? E aí ele usava, ali era o espaço de poder dele, de sobressair onde tava aquelas mulheres e ele falava e se colocava, ele, ele, ele, ele [...] [MARY]

[...] chegou um momento que a gente queria - mesmo entregando a ocupação - a gente queria debater com os professores o significado daquilo, a gente não conseguiu fazer isso... primeiro porque tinha uma dificuldade dos professores ouvirem o que a gente tinha pra dizer, porque a gente sempre ia tá errado... [MARY]

Porém, para que a universidade seja um espaço politizado há uma regra em torno da ideia de que as oportunidades da universidade não se resumem ao estudo formal das disciplinas curriculares, com o reconhecimento da necessidade de envolvimento com movimento estudantil. No trecho abaixo nota-se a presença da modalidade deôntica do discurso –verbo Ter - indicando obrigatoriedade. Atrelado a esse envolvimento com atividades extracurriculares, na narrativa de Mary, encontramos enunciado de que militantes não são bons alunos e por isso não servem pra atividades acadêmicas. Parece haver intencionalidade de cercear o desejo de alunos se envolverem com a militância:

[...] eu sempre soube dividir o meu tempo pra estudar e fazer a militância porque eu achava que eu não podia tá ali SÓ PARA ESTUDAR... a coisa das matérias da universidade, **eu tinha que** ver mais coisa, **eu tinha que**... aí fui entrando no movimento estudantil... [EDMA]

Eu ouvia muito isso na, até nos movimentos, nos espaços do movimento, que o militante ele tem que estudar mais que os outros porque se ele tira nota baixa ou se ele não tem o rendimento muito bom, aquilo acaba virando uma forma de atacá-lo também... [MARY]

[...]assim eu não tinha espaço, eu queria entrar num núcleo de pesquisa, eu queria fazer iniciação científica, eu queria fazer essas coisas e aqui... pra quem é de Centro Acadêmico, principalmente que tinha o envolvimento que eu tive, não tinha abertura pra isso, era como se eu não servisse pra isso, entendeu? [MARY]

Sobre os estímulos para envolvimento social e político durante a graduação, para Ivone, o processo de reflexão e engajamento dependia de tempo e, durante a graduação, trabalhar conjuntamente a estudar, impedia esses movimentos. Mary aponta que o fato das ações dos movimentos sociais ocorrerem no espaço da universidade facilitava a participação, por não precisar se deslocar. Considera que vivências anteriores dos alunos são importantes influenciadores no engajamento em movimentos sociais, uma vez que recebem os mesmos estímulos, mas apenas uns se inserem e se mantem nos espaços:

[...] eu tipo quase **não tinha tempo mesmo, apesar de ter esse incômodo no primeiro momento, não tinha tempo nem pra refletir sobre NADA** assim, porque era... era isso, era estudo e era o trabalho, e era minimamente dormir quando eu dava conta assim né? [...] e aí a partir desse, do **segundo período, que eu já tava com bolsa, aí foi MUITO diferente** [...] [IVONE]

[...] e esses espaços de reunião sempre eram na faculdade, então era algo que era possível né porque você tá ali no ambiente acadêmico, você tá na escola... e aí você "ah não, tem uma reunião é LÁ no outro bairro... é lá/ não a reunião vai ser aqui mais tarde se você quiser, se você.. esperar meia hora, você pega a reunião... né? [...] então assim as coisas encaixavam e TINHA possibilidade de participar... [MARY]

Só que é engraçado porque conversando até mesmo com essa própria professora... eu falei "não, mas acho que é o contexto né? O lugar e tudo mais que TRAZ a gente pra essa coisa de tá ali junto" aí foi a hora que ela falou "engraçado, a maioria dos seus colegas não continuaram, participando né? **Parece que NELES não dispertou... da mesma forma então tem uma coisa não sei de vivência ou da forma como bateu em outros lugares'...** [MARY]

Assim, aspectos contextuais de vida das mulheres-enfermeiras também consistem em impulsos para envolvimento com movimentos sociais e foram citados: a vivência de situações de desigualdade, o envolvimento com a Enfermagem, a vivência de condições precárias de trabalho, a percepção de opressões femininas – como a violência contra as mulheres – e a eminência de privatização do hospital escola. Na narrativa de Ivone, o envolvimento social se deu impulsionado pelo interesse em entender por que a enfermagem é desvalorizada, pela problematização durante a graduação:

[...] {contando sobre as vivências na infância no nordeste do país} e isso ficou muito marcante, essa coisa da desigualdade que era muito forte e é uma sensação de injustiça também né e chegando aqui a minha vó era da pastoral da criança, então a gente fazia visitas, eu acompanhava, morava com ela, de tarde estudava/ enfim ELA ME LEVAVA, ela pesando os meninos desnutridos, ela preenchendo cartão e **eu acho que tudo isso foi ficando armazenado**, eu não tinha consciência, hoje eu tenho consciência que isso **tudo influenciou** [...] [NORA]

[...] teve as condições do que a enfermagem passa, todas as opressões vivenciadas pela enfermagem e aí depois {tom de riso} veio o feminismo, aí veio a questão das mulheres... aí veio cair a ficha da violência sofrida pela minha mãe é por muitos anos com o meu PAI, com relacionamento abusivo, enquanto eu morava aqui ele... violentava ela fisicamente lá, então eles se separaram, eu já tinha dezesseis anos... **essas coisas foram se INTEGRANDO foram... eu fui conseguindo JUNTAR ali as opressões vivenciadas com a política que tava sendo colocada as... os estudos e a movimentação das mulheres a auto-organização das mulheres então eu entrei pro movimento de mulheres** [...] se eu tiver que fazer uma sequência acho que teve isso, então **o SUS, a enfermagem... as vivências enquanto mulheer de opressão e isso tudo junto num processo de trabalho que eu vivencio cotidianamente** até hoje né? [NORA]

[...] mais especificamente a Marcha Mundial das Mulheres, que eu sou PARTE ainda hoje, **eu justamente conheci na universidade, a partir de uma questão que eu me fazia enquanto estudante de enfermagem** né? Não só eu fazia, mas outras... colegas também de curso, que era 'porquê que a nossa profissão era uma profissão DESVALORIZADA, por quê que a gente, apesar de ter todo conhecimento, tinha menores salários e não era valorizado"... [IVONE]

[...] nesse momento, nesse ano de dois mil e quatorze foi quando entrou a EBSEH aqui, pegou a gestão do hospital universitário... [...] e aí não "porque vai perder o hospital" eu "como assim gente eu mal cheguei não vou ter nem hospital pra atuar? o que é isso?" e **aí comecei a participar das reuniões, dos espaços, aquilo começou a me motivar também...** sabe? [MARY]

O envolvimento nos movimentos sociais também é marcado pela curiosidade (as expressões “Como?” e “O que é isso?” aparecem 8X ao longo da narrativa de Mary), a necessidade de conhecer e o sentimento de pertencimento da estrutura pública das universidades. Também há atitudes de questionamento, de perguntar por que é daquela forma.

A curiosidade e a necessidade de conhecer são tão determinantes que em um dos episódios ocorre uma virada narrativa após compreender determinado fato:

[...] e aí isso me colocou **num cenário da necessidade da participação** nos espaços, eu preciso saber o que tá acontecendo, **não tem como saber alguma coisa se eu não participo né?** Alguém podia tá dizendo "ah não mas é muito melhor" mas a outra disse a outra coisa assim então quem que tá, qual que é o, o que de fato acontece? E aí tudo isso começou a instigar muito... a curiosidade e a coisa também do pertencimento, do lugar, essa universidade é nossa... [MARY]

[...] aí chegou um povo na sala "não porque vai ter/ eles são do centro acadêmico aí a gente quer uns minutinhos pra professora, pra vocês irem lá e tem que votar e a gente precisa de um número de votantes"... eu falei "o que é isso? **Eu não vou votar nada não, não sou, vocês/ é obrigatório? Porque eu não sei nem o que é.** O que vocês estão querendo que a gente vota sem a gente saber o que é"... {risos} não deu quórum na faculdade... eles tiveram que fazer outra eleição, outro processo eleitoral, mesário não não não aí **eles passaram de sala em sala explicando o que é centro acadêmico, que a gente precisava ter aí eu "nossa parece que é bom né? Nossa se vocês candidatarem aí eu vou votar... agora que eu sei** {risos}" [MARY]

Ainda sobre motivadores para engajamento social e político há demarcação de que para isso o desejar e o querer são importantes, já que é uma responsabilidade que não é recompensada com lucro, pelo contrário, em alguns momentos citam inclusive o ato de dispendir recurso próprio. Portanto o engajamento é uma possibilidade, não uma obrigação, por exemplo, acadêmica. Mas algumas escolhas feitas junto aos movimentos sociais são apontadas como respostas a necessidades, aquilo que é importante; como o trecho abaixo sobre a fundação de um espaço de participação social em torno da temática da privatização da saúde:

[...] e tipo **acabou que lá a gente fundou, com as pessoas que tinham ido de X, a Frente X contra a privatização da saúde...** nossa lembro como hoje assim dessa hora assim, dessa conversa né [...] e aí acabou virando também um compromisso né tipo você tá ali no processo, **você acha que precisa, a gente precisa disso aqui no nosso estado** e aí? [MARY]

[...] eu fui da Federação Nacional dos Enfermeiros aí você vai... vai militando, militando, militando, militando, daqui a pouco tu tá em tudo quanto é lugar e participando de um pregada de coisa... com a **responsabilidade de um monte de coisa** e você vai indo e assim menina **você tem que gostar** dessa coisa, dessa participação... porque ela, **você não ganha dinheiro**, não ganhava dinheiro dentro do sindicato, como eu falei o sindicato era MUITO palpérrimo... no final de ano a gente tinha que fazer vaquinha pra poder pagar décimo terceiro dos funcionários [...] mas assim esse envolvimento.. **a gente acredita que é super importante** [...] [EDMA]

Diante destes últimos resultados, que trazem aspectos subjetivos das mulheres-enfermeiras, passamos para a categoria que apresenta um olhar endereçado aos processos de subjetivação.

Subjetivação de mulheres-enfermeiras envolvidas em movimentos sociais

Esta categoria de análise se centra na mulher-enfermeira, nos processos de subjetivação, captando aspectos relacionais entre as participantes e os movimentos sociais e delas com quesitos relacionados à Enfermagem e a produção do cuidado. Portanto, serão apresentados dados produzidos em torno das posições subjetivas, em especial posições de sujeitas dos discursos e efeitos/expressões corporais.

Grande parte das narrativas é contada na primeira pessoa do plural, sujeito coletivo, em uma prática de designação dos grupos de participação social nos quais as participantes se associaram e com os quais produziram ações. Maria e Nora descrevem a quem se referem como “a gente”:

[...] e comecei a movimentar em dois mil e sete, dois mil e sete a gente organizou um grande ato com a Via Campesina que as mulheres ficaram acampadas lá no X e aí a gente protagonizou - **eu digo a gente a Marcha Mundial das Mulheres**, que eram jovens feministas mais as mulheres mais antigas que já faziam parte [...] [NORA]

[...] a gente eu digo eu e algumas colegas da Enfermagem [...] [MARIA]

São diversos os usos do sujeito coletivo. Maria utiliza repetidamente as expressões “para a gente” ou “a gente era”, tanto no sentido das leituras que esse coletivo faria/fazia de algumas situações, quanto no sentido de identificação e caracterização do que era o coletivo. Mira utiliza a primeira pessoa do plural quando vai relatar algo que precisa ser feito, com as expressões “temos que...” e “que a gente faça...”, ou quando realiza uma crítica a alguma situação específica. Mary utiliza a expressão “a gente conseguiu” como um refrão (repetido 14X) dando contínua ideia de barreiras extrapoladas pelo coletivo:

[...] **a gente era** as meninas do pé sujoo [...] **a gente era...** um coletivo FEMINISTA [...] [MARIA]

[...] **pra gente era** super difícil, e aí a negação do aborto de novo... [...] **pra gente era** muito difícil entrar uma mulher... da esquerda e enfim reafirmar esses lugares de novo mais uma vez e ouvir POUCO o movimento feminista [...] eu lembro que **pra gente era** sempre uma questão encontrar com as mulheres TRANS que as vezes afirmavam um lugar... da feminilidade padronizada [...] [MARIA]

[...] eu atendia filas IMENSAS porque a necessidade da assistência de saúde de um profissional qualificado dentro desses espaços é imenso... o pessoal fazia fila... eu disse “olha gente eu sou enfermeir, eu não sou médica... inclusive **nós temos que** realmente PRESSIONAR o poder público né? [MIRA]

[...] **Por que a gente** não estuda isso a gente tem que ver... ficar tradicionalmente dentro desses livros né? Que dita as coisas completamente longe... e a saúde dos nossos povos... a gente também não tinha acesso né? [MIRA]

[...] mas a gente conseguiu doação de bloco da Federação Nacional dos Enfermeiros, **a gente conseguiu** professora cedida da ABEN, que a ABEN pagou pra professora vim, que o sindicato pagasse pra outra professora do interior vim fazer debate com a gente/ então assim **a gente conseguiu ajuda** de vários lugares que era uma coisa que não tinha, então a gente **começou a ser NOTADA** [...] [MARY]

Apesar de utilizar a denominação “a gente” para designar aquelas que produziam as ações coletivas de cuidado e dos movimentos sociais, foram encontradas demarcações de diferenciações entre “eu” e “nós”. O “eu” narrado por Ivone, num momento da entrevista, é demarcado ao ouvinte como mulher e em contraponto com outras mulheres - casadas e com filho. Mary também faz contraponto entre “eu” e os outros, de modo que em alguns momentos da narrativa há uma sequência de ações conjugadas na 1ª pessoa do plural, mas quando vai narrar uma ação de afronta usa a 1ª pessoa do singular:

[...] tipo assim eu sou uma mulher solteira que não tem fiiilhos, então pra outras colegas que são enfermeiras e tem filhos e vivem né, tipo assim, são casadas, tipo esse lugar ainda aparece.. muito mais forte assim né [...] [IVONE]

[...] e nós aqui do X conseguimos ir DUAS PESSOAS e como batia com data nossa de prova **a gente chegou** no final... **a gente achou** que ia chegar na metade só que eles tinham encurtado a data final porque o pessoal da USP ia embora no sábado e pra eles não perderem tanto/ o que **a gente ia pegar** de 3, 4 dias a gente acabou pegando.. dois dias do evento... **eu tive que defender** assim o DIREITO DE FALAR, DE PROPOR coisas né? Chegamos nesse ponto e aí **acabei puxando** um evento pra cá, pra X que foi o CBEEN... [MARY]

Todavia, Mary, Mira e Edma assumem uma posição diferenciada porque as ações narradas são costumeiramente conjugadas na primeira pessoa do singular, elas se caracterizam como narradoras bastante performáticas. Suas narrativas são marcadas pela utilização de interlocuções, momentos em que “saem de cena” e direcionam o discurso para a audiência, e utilizam constantemente discursos diretos, chegando a colocar em diálogo até três pessoas, como explicitado no trecho abaixo:

[...] e... eu disse “mas?”... “não a gente tem que sair porque chegou o professor com os alunos”... “mas professora a gente já tá aqui já faz um tempo né, tem mais de meia hora e a gente tem que levantar? Porque ele não vai procurar sala?” [...] [MIRA]

Como mencionado no subcapítulo 4.2.4 – “Análise dos dados”, um dos procedimentos de análise, foi composto por análise denominada performática. Neste processo encontrei três versões preferenciais de si das mulheres-enfermeiras, nomeadas como: (i) Mulher posicionada no mundo – feminista; (ii) Mulher-enfermeira no mundo – oprimida; e (iii) Enfermeira posicionada– cuidadora diferenciada. Essa divisão de versões é realizada de modo organizativo dos dados, não sendo momentos/versões estanques na conformação subjetiva.

Mulher posicionada no mundo – feminista:

A primeira versão preferencial de si a ser tratada é a de mulher posicionada no mundo, consciente das opressões associadas ao gênero e a profissão/ocupação, que questiona, se posiciona diante dos embates com pessoas com ideologias divergentes, persiste, luta, se

mobiliza, não aceita fazer vista grossa, está constantemente envolvida com movimentos sociais e com questões político-sociais, é militante, ativista e feminista. Como exemplo, na entrevista com Ivone, flexões do verbo “participar” surgem repetidas vezes. Esse e outros trechos associados a essa versão de si são apresentados adiante:

[...] a gente se reivindicava como feminista [...] [MARIA]

[...] quem ia pra lá tinha que fazer o papel do médico... coisa que eu **me recuso** a fazer, o papel que não seja o meu... seja ele qual for... [MIRA]

[...] eu sempre tive/ enfim eu sempre me ENVOLVI com as questões da universidade... [MARIA]

[...] **eu não faria isso se eu não fosse feminista..** porque essa consciência de que a mulher precisa de apoio pra amamentar e que amamentação é trabalho... [NORA]

[...] “não gente é sério assim né? Pra mim, organizar o trabalho, a assistência, passa por essas coisas assim”, tipo eu **não consigo FAZER VISTA GROSSA...** [IVONE]

[...] tipo assim, **participo** de movimento... sei lá desde quando eu me entendo {risos} como parte de gente assim porque minha mãe já era representante da associação de bairros né? Então eu **já participava** disso e também através dos movimentos mais ligados a IGREJA, então **eu já participei de...** era criança ainda **já participava de** rádio COMUNITÁRIA [...] [IVONE]

[...] eu transitei por esses vários espaços e nesses vários espaços... **a minha ação sempre era marcada por esse processo intínseco que eu tinha com os movimentos porque em nenhum desses momentos eu tava fora né...** do movimento, eu era aquela profissionista ali que era enfermeira, que era gestora, que tava atuando, mas eu também era militante [...] [IVONE]

[...] eu sempre fui uma pessoa muito dona do meu nariz entendeu? Eu nunca tive problemas... **por ser MULHER assim de ser polida das nossas atuações** [...] [EDMA]

Dada a escolha metodológica por amostra intencional e o perfil de participantes almejado, essa versão preferencial de si já era, de certa forma, esperada. Todavia destaca-se a construção discursiva em torno desse dado. Na entrevista com Maria, tal versão de si é encontrada em relatos do passado, vinculados à época da graduação em que havia grande intensidade de participação social:

Porque infelizmente agora assim eu as vezes dou conta de ser uma Maria.. assim eu vou pra uns espaços tão... tão... ESTÉREIS eu acho, sabe assim, as vezes eu participo deles porque tem que participar, enfim **não é sempre que eu quero... MUDAR tudo igual eu queria naquela época...** [MARIA]

Já na entrevista com Mary e Nora há um contraponto entre a versão de si anterior, associada à crença em meritocracia e a atual versão, que compreende os determinismos, compreende que é necessário apoio, suporte estrutural, para que as pessoas alcancem direitos e insumos. Há, portanto, uma mudança de postura, nova subjetivação pelas experiências vividas, nova compreensão de mundo. Na narrativa de Nora fica evidente que a versão de mulher-enfermeira posicionada é resultante das inúmeras situações vivenciadas, com influências na construção de uma consciência feminista. Assim, relata que as percepções de

gênero são acontecimentos posteriores e o engajamento com o feminismo como uma consequência, diferença entre vivenciar e estar organizada para enfrentar as opressões:

[...] nesse primeiro ano era tipo assim "nossa eu TENHO que me sair bem nesse lugar, porque a qualquer momento eu posso NÃO ESTAR mais aqui", né? E aí eu consegui no outro ano ter bolsa de melhor aluna da escola [...] **Eu ainda achava que** "nossa é só estudar bastante que eu vou vencer na vida, vou comprar minha casa própria, vou ter o meu carro e vai dar tudo certo"... né? E aí... **muita coisa, muitos anos se passaram** [...] [MARY]

[...] **a gente não precisa aceitar tudo do jeito que cai na nossa cabeça** e é assim e pronto e você tem que sofrer isso sozinha, porque o ensino é a distância mesmo e tem que ficar 12 horas e se você não tem conexão você não tem direito a essa educação né? Tipo e aí o que você vai fazer... **a Mary de antes** ou ela ia achar que não merecia e ia desistir ou ia se matar em um emprego para conseguir aquele... equipamento necessário né? **A Mary de hoje**, que sabe que, embora eu possa, eu precise né conseguir ter esse material e tudo mais **não depende só de mim eu também preciso de um respaldo, eu posso tá dialogando sobre isso junto com a instituição**, sabe então? [MARY]

[...] **eu vivenciei** uma história de efervescência também no país que me possibilitou... não só essa... construção dessa consciência de classe, mas também me possibilitou me colocar em movimento porque uma coisa é você saber que existe opressão, você **vivenciar**, outra coisa é você tá organizada pra... ENFRENTAR essas opressões [...] [NORA]

Associado a essa versão de si de mulher posicionada no mundo, encontrei pistas de perfis necessários, estratégias disparadas e possibilidades de escape encontradas.

Por meio de histórias narradas por Mira e Mary, notam-se características de um perfil de pessoa irreverente, astuta, versátil, incômoda, afrontosa, que é da lida, se modula de acordo com o público e com o contexto. Também na narrativa de Ivone, encontramos um perfil versátil, atrelado às experiências de trabalho variadas e ao aproveitamento de oportunidades no período da graduação. Ademais, há menção a um perfil de irreverência, ineditismo, em especial no que se estuda, temas não explorados e necessários. No caso de Edma o pioneirismo é demarcado em relação ao escopo de sua família, que não incentivava nem tinha vivência de engajamento político e social:

[...] e terminou aí veio a enfermeira assim "tú é uma bicho grilo" falou né? "Uma **bicho grilo** na enfermagem"... eu disse "isso aí é ofensivo? Tú tá me ofendendo? O que é isso?" {risos}/ [...] Ela disse "não **esse teu jeito é meio porra louca** não sei o quê" né? [MIRA]

[...] "porque era centro-oeste tem aquela influencia da X né, tem **UMA MENINA LÁ** que ela é problemática, não sei o que"... [MARY]

[...] a gente tinha que **ter mil jogos de cintura** pra poder fazer valer o que a gente queria... trabalhar... [MIRA]

[...] já experimentei **várias áreas/dimensões** assim do nosso trabalho... estive na ponta, na assistência, no saúde da família... mas também já estive em espaço de gestão... já estive é... fui pro **MESTRADO**, fiz mestrado né? Experimentei um pouco assim esse meio da academia [IVONE]

[...] tem coisa, tem muita coisa pra trabalhar assim esse processo que eu estudei mesmo que é essa questão da auto-organização das mulheres, resistência na

mineração né? Tipo assim... quase nada assim, agora já tem mais coisas né tipo assim [...] [IVONE]

E eu assim... como que começou esse meu envolvimento?... Primeiro falar que **na minha família ninguém nunca gostou nem nunca incentivou... nenhuma participação social nem política** nem absolutamente nada [...] [EDMA]

Nas entrevistas com Mary e Edma encontramos também aspectos que demarcam um perfil de liderança de equipes e estudantes, conduzindo para o envolvimento social e político, expresso nos episódios em palavras de ordem e discursos de apadrinhamento:

[...] e falamos "ninguém briga com a comissão organizadora, comissão organizadora está cansada, vamos ajudar a comissão organizadora... não vamos levar problemas pra eles"... [MARY]

[...] "olha gente eu tô saindo do CEBES X, **mas eu tô apoiando, então assim qualquer coisa que vocês precisarem**" / porque a gente/ uma coisa que também é muito difícil RENOVAR, que você vem, você participa, você entende o processo... mas a gente não pode centralizar na gente, a gente tem que passar pra outras pessoa que vão estar girando isso aí [...] [MARY]

[...] os técnicos de enfermagem falavam assim "ah Edma tu pode não lembrar mas você, teve uma vez que você botou todo mundo dentro do trem, fechou a unidade básica... comprou... o papel, nós fizemos os pirulitos e nós fomos ANDANDO daqui ATÉ a linha do trem pra pegar o trem, porque **você falou que a gente tinha que ir todo mundo pra cidade pra fazer a manifestação** pra não sei o quê" / [...] [EDMA]

Sobre as estratégias acionadas pela mulher posicionada-feminista, destacaram-se os diversos relatos de embates com outras pessoas, sendo essa uma atividade peculiar do que é denominado como “a luta”. No enredo dos embates narrados, existem expressões que remetem a uma luta física, como a utilização dos verbos “apanhar” e “bater” e a posição “olho no olho”. Mas, ao analisar os enunciados, entendemos que os embates são discursivos e resultantes de atitudes posicionadas, negociações de posições e defesa dos pares. Assim, a voz e o acesso ao microfone são peças-chave de ação:

Aí e nada me intimidava não **eu olhava no olho** e falava pra mim sabe? Num era de desprezar as pessoas, num era isso né? Mas era **pedir ALTIVEZ** sabe? Era se posicionar... [MIRA]

Então tó TINHA um embate com a enfermeira... mas num era embate de você dizer 'tú é feia, tú é Mira', num era sabe? **Era um embate de posicionamento**, de entendimento, de compreensão de quais eram aquelas papéis que estavam ali. [MIRA]

Não tenho microfone, vou pegar o microfone e dizer como é que está a saúde aqui e dizer “olha a Enfermagem tá fazendo isso, isso, isso e aquilo” [...] [MIRA]

[...] tivemos que chegar em reunião e... falar assim abertamente "se vocês tem um problema comigo Mary, sabe? Com essas outras pessoas que compõem o Centro Acadêmico.. falem com a gente, agora assim eu NÃO ADMITO que vocês DESTRATEM os meninos que NÃO participavam desses espaços, que a gente conseguiu trazer pela primeira vez pra cá e ter esse tipo de tratamento" [...] [MARY]

[...] porque **a luta era tão INTENSA**, a participação das pessoas era tão intensa [...] [EDMA]

Maria e Edma relatam que a luta é constante, cansativa e não há escapatória, é preciso resistir e estar justamente onde há alguém para “bater”. Na entrevista com Nora a luta é associada à possibilidade de aprender, por isso “apanhar” e “aprender” são ações apresentadas em uma mesma oração. Valoriza-se o fato de que o aprendizado permanece, valendo a pena apanhar. Enquanto isso, Mira rechaça a utilização comum do verbo “bater” para declarar as relações entre as pessoas com posições diferentes. Portanto a luta não tem, para as participantes, uma conotação de sofrimento, risco, incômodo, estranhamento; é entendida, sobretudo, como necessária e digna:

[...] as vezes a gente **esperava duas horas pra falar** com a CHEFE de enfermagem... pra ela permitir ENTRAR nos hospitais pra gente poder falar com os enfermeiros pra se filiar então assim é muita coisa é um... é o **dia-a-dia de muita luta** entendeu? [EDMA]

[...] tem **MUITA LUTA pra estar nesse lugar** {tom de riso}... Assim eu fico pensando que quem não está na luta, **ESTÁ NA LUTA**, sabe assim? {risos} [MARIA]

Eu falei “gente nós temos que olhar pra isso e falar assim estamos no lugar certo... se eles estão **batendo** primeiro é na gente... e eles são o que eles são... **sinal que nós estamos no lugar certo**” {tom de riso} [MARIA]

[...] lá em X a gente **apanhou muito** assim, foi muito, {risos} foi um processo de muito aprendizado porque eu justamente fui dando conta disso, mas foi um processo de muito... muito duro assim foi um... um **aprendizado** apanhando assim né {tom de riso} [...] [IVONE]

[...] {contando sobre o aconselhamento dado a ela por outra pessoa} “não vai pra lá porque como tú não faz essas coisas, tú te recusa, **o pessoal vai te BATER pra lá, tú vai correr risco tudinho mais**” eu disse “**mana se existe uma coisa... é as pessoas de onde eu sou né me bater/ JAMAIS... e nem OUSOU porque as pessoas não batem né?**” [MIRA]

Nos embates relatados encontro contestação de pessoas em posições de autoridade, tais como professores e representantes do legislativo e executivo. No ápice de um episódio de enfrentamento junto a professores, Mary utiliza intertextualidade com a lei Maria da Penha para conceituar o que estava ocorrendo em ato, como uma metonímia para representar a violência psicológica que percebia:

Os professores, quando íamos pros espaços... que chegava a gente tava/ não tinha sala específica pra estudantes ficarem dentro dum hospital né/ dentro disso ou aquilo, quando a gente ia pra... cursar as disciplinas dentro das instituições, fora da universidade... e... eu disse “mas?”... “não a gente tem que sair porque chegou o professor com os alunos”... **mas professora, a gente já tá aqui já faz um tempo, tem mais de meia hora e a gente tem que levantar? Porque ele não vai procurar sala?**[...] “você me constrangeu... me deixou numa situação” eu disse **“bom professora comece a mudar aí as suas atitudes né porque não pode**. Ou você tirar os estudantes... é desrespeito o que você está fazendo com a gente” e esse era o embate então... [MIRA]

[...] a gente ia voltar, uma das colegas tava na bolsa com a cartilha da Maria da Nora e aí tinha lá a descrição de violência psicológica e eu lá pelo amor de Deus alguém tem que ler isso, alguém precisa ler isso, isso é violência psicológica, a gente tá sendo violentada psicologicamente, sabe? Não tem lógica as professoras estarem

falando isso e aí chegou o professor e eu tava assim, eu falei assim "eu só vou ler isso, isso aqui define, não é possível que eles não vão entender" [...] e li, CADA LINHA QUE EU LIA meus colegas ficavam assim, principalmente os meninos... e eu lendo PUTÍSSIMA e lendo CADA PALAVRA sentindo na alma, com muito gosto, isso é violência psicológica... e aí quando eu terminei de ler, o professor "eu não acredito que você fez isso"... não me aguentei e falei "**algum problema com a Lei Maria da Penha professor?**"... [MARY]

Mira em suas narrativas aciona estratégias de explicitação da verdade, realiza críticas, denúncias da ausência de atuação do poder público, exige direitos, utiliza o microfone para demarcar posições e injustiças. Enquanto isso, na narrativa de Edma, encontramos discursos de contra-argumento marcados por conhecimento de causa e anseio em compreender o que ocorre. Tais dados apresentados nos trechos abaixo se assemelham a prática da parresia, conforme referencial de Foucault:

[...] começava a descobrir que o remédio que chegava pras pessoas era vencido... pessoal pra fazer média, vereador, É TUDO VENCIDO [...] porque **você ia conhecendo as coisas e tinha contra-argumento** né? Não porque... o que ia conhecendo e ia montando assim "mas olha mas isso aqui tá tá tá tá né? Aqui/ aqui tá tá tá", então você ia falando, olhando no olho e com conhecimento de causa do que as coisas se passavam lá [...] [MIRA]

[...] e eu assim eu não consigo fazer as coisas sem entender o que eu tô fazendo então eu ia pros sindicatos né, como eu falei, pra APRENDER o que era uma convenção coletiva de trabalho... mas tinha legislações que eu queria me aprofundar... então eu fui fazer direito... [EDMA]

Ainda sobre a versão de si de mulher posicionada-feminista, Maria avalia como idealista, divergente do real, mas adequado e sonhado. No mesmo sentido, Nora apresenta autocrítica ao mencionar que não é coerente o tempo todo com tal versão preferencial de si:

[...] e também eu acho que **a gente era muito idealista** {risos} a gente achou que a gente ia fazer um café e ia resolver tudo... elas iam falar "ah ótimo vamos desistir" [...] [MARIA]

[...] nem sempre eu tenho a saúde mental pra abordar como eu gostaria, a militante Nora abordando, porque eu tô aqui sobrecarregada toda hora, então eu não vou dizer que eu sou coerente em todos os momentos, mas eu tento ser [...] [NORA]

Nas narrativas, encontro admiração, encanto, satisfação e orgulho das participantes em relação aos embates, às atividades e aprendizagens vinculadas aos movimentos sociais, às expressões de liberdade e de resistência. Tais momentos são considerados belos, esplendorosos, empolgantes. Na entrevista com Maria há repetida utilização(16 vezes) do modo superlativo – pela combinação do termo “super” com expressões positivas em relação às ações construídas pelos movimentos sociais e às pessoas envolvidas nesses espaços:

[...] aí foi, a oficina aconteceu, foi UM NE-GÓ-CIO menina **MAGNÍFICO**... mas **MAGNÍFICO** olha... que o pessoal... ficava assim né?... [MIRA]

[...] **foi um momento... muito bonito de formação de juventude** aqui em X... [...] [NORA]

[...] assim foi um momento muito bom, lembro assim com muita emoção porque a gente **acabou fazendo história ali**, foi importante para os estudantes que participaram também de vivenciar ocupação, de revezar... [MARY]

Além disso, o envolvimento com os movimentos sociais é apontado como uma experiência avassaladora, visceral, transformadora, sem escapatória, natural, contínua, com efeitos permanentes. Mary aponta que as coisas só faziam sentido se fossem orientadas pelas novas perspectivas, pelas defesas as quais se uniu (como a defesa do SUS). Por ser avassalador e se envolver muito há dificuldade de se ver de fora, de modo que é preciso um distanciamento temporal para perceber algumas facetas:

[...] porque eu tava muito envolvida, não era uma coisa/ não saia de mim fácil sabe? Assim eu não podia virar outra Maria e ir pro... Hospital {tom de riso} [...] aquela época era impossível eu tá num lugar {tom de riso} passar por ele sem/ que a **experiência era muito... avassaladora** e aí eu acho que isso fez toda diferença assim... [MARIA]

[...] eu comecei a... as coisas que eu ia fazer parece que **não tinham muito sentido se eu não tivesse...** se eu não pensasse naquilo ali, aquelas coisas realmente começaram a **fazer parte de mim** [...] [MARY]

[...] é complicado porque você tá na situação até pra você ter uma... maturidade de lidar com aquilo é mais difícil porque você também esta sendo atacado, **não tem como você sair e falar assim** "não, calma, as pessoas estão lendo assim, elas estão vendo você" sabe? **HOJE EU FALO DESSA MANEIRA, na época era... uma loucura** [...] [MARY]

[...] a gente **tava sempre dando apoio ao sindicato aqui** no X, mesmo sendo ainda estudante, mas participando de eventos que o sindicato chamava... então **foi automático**, quando eu me formei tava um processo eleitoral do sindicato formando chapa aí eu fui convidada pra vim como suplente... eu só não entrei porque eu não tinha tempo de filiada ao sindicato aí passou aquele processo eleitoral... mas eu continuei indo nas reuniões **sempre que me chamavam tava sempre junta...** aí num segundo processo eleitoral aí eles me chamaram e aí eu entrei... [EDMA]

Portanto, a expressão dessa versão de si posicionada no mundo é como uma maturidade alcançada, a mudança de uma versão mais imatura para outra que tem “consciência” das opressões e do meio. Destaca-se que a transformação de si é apresentada como uma regra discursiva, devendo se dar constantemente, já que há sempre o que mudar. O envolvimento social e político altera o si, sendo uma atividade indissociável da forma de viver e trabalhar:

[...] eu acho que depois de um tempo a gente entende que... o que veio antes faz sentido também... né? [NORA]

Nossa foi uma coisa muito é muito transformadora, eu brinco assim que nossa a MARY que eu era sei lá há dez anos atrás... sabe? Tipo... tem muita coisa dela? Claro que tem, mas tem muita coisa que mudou e ainda tem... {tom de riso} sabe? [MARY]

Marcou a minha vida, inclusive a forma como eu fui orientando a minha própria inserção no mundo do TRABALHO, assim a partir de formada e tal então... esses processos também marcaram essa minha inserção né? [IVONE]

[...] porque eu acho que pra mim a participação nos movimentos é PARTE da minha vida assim né? Tipo eu... nem consigo SEPARAR muito esses processos assim... [IVONE]

[...] **tô contando essas coisas pra dizer que essa inserção nos movimentos organiza também a minha vida, não é algo dissociado** né? Tipo assim aqui eu toco as coisas da minha vida, aqui eu faço a minha militância né? É algo bastante

JUNTO assim que mexe com a minha vida profissional né?... E de outras formas de organização também...[IVONE]

O espaço dos movimentos sociais e o exercício de participação social são apontados como possibilidade de coletivizar, mas também de se aproximar das questões políticas, se posicionar, ganhar maturidade, fazer denúncias (obrigações – “tinha que”) acerca de desigualdades. Para Nora, a articulação em movimentos feministas fortalece mulheres e meninas para ocuparem os partidos políticos e movimentos estudantis, parte do enfrentamento das desigualdades perpassado pela ocupação dos espaços por mulheres:

[...] então ali eu tava vivenciando também aquele **ciclo do agrupamento** né? **Mas as questões políticas já chegavam**, eu enfrentei uma greve... da... era FHC que **eu tinha que me** posicionar, eram três coordenadores, então **a gente tinha que coordenar** assembleia, **tinha que**, participava da congregação {tom de riso} do X sabe? Eu tinha só dezoito anos DE IDADE então eu... **tinha que cair a ficha** ali que aquilo era coisa séria... [NORA]

[...] e a gente viu que a gente tinha que denunciar o sindicato dos enfermeiros também {tom de riso} que já tava lá há 20 anos com a mesma gestão [...] [NORA]

[...] e aí a gente, enquanto mulher jovem URBANA, né, a gente tinha essas trocas e eu CREIO, acho que eu já ouvi isso da fala de algumas mulheres, que a gente fortalecia pra que as disputas internas acontecessem tanto nos DAs... porque tinha menina que ainda era do movimento estudantil e tava na Marcha... tanto dos partidos quanto dos movimentos ou nos sindicatos... que a gente tem um histórico aí de mulheres do PCdoB, mulheres do PT que já são... que já tem o feminismo aí em sua construção há... 30 anos né? [NORA]

Ao longo das narrativas, notamos que a versão de si posicionada no mundo-feminista e as ações disparadas pelo ativismo são motivadas e endereçadas a mudar o contexto vivido pelas mulheres e enfermeiras. As condições sociais de mulheres são mencionadas como permeadas por questões estruturais, pelo machismo e por mecanismos de controle sobre os corpos das mulheres. Uma das facetas encontrada em práticas discursivas e não-discursivas é a de denúncia dos efeitos de padrões de beleza sobre os corpos das mulheres:

[...] a gente sempre... fez QUESTÃO de inclusive discutir porquê feminismo né assim... por entender que... **tinha um machismo que era estruturante e que a gente, a perspectiva de mudar essa realidade é que tornava a gente feminista** e era só isso ser feminista, nada demais e tal.. [MARIA]

Que essa opressão ela é TÃO estúpida... TÃO estúpida que você pelo simples fato de nascer mulher, de ter uma vagina né? Isso já é uma situação de você ter que tá naquela/ já JUSTIFICA né? [MIRA]

[...]a gente convidou elas pra um café, pra gente **conversar sobre padronização do corpo e sobre... Padrões de beleza e sobre saúde das mulheres** e falamos que a gente achava que esse tipo de evento não fazia bem pra saúde das mulheres, pra todo esse contexto, que ele só REITERAVA uma série de questões que eram muito difíceis pra maior parte das mulheres e tal. [MARIA]

São encontrados relatos sobre exploração pelo trabalho, vivência de desigualdades na infância, volume de trabalho acumulado e dificuldades econômicas e raciais para acessar oportunidades de ensino. Portanto, a competência de reconhecimento das desigualdades também é conformada por experiências próprias, atravessamento pessoal. Todavia, no

discurso de Edma há uma posição diferenciada. Ela reconhece a existência de desigualdades de gênero, mas considera que elas não foram impeditivas para sua inserção nos espaços, uma vez que corria atrás das necessidades:

[...] tipo eu **via** terra rachada, **vi** seca, **vi** gente pegando água no poço, água... que gado tôma eu... não esqueço que eu fui levar uma caixa de papelão pra... moça que passava roupa lá em casa porque o bebê dela tinha morrido, pra ela enterrar o bebê na caixa de papelão de leite ninho... **eu lembro** dessa cena, de um caxãozinho de papelão sabe? Então assim, **eu lembro** da CÓLERA... **eu lembro** de criança morrer de diarreia, enfim eu lembro de tudo isso [...] [NORA]

[...] só que no primeiro período, quando eu entrei na universidade, eu TRABALHAVA também e.. comecei a trabalhar muito cedo... porque minha mãe faleceu eu tinha quatorze anos e aí vim morar com meus avós e tal, então desde os quatorze eu trabalhava já fora de casa né? Porque dentro de casa **a gente já** trabalhava há muito tempo [...] então era... uma PAULERA ter uma noite sim e uma noite não e tinha pra dormir e ENCARAR todo o primeiro período do curso de Enfermagem, que você sabe como é pesado [...] [IVONE]

[...] a própria questão de raça né uma categoria de NEGROS, NEGRAS periferia, classe MÉDIA BAIXA... pessoas que chegam a uma universidade, as vezes só é ela que chega de uma família inteira como foi eu também... [EDMA]

[...] isso aí nunca foi EMPECILHO pra eu... atuar, pra eu fazer, CORRER ATRÁS... nunca tive dinheiro também... eu sempre corri atrás e ajudava, passava pires... a gente passava rifa, tava sempre indo nos congressos, A GENTE CONSEGUIA PASSAGEM... nos congressos da ABEN... aí ficava nos espaços que eles davam pra estudante... depois ficava nos hotéis mais baratos e por aí vai, então isso nunca foi problema na minha vida, pra eu fazer miliTÂNCIA pra eu ir pra tudo quanto é ESPAÇO, nunca foi... [...] [EDMA]

No segundo trecho acima, destaca-se a utilização do termo “a gente” em um contexto de narração de uma ação individual de Ivone. Esse uso remete ao relato de uma situação que não era apenas vivida por si, mas que é constante para as mulheres – o início do trabalho desde a infância, em especial o trabalho doméstico. Também nas narrativas de Edma e Ivone há percepção sobre as múltiplas jornadas de trabalho das mulheres, em especial das enfermeiras:

Tipo OLHAR pra mulher que tava ali e... pensar assim essa mulher é uma mulher que TRABALHA, dentro de casa e fora de casa... [IVONE]

[...] realmente é uma luta de uma categoria iminentemente feminina... tem mulher pra cacete, tem mulher que **trabalha em TRÊS VÍNCULOS, que trabalha em CASA, que é dona DE CASA, cuida da FAMÍLIA** [...] [EDMA]

Ainda sobre a percepção da interface entre exploração do trabalho e gênero, Nora menciona vivência de sobrecarga de trabalho. Esse fato foi acompanhado por uma ação-escape: o agendamento da pesquisadora como mãe de um paciente para que a entrevista ocorresse – um ato de resistência em meio a múltiplas jornadas de trabalho. Ademais, nas narrativas, Mary e Edma destacam a naturalização do acúmulo de tarefas por mulheres. Do contrário, parece haver uma regra discursiva de que é imoral desejar ganhar mais. Por isso, em uma luta por acumulação de cargos o discurso de possuir maior remuneração não foi

adotado como argumento, mas sim o discurso de que havia falta de profissionais. É imoral desejar ter maior remuneração, mas é natural poder trabalhar por mais horas:

Após a realização da entrevista, Nora me enviou uma mensagem dizendo que: “Não consegui completar um raciocínio, no trabalho eu fico taquipsíquica. Não foi legal ter marcado lá...mas enfim, agora já foi”. (Diário de campo)

[...] se eu tiver que fazer uma sequência acho que teve isso, então o SUS, a enfermagem... as vivências enquanto mulher de opressão e isso **tudo junto num processo de trabalho que eu vivencio cotidianamente** até hoje né? [NORA]

[...] e aí a gente puxou um evento também pra fazer porque tinha pouca coisa - **eu brinco com os meninos que eu falo assim "nossa, uma tarefa? Quero né, vou fazer"...** e aí a gente pegou né e foi bem difícil de executar [...] [MARY]

[...] porque esse negócio da gente tá, a nossa vida ela **sempre ser um monte de coisa ao mesmo tempo... a gente também reproduz isso dentro da Assembléia** [...] [EDMA]

[...] o discurso nosso não levava o parlamento a defender a enfermagem nem os outros profissionais de saúde pra ter dois vínculos porque o discurso era "**ah porque é dois vínculos pra poder ganhar melhor**" esse era o mote né? E aí "não, mas isso não dá, isso não dá se vocês querem ganhar melhor vocês lutam pra aumentar o salário de vocês e não pra vocês terem dois empregos" a gente percebeu que QUEM estava prestando assistência de enfermagem não era profissional de enfermagem, na época tá?... E a gente, com o questionário das universidades nós percebemos que **esse quantitativo não ia dar conta pra um atendimento da enfermagem de qualidade** porque quem estava prestando a assistência era o AOSD, era o atendente de enfermaaagem e não o profissional qualificado [...] [EDMA]

As desigualdades são conceitos interdiscursivos comuns nas narrativas. Arelado a este conceito algumas opressões são denominadas e combatidas, como o racismo, as opressões de gênero e regionais. Edma menciona a percepção da relação entre marcadores de classe e raça e o acesso a ensino. Também Mary menciona que o acesso a títulos acadêmicos é desigual, influenciado por marcadores da diferença. O reconhecimento das desigualdades é tanto um discurso dominante que o descumprimento de seus princípios é considerado uma “gafe” – substantivo feminino que descreve um ato desastrado:

[...] na época era só "minha filha chegou numa universidade pública que bom" hoje não, hoje "poxa né tanto debate, tantos discursos porque que só chega um das famílias negras, porque que só chega a mais nova, porque só chega um, porque não chega nenhum?" [...] [EDMA]

[...] as enfermeiras que tem título... que conseguem alcançar o título, mestrado, doutorado muitas vezes a gente vai ver que essas mulheres conseguem isso com muita xx [00:13:45.13] e **ainda existe um grande privilegio nas pessoas que conseguem... sabe?** Primeiro a mulher nesse espaço, vai ter N problemas assim em relação aos homens, segundo vai ser uma diferença muito grande em relação a mulheres que tem uma determinada condição social e as mulheres que não tem essa condição, depois vai vem a questão étnico-racial né? O ACESSO pras mulheres pretas, aí tem também a questão da sexualidade... as mulheres sapatão, as mulheres bi como que essas mulheres são VISTAS né aí quando eu falo da questão étnico-racial indígena a gente tem muita enfermeira indígena e o que tem de acesso, como que tá sendo feita essa troca?... [MARY]

[...] e falamos "eu não quero ninguém falando é - aliás não era nem falando - eu não quero ninguém cometendo gafes de opressão com outras regiões" [...] [MARY]

A hegemonia do individualismo e da posse também é encontrada nos discursos, como um modo de viver atual com impactos na vida das mulheres. Nesse sentido, características de individualidade nas ações não são bem vistas. Por isso, no processo de formação discursiva, em um momento da entrevista, Nora usa um caso pessoal pra demonstrar como as pessoas do seu círculo de convívio viviam à época e demarcar que aquela situação não era vivenciada apenas por ela. De modo similar, Mary assume posição de liderança, mas demarca que ainda assim as coordenadas que dava não tinham sido decididas somente por si:

[...] o pessoal queria que a gente dividisse o dinheiro pra cada um e cada um usar esse dinheiro como bem entendesse e eu e mais umas poucas pessoas entendíamos que aquele dinheiro/ disse: "gente bora investir esse dinheiro em função do centro acadêmico né? **Que a gente possa ter uma coletividade usufruindo desse dinheiro.** Nós arrecadamos esse dinheiro em nome disso..." [...] [MIRA]

[...] e aí começou a tomar uma outra dimensão que antes era assim "eu vou começar essa faculdade, vou aproveitar isso aqui e vou voltar pro meu mundinho, minha vida pessoal, vou tentar fazer medicina, que é uma coisa que vai me dar um bom EMPREGO e tal" uma proposta acho que de.. **vida muito individualizada** né? Porque EU PRECISO, COMO VAI SER A MINHA VIDA... [MARY]

[...] eu **não tô falando só da minha história eu tô falando da história de pelo menos umas...** quinze pessoas... {risos} eu só sou uma dessas quinze que vivenciou isso entre 2002 e dois mil e.. oito, dois mil e nove por aí... então foram várias gerações [...] [NORA]

[...] ele não queria fazer nada que eu falava... sendo que eram coisas, o que eu tava trazendo pra ele, eram coisas da reunião, deliberadas né? **Não era eu que tava dizendo, eu só tava repassando o que tinha sido deliberado...** [MARY]

[...] essas pessoas que estavam acostumadas a pensar INDIVIDUALMENTE assim né e até... é essa coisa mais personalista né tipo assim "ah sou EU que faço tal história"... nas cidades do interior tem muito isso, aqui também tem né? [...] [IVONE]

Do contrário, há uma regra discursiva em relação à tomada de decisões de modo coletivo, permitir espaço para debates amplos, espaços de diálogo, mesmo diante de situações impostas. Assim, Mary demarca a defesa da educação para todos, da saúde pública e da redução de empecilhos financeiros para participação em espaços de participação social. Há interdiscursividade com a lei de cotas, citada como um exemplo de oportunizar mudanças sociais e a inclusão social:

[...] eu vi toda aquela... aquelas pessoas juntas tentando que a gestão não fosse passada pra EBSEH antes de ter um **debate mais amplo** né [...] mas assim, muito interessante e muito importante porque ali a gente viu... uma organização, **uma LUTA de uma comunidade pra que as coisas não acontecessem daquela forma** [...] [MARY]

[...] mas a gente começou a entender o X {nome de um espaço de participação social}, principalmente vendo a coisa da história do CEBES, como um movimento social para além de uma entidade né? E **aí, enquanto movimento social, como é que a gente vai fazer? A gente vai excluir pessoas que querem participar, mas que não conseguem pagar... a anuidade?** Então a gente decidiu incluir essas pessoas, quem podia pagar pagava... quem não podia pagar ficava ali também, fazia parte, era respeitado como as pessoas que pagavam... [MARY]

[...] dentro desse sistema que a gente nasceu, que a gente foi pra escola, que a gente formou e tudo mais, só que assim... quando a gente vai conseguir ter um olhar que quebre esse sistema? Que oportunize de fato que as pessoas falem e tudo mais? Eu acho que **as cotas fez um pouco isso** sabe? Tipo quebrou e falou assim "não, a gente pode não ter tido a melhor formação, mas a gente vai entrar na faculdade"...
[MARY]

Nesta discussão de individualismos e desigualdades, questões relativas a vaidades e privilégios foram mencionadas como amarras para o avanço de processos coletivos e superação de opressões. Nas relações de poder existentes no trabalho, por exemplo, Ivone destaca que existem pessoas com privilégios que não querem perdê-los. Também sob o ponto de vista de Mary as relações de poder se perpetuam e os homens têm dificuldade de perceber privilégios pessoais. Nora reconhece alguns privilégios próprios, o que vem acompanhado da preocupação em não ocupar uma posição extrema de riqueza, ou de opressora:

[...] aí já foi MUITO mais desafiador, muito mais difícil, aí as resistências foram... de muitas ordens [...] achava que os processos de ser coletivo, de envolver, podiam também mover pro mundo, mas não era bem assim né? Tipo assim, tem muitas vezes campos muito bem definidos, ESPAÇOS inclusive muito delimitados, inclusive privilégios mesmo que as pessoas não estão afim de abrir mão [...]
[IVONE]

[...] porque mudar incomoda, falar sobre isso incomoda né? Porque o meu colega vai achar ruim porque "nossa, nó, mas eu mereci? Eu sou bom?" Sempre foi né, foi o que ele sempre ouviu, que ele é SUPER incrível, que ele é muito bom, é difícil **pra vaidade masculina aceitar e reconhecer seus privilégios**, eles sempre vão ser muito mais elogiados porque as coisas que eles fazem, é o inteligente né? O das meninas "não fizeram mais que a obrigação delas..." ou no máximo são esforçadas [...]
[MARY]

Lá foi infância, de vivenciar a pobreza das pessoas, eu tinha um mínimo, eu **sabia que a minha vida era diferente da delas, não que meus pais fossem ricos...**
[NORA]

A sexualidade das mulheres, um exercício do corpo, é apontada por Mira como uma questão problemática, por ser vinculada a promiscuidade. Mary denuncia o discurso de culpabilização de mulheres condizente com a cultura do estupro e em torno da vestimenta feminina, em enunciados que associam o uso de roupas curtas com o desejo de seduzir, e em oposição à postura ética e profissional. A submissão das mulheres ao controle da sexualidade está presente em episódios relacionados ao ambiente de formação em enfermagem:

[...] Aí como elas trabalhavam TAMBÉM com a questão das camisinhas e com a AIDS propriamente dita né? Cada vez mais atingindo as mulheres.. aí lá o professorado entendeu que ela/ que eu ia levar os estudantes pra... **promiscuidade** né? E ia se tornar todo mundo puta, todo mundo puta... [MIRA]

[...] fizeram uma comparação assim ridícula que aquilo era... que era igual explicar que no banheiro a gente não pode jogar papel no chão... todo mundo sabe mas ninguém faz... e que via muitas meninas de mini saia que não sabem que aquilo não era lugar, que o professor era casado nã nã nã, que a gente tinha colegas homens [...]era muito nítido como os docentes tinham aquela visão de que **as meninas não poderiam ir de short porque aquilo era uma imoralidade** né "vocês tem que entender o lugar de vocês, vocês tem que se vestir da forma correta né? Até por uma questão de ética, uma questão de postura profissional de enfermagem" [...]
[MARY]

Mira faz um paralelo entre a sexualidade e a Enfermagem, uma vez que a profissão é historicamente atrelada à igreja católica. Nesse sentido, critica o fato de muitos eventos da Enfermagem serem vinculados a religiosidade. Ademais, na narrativa de Nora, a sexualidade é mencionada como vinculada a uma heteronormatividade presumida:

Por que que as enfermeiras tem dificuldade de falar da camisinha feminina? Por que a questão da própria sexualidade ela é uma questão extremamente problemática? **Pra gente esse exercício do corpo a questão da nossa vinculação com a questão da fé, da religião...** [MIRA]

[...] você vê **os nossos eventos já se abrem EM NOME de Deus** né? EM NOME DE DEUS então... Tu tens uma série de coisas que pesam sobre isso e precisam ser rompidas [...] [MIRA]

[...] eu deixo aberto pra mulher me dizer que ela é lésbica... e e **eu tento não enquadrar a sexualidade dela** numa heteronormatividade [...] [NORA]

Ao refletir sobre a profissão, as participantes reconhecem a existência de um estereótipo ideal de enfermeira e de uma prática atravessada por discursos disciplinadores, sistemas militares e religiosos, constantemente silenciada, permeada por normas, padrões e controle do corpo. Algumas participantes se percebem como desviantes deste padrão:

[...] porque é uma luta **nossa de mulheres OPRIMIDAS** que não tem o que falar, queeee sabe? Aquela coisa da mão na boca, aquilo sempre foi a CARA da enfermagem [...] [EDMA]

[...] muito disciplinar, então assim eu sou, olha né? Eu tenho tatuagem... sei lá eu me visto diferente de uma parte importante do ESTEREÓTIPO da enfermagem e tal... tem uma disciplina com o corpo, assim essa imagem da enfermeira sorridente com seus cabelos sempre presos e esse CONTROLE do nosso corpo mesmo né [...] [MARIA]

Meu cabelo sempre foi CRESPO e sempre adorei andar com ele SOLTO... adorei andar com ele esvoassante do jeito que fosse e andava com minhas roupas do mesmo jeito, nao tinha aquele padrãozinho né? [MIRA]

Portanto, nas narrativas de Maria e Mira, há uma relação conflituosa com a Enfermagem. Há momentos da narrativa em que as participantes chegam a contestar a escolha da profissão. Mira, repetidamente (7x), afirma que não queria a Enfermagem, que queria cursar medicina. Interessante que considera essa confissão como uma raridade diante dos demais estudantes, porque a reação comum de professores é de reprimir essa postura dos alunos:

[...] agora a Enfermagem em si é muito difícil, é difícil isso... a... socialização da enfermagem, CONSTROI né? Assim eu sempre falo... essa história nossa... de militar... com... com igreja assim só podia, com caridade {risos} tinha tudo pra pra virar uma coisa difícil mesmo [...] [MARIA]

[...] porque queria medicina né? Porque na minha cidade medicina era o que ia resolver os problemas de saúde de lá ne? [MIRA]

[...] eu não TIVE uma relação muito fácil com a enfermagem embora/ e aí em alguns momentos eu falei "ah será que é a enfermagem mesmo?!" [...] [MARIA]

[...] primeiro dia o pessoal vai fazer/ vai nos recepcionar e recepcionando a gente disse mesmo, primeira coisa que pergunta é "levanta a mão quem queria a medicina"

e eu levantei a mão e o pessoal ficou todo com a mão abaixada né? Aí a professora disse **“minha irmã olha é bom você saber que se você quer medicina seu lugar não é aqui né”**/ [...] No primeiro dia sabe? E falou aquela coisa assim **DURA, ela parecia até que tava com raiva porque eu não queria Enfermagem** {riso} [...] [MIRA]

A relação conflituosa com a Enfermagem gera efeitos corporais nas participantes. Mira menciona insatisfação com o curso, rebaixamento e “dores”, que são resultates de forças contrárias ao seu perfil e comportamento divergente do padrão esperado para a Enfermagem e sociedade. Já na narrativa de Maria, os efeitos corporais são apresentados no cotidiano de trabalho enquanto enfermeira e professora, com relatos de situações de sofrimento decorrentes de normas e as desigualdades de gênero atreladas à profissão:

[...] mas **MUITA insatisfação** porque não me ENCONTRAVA com as aspirações de que lá estava sabe? Era uma coisa que se achapava, que... que se achava tão pequeno e eu/ e via os estudantes de enfermagem e **ficava menor** né? [...] e a gente ia sabe? Somando as nossas dores... de insatisfação dentro do curso... [MIRA]

“Mira, tú não nascestes pra ser enfermeira” era coisa que chegava/ gente que chegava assim nesse absurdo... Eu disse **“mas quem é você pra dizer que alguém nasceu pra ser alguma coisa gente?... Nem você mesmo sabe o que é e vem tentar me dizer... pára com isso né?”**[...] [MIRA]

[...] eu SOFRI muito a vida inteira com o OLHAR dos outros sobre a Enfermagem... com essa estigmatização do gênero mesmo... [MARIA]

[...] eu vivenciei muitos processos/ nunca esqueço assim de uma vez que eu entrei na sala de uma colega e eu bati na porta assim falei “posso entrar?” e ela falou “não, você tem que entrar igual professora”... professora entra assim “oi tudo bem? [...] você é professora igual a gente então... se porte como tal” e aí **tem várias dimensões que eu preciso... dar conta delas assim... essas são as mais difíceis pra mim** [...] [MARIA]

[...] é como se... a gente tivesse que nos NEUTRALIZAR... pra que se estabeleça assim um equilíbrio, uma... só que essa idéia nossa também do equilíbrio, do que é... ela também tá cheia de normas então assim é um lugar muito normatizado/ foi difícil pra mim... eu vivenciei muitos processos [...] [MARIA]

Portanto, há reconhecimento das aproximações entre a conformação da enfermagem, as opressões vividas e as questões de gênero. Ivone compreende que a desvalorização da enfermagem está associada ao fato de ser um trabalho feminino, perpassado pela divisão sexual do trabalho, associado ao ambiente doméstico/privado e a ações de caridade e instintivas para mulheres. Na narrativa de Mary, são apresentadas divergências sutis nas expectativas em relação ao cuidado ofertado por homens e por mulheres, em termos de confiança, saber cuidar e saber aprender:

[...] entender que a sociedade era organizada a partir de uma divisão sexual do trabalho onde esse trabalho de CUIDADOS era assim um trabalho dito das MULHERES e esse trabalho era DO privado... e para esse trabalho inclusive nem precisava formação, porque era encarado como algo NATURAL das mulheres [...] [IVONE]

[...] foi uma motivação importante reconhecer que essa profissão que eu tava entrando era uma profissão... desvalorizada porque hegemonicamente ela tava nesse

LUGAR.. de feminina e do cuidado, que era algo inclusive que era de caridade ou de obrigação assim das mulheres... [IVONE]

[...] eu sempre tô atuando nesse processo de formulação em torno da saúde da mulher, pensando esse processo, **pensando também como que essa questão da divisão sexual do trabalho... se manifesta na nossa categoria**, esse exemplo nos AJUDA também no movimento de compreender como que se manifesta a divisão sexual do trabalho, pra além da divisão dessa coisa do trabalho DOMÉSTICO e do trabalho público, mas como é que essa coisa do que é privado vai pro público e se expressa essa divisão [...] [IVONE]

[...] { analisando o tratamento diferenciado dado a residente de enfermagem mulher e residente homem } é muito incrível como o machismo tá estruturado no nosso processo de trabalho... o FALAR, a expectativa da mulher - seja enfermeira, seja técnica - quando vai fazer a passagem de conhecimento como ela espera muito mais do homem do que da mulher, como ela acha que ele sempre tá muito mais pronto do que a mulher e ao mesmo tempo como ela acha que a mulher já sabe muito mais então ela precisa falar menos, **então aquela coisa assim eu não ENSINO tão bem porque você já sabe, o cuidado é natural** [...] [MARY]

Nora faz uma denúncia do quanto a percepção da relação gênero e enfermagem aconteceu tardiamente, foi uma descoberta e não algo que lhe foi dito e ensinado. No episódio relatado ressalta que professoras presentes ficaram estarecidas com sua fala. Portanto, essa visibilização das opressões da enfermagem em relação ao gênero não é comum no espaço de formação:

[...] só no final do curso é que **eu CAI A FICHA** lá em X, antes de uma fala minha no SENADEN, uma mesa de abertura do SENADEN, conversando com os colegas de executiva e com outras pessoas, **que a enfermagem vivenciava todas aquelas opressões porque nós éramos mulheres...** eu tinha o quê? Tava no nono período já... NONO período... tava no FINAL DO CURSO e **eu tive esse insight e eu te juro que foi um insight não foi ninguém que falou pra mim não... e eu achei um absurdo** {risos} ter feito aquilo/ tipo SÓ CAIR a ficha naquele momento, falei "gente é óbvio" e aí a gente tinha construído uma fala... junto da diretoria da executiva pra mesa de abertura do SENADEN e eu lembro que **aquela fala mexeu com muita gente assim, muitas professoras vieram me procurar depooois**, e eu fui entender que eu tinha tocado em feridas [...] [NORA]

Há também enunciado de que as opressões vividas pela enfermagem estão relacionadas a afetações das categorias classe e raça. Por isso, Edma aponta sua luta junto à categoria como uma luta de gênero e de raça, havendo proximidade entre as identidades de enfermeiras, população LGBTQ+ e de mulheres negras. A linha de fuga aqui narrada é uma elaboração de si, que ocorre com o passar do tempo, exige um movimento de afastamento, e também uma leitura própria:

[...] **vai passando os anos** e a gente vai entendendo mais a fundo **o nosso papel** de MULHER, porque que lutava tanto pela enfermagem? Aí **quando você sai um pouco e começa a olhar de fora** você começa a entender a questão de gênero, a questão de raça, **hoje eu tenho um olhar DE FORA da enfermagem** e aí consigo enxergar **a minha luta pela categoria como uma luta DE GÊNERO** [...] [...] então **quando a gente começa a olhar de fora... você vê todo esse contexto e abre-se também esse leque de luta** porque esses segmentos **tem muita identidade com a**

gente né? O segmento LGBT, o segmento de MULHERES, o segmento de NEGROS [...] [EDMA]

Enquanto isso, Maria e Mary consideram que as questões raciais na sociedade sejam menos problemáticas que as questões do gênero, com efeitos sobre a enfermagem, como se as desigualdades racias fossem mais escancaradas. Especificamente na narrativa de Mary, há um episódio em que o coletivo ao qual se vinculava foi acusado de atitudes racistas e o discurso é permeado por tensão. Há relato de sofrimento em relação a essa vivência:

[...] {contando uma situação de violência de gênero na enfermagem} e depois eu fiquei pensando assim, gente que... mediocre essa história/ porque as pessoas contam essas histórias pra gente? Porque se fosse uma questão RACIAL, por exemplo, e eu fosse uma pessoa negra/ **assim a gente está MAIS OU MENOS educado/ a sociedade/ pra não contar esse tipo de história... né?** E NÓS da enfermagem... as pessoas contam... histórias que tem por exemplo **ISSO É UMA violência de gênero... sem dúvida...** [MARIA]

[...] formou-se um um grupo e nós recebemos/o nosso Centro Acadêmico daqui recebeu - **não sei se isso aí vai... como você vai poder utilizar isso ou discutir isso mas eu acho até interessante** – nós recebemos uma nota dizendo que nossa comissão organizadora tinha sido racista com um dos, das pessoas que estavam compondo né [...] [MARY]

[...] no final das contas virou um racismo, a Executiva ficou parada uns 3 meses sabe, isso foi MUITO DIFÍCIL de lidar e assim... [MARY]

Diante da relação entre a enfermagem e o gênero, nas entrevistas com Ivone e Nora, encontrei interdição e raridade sobre a participação de homens nos espaços da profissão e mesmo em posições de liderança. Há silenciamento nas narrativas e conformação de episódios paralelos:

[...] quando eu lembro disso, eu lembro na minha recepção **por exemplo** de calouros, quando era um presidente do DA na época era um... **um menino que era presidente** e aí ele foi apresentou o diretório acadêmico e eu já me **incomodei**, falei nossa senhora **com um tanto de mulher né o cara é um é um homem** {risos} o presidente do Diretório Acadêmico, mas assim me incomodou na época/ [IVONE]

[...] é um golpista tomando golpe do outro assim, é homens né... e aí é um outro assunto essa coisa da participação dos homens na enfermagem é assim um negócio... tomara que tenha gente discutindo... eee... {silêncio de[00:31:59.05] ate [00:32:01.25]} [NORA]

Mary narrou uma ação feminista com vistas a interferir no cenário de desigualdades de gênero na enfermagem, que consistiu em um evento sobre o feminismo no ambiente de formação de enfermagem. Nesse evento ocorreu um ato subversivo das alunas denominado “shortasso”, em grau superlativo para demarcar a importância da ação. Porém, tal evento foi apontado como uma raridade e marcado por falta de apoio dos professores. As docentes tinham um discurso que considera o feminismo como um vitimismo e inapropriado para a enfermagem:

[...] a partir disso a movimentação foi "precisamos fazer uma semana feminista nesta faculdade", FOI A ÚNICA QUE ACONTECEU? Foi a única que aconteceu, depois

não aconteceu mais, mas ela precisava acontecer naquele momento, por causa daquilo... [MARY]

[...] mas aconteceu a semana, o debate rolou, a gente fez um shorTASSO... maravilhoso, mobilizamos pessoas de outras unidades, criamos o grupo imeenso assim, uma grande rede de apoio na época no whatsapp de meninas com quase todos os coletivos feministas da faculdade e isso acabou ajudando a mobilizar a ação da ocupação feminista DA REITORIA [...] [MARY]

[...] conversando com essa Diretora da Unidade ela falou assim que "**ai é muito complicado esse negócio de vitimismo, ficar levantando bandeira de feminismo não é legal** aqui, principalmente pra vocês enfermeiras... e tal..." e eu assim "professora nós viemos te convidaaar, ia ser muito legal se a senhora pudesse participar do espaço, ele JÁ TÁ organizado, tem outras pessoas que vão participar, se a senhora puder fazer parte junto com a gente e tal"... ela não foi [...] [MARY]

Mulher-enfermeira no mundo – oprimida

Diante do contexto de ser mulher-enfermeira, permeado por tantos desafios, foi encontrada a coexistência de uma versão preferencial de si como mulher-enfermeira oprimida, imatura e ingênua, vítima de um sistema que controla os corpos, cria estereótipos e julga, imbuída em relações políticas interessadas. Portanto, faz parte da lida também com os espaços de participação social, em alguns momentos, assumir uma posição mais passiva. Como exemplo, cita-se a entrevista com Mary em que a solução de um episódio ocorre quando *outrem* percebe o que tentava mostrar há algum tempo, Nesse sentido, há submissão ao olhar e fazer do outro:

[...] eu **tinha uma... certa ingenuidade** mesmo nesse campo da política mesmo assim... achava que os processos de ser coletivo, de envolver podia também mover pro mundo, mas não era bem assim [...] [IVONE]

[...] e aí essa colega minha que era assim, que é super feminista, fez TCC dela debatendo a questão de gênero na enfermagem... disse que eu estava doente, que eu tinha que me tratar, que eu achava que tudo era sobre mim... **aí pronto aí eu não aguentei...** foi crise de choro... eu fiquei umas 2 horas chorando eu NÃO CONSEGUI inclusive continuar no lugar que eu estava [...]e foi muito interessante porque esse mesmo cara foi acusado de machismo... por quase todas as meninas da gestão, quase todas tiveram problemas com ele depois, mas assim se a gente tivesse, naquele primeiro momento, problematizado o que estava acontecendo... eu NÃO QUERIA que elas passassem por aquilo sabe? Elas não precisavam passar por aquilo se a gente tivesse... tido um caminho diferente naquela hora... [MARY]

Importa demarcar que essa versão de si não se revela em todas narrativas, foi identificada em enunciados de Maria, Ivone, Nora e Mary, e se revelou raramente nas entrevistas. Ademais a possibilidade de assumir uma passividade é atrelada a uma posição mais instituída ou anterior a vinculação aos movimentos sociais. Neste sentido, Mary aponta que algumas falas de militância e de posicionamento políticos não podem ser proferidas por pessoas vinculadas a ABEn, por exemplo. Ademais, Nora faz um comparativo com outra mulher vinculada a movimentos sociais, mas mais madura e que, portanto, assume papel de mentora:

[...] aí eu fiz uma fala que saiu na TV Senado... em homenagem a ABEn, aos noventa anos da ABEn, e essa fala foi muito emblemática porque ela foi uma fala de militância no momento que tinha essa discussão dentro da ABEn, tava sendo discutida a questão do Golpe... [...] mas **eu sei que no fundo a ABEn também queria aquela fala só que aquela fala não podia ser proferida por alguém da ABEn... por uma questão institucional né assim, como é que você tem uma solenidade, eu te concedi a fala e então assim tava tudo muito no seu lugar também...** [MARY]

[...] a X era da USP, mas ela veio pra cá pra X... era mais organizada, era de uma tendência do PT.. na época ela meio que era nossa... MENTORA nesse sentido de nos organizarmos mesmo pra leitura, de dar livro, de indicar [...] [NORA]

Em muitos momentos da narrativa de Mary, o corpo é apontado como alvo, com vivências de medo e sofrimento. Tais vivências estão associadas ao perfil feminista relatado anteriormente - inconveniente, irritante, incômoda. Por estas características a mulher-enfermeira não é bem vinda e se torna alvo de perseguição, de ataques, opressões, represálias, críticas por parte de professores, alunos e por representantes do Estado:

[...] eu pensava/ eu "meu Deus do céu, o que é isso? Que medo..." começa a dar um medinho né, como é que isso vai ser? Como que isso vai rebater depois, sabe? [MARY]

[...] foi um processo também que... eu comecei a afundar muito com **uma depressão** que já TINHA começado, mas nesses momentos, com TODAS essas coisas rolando, começou a apertar... acho que assim começou a apertar bastante, aí eu comecei a fazer tratamento, até pela própria universidade [...] [MARY]

Mary e Edma associam a posição de alvo e vivência de represálias ao fato de serem “oposições”, por exercerem sua militância, adotarem opiniões divergentes. Há consideração de que aquelas que permanecem em uma posição de submissão muitas vezes encontram uma vastidão de apoio, e aquelas que assumem o embate, precisam encarar podas, ser convidadas a se retirar:

[...] mas eu acabei **virando um alvo muito fácil** dentro do movimento, para as pessoas que eram oposição, aliás na verdade **eu tava sendo oposição** ali em alguns espaços de debate [...] [MARY]

[...] a gente continua sendo do lado de cá, então... **eu sempre fui OPOSIÇÃO...** e ser oposição também é difícil pra caramba sabe? Mas tá bom... Lutando pelos ideais que a gente tem [...] [EDMA]

Então na Enfermagem aí você vai ter muito... desses posicionamentos que vai se colocando você vai criando um certo desconforto né? Muito desconforto/ claro... isso vai ameaçando os posicionamentos/ as pessoas não querem/ mais a gente... **ao mesmo tempo também** se a gente não se posiciona... você... fica subsumido né? Você não se IMPÕE dentro dessas coisas que **todo mundo que se submete tem um MAR de apoio** né? [MIRA]

Dessa forma, em alguns momentos, as resistências traçadas incluem sair do movimento social, reconhecer que não dá mais pra sustentar aquele pertencimento, que precisa se afastar. Mas, diante dos cenários de intensos embates, também foram relatados, por Mary, momentos divertidos junto aos movimentos sociais e tons de ironia. Tais utilizações

discursivas podem ser analisadas como formas de resistência, escapes encontrados em certas circunstâncias:

[...] e simplesmente um mês depois mais ou menos eu estourei aqui e aí eu tive que sair do centro acadêmico, sai da executiva, sai DE TUDO [...] [MARY]

[...] parecia um pesadelo... **e aí tinha partes boas, divertidas** que o sindicato aqui fez/ chegou a fazer... um cavalo de tróia de madeira... imenso e deixou na frente do conselho, gente eu olhava aquele cavalo e falava "gente não estou acreditando" {risos} e todo mundo com as camisetinha amarela com o cavalinho de tróia que tava construído lá e um bonequinho do reitor assim segurando o cavalinho de tróia falando que era a {risos} EBSEH né pra faculdade [...] [MARY]

[...] esse professor chegou a proferir uma fala que era mais ou menos assim "não gente, mas esse negócio tá errado, que hierarquia é essa que os de baixo querem mandar nos de cima?". E aí esse **virou um dos memes da ocupação né {risos} "como assim gente o de baixo quer mandar no de cima" e toda hora isso era uma piada proferida...** [...] [MARY]

[...] no final da nossa ocupação, já estava assim na última semana, já saiu assim que era pro reitor denunciar as pessoas, DÁ O NOME dos alunos que estavam ocupando... e esses nomes era coisa de 5 mil reais por dia a multa e a gente "minha cabeça tá valendo 5 mil reais, **nunca vali tanto pra esse Estado, nunca vali tanto, agora eu valho alguma coisa**"... [MARY]

Mary apresenta uma noção de que mulheres também se tornam incômodas quando assumem posições de liderança, como se fosse um lugar que não deveriam ocupar por ser vocacionado para homens. Esse incômodo afeta até mesmo outras mulheres, de modo que opressões de gênero também são praticadas por mulheres/meninas. Assim, Mary demarca a diferença de tratamento e representação entre mulheres e homens nos espaços de liderança:

Mulheres ocupando espaço de fala incomodam demais... e incomodam outras mulheres, isso é muito triste, mas acontece, talvez até porque elas gostariam de estar fazendo aquilo também, mas elas não conseguem por N coisas né e incomoda os caras, eles ficam muito incomodados de ver mulheres em espaço de liderança, de ver mulheres falando como tem que ser ou como que elas acham, ou dando uma leitura da situação, incomoda todo mundo [...] [MARY]

[...] e **as outras meninas simplesmente concordaram** com ele... "não, é isso mesmo, você que tá nos espaços, você tá cansada, você precisa descansar" tipo assim o povo me aposentou {risos}... e aí eu fiquei assim "gente... sabe o que é engraçado: **quando um cara tá num espaço desse... ninguém fala que ele tá cansado e sobrecarregado**, ele pode estar pegando muitas coisas, mas as pessoas falam "nossa que bacana, nossa ele sempre tá nos espaços, ele gosta de puxar... assim ele é assim mesmo"... assim isso não é colocado como uma característica negativa, ou como um motivo pra ele sair dos espaços... [MARY]

E a gente ainda tem muito isso em relação a gênero nos espaços... MUITO MESMO porque tipo no meu programa, por exemplo, é um enfermeiro homem, eu acho que se fosse uma enfermeira mulher nessa tutoria, coordenando a tutoria ter um enfermeiro homem e uma mulher, mas o coordenador é o boy... {riso} né então assim eu tenho uma enfermeira e um médico, mas o meu preceptor é o médico, é o boy então assim **porque nesses espaços de poder é sempre um homem?**... e aí é um negócio tão difícil, viciado vamos dizer assim que **quando é uma mulher ela tá prestando contas para o cara** [...] [MARY]

A relação com movimentos sociais é atrelada, na maioria das vezes, a produção de ações coletivas, democráticas, de pertencimento e transformação, o ativismo como um local

consensual. Todavia, nas narrativas são apresentados aspectos referentes à existência de divergência de posicionamentos e opiniões, polarizações internas aos movimentos. Esses aspectos conduzem a tensões e embates, bem como conformação de alianças e coligações:

Tipo é um negócio esquisito... então tinha aquela tensão, tinha a coisa de ver as proposições sendo formadas... as alianças, as coligações[...] [MARY]

[...] a gente foi entender ali umas articulações de outras pessoas que eram mais antigas e que QUERIAM conduzir de alguma/ de uma certa forma o processo e aí acabou rolando essa treta vamos dizer interna, de tá sendo meio que polarizado né? Oh ou você é a favor das pessoas que já estavam na gestão ou você chega como oposição... [MARY]

[...] ao mesmo tempo nas manifestações de junho teve uma... eu me lembro bem de uma coisa bem CONCRETA que era uma {pigarreia} assembléia de movimentos sociais **pra decidir se ia ou se não [...]o movimento social ficou meio, em DÚVIDA** [...] tinha um grupo que precisava fazer essa crítica e tinha outro que falava "gente não... essa crítica vai ser apropriada pela direita" enfim... e aí nesse momento a Marcha ficou BEM fragmentada assim, bem fragilizada [...] [MARIA]

Na convivência nos movimentos sociais, em diversos momentos da narrativa, Mary demarca que os/as companheiros/as não compareceram em momentos importantes, ou não tinham a mesma disposição que si para participar. Isso conforma certa tensão da narrativa porque, pela regra discursiva, as decisões deveriam ser coletivas, sendo uma vergonha assumir a posição solitária:

[...] a última vez que eu perguntei pra eles, eles falaram assim "olha, não tem como, nenhum de nós tem disponibilidade, sabe? A gente tem provas, temos muitas coisas na nossa vida, não tem como a gente ir "eu falei "nossa, sério? Vocês não vão representar?" Aí fiz o drama né – "a enfermagem NÃO VAI ter representante" [...] [MARY]

[...] só que aí nessa de marcar um, marcar e conversar, a gente conseguiu tirar pelo conselho diretor que três, um técnico e dois professores, iam se encontrar com uns dois, três alunos da ocupação pra poder conversar e formatar esse espaço e aí esses alunos... **{abaixa o tom de voz} não foram, só eu que fui, todas as vezes que a gente ia marcar reunião as pessoas não podiam ir... {retoma tom de voz}** [MARY]

Nos relatos sobre o ativismo social e político diversos dilemas e dúvidas pessoais que antecedem a tomada de decisões, bem como conflitos internos, foram mencionados como ainda não superados, tais como se blindar da afetação ou se sentir perseguida, sofrer ou se impulsionar. Assim, a busca por terapia é mencionada nas narrativas de Mary e Maria:

[...] e isso é um problema pra mim sério... isso é o meu tema de terapia constantemente assim... tem dia que eu fico MUITO MAL... com tudo assim, **com as escolhas de vida, com a roupa que eu estou usando, com como que eu estou falando, que literatura que eu estou usando assim**, tem dia que isso é mais forte mas... [MARIA]

[...] era um exercício de "**isso não pode me afetar**" porque se ele me afeta tudo que eu digo e falo para as meninas de "nós precisamos nos colocar"... cai, "você nem é forte suficiente", mas **ao mesmo tempo era uma coisa comigo tipo...** "porque você está me dando de exemplo? Sabe? Por que que tem que ser eu?" ... [MARY]

[...] nossa tem hora que você fica assim meu Deus, será que eu vou conseguir continuar nesse negócio desse jeito?... Aí você vai dormir assim com o coração apertado, aí você já acorda assim e já... {faz alguma mímica} hoje eu vou fazer isso, hoje eu vou fazer desse jeito... [MARY]

Enfermeira posicionada no mundo – cuidadora diferenciada

Por fim, diante da vivência de ser enfermeira e das críticas à Enfermagem, também foi encontrada uma versão de si de enfermeira posicionada. Essa versão é associada a conformação de uma cuidadora diferenciada, extraordinária (seja na assistência, gerência ou na docência), que tem prazer em cuidar e ensinar o cuidado, pratica gestão participativa e cuidado compartilhado com outros profissionais e comunidade:

[...] Não é nem por conta do salário porque eu realmente não sou médica, sou enfermeira, **mas vou lhe fa/ fazer o que é de Enfermagem**. [MIRA]

[...] que eu ia fazendo, tipo a gente ia fazendo uns planos, mas a gente ia levando pra discutir com o povo lá né? Falava “gente o que vocês acham? Desse jeito da gente pensar aqui a organização da equipe” e assim as enfermeiras e MÉDICOS que estavam ali também iam fazendo, iam tentando não só fazer uma coisa que a equipe pensava mas como é que envolvia a população também pra pensar a assistência deles ali.. [IVONE]

[...] eles ESCREVEM isso nas minhas últimas avaliações assim, TODO MUNDO escreveu/ nas últimas avaliações, nesse ensino clínico que terminou semana passada todo mundo escreveu **”didática diferenciada”** ééé “uma ótima experiência”, assim porque eu SEMPRE **construo com** os alunos de... corresponsabilizar pelo cuidado, pela construção do próprio cuidado aqui dentro e tal... [MARIA]

Interessante perceber na entrevista com Ivone que se conforma uma figura que busca o diálogo, mesmo diante de “absurdos”. Sobre o diálogo, Edma demarca que a aprovação de pautas políticas depende, sobretudo, das articulações construídas. As diversas mobilizações (como abaixo assinado e ato público) são consideradas importantes, mas não asseguram aprovação de pauta política se não existir articulação prévia:

[...] aí eu virei e falei assim **“olha, eu acho que”** {tom de riso}, eu fui bem assim, “eu acho que, **vamos** pensar, eu queria propor primeiro que a gente fizesse um diagnóstico, vamos fazer um diagnóstico da rede, vamos saber qual que é” [...] [IVONE]

Só que aqui entre nós... não adianta de nada... quem tá no parlamento vê que esses abaixo assinados, é óbvio que é importante fazer PRA MOBILIZAR a categoria, pra estar sempre incentivando, mas veja... eu sou parlamentar... quantas vezes a gente recebe documento, recebe abaixo assinado... não é assim que funciona... tem que estar tudo azeitado, tudo articulado, quando tá tudo articulado passa feito... sem problema... agora se não estiver azeitado pode ter... quantos abaixo assinados quiser, quantosss movimentos lá na porta quiser [...] [EDMA]

Na narrativa de Maria a participante destaca ter dificuldades com a Enfermagem, relativa a conflitos apresentados anteriormente, mas não possuir dificuldades em relação ao cuidado. Maria considera potente o cuidado de Enfermagem e as possibilidades enquanto

professora e afirma que, diante da importância de seu papel, se ergue dos embates e sofrimentos vividos:

[...] na verdade QUANTO MAIS eu estou na enfermagem mais eu acho... muito potente assim, quanto mais eu estou no campo, ensino clínico, quando eu vou pro ensino clínico que **eu estou com as mulheres e com os alunos... assim é MUITO legal...** [MARIA]

[...] assim porque o CUIDADO sempre foi uma coisa para mim muito especial, mas a Enfermagem... [MARIA]

A Enfermagem é assumida como uma missão de vida, em prol da redução das formas de submissão e também por um aspecto mobilizador. Assim, Nora menciona uma versão de alguém que, no curso de graduação em Enfermagem, encontrou seu lugar, repetidas vezes diz que “adorava o curso”, por meio da regularidade do uso de termos como “adorei”, “super” e “iluminado”. Atrelado a este dado, na narrativa de Ivone, encontramos enunciados que relacionam a escolha pela profissão com a vontade de mudar o mundo, reduzir desigualdades:

[...] e decidi fazer enfermagem... e... **ADOREI** a proposta/ um dia eu estava na mostra de profissões e a professora X apresentou a enfermagem, **eu adorei**, estava certa do que eu queria... [...] e aí depois fui pro DA e veio o quarto período, o quarto período pra mim foi... iluminado, abriu, **adorei fazer** as visitas no aterro sanitário, na {companhia de água da cidade} e o povo achava um saco **e eu adorando** fazer os relatórios.. [NORA]

[...] quando eu entro na universidade eu entro muito assim “**ah eu quero estudar pra conseguir tipo... contribuir mais para que a gente possa melhorar o mundo**” sabe? Tipo assim, quando você entra na universidade {tom de riso} a minha cabeça não era entrar na universidade porque eu quero... uma profissão pra ganhar dinheiro, tipo assim sabe? Não era muito essa assim, eu entrei na universidade porque eu queria ver então como é que eu... **adquiria mais conhecimento pra ajudar as coisas ficarem melhores, porque eu não achava que as coisas estavam boas** [...] [IVONE]

[...] uma vez dentro da enfermagem eu tomei isso como uma missão mesmo de vida sabe?... Não propriamente do ser enfermeira né? Mas... da gente **lutar contra todo e qualquer tipo de visão que nos coloca numa situação de submissão** e uma vez que eu estou nessa profissão é a minha profissão... para onde eu for, tudo tudo tudo, meu ganho pão todo é com a Enfermagem sabe?... A luta o tempo todo pra onde for [...] e a gente chama **por uma enfermagem mobilizadora, que seja capaz de mobilizar...** [MIRA]

Interessante perceber que, sobre essa versão de si enquanto cuidadora, existem discursos que demarcam o entendimento de que o seu papel extrapola o convencional e é uma raridade. Por isso Maria questiona “quem são as pessoas que vão pensar nisso (se não for eu)?” e Mira pontua que luta todos os dias contra as formas de submissão, algo que de início não seria vislumbrado como um papel central no exercício da Enfermagem. Também na entrevista com Edma, nesse envolvimento intenso em movimentos sociais, se conforma uma versão de uma pessoa que é referência para os movimentos, referência na enfermagem, assume a representação em espaços de poder, como um resultado de anos de dedicação:

[...] acho que essa foi a dimensão que me fez passar no concurso assim [...] a minha aula foi sobre modelos de atenção obstétrica, [...] e é isso assim... a minha aula...
HOJE eu consigo extrapolar o cuidado [...] [MARIA]

[...] por outro lado, se eu olho para as alunas que eu estou orientando sabe assim [...] E é muito legal porque elas/ com quem que elas vão falar disso?... [MARIA]

[...] porque **também já me conheciam da luta da enfermagem**... que são anos e anos e anos dentro das universidades, dentro dos sindicatos, dentro dos hospitais, falando de sindicato, falando do trabalhador, falando de jornada de trabalho, falando de 30 horas [...] Falou "porra, chegamos... num espaço que é MUITO difícil chegar"... [EDMA]

Hoje quem são as pessoas que vão pensar sobre as mulheres trans? Quem vai pensar/ quem vai conseguir dar aula de um cuidado mais... compartilhado sabe? Quem é que são as pessoas que vão pensar sobre as mulheres negras que estão... lutando contra a violência obstétrica? [MARIA]

Os resultados relacionados ao cuidado serão aprofundados na próxima categoria de resultados. Mas, cabe mencionar que nas entrevistas com Maria e Edma, a versão de si de cuidadora parece ser a mais destacada. Maria atualiza as experiências do passado fazendo uma reflexão sobre o cuidado de enfermagem no tempo presente. Em sua narrativa há também, repetidamente, demarcação da identificação como enfermeira e a afirmação de que profissionais da saúde, em especial enfermeiras, se envolvem com o ativismo político e social. Enquanto Edma conforma uma versão de quem está sempre na e pela enfermagem. A utilização de verbos no pretérito imperfeito do indicativo sugere fatos ocorridos no passado, mas que não foram completamente terminados, expressando continuidade e duração no tempo. Portanto, há uma regra discursiva em torno da relação entre enfermagem e os espaços de participação social, este local influenciando na conformação de enfermeiras:

E na Marcha Mundial das Mulheres, que eu acho que é SUPER importante, é **um coletivo que... era completamente constituído por enfermeiras**... assim se eu dissesse que era SETENTA por cento... desse coletivo. [MARIA]

[...] eu nunca sai da enfermagem porque também parece que tinha uns... UMAS GRADES que não conseguia ultrapassar, sabe? Só queria ficar na enfermagem... e aí fazia, **participava** dos CONGRESSOS de estudantes... **organizava** eles aqui no X, que eram congressos internacionais [...] [EDMA]

Implicações do ativismo para o saber-fazer enfermagem

Nesta categoria o foco será dado às implicações do ativismo para o cuidado e profissão de enfermagem ainda que essas implicações também se deem pelo corpo e subjetivação das mulheres-enfermeiras, aspectos já retratados na categoria anterior.

Conformações de cuidado na atualidade e implicações dos movimentos sociais para ofertas diferenciadas

Essa subcategoria de resultados está associada, especialmente, a segunda pergunta exmanente do roteiro de entrevista: “Como você percebe/descreve sua participação nos movimentos sociais e a relação com a sua prática como enfermeira/ técnica de enfermagem”. Em resposta a indagação e ao longo das entrevistas foram encontradas diversas denúncias e críticas a formas de cuidado costumeiramente ofertadas, de modo que nas práticas produzidas pelas participantes buscam diferenciar-se. O trecho abaixo demonstra que, logo que perguntada sobre a relação entre participação social e prática de Enfermagem, Ivone passa a fazer associação com um cuidado anterior:

Não, com certeza tem muita relação {tom de riso} tipo... quando eu... atendia, por exemplo, nas equipes de saúde da família... que eu atendia, eu tinha um **outro olhar pra aquela pessoa que estava ali** né? [IVONE]

Assim nesta parte apresentarei as denúncias e críticas à forma de cuidado costumeiramente exercida, os fatores relativos a saberes e fazeres da enfermagem, e dados acerca do modo como os movimentos sociais se tornam espaços/estratégias para produção de ofertas diferenciadas de cuidado, seja ao possibilitar aprendizados, possibilitar praticar o cuidado e mesmo a transformar concepções de cuidado:

Completamente... assim eu/ eu tenho certeza, CERTEZA assim ABSOLUTA, que assim... **oitenta por cento do que eu PENSO, atuo como professora e discuto enquanto cuidado da saúde da mulher vem desse lugar** e não do que eu aprendi, inclusive boa parte eu nem lembro do que eu aprendi... sobre cuidar assim {risos}[...] [MARIA]

Encontrei uma série de enunciados que apresentam críticas e realizam mobilizações contrárias às formas de apresentação do cuidado comumente encontradas – opressoras e silenciadoras, que culpam, julgam e revitimizam mulheres; um cuidado familiar, romantizado, dedicado à higiene, ao controle, medicalizado, focado no restabelecimento de expressões patológicas e no aconselhamento verbal. O contraponto entre o que é ofertado e o que se deseja ofertar é ainda mais evidente na narrativa de Mary, em que a palavra “cuidado” é associada a uma formação anti-opressões e aos termos “respeito”, “ética”, “direitos” e “equidade”:

[...] que não seja aquela enfermagem que **pede silêncio**, que a gente arranque qualquer cartaz que você veja alguém que seja da nossa vinculação pedindo pra alguém calar a boca né? [MIRA]

[...] assim, **a gente romantiza, o cuidado familiar** tem um monte de questão assim {tom de riso} às vezes nem é isso que a gente encontra em casa [...] acabou desconstruindo muito a nossa percepção sobre o cuidado... AQUELA que a gente aprendia assim associado a higieneeee, ao controle... do corpo, enfim a patologia [...] [MARIA]

[...] ele respondeu rápido assim “é porque **as mulheres não querem fazer** né” e aí que teria que ter uma campanha tal e não sei o que de sensibilização porque o

problema era as mulheres, as mulheres que não queriam fazer [...] {se referindo as causas de baixa cobertura de exame citopatológico do colo do útero} [IVONE]

[...]E eu **não vou ficar falando na cabeça delas que tem que ser o leite materno, eu tenho que ajudar elas de alguma outra forma**, pode ser assistencialismo, mas essa é a forma que vai ter que chegar [...] [NORA]

[...] então a gente fez uma formação **anti-racista**, assim ninguém ia passar vergonha, **anti-racista, feminista**... é sobre a questão da sexualidade, sobre a questão das lutas da Enfermagem, então a gente fez quase UM MÊS DE FORMAÇÃO com as pessoas que iam pro evento [...] então assim a gente fez tudo aquilo/ **todo aquele... CUIDADO** sabe? Pra não ter problema e mesmo assim "uai MARY não tô entendo como é que vocês estão aqui falando **de direitos, de um tratamento equânime** etc" [...] [MARY]

Sobre os fatores relacionados à oferta inadequada de cuidado, Maria considera estar atrelado à forma como se aprende na formação, um ambiente marcado pela competição. Noutro modo, o cuidado diferenciado é apontado na narrativa de Mary como aquele ofertado por recém-formados, como se a prática cotidiana de trabalho provocasse retrocessos na forma de cuidar. Já Mira associa a prática repressora de Enfermagem à conformação histórica da profissão, atrelada ao colonialismo, havendo compreensão dos efeitos colonialistas e racistas no cuidado exercido:

[...] no contexto da ENFERMAGEM em si, da SALA DE AULA, era o contrário assim, pelo menos a minha percepção... **era uma turma feminilizada de mulheres, mas não tinha uma relação de auto-cuidado, talvez tivesse mais de competição**, de distanciamento... [MARIA]

E **que não açoite, não seja colonialista, que não reproduza** esses papéis que as nossas ícones defendiam né? De tá do lado do império, de quem é a cachapa... precisa dessas compreensões né? [MIRA]

[...] os profissionais que estão na prática hoje eles não enxergam também, eles olham pra você falando assim "**ah é porque você formou... recentemente**, ah porque você demorou demais, você ficou UMA HORA com o paciente fazendo curativo" e assim... a gente fazendo curativo, vendo tudo que tava sendo feito errado e assim não é pra dizer "ah eu faço melhor" mas assim eu tive uma prática que me ajudou a saber o que é mais indicado NAQUELE MOMENTO [...] [MARY]

Vale destacar a capacidade de reflexão crítica e visualização do contexto de políticas de saúde, os desafios de gestão e cultura do SUS. Ivone relaciona a desassistência da população a aspectos relativos a má gestão e existência de conflitos políticos, demarcando que o problema não é a falta de recursos financeiros. Mary critica ações profissionais que desvalorizam o SUS:

[...] pra mim era muito ESCANDALOSO algumas coisas, essa coisa do preventivo era algo escandaloso... descobrir que tinha uma região que tinha hanseníase e que foram identificados vinte e três casos sendo parte dos casos com grau três, sabe? Tipo assim sem septo e sem orelha, o que é isso? **Num município RICO igual X** entendeu? [...] gente se fosse isso lá no Jequitinhonha e tal eu até conseguia dimensionar alguma coisa, mas pensar isso em X? [...] [IVONE]

[...] porque não é só o que a gente faz, mas ate pra trazer isso é uma coisa que tem que ter aquele jogo de cintura e ver que as pessoas estão lá e estão concordando com o **meu vigilante que meio que recebe as pessoas e fica ali numa parte de cima, um acolhimento... falando que "ah mas isso é porque você foi no público, você**

tem que fazer no particular, é muito melhor" né? Então você fica assim "meu Deus, parece que está tudo uma bagunça e como que eu vou me organizar nesse lugar e poder trazer um pouquinho do que eu tenho" [...] [MARY]

Sobre as vertentes do cuidado, existem enunciados que valorizam a importância da assistência direta ao paciente, adotada como campo de prática principal da enfermagem. Há uma regra discursiva de conformação de que a verdadeira prática é aquela da clínica. Por isso, Maria demarca o seu envolvimento com a assistência. Porém, há também um caráter de crítica a essa tendência na enfermagem. Mary afirma que na equipe multiprofissional a enfermagem não é percebida para além dos procedimentos, comprometendo as dimensões e potenciais de cuidado. Edma compara a formatação do ensino de enfermagem, que está focado nos aspectos práticos, enquanto na medicina há aprofundamento nos estudos de caso:

[...] estou sempre lá... fico na assistência né, eu **hoje VOU pra assistência uma vez por semana pra também não perder... a mão né...** [MARIA]

[...] muito medicalizada, assim sempre valorizando muito uma dimensão dos procedimentos né? **NÃO É HOJE**, sempre foi assim, na minha graduação era assim... [MARIA]

[...] "se você não passar nessa matéria você não faz as outras porque ela é base né, que é clínica", e que "agora você vai ser enfermeira de verdade, **agora você VAI VER se você vai fazer enfermagem, vai ser com clínica que você vai descobrir isso**" [...] [MARY]

[...] o que eu tenho percebido é que **não existe esse link dos outros cursos pra gente**, porque eles olham pra enfermeira como "ai tem um curativo, Mary é pra você... ah é gestante/ Mary você vai fazer? Tem vacina Mary" e eles acham que eles não devem fazer uma troca sobre uma consulta da psicóloga [...] **porque eles acham que o meu serviço é um serviço simplesmente técnico** então assim "ah você não precisa de saber da realidade dele pra fazer o curativo... você não precisa saber que ela tentou suicídio pra fazer o preventivo" entende? E eles não enxergam que eu **PRECISO SIM** saber disso, que faz parte do meu trabalho saber disso [...] então assim todas essas dimensões elas ficam muito **VAGAS** [...] [MARY]

[...] nosso estudo de CASO a gente fazia tudo bem com o paciente dentro da enfermaria, como os estudantes de medicina faziam também na X, por exemplo, mas depois eles tinham um espaço reservado onde eles pegavam o prontuário, os exames, raio x... para poder **ESTUDAR** mais aprofundado e o nosso não, o nosso era só ali na enfermaria [...] [EDMA]

Ademais, Mira demarca a tendência que existe de associar a Enfermagem exclusivamente com ações administrativas e, enfatiza a responsabilidade de supervisão de equipes. Há, portanto, um discurso emergente de valorizar outras facetas de trabalho da enfermagem. Nesse sentido, Ivone menciona que a enfermagem permite diversas possibilidades de campo de atuação:

[...] o pessoal me apresenta pra comunidade como a enfermeira que ia levar os remédios nas localidades, não falaram nada que eu era instrutora supervisora **responsável pelo programa de agentes QUE IA LIDAR COM OS agentes comunitários de saúde** [...] eu disse "olha gente só... colocando essa questão de medicamentos, isso realmente **NÃO É** papel da instrutora supervisora do programa de agente comunitário, **eu sou enfermeira** né? Eu sou responsável pelo programa... **nós temos** tantos agentes comunitários, esse serviço de levar medicamento ele é um **serviço administrativo** né?" [MIRA]

[...] transito nessas diversas... **possibilidades que a enfermagem nos dá** também assim da assistência à população, processos de coordenação... [IVONE]

Como forma de superar a dimensão procedimental da enfermagem e fomentar a tomada de posicionamentos diferenciados, são feitos apontamentos em relação a construção da enfermagem enquanto ciência e saberes próprios. A enfermagem está inserida nas ciências da saúde e é feita uma demarcação da distância para as ciências humanas. Para Mira, nas ciências humanas, há uma preocupação acerca da inserção dos sujeitos na sociedade e uma leitura diferenciada de saúde. Nesse sentido, entendendo a importância dos conhecimentos sociológicos, reivindica aprofundamento em sociologia:

[...] na época eu era do centro acadêmico... mas a gente tinha muita dificuldade de discutir com nosso público né? A gente discutia muito mais assim com o pessoal de humanas... Porque o pessoal tinha **OUTRAS** leituras, inclusive uma leitura diferenciada da questão da saúde né? Do aspecto mais dessa inserção da sociedade/na enfermagem, a gente tinha muito era como fazer os procedimentos, os manuais né? [...] [MIRA]

[...] mas eu fui dizer pra ele se ele não podia fazer a aula diferente/ **era sociologia, A DISCIPLINA QUE EU ESTAVA ÁVIDA**, que a gente ia ver outra coisa, ele fazia aquela mesma coisa, Augusto Comte aquela/ aquele livrão dele tudo despedaçado sabe? Era aquela aula, aí ele deixava, ele saía de sala pra todo mundo colar, copiar e colar sabe? Era um negócio de uma mediocridade tão grande que era uma disciplina que ia nos ajudar né? Ter um outro posicionamento mas nos idiotizava mais ainda... [MIRA]

Há percepção da relação entre cuidado, políticas de saúde e os sistemas econômicos e modos de produção, havendo, portanto, interdiscursividade com ciências políticas. Nora demarca que o SUS, uma política pública, aproxima-se do socialismo, em termos de direito universal e Estado democrático de direito, e é oposto a interesses capitalistas:

[...] eu aprendi o que é socialismo na sala de aula {riso}, através do Sistema Único de Saúde entendendo o que era um direito universal... com a professora X, entender o que é estado democrático de direito, o que é capitalismo, o que é... estado de bem estar social e **PORQUE** o SUS tem vinculações com... o Estado que é pra além do que o capitalismo propõe né? Então foi aí que eu fui entender que existem outras formas de sistemas econômicos e de modos de produção, enfim... [NORA]

Considerando ainda os saberes da Enfermagem, na narrativa de Mira, encontrei denúncias da soberania de conhecimentos hegemônicos, reconhecidos por meio de diplomas, de modo formal, acadêmico e internacional; em detrimento do conhecimento local, relativo a gênero e vinculado a pessoas do ativismo social e político. Mira e Maria mencionam o apagamento ou negligenciamento do conhecimento acerca das populações vulnerabilizadas no ensino de Enfermagem:

Aquela coisa... não que saía daqui/ a gente até questionava né? Dizia "não são as mulheres norte-americanas que discutiram isso?" A gente não vê nada na/ "olha em Manaus, tem curso de Enfermagem né?" Essas mulheres vieram pra cá, já formaram um monte de gente, "cadê o material desse pessoal?" **Por que a gente não estuda isso, a gente tem que ver... ficar tradicionalmente dentro desses livros que dita as coisas, completamente longe** [...] [MIRA]

[...] teve um ENFNORTE... nesse período em Belém que era junto com o pessoal... era a ABEn que estava puxando e **a gente tentou inserir uma discussão de gênero...** e foi uma PORRADA pra garantir isso né? “Mas gente...tem tudo a ver com nosso campo de atuação né?” Mas não teve jeito, aí tive que acionar o pessoal que foi ajudar e... a mesa saiu né? Mas eles entendiam que **eu não tinha expertise pra... TOCAR a oficina...** a questão era que **o pessoal tinha uma dificuldade muito grande de reconhecer o nosso saber** local, entendeu? Se tú aqui tens um currículo desse TAMANHÃO você é a pessoa apropriada pra ir lá né? [MIRA]

[...] **a saúde dos nossos povos... a gente também não tinha acesso** né? NADA no nosso currículo dizia respeito à saúde das nossas populações tradicionais, da população indígena... sabe? A população negra, as coisas tudo era SEMPRE vistas de forma pejorativa né?... [MIRA]

Ademais, a universidade, como local privilegiado de formação de saberes da enfermagem, é apontada como um espaço da formalidade, local tradicional, onde não pode haver coloquialismo, arte e relações interpessoais. Atrelado a este dado, Mira, Nora e Ivone relatam com satisfação experiências que distanciam destes aspectos do ambiente da universidade:

[...] disse "gente quem foi que tirou a sinalização que a gente colocou?" "ah eu acho que foi a professora fulana de tal"/ nem me lembro dessa figura... aí fui lá, com ela disse mermo "tú tens aí os cartazes que a gente colocou sinalizando pro pessoal chegar até na árvore?", Ela disse "Não Mira, eu joguei fora aquilo... Mira tú tens idéia do que é isso? **O pessoal está numa universidade/ “galera”?**..." eu disse "porra mulher, e tú tá aqui na universidade e não tem essa compreensão?... Puta que pariu"/ Gente vamos fazer de novo “GALERA” coloca aí... [MIRA]

[...] fui **super feliz** porque foi, eu brinco que o **mestrado humanizado**, porque eu estava em licença maternidade, eu qualifiquei com aleitamento materno exclusivo ainda... mas meu orientador **super parceiro** e com filho pequeno também, então **fui super bem** acolhida enquanto... [NORA]

Fazer mestrado nessa turma porque **a dinâmica da turma era uma dinâmica que foi muito distinta** de uma turma tradicional e tal né [...] [IVONE]

A universidade é reconhecida como o lugar do conhecimento, das verdades. Assim, nas narrativas, é dada importância ao discurso científico, às publicações e, conseqüentemente, a pessoas vinculadas à academia (discurso dominante), por seu potencial de legitimar enunciados. Por isso, nas narrativas de Maria e Nora, há interdiscursividade com o meio científico e citação de ações de professoras:

[...] a gente queria fazer essa oficina... **eu localizei um artigo que foi assim extremamente importante... para fazer essas vinculações** com a questão da enfermagem e as mulheres e **fortalecer essa nossa vinculação...** que foi um artigo da... era da Reben esse artigo, eu tenho ele comigo, **porque eu coloco sempre quando eu vou falar** [...] [MIRA]

Então... ter assim um... um tipo de trabalho que tú estás fazendo aí, **o seu estudo é extremamente importante entender** né? Essa... o que vincula aí com essas possibilidades de você propor encaminhamentos ou fortalecimentos nesse sentido né? [MIRA]

[...] HOJE eu consigo extrapolar o cuidado porque eu aprendi ali/ **claro que não só nesses lugares, eu LI** né? Eu sempre fui uma pessoa interessada em trazer pra teoria, assim eu gosto de teoria então eu li muito sobre teorias do cuidado, eu fui estudar isso depois e tal... [MARIA]

[...] vai dar tudo certo, você vai fazer assim a tese maravilhosa... vamos publicar por favor... faz um livro PELO AMOR DE DEUS {P: riso} e transforma esse livro na referência que a gente está precisando {riso}, por favor [...] [MARY]

Encontramos valorização dos estudos e da universidade pública de modo que há um grande desejo e esforço em acessá-la. Mary menciona que mesmo em uma família com poucas condições econômicas, há investimento financeiro nos estudos. Também foram encontrados relatos de necessidade de se adequar no trabalho para não prejudicar os estudos. Como dificultadores para inserção em universidade pública, são relatados aspectos acerca da qualidade do ensino básico, do acesso de famílias da periferia que não tem histórico deste tipo de aprovação:

[...] eu vim pra cá pra estudar muuuuito tempo atrás e aí quando eu vim pra cá **eu não achava que eu podia fazer universidade federal... eu tinha o ensino de lá**, do interior, o meu ensino fundamental foi lá, o meu ensino foi em escola particular, mas era uma escola assim que é no interior, que já restringe muita coisa, pra você ter ideia a gente já chegou a ficar um semestre sem professor de física [...] [MARY]

[...] não tinha passado em NADA, em nenhuma universidade pública e como a gente via lá as pontuações eu "meu Deus do céu eu nunca vou conseguir entrar nesse negócio... NÃO É PARA MIM"... [MARY]

[...] eu venho de uma família de... cinco irmãs e um irmão... é uma família grande, periférica aqui do X [...] mas quando eu entrei na universidade e aí foi uma festa muito grande porque foi a primeira filha né [...] [EDMA]

Diante das denúncias de um cuidado comum e “inadequado” e dos saberes hegemônicos, são apresentados aspectos que diferenciam as ofertas praticadas por aquelas pessoas com vinculação a movimentos sociais e formas/estratégias que contribuem para essa resultante.

Um dos aspectos pontuado é a capacidade de compreensão das estruturas que conformam o mundo, consciência de mundo, uma percepção de efeitos do patriarcado sobre a vida e saúde das mulheres, uma leitura sobre ser mulher na sociedade e acerca dos fatores que influem no acesso à saúde. Na entrevista com Mary notamos que ser enfermeira com participação nos movimentos sociais possibilita uma percepção da vulnerabilidade de pacientes e o exercício de advocacia em saúde. Pessoas que tem “consciência feminista” são avaliadas como mais avançadas e a ausência dessa compreensão pode implicar em práticas de saúde julgadoras e que recriminam as mulheres:

[...] olha, **as pessoas que eram do centro acadêmico, tem uma outra compreensão porque conseguem entender as estruturas que regem a nossa sociedade**, do que nos açoita, sabe? [MIRA]

Tipo OLHAR pra mulher que estava ali e... pensar assim essa mulher é uma mulher que TRABALHA dentro de casa e fora de casa... que temmm, que pode ter uma relação boa ou não com seu companheiro né? De onde que vem essa dor que ela está sentindo... é uma dor que só tem relação com isso que ela está dizendo ou tem relação **com ESSE LUGAR que nós mulheres estamos inseridas no mundo também** né? Então isso tudo era algo que... **naquela consulta, aquele atendimento tava marcado por essa inserção minha nos movimentos** [...] [IVONE]

[...] eu acho que esse olhar, por exemplo, eu só consegui ter ele agora nesse lugar por causa dessas vivências... por causa do movimento estudantil, por estar dentro da Frente Nacional, ser militante da Frente nacional, estar dentro das discussões do X {Nome de movimento social} entende? **Assim, são coisas que eu não conseguiria ver... se não tivesse passado por isso, eu não conseguiria enxergar, me ver como uma, sei lá, advogada da saúde dessas pessoas... né o Advocacy em saúde... eu não conseguiria enxergar isso se eu não tivesse participado dessas reuniões, não entendesse que existem as vulnerabilidades das minhas pacientes mulheres** e que esse meu médico, por mais que ele seja um sanitarista, que ele seja do movimento, ele não consegue visualizar, como minha equipe já visualizou, situações de violência contra mulher... e que ao falar e debater com ele, ele "ah, mas a gente não tem certeza... vocês não podem falar isso, vocês estão sendo preconceituosas" [...] [MARY]

[...] o movimento estudantil sempre teve **pessoas que eram mais avançadas**, nesse sentido de estar anos à frente e organizado também em alguns partidos políticos então **tinha uma consciência feminista, tinha uma crítica... de conjuntura social mais ampla** [...] [NORA]

Faz TODA diferença... uma enfermeira... ou enfermeiro... que tem essa compreensão do patriarcado... consegue NAS ENTRELINHAS entender aquele processo que está ali se apresentando na sua frente, aquele sofrimento daquela mulher, seja ele qual for... vai compreender né? [...] Se você não tiver essa leitura a posição que você está ou que você está enfrentando naquele momento sabe? Então... **faz TODA DIFERENÇA pra nossa compreensão** né? Essa leitura... de que o mundo, quais são as estruturas que mantém a sociedade, que MANTEM essa trama né? **Se você não tiver esse entendimento** da questão do patriarcado que... nós trabalhamos o nosso público essencialmente as mulheres que nos chegam em situações que **muitas das vezes a enfermagem é aquela que julga**, a questão do aborto, por exemplo, você vê MIL E UMA reportagem dizendo que **quem denunciou aquela mulher... quem açoitou aquela mulher no momento do parto** [...] [MIRA]

O cuidado diferenciado é apontado, portanto, como resultante de uma reflexão, não é algo involuntário, alienado, silenciado. Esse empenho em compreender as estruturas passa por aprofundar nas situações, questionar e elaborar diagnóstico das situações, extrapolar percepções pessoais e propor saídas. Para Mira, tais leituras vão exigir um esmerar, uma posição ativa de resistir, diferenciar-se:

[...] aí eu falei "uai vamos entender se é isso mesmo, se for isso a gente pode traçar um processo de uma campanha e tal de sensibilização, mas será que a nossa rede tem equipamentos? Será que os profissionais estão treinados?", **Perguntas que a gente precisava fazer**, eu fui, **preparei um processo de diagnóstico** e tal e aí a gente descobriu tudo isso assim, que a gente não tinha equipamentos adequados, que os profissionais não sabiam colher, seja enfermeira, seja médico de família e comunidade [...] [IVONE]

[...] e aí **vamos lá, vamos na raiz do problema**, aí eu fiz visita para as duas e fiquei bem... impactada e já sabia disso, mas falei "não, não é possível, a gente tem que... garantir que essas mulheres tenham um apoio" [...] [NORA]

[...] é a partir da nota de rodapé que você vai mergulhar né? Não faz parte da análise né? Que você vai mergulhar e vai acessar outro tipo de informação... [MIRA]

O cuidado era algo muito CARO assim que a gente de fato não era uma coisa que aconteceu e agora eu estou aqui... elaborando, claro que eu estou elaborando de fora, mas assim **não é uma coisa que a gente fazia de forma tácita** [...] Sem pensar, **a gente pensava sobre o cuidado**, então a gente pensava nos espaços que seriam espaços para as crianças [...] [MARIA]

Nas narrativas de Nora e Mary observamos relatos de ações de cuidado perpassadas por amorosidade e humanidade, enquanto estratégias para resistência a situações de desigualdades. Esse dado pode ser relacionado à percepção do poder como algo produtivo, que gera resistência/insurgência. Acredita-se que os enfrentamentos precisam ser arquitetados, perpassados por educação popular e não por punitivismo. De modo similar, Ivone e Mira demarcam o cuidado enquanto prática política, perpassado por leitura política:

[...] deixa comigo, vai ter uma hora que a gente vai conseguir fazer uma conversa, em algum momento a gente vai conseguir expor essas coisas, de uma forma que não/não de APONTAR, mas de uma forma de MUDAR o processo como essas coisas acontecem, pelo menos é assim que eu tento fazer... sabe? Tipo eu não acho também que é um espaço de "ah você tem que expor as pessoas"... você tem que criar uma situação ruim ou... sabe?! Não é isso... é fazer de uma forma que aquele processo possa melhorar e **pra ele melhorar não vai ser com críticas punitivas**, com punitivismo ou **críticas destrutivas que a gente vai conseguir**, é de outra forma, eu acredito muito nessa coisa da educação popular, da amorosidade, da afetividade, de CRIAR esses espaços de outra forma [...] [MARY]

[...] quem eram as mães, se teria espaço pra criança, eu lembro que esse comitê das mulheres que ficavam fazendo as comidas enquanto a gente... CAMINHAVA, a gente sempre devolvia as marmitas pra lavar, então a gente **sempre escrevia bilhete, agradecendo as mulheres**, contando para elas como que estava a caminhada né? [MARIA]

[...] de dizer que a prática do CUIDADO, de saúde, é uma prática também política e pode ser uma prática transformadora, tipo assim é algo que... pra mim **permaneceu** [...] [IVONE]

[...] a gente chamou essa parte de SUS acadêmico... e a gente descobriu que o povo terminando a graduação não sabia o que era SUS e a gente fez também o projeto da **educação popular** que era falar do SUS e neoliberalismo com o povo [...] [MARY]

Nesse movimento implicado e político, encontrei enunciados de pertencimento em relação à prática, à equipe e aos pacientes e movimento de empatia, de se colocar no lugar do paciente:

[...] a **minha** assistente social, que eu estou trabalhando com a equipe multi, eu tenho assistente social, eu tenho uma psicóloga na **minha** equipe, tem fisioterapeuta, tem um médico que já era o de lá, mas não é assim o residente e o farmacêutico... e aí estou eu de enfermeira, nós somos cinco no **meu** campo, na **minha** equipe somos esses residentes... muitas vezes o **MEU** PACIENTE ele não vai chegar, a assistente social não consegue chegar nele... e depende muito do **meu** olhar com ele para acionar o trabalho dela... e depende do **meu** olhar com ele para acionar a psicóloga, para acionar farmacêutico [...] [MARY]

[...] então aquele, TODO o problema da saúde mental que a gente já conhece... e **que é fácil falar pro outro, mas quando você vive, o negócio**... dá uma bagunçada, desorganiza... a gente... [MARY]

Há destaque para a dimensão da concretude em relação às atividades vinculadas aos movimentos sociais. Isso pode ser exemplificado pela utilização maciça do termo “concreto” e suas variações lexicais na entrevista com Maria; pela menção a mulheres com práticas de saúde diferenciadas; e pelo relato de ações cotidianas. Porém, na narrativa de Nora, há

enunciado de que a adoção de medidas concretas muitas vezes é rotulada como “assistencialismo”:

[...] então tinha um apoio **CONCRETO** assim... uma preocupação **concreta** umas com as outras assim, e ela por sua vez fazia uma comida que na época a gente entrou numa onda mais vegetariana e tal [...] a gente fazia, acho que por causa da agroecologia, VÁRIOS processos de compartilhar sabão é... enfim tinha uma coisa **CONCRETA** mesmo do nosso cotidiano, de dividir as coisas, de levar muda uma pra outra, todo mundo tinha um pouco de plantar [...] [MARIA]

[...] eu não faria isso se eu não fosse feminista [...] o máximo que eu falaria era com o moço. Eu fiz visita, o cara estava lá, o marido da menina... mas TOMAR ATITUDE... ter a consciência de que a realidade precisa mudar pra que ela consiga alimentar... [NORA]

XX que era enfermeira assistente social e fazia o trabalho... com o tratar, com essas pessoas, assim de uma forma **EXTREMAMENTE ENVOLVENTE E RESPEITOSA**, de não submete-los àquela própria condição que já se encontravam [...] [MIRA]

[...] eu tenho que ajudar elas de alguma outra forma - **pode ser assistencialismo** - mas essa é a forma que vai ter que chegar [...] [NORA]

O cuidado em saúde praticado na socialização dos movimentos foi relatado nas entrevistas com Ivone, Maria e Mary, em especial em comissões de saúde que compõem os movimentos sociais. Maria aponta como uma prática vinculada a dimensão ampliada, que considera a diversidade das pessoas e baseia-se na lealdade, no respeito, no apoio. Relata ainda que por serem aprendizados, esses aspectos são transladados para promoção de prática assistencial e docente diferenciadas, o que possibilita sobreviver em espaços considerados “estéreis”:

[...] então as pessoas que passavam mal durante o ato a gente atendia né? Fazia ali os atendimentos de primeiros socorros, então a gente levava curativos, materiais em geral, tinha um material que era assim muito necessário que era um spray que a gente mesmo fazia com leite de magnésia por causa da... do spray de pimenta, da bomba de gás... [MARY]

[...] e também na ação né porque quando a gente precisa também de assistência em saúde, eu atuo como enfermeira atendendo as pessoas nos MOVIMENTOS, nas atividades que a gente faz também né [...] [IVONE]

[...]que cuidado é esse que se constitui... que se APRENDE no contexto da enfermagem... Que é diferente do cuidado que se aprende na socialização, principalmente na socialização das mulheres, e que é diferente também da percepção dos movimentos sociais sobre o cuidado... percepções e práticas eu acho... Então o que eu percebi assim é que... primeiro que se tornou um termo comum, da sororidade né... quando a gente começou a construir o movimento de mulheres e essa questão do auto-cuidado, do **cuidado da outra assim era uma coisa muito própria do movimento feminista** [...] e no coletivo de mulheres a gente tinha uma coisa muito forte de cuidado com a outra... na questão de apoio... mais subjetivo, de ESTOU com você né? [MARIA]

[...]acho que a gente tinha uma lealdade umas com as outras assim, todas as esferas de relacionamentoo de atividade acadêmica então... enfim TODO MUNDO fazia parte assim/ o grupo de pessoas/ era/ a gente {tom de riso} meio que levava todo mundo pra todo canto então... eu sempre fui muito voltada pra pesquisa, VÁRIAS pessoas foram fazer pesquisa no grupo que eu entrei quando eu era do segundo período assim, que era o grupo que tinha de saúde coletiva então várias amigas forammm... porque eu enfim envolvia elas na pesquisa e... tinha **uma dimensão do**

cuidado mais ampliada... que não era SÓ assim esse cuidado... uma assistência, pontual [...] e aí tinha uma **percepção também da diversidade** que eu acho que era legal assim, então... ninguém achava que cuidar da outra era sei lá “vou te avisar que você tem que depilar amiga” {tom de riso} né, assim tinha as que não depilavam, tinha as que depilavam, tinha as... então tinha um RESPEITO [...] [MARIA]

[...] aí eu fiz uma assim/ fazia bolo, cozinhava, montava roda de conversa e o povo achou assim uma coisa MUITO excêntrica né? [...] dentro do hospital e é **IGUALZINHO ao que eu fazia com a Marcha** {risos}... e eu assim/ também **era minha forma de trazer um pouco de cuidado pra aquele lugar** {risos}, que eu tava achando assim sabe? [MARIA]

Outras características do modo de ofertar cuidado diferenciado são narradas em relação às atitudes de: organização dos processos de trabalho, aliar conhecimentos de enfermagem com a experiência da militância feminista, abrir espaço para temas-tabu; se esforçar em criar redes, extravasar heteronormatividades:

[...] **eu juntei meu conhecimento científico, adquirido no curso de planejamento em saúde, e aquilo que a gente precisa com essa perspectiva do olhar mesmo feminista** de movimento pra esse processo também de enxergar como é que as mulheres vem esse espaço/ porquê também tinha isso né? [IVONE]

[...] eu acho que tem a marca **desse olhar nos movimentos populares, mas eu acho que também é no sentido de colocar em PRÁTICA alguns... APRENDIZADOS mesmo da nossa formação** sabe? **Era coisa simples** assim, foi reorganizar o trabalho de uma equipe de saúde da família que passou a atender aos subdistritos pelo menos de quinze em quinze dias assim [...] [IVONE]

[...] Eu consegui **essa coisa da rede** né? Tem uma mulher aqui no bairro que fornece alimentação que é uma delícia... eu consegui PEGAR ESSE DINHEIRO da doação passar pra X a X mora perto dessa casa e a X tá levando marmitas, a gente fez um cardápio pra puerpera e tal, pra essas duas pessoas que estão passando por isso... [...] então as coisas se fundem, é quando eu atendo... mulher na saúde da mulher pra exame preventivo... no exame patológico e aí **eu vou falar de prazer, eu vou falar de masturbação...** quando eu deixo aberto para as mulheres sobre parceiro sexual [...] eu deixo aberto pra mulher me dizer que ela é lésbica... e **eu tento não enquadrar a sexualidade dela** numa heteronormatividade [...] [NORA].

Para Ivone a relação com os movimentos sociais também conduz a uma forma diferenciada de coordenar equipes, um modo que visa reduzir assimetrias de poder, entende a importância do trabalho em equipe e estimula movimentos de análise de conjuntura. Tais posturas parecem ser orientadas pela ideologia de que as pessoas são sujeitos em construção e de que todos possuem saberes, de modo que não apenas os saberes hegemônicos importam:

[...] esse espaço também de coordenação de equipe que a gente acaba tendo também... era... eu sempre tentei estabelecer uma relação que **não era uma relação que reproduzia as hierarquias muitas vezes tão colocadas**, “eu mando e vocês obedecem e não reconheço nenhuma... forma de saber inclusive nas técnicas de enfermagem, nas agentes comunitárias de saúde, naquelas que podem”/ então de como que é também nesse processo de organização, de coordenação de equipe, de organização sempre muito marcado por esse processo de **enxergar o outro ali como uma trabalhadora que estava ali, portadora de conhecimento, e que podia contribuir para os processos de saúde da população onde a gente estava atendendo assim...** uma outra coisa que eu sempre... assim nas equipes que eu tive e tal era esse **esforço de fazer um processo de PLANEJAMENTO coletivo** com TODA A EQUIPE, dos processos/ do ANO assim. Muitas vezes no início do ano

sentava com... todo mundo fazia... um BALANÇO do que foi o nosso ano né? [...] [IVONE]

[...] mas ORIENTADA por esse LUGAR mesmo de reconheceer nas pessoas sujeitos de construção, sujeitos de saber e de... tentar construir coletivamente assim... esses processos [...] [IVONE]

Além dessa concepção de participação popular nas decisões e produções, na narrativa de Mira encontramos considerações da potência existente entre práticas de saúde e arte. Nesse sentido, considera importante permitir espaços de manifestação da criatividade, da performatividade e de afeto. Relata a organização de ato artístico de recepção de estudantes e a replicação de uma cena de filme, durante um evento científico, com o objetivo de incentivar a Enfermagem a se posicionar contra o silenciamento. Tais modos de resistir mencionados muitas vezes divergem daquilo que historicamente é realizado e mesmo do vivenciado por si:

[...] nós aproveitamos a semana brasileira de enfermagem pra difundir o que nós tínhamos, o que o centro acadêmico tinha, adentrado dentro desse congresso de enfermagem, então era pra publicizar... e nós ficamos no centro acadêmico até umas cinco, seis horas da manhã... passamos a madrugada, fizemos um painel... eu levei tinta de casa aí nós pegávamos a tinta colorida e fazíamos uns negócios assim performáticos sabe? Tudo ficou bacana “deixa aqui sua opinião, o que você acha disso” né? [MIRA]

[...] eu tinha assistido “Sociedade dos poetas mortos” {filme de 1989}, eles sobem na mesa, tú te lembra? *Carpe diem* né? Aí eu disse mermo "gente bora subir na cadeira e gritar bem alto “na Enfermagem chega de silêncio” {risos} [...] [MIRA]

[...] nós iamõs recepcionar as estudantes, calourada de enfermagem... era uma coisa que eu AMAVA fazer... nós fazíamos dinâmicas, sabe? Desenvolvíamos/ olha pra mim era o maior prazer SEMPRE pensando naquela figura que me recepcionou daquela forma né? [MIRA]

Também no sentido de produção de práticas de saúde diferenciadas, o campo de atuação da saúde mental foi apontado por Mira como um local permissivo para práticas artísticas e execução de atividades exclusivas da Enfermagem ainda não consolidadas, como a consulta de enfermagem. Além disso, foi apontado como um espaço convidativo para a redução de assimetrias de poder entre usuários e profissionais e desmistificação de medos e construções prévias, tais como o sofrimento mental. Um espaço em que a resistência e leituras que pareceriam contra-hegemônicas já estão consolidadas – como a reforma sanitária e psiquiátrica. Por todas essas potencias, a inserção na saúde mental é apontada como um modo de qualificação do cuidado:

[...] Ela disse "mar Mira, o que você fez aqui, o povo subir na cadeira e gritar 'enfermagem chega de silêncio', tú não tens idéia do que é isso mulher, isso é saúde mental pura" [...] gente aquilo pra mim foi um negócio você não sabia dizer quem era trabalhador e quem estava ali pra ser cuidado né?... [MIRA]

[...] percebo a IMPORTÂNCIA da compreensão da enfermagem/ da compreensão política da enfermagem quando no CAPS/ se você não tiver a compreensão política do que foi a reforma sanitária, do que foi a reforma psiquiátrica, so que foi essa inserção né? De você deslocar a questão hospitalocêntrica pra uma questão dos cuidados e outros tipos de envolvimento... [MIRA]

[...] Então você precisava dessa outra inserção... {falando da inserção na saúde mental} Porque isso também pra você, pra ser uma enfermeira com dignidade né? [...] Que aí sim a gente vai cuidar com humanidade, vai cuidar em cima dos direitos, compreendendo quais são essas coisas que levam a adoecer né?... Enfim TUDO {P: Sim} TUDO vai depender né? [...] [MIRA]

Conformações da enfermagem como profissão e implicações dos movimentos sociais para as lutas da categoria

Além das críticas ao cuidado e a assistência ofertada à população, existem críticas à conformação da enfermagem enquanto profissão. Na narrativa de Mira, há uma refutação a simbolismos como o jaleco e estetoscópio, importantes marcadores de um cuidado biomédico e higiênico, e que muitas vezes promovem distanciamento entre enfermeiras e clientes.

[...] **tinha uma outra enfermeira que fazia o papel de médico, andava com o esteto aqui, sabe?** [...] [MIRA]

As pessoas com suas/ eu não uso jaleco no meu trabalho de referência HIV eu não uso jaleco... No hospital já uso né? Por conta da dinâmica, mas FORA DISSO não uso e quando trabalhei no CAPS também não usava jaleco nem nada [...] [MIRA]

Encontro também enunciados acerca do silenciamento da enfermagem e ausência de espaço para expor os problemas, fatores que contribuem para manutenção de práticas comumente ofertadas. Mary utiliza metáfora de uma redoma de vidro na qual não consegue acessar o conteúdo e de “cúpula”. Menciona que muitas dificuldades da enfermagem em se expor estão relacionadas a espaços hierarquizados e que se sente angustiada por haver poucas oportunidades de debater e ter que se calar diante de situações de desigualdade de gênero. Na narrativa de Edma, tais silenciamentos são relacionados ao distanciamento político da categoria:

[...] então assim você fica num lugar que parece que você está dentro de... sei lá um/ tô olhando pra um copo de vidro, parece que você está dentro de uma **redoma de vidro** e você tem várias coisas que você gostaria de acessar e de trazer, mas é como se você não pudesse... né? [MARY]

[...] eu acho que são os espaços onde você coloca a enfermagem, são **espaços muito hierarquizados**, e essas relações de poder elas... vão dar voz... pra algumas pessoas, pra outras não e ela está dentro de um sistema estruturado... entende? [MARY]

[...] o triste é que a gente consegue discutir POUCO sobre essas coisas, geralmente fica numa cúpula e essa cúpula dificilmente vai ouvir esse tipo de opinião porque essa cúpula não oportuniza essas pessoas a trazerem... eu fico pensando assim cara eu to aqui, eu to dentro da X {instituição de ensino} e eu não consigo falar... **eu não consigo falar as coisas que eu penso**, sabe? Eu não consigo fazer uma reflexão nisso, qual vai ser essa reflexão pra quem está comigo porque o tempo inteiro eu tenho medo de ser, de represália... e isso eu que tive uma oportunidade, imagina quem não tem... [MARY]

[...] porque a gente está enxergando um cenário de violência e está querendo falar sobre isso, então assim... eu vou te falar que é até um pouco...angustiante porque

você... vê que aquilo está acontecendo, não tem como você passar o olho e não enxergar... [MARY]

Há uma regra do discurso acerca da atuação multiprofissional em saúde. Nesse sentido, Edma menciona que os avanços trabalhistas ganham força quando se direcionam para as várias categorias da saúde. Ademais, quando questionada se o envolvimento sempre foi pelas questões da enfermagem, relata movimento em torno de pauta multiprofissional da saúde. Mira apresenta como elo entre as profissões da saúde entender que se complementam em prol do compromisso social:

[...] então **não era só a luta pelos trabalhadores da enfermagem, a gente fazia a luta com os trabalhadores da SAÚDE** [...] **era tudo qualquer coisa que acontecesse a gente debatia ali e trabalhava em conjunto**, as greves que a gente fazia por melhores condições de trabalho, por aumento salarial né?... Os acordos coletivos também que era pra rede privada, a gente sempre batia um papo, como é que os médicos tinham fechado porque eles fechavam em separado, cada sindicato, mas a gente tentava trabalhar em conjunto pra poder... pra poder não sair uma cláusula muito diferente da outra né [...] [EDMA]

[...] e ela conseguiu ampliar, **ela pediu pra ampliar para os outros profissionais de saúde e falou "oh se for todo mundo é mais fácil de ganhar... só a enfermagem é muito difícil"** e aí nós autorizamos na época [...] [EDMA]

[...] e se quisesse mudar pra medicina claro, pode mudar e que sejamos amigos eternamente e vamos nos ajudar que é isso que precisa... **compromisso social** não tem diferença onde quer que você esteja né? Ele é O MESMO... [MIRA]

Todavia, há uma divisão entre trabalhadores médicos e não-médicos, de modo que Edma costumeiramente utiliza estratégia discursiva de fragmentação (enfermeiros *versus* médicos). Do ponto de vista da formação profissional, nas narrativas de Nora, Mary e Edma, a medicina é apontada como a principal profissão incentivada, sendo enfrentadas dificuldades para inserção, por haver grande concorrência. A enfermagem, de outra forma, é descoberta no caminho, e a inserção na profissão se dá como a opção possível. Ademais, são mencionadas diferenças de oportunidades durante a graduação e supremacia de médicos em relação a outros preceptores de residência:

[...] a enfermagem precisa estar LÁ, precisa participar, precisa correr ATRÁS do seu prejuízo/por que os médicos conseguiram em 1990 uma lei de vinte horas semanais? [...] Isso nem é explanado... é aprovado na calada, quando a gente já lutava por 30 horas ó... há muito tempo... [EDMA]

[...] é aquela coisa de "aí vai fazer medicina porque gosta de cuidar das pessoas", aí o primo tinha uma ferida eu cuidava e aquela coisa que toda, acho que passa por todos nós que somos da saúde [...] aí prestei medicina, claro que não ia passar, não tinha cursinho, enfim meus pais separaram... nesse ano que eu prestei vestibular, depois **eu descobri a enfermagem** com colegas do cursinho e decidi fazer enfermagem... [NORA]

Mas eu acho que é importante trazer um pouquinho que eu fiquei alguns anos estudando em escola privada, superior privada e trabalhando... e aí depois voltei a fazer cursinho, tentei um tempo fazer medicina, nossa não estava aguentando mais "meu Deus e agora? O que eu faço?" Aí **a minha pontuação do ENEM deu pra/daria pra enfermagem** "ah eu vou nesse negócio, depois aproveito e vou entrar na medicina e nãñã" e é isso... [MARY]

[...] de achar **que a gente era preterido em relação a nossa formação...** eu ficava irritada quando via estudantes de medicina usando os espaços privilegiados do hospital escola né? Eu cheguei a ir, eu me lembro muito bem, que eu cheguei a ir na direção de uma maternidade escola... pra saber **porque os estudantes de enfermagem não tinham o direito de fazer o parto das mulheres já que a gente tinha esse direito legal** [...] [EDMA]

Minha leitura, minha primeira lente enquanto enfermeira, mulher militante e tudo mais, eu vi uma enfermeira que está lá também na unidade, que faz a preceptorial na prática... e um médico que assina como preceptor né que a X {instituição de ensino} reconhece esse homem que chegou nesse lugar há... vai fazer 2 anos e quem faz, quem está com a gente na prática, **quem apresenta os cenários, que está... na maioria dos dias com a gente é uma enfermeira que está sempre super atarefada, que está nesse lugar há 10 anos, mas o preceptor é o médico...** [MARY]

No ambiente de trabalho, a hegemonia discursiva em torno da importância da figura médica também existe. Um dos enunciados de Mira apresenta a supervalorização do acesso à assistência médica, refletido em altos valores de remuneração de tal profissional. Nesse sentido, demarca a diferença entre ser médico e ser enfermeira em termos de atribuições, salários e participação em decisões. Demarca também a necessidade de um posicionamento da Enfermagem de recusa a assumir responsabilidades médicas:

As pessoas se digladiavam, o médico não chegava e o que pagava para um médico era um absurdo... pagar quinze mil reais, vinte mil reais para o médico, para ele ir uma vez na semana... entende? O município não tinha nem condição de BANCAR isso né? [MIRA]

[...] eu disse “olha gente eu sou enfermeira né? Eu não sou médica [...] o meu salário é tanto né?/ Tipo assim eu ganhava oitocentos reais enquanto o outro quinze mil sabe?/ Então eu não vou fazer, não é nem por conta do salário porque eu realmente não sou médica, sou enfermeira, mas vou lhe fazer o que é de Enfermagem” [MIRA]

[...] você vê, éramos nós que segurávamos a saúde pra tudo quanto/ mas quando você tinha os eventos... as questões de ponta, de decisão, A ENFERMAGEM ESTAVA FORA [...] [MIRA]

Ademais, na organização sindical e na representação e articulação política, Edma destaca maior organização dos médicos. Em dado trecho há uma visão determinista do poder de médicos, discurso marcado pela naturalização: trata como natural a desigualdade das condições de trabalho entre médicos e enfermeiros. De modo similar, Ivone denomina como sorte poder lidar com médicos menos resistentes e valoriza um ato de reconhecimento da enfermagem por médico:

[...] a gente acreditava que nós não deveríamos fechar o sindicato dos enfermeiros, deveria aumentar porque o sindicato dos médicos/ nunca ia fechar, o sindicato dos médicos, a federação dos médicos... a gente falava vai fechar a nossa e depois nunca mais a gente vai abrir [...] [EDMA]

[...] agora está aí a categoria indignada... porque a classe médica organizada né? As entidades/as empresas... de medicina de grupo e por aí vai **mandaram uma carta para o senado...** agora gente isso nunca foi novidade para a gente e eles não querem... e são eles que financiam um GRANDE quantitativo de médicos e outros também né que estão lá... para fazer um lobby CONTRA a enfermagem [...] [EDMA]

[...]a revolta em relação aos médicos terem direito de ter um... um segundo vínculo entendeu? Mas hoje em dia eu não sei se faria isso {se referindo ao envolvimento na luta por poder acumular cargos}, talvez lutasse para os médicos não terem né... {risos}, mas é difícil porque **eles vão ter SEMPRE**, vão ter sempre... [EDMA]

[...] eu falo assim, sempre fui tendo um **pouco de sorte assim** porque as vezes tinha uns profissionais médicos, por exemplo, que num primeiro momento eram RESISTENTES a esse método de trabalho, mas que depois iam... **foram se abrindo... se envolvendo** e depois até agradeceram por terem se envolvido no processo que para eles era muito novo [...] [IVONE]

Diante do contexto de ser mulher-enfermeira relatado, há consideração da importância de ter a compreensão dos fatores relacionados à desvalorização da profissão e de se posicionar em relação a eles, em especial diante da relação entre as opressões da enfermagem e o gênero. Também é mencionada a importância de compreender como se dá o relacionamento com outros colegas de profissão. Há, portanto, reconhecimento do potencial de uma visão classista e feminista para percepção de relações de poder no trabalho e de formas de escape:

[...] e a nossa profissão ser uma profissão muito mais ativa... E POLÍTICA/ segura a saúde EM TUDO QUANTO É LUGAR [...] [MIRA]

[...] então foi importante ENTENDER essas raízes mesmo desse processo de valorização... **para compreender também como que as vezes me relacionava inclusive com... outras colegas de profissão também, com dinâmicas muito... distintas** [...] [IVONE]

[...] e aí eu fui **encontrar justamente no feminismo...** a resposta... para essa desvalorização [...] eu já me aproximei no feminismo via movimento, tinha algumas companheiras que eram estudantes de enfermagem... mas que já tinham, que conheceram a MARCHA e trouxeram um pouco do que era a MARCHA e **ajudaram com leituras, com outras coisas que a marcha já produzia.. ajudar a gente a entender como que era organizado também o nosso próprio trabalho enquanto enfermeira né?** Que LUGAR era esse que esse trabalho ocupava assim... [IVONE]

Sobre essa visão de classe, na entrevista com Edma, é muito comum encontrar enunciados de que a enfermagem enquanto categoria está aquém, não se organiza, não compreende a importância de participar de espaços e debates políticos, de eleger representações da enfermagem, de entender de direitos, não cresce, está mais preocupada com a competência técnica que política. Com isso Edma considera que a luta pelas causas da enfermagem seja injusta, porque não há uma organização de classe. Também na entrevista com Mira, parte desses dados foram encontrados. Portanto, nessas narrativas há regularidade discursiva de que a enfermagem não avança porque está inerte, não percebe a importância e não se organiza como categoria:

[...] o processo era muito FRAGMENTADO, a luta sempre foi muito DIFÍCIL... porque a enfermagem, a nossa categoria no movimento sindical, sempre foi fracionada... é sindicato de auxiliares e técnicos... sindicato de enfermeiros [...] então essa luta da enfermagem é muito injusta, nós não tínhamos, NÃO TEMOS até hoje uma organização de CLASSE... [EDMA]

[...] então assim... ser enfermeiro dentro do espaço da Enfermagem com essa lógica sabe que submete/ **não tem UMA LEITURA/ não tem uma leitura política, não**

tem uma leitura de sociedade... né? Não tem leitura porque também nós NÃO nos deparamos frente a frente com esse tipo de material... [MIRA]

[...] a gente que falavam assim "se chamar pra falar sobre ooo"... como é que a gente falava? Dentro do sindicato, a gente **chama pra falar sobre reajuste salarial... da categoria, não vem ninguém...** chama pra falar sobre ferida vem um monte de gente {risos} [...] [EDMA]

[...] e no caso nosso da categoria... ela se faz muito AQUÉM... a categoria é muito difícil, porque ela não consegue entender a necessidade DESSA PARTICIPAÇÃO NESSES FÓRUNS de debate, nesses espaços de poder... né? [EDMA]

Mira relata que historicamente ícones da Enfermagem geraram empecilhos para a organização coletiva da profissão, por entenderem os cuidados como ação de caridade e não como trabalho. Enquanto isso, Ivone considera que não é preciso criar espaços específicos de militância em prol da categoria profissional, mas sim garantir representatividade naqueles que já existem:

[...] depois se entende que não necessariamente precisava ser uma coisa paralela, mas que precisava ser alguma coisa que se inseria nas entidades já existentes para que a partir delas a gente pudesse fazer as lutas. Então por isso foi a tentativa primeiro via sindicato, seguiu aí depois teve essa inserção de algumas pessoas, teve gente do X {movimento de categoria anteriormente criado} que participou da gestão anterior a essa do COREN e agora tem gente do X {mesmo movimento} que está nessa atual gestão, que está entrando TAMBÉM assim [...] [IVONE]

[...] as enfermeiras que se organizaram pra reivindicar salários foram rechaçadas por Florence Nightingale/ ela trazia esse histórico todo né? [...] **o ícone da Enfermagem... era contrário... a organização das mulheres dentro da Enfermagem, não compreendia a Enfermagem como trabalhadoras** entendia o trabalho da Enfermagem como uma ação de caridade né? [...] [MIRA]

Do contrário, há uma regra de que a enfermagem precisa estar nos locais de decisão política, se manifestar, conhecer os direitos trabalhistas e previdenciários. Assim, Edma valoriza a figura de uma enfermeira que se envolvia na luta por valorização da profissão, por meio dos adjetivos “lutadora” e “querida” e fazendo uma metonímia com Marielle Franco. A metonímia é uma figura de linguagem que permite o remetimento a outro significante, o que dá ainda maior peso ao ocorrido e traduz em um acontecimento mais atual. Ademais, utiliza intertextualidade com conhecimento de história da organização de trabalhadores e com a Constituição Federal de 1988 e menciona que há necessidade da abordagem de noções básicas de direito na formação em enfermagem:

[...] e a gente perdeu **a nossa Mariele Franco que era uma lutadora**, uma... uma enfermeira que estava... acima.. desse processo de luta, uma pessoa muito **querida** nossa... [EDMA]

[...] “porque **a gente tem que ir, é GREVE, é NÃO SEI O QUÊ, tem que fazer a manifestação**” eu acho/ não me lembro, mas foi todo mundo do posto de saúde para o centro da cidade... então essa minha, **meu lado profissional, ele esteve sempre muito ligado as questões políticas** né?...[EDMA]

[...] a formação do enfermeiro deveria ter noções básicas de direito, direito trabalhista, direito previdenciário porque um dia vão se aposentaar... direito administrativo e direito na área penal também porque a gente tem alguma coisa/

então ter um compilado, algumas coisas... que fossem importantes pra nós enfermeiros no nosso... na nossa formação, eu acho que tinha que ter [...] [EDMA]

Destaca-se a narrativa de Edma na qual se conforma um discurso provocativo, mobilizador do engajamento político da enfermagem. Esse dado é amparado na identificação de estratégias discursivas como: ironia (“coitadinha”) e racionalização para justificar a dificuldade de aprovação das pautas da enfermagem. Assim, me senti provocada pelo encontro com essa participante, pelo endereçamento de críticas ao envolvimento restrito na academia e a percursos metodológicos de pesquisas. Neste caso, o discurso pode ser analisado dentro do que produz, suas possibilidades::

[...] são eles que financiam um GRANDE quantitativo de médicos e outros também que estão lá... para fazer um lobby CONTRA a enfermagem, mas enquanto a enfermagem não abrir os olhos para isso... **não VAI APROVAR 30 horas... com uma deputada federal? Como?** [...] [EDMA]

[...] porque está pedindo 30 horas "coitadinha dessas mulheres que estão aí pedindo 30 horas, tadinha, eu vou dar pra elas", vai dar NADA... **a enfermagem tem que conquistar e para conquistar tem que estar nos espaços de poder pô...** [EDMA]

[...] para falar cadê minhas 30 horas? Cadê não. VAMOS LUTAR pelas 30 horas, falar que "ah é só chegar ano eleitoral", de dois em dois anos tem ano eleitoral pô... esse ano não é ano eleitoral e a gente precisa falar de 30 horas... não é porque vai chegando o ano eleitoral, ano que vem vai se falar de novo de 30 horas se não passar... e **TEM QUE FALAR MAIS E MAIS E MAIS e a enfermagem tem que... sabe? ELEGER os seus pares, de que partido for...** [EDMA]

[...] aí você passa um processo eleitoral na esperança de fazer vereador nas cidades, você tem uma resposta PÍFIA de uma categoria que é IMENSA... que é a maior categoria em quantitativo da área da saúde... **então COMO que você quer que, como que a categoria quer ter piso salarial e jornada de trabalho?... se ela não está ali envolvida com isso?... Né se as pessoas acham que... o mais importante é fazer um doutorado, um mestrado, EU SEI QUE É IMPORTANTE...** mas tem que dividir, dá pra dividir né [...] [EDMA]

Apesar de encontrar nas entrevistas menção ao engajamento em causas que dizem respeito ao desenvolvimento da profissão, os espaços formais de organização da profissão, como entidades representativas e sindicatos, foram tratados com interdição, raridade e tensão na maior parte das narrativas. Eles eram abordados em episódios paralelos, com interrupções da fala e seleção de palavras. Na entrevista com Nora a temática aparece com maior frequência, com relato de inserção em movimento trabalhista, mas ainda assim, só foi abordada quando provocada por questão imanente. Exemplifico o resultado pelo relato de Ivone abaixo, que menciona não haver envolvimento na pauta trabalhista:

[...] **eu num, eu não fui pra esse caminho inclusive de... de continuar uma militância mais em torno da CATEGORIA, vamos dizer assim**, então eu não tive um processo/a minha relação, por exemplo, com a ABEn, com... com COFEN e mesmo com a Federação de enfermeiros e tal, foi muito mais movimento estudantil [...] [IVONE]

Sobre os espaços instituídos de representação da profissão, na entrevista com Edma, há uma regra discursiva de que deveriam atuar juntos pela categoria, por isso se dedica a

relatar situações exitosas. Todavia, menciona oposição entre conselhos, associações e sindicatos, o que tem como consequência a inércia política da enfermagem:

E a gente tinha esse trabalho muito perto da ABEn, a ABEn e sindicato trabalhavam muito em conjunto, participava muito em conjunto das lutas gerais da categoria de enfermagem pelas demandas da categoria... que era piso salarial, jornada de trabalho, as prerrogativas nossas enquanto profissional, a valorização da categoria e por aí vai... [EDMA]

[...] a gente também tinha essa luta porque infelizmente o nosso conselho de classe ele sempre foi envolvido com uma máfia né? A máfia da saúde que culminou na operação predador [...] esse PROBLEMA do nosso conselho ele levou a categoria de enfermagem também a uma INÉRCIA muito grande, inércia no sentido de que as coisas só ficavam vinculadas aquilo ali, **era ABEn e sindicatos contra o COREN... contra o COFEN** e isso tomou um tempo muito grande da categoria [...] [EDMA]

A desarticulação pode ser aproximada dos dados produzidos em torno do modo de conformação dos conselhos de classe da enfermagem, vinculados a interesses diversos. Ademais, foram realizadas críticas à postura de membros do Coren/Cofen diante de situações como a desvalorização da profissão. Para legitimar a ideia de que o COFEN não apoiava nas lutas da enfermagem, há interdiscursividade com termos policiais de investigação de sua atuação – operação, máfia, improbidades:

[...] tem outras coisas que eu fui percebendo com a questão do Coren... com a questão do... que é horrível horrível horrível... **tem essas histórias pra te contar também e...** TERMINOU lá a história/ porque eu estava na mesa junto com duas pessoas do cofen, pessoas que tinham ido pra Berlim e tinham coisas né? Mas as falas deles foram... era outra coisa mermo, **era lavagem cerebral...** [MIRA]

[...] nunca me esqueço de uma resposta {tom irônico} de um conselheiro do COREN dizendo que era uma questão de MARKETING da profissão, que a nossa profissão não tinha marketing então por isso ela era desvalorizada [...] [IVONE]

Ademais, sobre o sindicato de enfermagem, Ivone e Maria apresentam um cenário geral de desconhecimento e de manutenção, por longos períodos, das mesmas pessoas nesse espaço de representatividade. Também Edma menciona fragilidades do sindicato, atreladas à dificuldade de arrecadação e ao movimento ocorrido recentemente de fechamento dos sindicatos de categoria. Ivone menciona esse contexto sindical como um “vácuo político” que precisa ser ocupado:

[...] a gente **começa a fazer informação**, começa a fazer uns debates, mas analisando a situação mesmo da categoria e resolve um período então que a gente ia disputar o sindicato... o sindicato das enfermeiras de X {nome do estado} **porque foram dezenove anos de uma mesma família no sindicato** [...] mas foi um processo INTERESSANTE, nós fizemos campanha, fizemos processo de DEBATE, de **disputas mesmo** que foi um tempo que inclusive **deu visibilidade para o nosso sindicato assim porque antes o povo nem sabia que tinha sindicato dos enfermeiros sabe?** E aí tipo assim começou a aparecer, vamos dizer assim, num cenário político de outra forma assim [...] porque era isso assim, acho que surge de um momento onde tinha um **VÁCUO político para se ocupar** [...] [IVONE]

Que aí foi uma decisão por ocupar os espaços sindicais também que a gente achava que a luta tinha que ser também sindical a gente sempre atuou em movimento social e tal **mas nosso sindicato da Enfermagem era... uma coisa mafiosa assim** [aqui abaixa o tom [00:18:46.08]/ assim eu lembro que... foi uma luta enorme só pra gente

conseguir se sindicalizar, as pessoas não deixavam a gente sindicalizar {risos} tinham muitas barreiras na época, aí eu não sei te explicar nem quem eram as pessoas do sindicato assim [...] [MARIA]

[...] e a gente sempre incentivando porque nessa época tinha uma luta de fechar os sindicatos de categoria [...] [EDMA]

Para Edma o envolvimento parlamentar surge como uma linha de fuga, diante do fato de se perceber sem outros espaços para lutar pela enfermagem. Sobre a representação política da enfermagem, enquanto representante parlamentar da categoria, Mas, Edma manifesta sentir-se só nesta luta e ser cobrada pelos pares. Neste ponto, destaca-se a necessidade de alcançar maior representatividade da profissão nos espaços políticos:

[...] e assim eu acho que a categoria ela tem queee assim... **bate muito né? Bate muito** porque as vezes a gente recebe tanta PANCADA na internet que eu falo "gente"... sabe? A categoria tinha que ENTENDER mais isso, mas a gente/sabe, eu sei que é um processo né? [...] então as vezes até me emociono {chorando}... porque uma categoria que PRECISA, a gente SABE QUE PRECISA... {silêncio de [01:27:49.15] até [01:27:55.06] {ainda chorando} Mas é muito pouco sabe? É muito **pouca gente lutando... agora pra bater é um monte de gente, pra falar um monte de besteira... pra falar que ninguém faz nada** [...] então desculpa aí a emoção mas é que... **ser sozinha é muito difícil... ser sozinha É MUITO difícil...** [EDMA]

[...] quando eu sai a gente já tinha trabalhado um projeto político-parlamentar da enfermagem e aí a possibilidade da gente sair desse nosso mundo da enfermagem porque **eu entendia que não tinha espaço mais, qualquer coisa que a gente lutasse precisava a gente estar inserido nesse processo, porque não adianta você querer ter trinta horas quando você não tem....** nenhum deputado federal, você não tem deputado federal... [EDMA]

As mulheres-enfermeiras apresentam fatores que influenciam a coesão nas lutas da categoria e que dificultam as pautas trabalhistas da enfermagem de avançar: a coexistência de dois sistemas de pensamento (direita/ liberal versus esquerda/ estatal) e a divisão técnica do trabalho.

Há enunciados acerca da influencia da vinculação aos sistemas ideológicos – direita/ liberal *versus* esquerda/ estatal sobre a enfermagem, seus interesses e lutas, sendo essa polaridade causa de desarticulações e atritos da categoria, que impactam nas condições de trabalho. Particularmente, as enfermeiras entrevistadas se vinculam as ideias de esquerda, de percepção dos malefícios da exploração do mercado sobre os corpos da enfermagem e de associação com outras classes de trabalho que também são braçais:

Tem uma galera da enfermagem que é mais próxima das pautas liberais e que não aceita que a gente é chão de fábrica, então tem gente que arrepia quando eu falo que as nossas questões são próximas das empregadas domésticas e dos professores. Enquanto a gente não se entender em aliança com essas categorias e que... as pautas das mulheres precisam avançar e que a gente precisa se entender nessas pautas. Tem gente que arrepia quando me vê falando isso que... **disputa outra narrativa né em relação as lutas** [...] [NORA]

[...] mas a gente sofreu **um GOLPE, na própria categoria**, de outras pessoas que naquele momento tinham mais PODER dentro do COREN [...] com essa coisa das eleições, COREN, sindicatos, o movimento CRESCEU, mas ao mesmo tempo se fragmentou nas pautas e nas divergências de eleição... mas a gente ainda tem um grupo menor que... a gente se considera um coletivo, na hora que o bicho pega a gente... se reúne, mesmo que virtualmente. Nessas eleições a gente se reuniu... a gente construiu candidatura, **a gente disputou com a DIREITA da enfermagem**... mas a gente, publicamente a gente não está articulado né? [NORA]

[...] e assim o que mais pesa dentro da enfermagem é a rede privada né? São os trabalhadores de OS, e são aqueles que são explorados, porque fazem 40 horas... [EDMA]

[...] os hospitais organizados do jeito que eles são lutando pra não votar o piso... eles entraram no tribunal de justiça aqui do X e aí conseguiram uma liminar monocrática... UM JUIZ, um desembargador que deu a liminar [...] [EDMA]

Mary menciona que a abertura liberal na enfermagem, sobre a faceta do empreendedorismo, gera hierarquizações internas. Ademais, critica o crescimento dos vínculos frágeis influenciados pelo neoliberalismo. Sobre esse assunto, ao longo de sua narrativa, alguns conceitos são utilizados dando legitimidade, força de verdade, tais como: neoliberalismo, terceirização do trabalho e privatização da saúde:

[...]a gente vai ouvir muito a “enfermagem empreendedora” no sentido de... "criar sua própria clínica de enfermagem porque você vai fazer as feridas e mais não sei o quê" e aí tem um monte de ideias mirabolantes e tudo mais e aí **você está criando um profissional que vai subordinar outros profissionais para trabalharem pra ele, porque é assim que você ganha dinheiro no empreendedorismo** né [...] Esse processo não é um processo que valoriza o trabalho de enfermagem, esse processo é um processo que cria uma situação que eu vou subalternizar outros colegas da enfermagem e esses colegas que serão empregados de um enfermeiro provavelmente/ eu não vou nem falar enfermeiro, provavelmente vai ser um enfermeiro homem, vão ser exatamente as pessoas que são secundarizadas e que tem as PIORES oportunidades vamos dizer assim, dentro da enfermagem. Então eu acho que é algo que... é chamada atenção, é CRIADO muito mais **pra uma abertura liberal dentro da própria enfermagem**, o que eu posso fazer pra desgastar ainda mais as relações de trabalho e pra conseguir se tornar ainda mais a grande massa de enfermeiros [...] [MARY]

[...] eu odeio tanto esse vínculo que eu sempre esqueço ele... {riso} foi vínculo de cooperativa, fui quarterizada [...] então **o neoliberalismo** ele TEM crescido bastante na enfermagem e assim depois da **tercerização** eles falaram assim "nó ainda tem coisa na tercerização, tem gente que consegue até CLT com a tercerizada" aí a tercerizada foi lá... conversou com cooperativas e falou assim oh "eu pago menos, você me entrega mais serviço? Porque aí eu consigo PROVAR para o estado que contratando a cooperativa eu vou gastar menos e vou render mais" [...] [MARY]

A hierarquização da enfermagem também é encontrada nos enunciados sobre a divisão técnica do trabalho, hierarquia entre profissionais com formação superior e aqueles de nível técnico, contexto tratado como retrógrado. Nesse sentido, Mary menciona que há uma busca por especialização na enfermagem (assim como ocorre na medicina), o que reforça hierarquias já existentes. Critica o depósito de tantas expectativas nas denominadas “práticas avançadas de enfermagem”:

[...] eu sinceramente não entendo, não consigo entender... que **no ano de dois mil e vinte** [...] a gente ainda se depare com essa elitização... da enfermagem [...] [EDMA]

[...] sobre a preocupação de que as práticas avançadas fossem simplesmente mais uma pós e mais um meio, uma ferramenta pra estratificar a enfermagem, porque você não uni... você não traz uma valorização que CHEGA nos nossos profissionais, que CHEGA em quem é enfermeiro... ou enfermeira, **você CRIA mais um título MUITO semelhante ao que a medicina faz né?** É o médico doutor, é o médico especialista, então é meio que correr atrás desse formato dentro de um sistema já colocado pra dizer que este enfermeiro é um enfermeiro de valor... e aí você pega as outras enfermeiras que estão nos outros lugares... e o que você faz com essas pessoas? **Você só fortalece uma hierarquia e aumenta a divisão do trabalho e eu acho muito.... assim, UMA ENERGIA colocada numa coisa que não é tão diferente do que a gente já tem,** não é desvalorizando sabe? É importante a qualificação, é importante os títulos essas coisas todas, mas eu acho que não é só isso e **a raiz dos problemas que a gente tem hoje na enfermagem enquanto categoria não estão simplesmente no título** [...] [MARY]

[...] a gente tem uma maioria da diretoria que é do nível médio... que a gente RESPEITA muito, eu que sou feminista tento sempre levar essas pautas... mas existe, por parte deles **nós somos opressores simbólicos** né? Então existe sempre uma tensão ali [...] [NORA]

Nora e Edma acreditam que a divisão técnica do trabalho dificulta com que pautas trabalhistas da enfermagem avancem, uma vez que auxiliares e técnicos não se somam às lutas ou porque são relegados, não são envolvidos. Existem trechos das narrativas que apontam formas de mudar esse contexto – envolvimento de todos trabalhadores da saúde nas decisões, independente de formação profissional; impulsionar técnicos e auxiliares para o envolvimento enquanto categoria e fornecer formação superior a toda a classe profissional:

[...] o ALICERCE da nossa categoria... a pirâmide está aqui oh, são auxiliares e técnicos... enquanto eles não forem atingidos, não forem incorporados no que eles sentem, na dificuldade de quem sofre, **a gente não vai avançar** [...] [EDMA]

[...] por isso que não SAI DISSO aqui que nós somos... não SAI porque quando faz, faz errado, quando faz para entender quem somos nós gasta-se o tempo, gasta-se o dinheiro para fazer de uma forma que não vai, onde... o ALICERCE da nossa categoria... a pirâmide está aqui oh, são auxiliares e técnicos... enquanto eles não forem atingidos não forem incorporados no que eles sentem, na dificuldade de quem sofre, a gente não vai avançar [...] [EDMA]

[...] alguns desses profissionais, tinha vez que chegavam e falavam “você não acha que a gente tem que conversar antes e tal tipo assim né? Antes a gente que é de nível superior aqui né? Vamos conversar antes” “não, mas não é assim não uai, **a gente tem que ouvi-las também porque elas trazem muito,** elas inclusive sabem de coisas muito mais do que nós assim a respeito da comunidade” [...] [IVONE]

[...] o grande quantitativo está lá nos auxiliares e técnicos... o GRANDE quantitativo é esse pessoal que está sendo mais massacrado... e essa formação deles... é que precisa mudar... **eles precisam se VER... enquanto categoria... e não só os enfermeiros** [...] [EDMA]

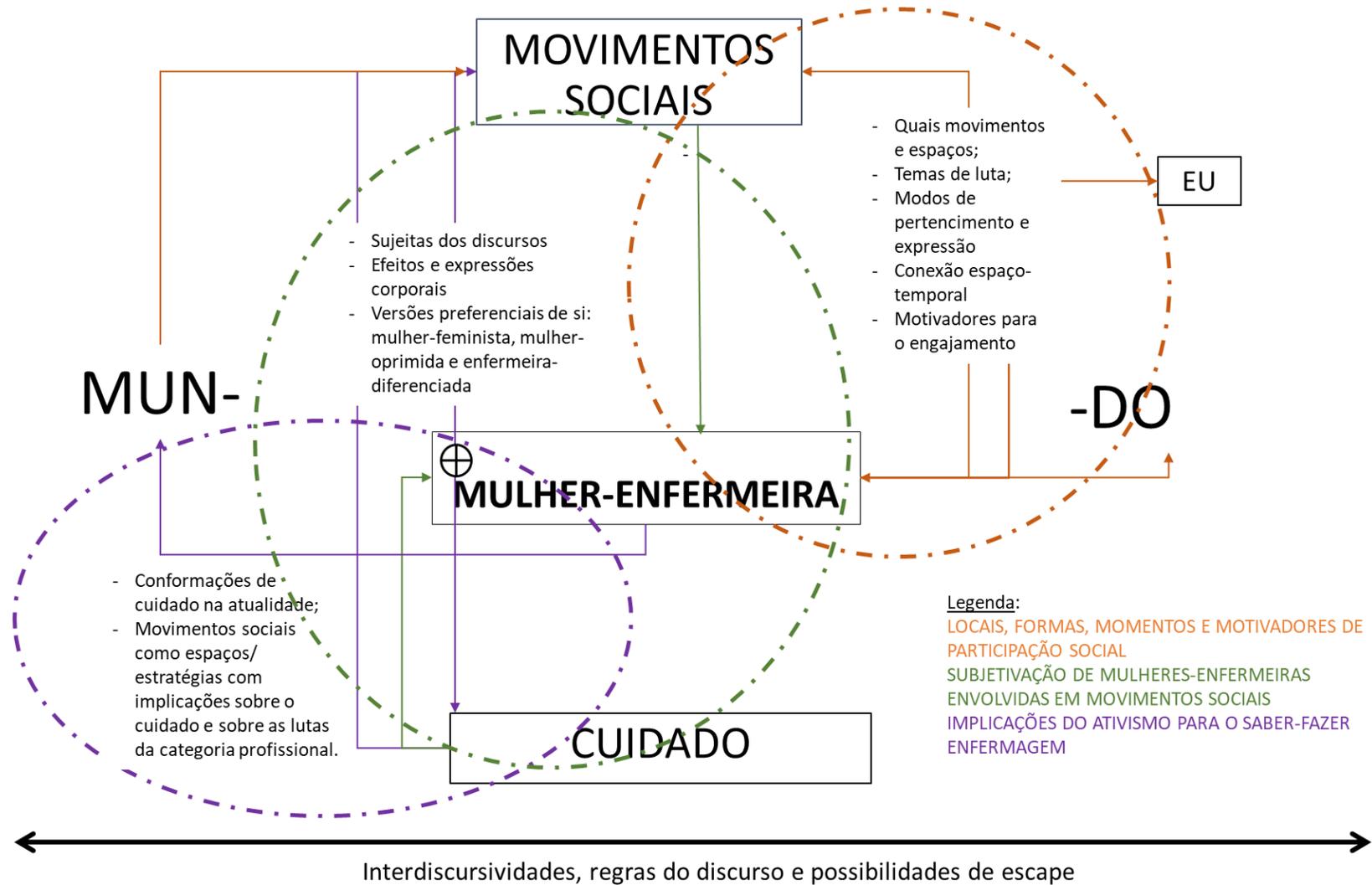
[...] Eu tive a oportunidade de trocar ideia com um colega de Portugal, que fez intercâmbio lá na X {nome da instituição de ensino brasileira}... e aí ele estava me contando que na época, fazia mais ou menos uns 15 anos que em Portugal tinha tido um grande movimento na enfermagem e que não existia mais técnicos de enfermagem lá, que eram todos enfermeiros pra atuar na enfermagem [...] então rolou a formação de quem era técnico pra ser promovido a enfermeiro... e aí eu acho que... se a gente conseguisse fazer algo assim aqui a gente ia resolver boa parte dos

nossos problemas, porque **muito da desvalorização da enfermagem é por causa da galera que não conseguiu ter uma formação mais estruturada** e tudo mais. Se a gente, ao invés de pegar a categoria e criar mais uma estratificação, unir com essa outra galera que também tem uma prática muito boa, que está ali junto e trazer essa galera, **será que a gente não consegue uma qualificação e uma valorização da enfermagem?** Só que pra pensar assim **tem que ter uma visão também classista, pensar na categoria como classe [...]** [MARY]

Por fim, sintetizo os resultados apresentados neste subcapítulo por meio da Figura 4 abaixo, que representa que, no processo de transversalização analítica realizado, encontrei uma vastidão de relações envolvidas com o objeto de estudo. A mulher-enfermeira, participante do estudo, está disposta ao centro de uma gama de relações, representadas por meio de setas. O estudo se concentra nas relações das mulheres-enfermeiras com os movimentos sociais e com o cuidado, mas se tratando de pesquisa-interferência e pós-estruturalista, não é possível derconsiderar que isso se dá no contexto, num MUNDO, do qual se é parte. Também é imprescindível considerar a relação pesquisadora-participantes.

No curso das setas estão descritas as dimensões temáticas que foram trabalhadas ao longo do capítulo e, em cada pólo circular, o foco de cada categoria elaborada. Na mulher-enfermeira há a representação de um ponto de parada, destacando que a problemática do sujeito é a peça-chave da pesquisa e demarcando que as implicações dos movimentos sociais sobre o cuidado afetam e se dão pelo corpo das mulheres-enfermeiras, isso porque, na complexidade da noção de corpo em Foucault considera-se que ele é tanto moldado por práticas disciplinares normalizadoras quanto resiste a essas mesmas práticas (MCLAREN, 2016). Abaixo da figura há uma seta destacando a transversalidade da análise do discurso, presente em todas as categorias, em especial aspectos relativos a interdiscursividades, relações de poder e possibilidades de escape.

Figura 4: Relações entre movimentos sociais, mulher-enfermeira e o cuidado



Fonte: figura elaborada pela autora

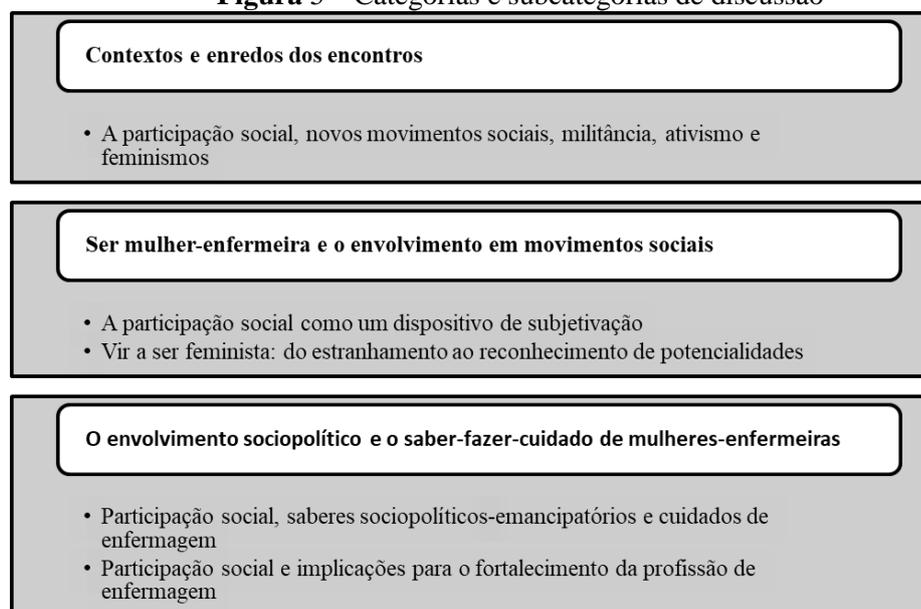
6. TECENDO LINHAS ENTRE A ENFERMAGEM E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Neste capítulo os dados empíricos da observação-participante e das entrevistas, com foco nas questões norteadoras da pesquisa, serão discutidos a partir do pareamento com referenciais teóricos adotados.

Na relação entre privado e público, e em processo de luta e reconhecimento, as mulheres buscaram espaço público com o qual se identificassem, mas, ao mesmo tempo, não abandonaram responsabilidades privadas para as quais foram educadas, como ser mãe e cuidar da casa (DEL PRIORE, 2014). A Enfermagem, em especial, por ser uma atividade ligada ao cuidado e uma extensão do labor doméstico, historicamente se tornou “um meio honesto de subsistência” para mulheres, um dos poucos trabalhos femininos realizados fora da esfera doméstica e assim mesmo aceitos socialmente (LOMBARDI; CAMPOS, 2018). A profissão tem um caráter de atividade doméstica por ser envolvida em atividades como dar banho, administrar dieta e medicamentos e trocar curativos.

Nesse sentido, e na discussão dos dados produzidos, adoto uma postura de indagação sobre o quanto as enfermeiras ocupam os espaços públicos efetivamente enquanto mulheres, e como essa ocupação retorna produzindo alterações no espaço privado. Compreendo como espaço público a profissão de enfermagem e as formas de participação social; e como privado tanto o ambiente doméstico e particular de cada mulher-enfermeira, quanto a prática da Enfermagem. Nesse sentido, a discussão se dará nas categorias e subcategorias abaixo:

Figura 5 – Categorias e subcategorias de discussão



Fonte: figura elaborada pela autora

6.1 Contextos e enredos dos encontros: participação social, novos movimentos sociais, militância, ativismo e feminismos

Os movimentos sociais se inserem no campo teórico da participação social e política. Esta, por sua vez, pode ser analisada segundo três níveis: conceitual, político e da prática social, sendo o último o que mais se aproxima deste estudo, por envolver o nível da concretude, onde são engendradas as lutas por algum intento, como um meio viabilizador fundamental (GOHN, 2016).

Dentre todos os movimentos sociais que participaram politicamente na última metade do século XX, destacam-se os movimentos de mulheres, pois são os de maior avanço no combate às desigualdades, que mais exigiram respeito às diferenças sociais, sendo as mulheres a grande esperança nas lutas pela igualdade (GOHN, 2019).

O gênero é entendido como uma categoria sociológica, sendo defendida a superação do binarismo homem-mulher, pois são mantidas conexões com outros eixos de identidade e opressões - desigualdades de classe, raça, etnia, sexualidade, geração, entre outras (BIROLI, 2018). Assim, o movimento de mulheres abriu portas para outras demandas, em especial da população de LGBTQ+ e pela luta contra as barreiras de raça/cor (GOHN, 2019). Ademais, o movimento feminista, especificamente, é um movimento social e político devotado à superação da subordinação feminina, ao fornecer recursos para mudanças sociais e políticas (MCLAREN, 2016).

A partir do acompanhamento de eventos e realização das entrevistas, foi encontrada uma multiplicidade de movimentos sociais, alguns conhecidos como a Marcha Mundial das Mulheres e o MST; outros locais e específicos. Nem todas participantes entrevistadas se vinculam a movimentos de mulheres propriamente ditos. No entanto, em todas narrativas foi identificado engajamento em pautas que visam à superação da subordinação/opressão femininas.

Abers e Bülow (2011) reúnem as definições pertencentes aos Novos Movimentos Sociais (NMS), vertente que surgiu na década de 1990 tendo Habermas como principal representante, e da “abordagem do processo político”, para construir uma definição sobre movimentos sociais. Para os autores, esses movimentos são “[...] compreendidos como uma forma de ação coletiva sustentada, a partir da qual atores que compartilham identidades ou solidariedades enfrentam estruturas sociais ou práticas culturais dominantes” (ABERS; BÜLOW, 2011, p. 53). Assim, nos resultados foi encontrada uma multiplicidade de pautas

defendidas, uma tendência de identificação das mulheres entre si e a conformação de um espaço amistoso e receptivo.

Para Dean e Aune (2015) os principais temas do ativismo feminista contemporâneo são: o próprio feminismo, violência contra a mulher, crise econômica e austeridade, cultura e mídia popular e religião. Considerando o corpo como um importante local de luta política, McLaren (2016) aponta o envolvimento de feministas em questões reprodutivas, a violência, o estupro, a sexualidade, normas de gênero e ideais de beleza.

As desigualdades de gênero parecem ser o tronco central dos temas debatidos em campo. Foi encontrado um discurso comum que visibiliza desigualdades políticas, econômicas e sociais de gênero e demarca a luta pela mudança das condições vividas, por direitos e interesses das mulheres. As diversas formas de violência se configuraram como uma pauta de (des)encontro entre as mulheres dos diferentes movimentos. Como marcas de guerra, as violências são lembradas como motivação inadmissível para a luta contínua, daí a recorrência dessa temática nos encontros acompanhados, nas narrativas das participantes e também na literatura associada aos movimentos sociais de mulheres.

Noutro modo, enunciados diretamente relacionados aos direitos sexuais e reprodutivos, como o acesso aos métodos contraceptivos, a liberdade de identidade de gênero e orientação sexual e a descriminalização do aborto, se mostraram raros e algumas vezes velados, com exceção das entrevistas com Nora e Mira em que o assunto foi mais debatido.

Diante de tal dado de interdição, questiono por que a pauta dos direitos sexuais e reprodutivos não assume um lugar de destaque e regularidade como a pauta da violência contra a mulher. Foucault alerta que, em dada formação discursiva “[...] não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova [...] não basta abrir os olhos, prestar atenção ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade” (FOUCAULT, 2008, p.50).

Nesta vertente de análise da formação discursiva em torno dos temas de debate, desde 1948 os está regulamentada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e a violência é uma afronta a esses direitos. Já os direitos sexuais e reprodutivos estão intrinsecamente relacionados ao corpo feminino, sendo que, no desenvolvimento das sociedades capitalistas o corpo e o ambiente privado, com destaque para o papel da família, foram capturados no intuito de torná-los dóceis, instrumentos de desempenho necessário às exigências da produção, objetos de posse e de controle estatal. Isso está estreitamente vinculado à sexualidade, uma das dimensões mais privadas da vida, “[...] local privilegiado da

subjetividade e do exercício do poder normalizador, disciplinador” (MCLAREN, 2016, p. 194).

Foucault diria que é importante interrogar “[...] a maneira como alguém governa a própria sexualidade e como se reconhece a si mesmo como sujeito de uma sexualidade” (BERT, 2013, p. 159). Há uma infinidade de discursos em torno da sexualidade, de modo que no conjunto de regras que regem o corpo feminino e os direitos sexuais e reprodutivos estão incluídos discursos religiosos, conservadores, neoliberais e despolitizadores. Assim os discursos em torno da sexualidade produzem efeitos no corpo individual e no corpo político, consequentemente nas políticas do corpo, produzindo populações e indivíduos dóceis e úteis (MCLAREN, 2016).

As ações em torno do 8M Unificado podem ser aproximadas à busca por uma voz coletiva. Martínez e Sanfèlix (2017) relatam que as mulheres que compõem um coletivo assumem a posição de interlocutoras umas das outras e mediante a interação entre elas se dá a construção de novas ideias. Assim é importante criar uma voz comum do coletivo, não apenas como soma ou consenso das partes, mas como evolução das posições, por meio de um processo de questionamento mútuo:

Mientras cada uno de los miembros del colectivo, con su bagaje y sus experiencias comparten sus modos de pensar y hacer, de este diálogo surge una posición nueva, que de manera recíproca se convierte en interlocutora, la voz colectiva (MARTÍNEZ; SANFÈLIX, 2017, p.36)

Sobre as identidades nos espaços de participação social, os resultados demonstram que as pessoas se repetem e que esses são locais de encontro de perfis semelhantes ao próprio. Noutro modo, certas representações pouco se manifestaram nos espaços e movimentos acompanhados: as mulheres transexuais, privadas de liberdade, rurais, prostitutas e quilombolas. Portanto, as pautas de interesse desses grupos sociais muitas vezes permanecem negligenciadas ou silenciadas. O contato com essas populações é fundamental para a construção de formas de cuidá-las condizentes com suas necessidades. Lima *et al.* (2016) afirmam que as práticas de cuidado na atualidade, principalmente direcionadas a afrodescentes e indígenas, devem ter como centralidade o respeito à diversidade cultural, pois estes incorporam diferentes sentidos e significados à saúde. Os autores destacam que os profissionais de saúde envolvidos no cuidado destes grupos populacionais, além da atribuição técnica, devem exercer a competência cultural para considerar as diferenças nos modos de ser e agir, compreendendo os valores, crenças e costumes.

Os movimentos observados-participados não tinham apenas mulheres, observei presença de homens e crianças, porém são audiências para as quais os discursos não eram

endereçados. Vacchelli (2011) afirma que, por volta dos anos 1970, o feminismo se concentrou em promover um separatismo entre homens e mulheres, demarcando terrenos feministas de produção teórica e ação política e recusando o relacionamento com homens. Esse foi um passo necessário para entender e explorar subjetividades longe da influência masculina, mas contemporaneamente as mulheres desejam uma forma de integração que não abandone a diferença sexual. Portanto, têm sido assumidas novas formas de separatismo, menos radicais, havendo espaço para os homens, desde que não seja na liderança de projetos, eventos, conferências ou reuniões políticas (VACCHELLI, 2011).

O separatismo e mesmo a limitação de mulheres que vivessem com homens resultou de uma presunção acerca do *slogan* “o pessoal é político”, entendendo que escolhas pessoais tinham implicações políticas. Enquanto isso, em uma versão mais avançada de entendimento das categorias pessoal *versus* político, o foco é tornar as mulheres conscientes da conexão entre as experiências pessoais - insatisfação com papéis sociais, instituições e políticas sexistas – sendo as instituições o foco final e não os indivíduos (MCLAREN, 2016).

Além disso, nos dados da pesquisa, comumente os períodos narrativos foram conjugados na primeira pessoa do plural (nós/a gente), um sujeito coletivo. Sobre a identidade coletiva como uma categoria política, essa utilização pode ser uma importante fonte de empoderamento coletivo, de solidariedade, de combate de estereótipos, e de luta por direitos civis e representação política para grupos oprimidos. Noutro modo, é preciso questionar as categorias naturais e as disposições sociais que parecem segui-las:

Tornar a identidade central para a política pode ter o resultado indesejado de perpetuação das práticas opressoras. Isso também pode involuntariamente resultar na exclusão daqueles que não se encaixam nas categorias normativas (MCLAREN, 2016, p.188).

Portanto, diante do referencial foucaultiano adotado, destaca-se a crítica à utilização de termos relacionados à identidade e a identificação de mulheres com os movimentos sociais. Maciazeki-Gomes, *et al.*, (2016), ao utilizar o termo ‘identidade política’, demarcam uma preocupação em não adotar posturas essencialistas, considerando o sujeito como múltiplo e contraditório. Há necessidade de reconhecimento de direitos, identidades e localidades, que ultrapassem a uniformidade e a homogeneidade (JIMÉNEZ, 2015).

Os discursos encontrados demonstram expressões de solidariedade e empatia entre as mulheres com engajamento social e político, criando um clima geral amistoso e convidativo, com possibilidade de criação de vínculos, apoio mútuo e avanço coletivo. Os movimentos se sustentam na constituição de laços de solidariedade “[...] *entre las víctimas de las guerras*” (JIMÉNEZ, 2015, p. 159), pelo compartilhamento de conhecimentos, aprendizagens e

experiências (DEAN; AUNE, 2015), ou pela prática de escrita e publicação de artigos coletivos, experiências libertadoras de narração (VACCHELLI, 2011).

Especificamente no estudo de Monteiro, *et al.*, (2011), a vida militante para mulheres lésbicas, seja pela participação em espaços instituídos ou mesmo como um estilo de vida, soma forças para o enfrentamento cotidiano do preconceito e discriminação, visto que o vínculo a uma ideia coletiva produz menos solidão.

Os movimentos produzem mudanças sociais e contextuais, mas também são fortemente influenciados pelo contexto social (DEAN; AUNE, 2015; JIMÉNEZ, 2015). Assim, destacam-se alguns dados produzidos: a análise de conjuntura enquanto uma regra discursiva, a influência do contexto temporal nas narrativas e a demarcação de posicionamento adotado pelas mulheres, em especial, contrárias à ditadura, ao fascismo e ao fundamentalismo, e à favor do Estado laico.

Foram encontrados enunciados que demonstram profunda leitura da conjuntura política, consciência do meio e do papel de influenciá-lo. Assim, há acionamento de estratégias que se assemelham a parresia, o escancaramento da verdade, incluindo críticas, denúncias da não atuação do poder público, exigência de direitos, utilização da voz para demarcar posições e injustiças. A parresia é uma prática política e também prática de si, um meio de desafiar o *status quo*, uma virtude política necessária no escopo da democracia: “[...] a democracia é uma condição histórica para se dizer a verdade e que falar a verdade é uma prática essencial para se manter a democracia” (MCLAREN, 2016, p. 200-1).

A parresia é uma forma de promover mudanças na sociedade, prática de falar a verdade (que difere da confissão), exercício da liberdade, crítico, franco, criativo e desobediente. Deste modo, pode-se promover o confronto com a incerteza e o risco, desafiar normas, valores e instituições sociais que geram normalizações. Um dos exemplos destacados no estudo de Taylor (2013) inclui ações desenvolvidas por um movimento canadense, frente aos casos de violência sexual, com a fixação de pôsteres expondo fatos ocultos sobre os estupros ocorridos no bairro, elucidando o que tinha sido omitido pela polícia, chamando o poder público a prestar contas (TAYLOR, 2013).

O termo Novos Movimentos Sociais vem sendo substituído por sociedade civil, mudando o foco de um ator, o movimento social, para um lócus, o de sociedade civil: “A sociedade civil compõe-se de movimentos, organizações e associações, os quais captam os ecos dos problemas sociais que ressoam nas esferas privadas” (HABERMAS, 1997, p. 99).

Assim, nos resultados, há um forte caráter político, um chamado incisivo a ocupar os espaços públicos e institucionais, a extravasar os muros do próprio movimento, convocação

para a cidadania, por ações concretas, na inclusão de todas naquilo comumente denominado de sistema "o sistema somos nós".

O feminismo se constitui como uma força significativa que molda os contornos sociais, políticos e econômicos, alcançando uma dimensão global que afeta muitas áreas da vida social e política contemporânea (DEAN; AUNE, 2015). A luta feminista não é apenas individual, pela sexualidade como construção social, mas também pelo coletivo, sobretudo pela "*dignificación de los pueblos*" (JIMÉNEZ, 2015, p. 161).

Na literatura há críticas endereçadas a vertente dos NMS, em especial na separação entre sociedade civil, estado e mercado e na ênfase na reciprocidade e na comunicação, como se pudesse existir uma esfera social separada e com predomínio de reciprocidade e respeito mútuo (ABERS; BÜLOW, 2011).

Nesse sentido, de não haver apenas convergências e identificações, o espaço público dos movimentos se apresentou como um local de intensos embates discursivos, contrapondo identidades, princípios e teorias de quem participa. Encontrei uma multiplicidade de enunciados, de dimensões e planos constitutivos dos discursos, alguns confrontantes entre si, tais como: feminismo universal ou feminismo da diferença e da interseccionalidade; enunciados que manifestam preocupações com todas as mulheres ou foco em públicos específicos; embates entre concepções filiadas à meritocracia ou vulnerabilidade e condicionantes sociais; esquerda ou direita; cristianismo ou ateísmo; falar ou se silenciar; normal ou patológico; elas ou eu/nós.

Também nas entrevistas os embates com outras pessoas foram recorrentemente narrados, inclusive entre pessoas do próprio movimento social, sendo tratados como uma atividade peculiar do que é denominado nos movimentos sociais como "a luta". Esse dado compõe parte dos discursos que formam a versão preferencial de si de mulher posicionada no mundo-feminista, de modo que os embates são considerados necessários e dignos.

Entre as práticas discursiva e não-discursivas há mais lutas e tensões que complementaridade. Assim se dá a possibilidade de multiplicação, germinação e proliferação dos enunciados na tessitura da história, envolvendo um emaranhado de critérios de coexistência, manutenção e desaparecimento de enunciados, que repartem discursivamente uma formação (PASSOS, 2019; BATISTA, 2018). Portanto, a coexistência de discurso de esquerda e de direita, por exemplo, alguns com mais regularidade e outros com mais raridade pode ser analisada pela perspectiva de prática discursiva, discurso que se atualiza e precisa ser repetido para permanecer.

A posição adotada não é de averiguar se a verdade de um conceito ou de uma teoria é, mesmo verdadeira; nem tentar comprovar se tal pensamento serve, ou não, à realidade (BATISTA, 2018). Portanto, diante da coexistência de enunciados que à primeira vista parecem contraditórios, não é preciso tomar partido de um ou outro enunciado. A vontade de saber é: como a verdade chegou a ser verdade; em que momento o feminismo da diferença passou a ser mais aceito que o feminismo universal, o que demarcou a diferença entre as mulheres envolvidas nos movimentos sociais e aquelas que estão alheias a eles, o que dita o fato de se falar ou se silenciar; ou seja, é preciso trabalhar no nível das formações discursivas.

Do ponto de vista da discussão entre religião e feminismo, os resultados da observação-participante e também das entrevistas, esse é um embate velado ou pouco nomeado nas cenas vivenciadas durante a produção do campo. Todavia, encontrei críticas proferidas e endereçadas diante da presença ou possibilidade de representatividade por alguém que se vinculasse ao cristianismo ou às ideias atreladas a ele (como a paz, pecado), e mesmo exclusão de pessoas com tais ideologias e interdição de discursos relacionadas a elas. Em um jogo de verdade, em que ideias vinculadas a religião são tomadas como contrárias ao avanço do feminismo, as práticas discursivas e não-discursivas atuam “[...] delimitando fronteiras, estabelecendo limites, suprimindo modos de pensamento alheios e praticando interdições, essas táticas de verdade passam a dominar a proliferação do discurso” (BATISTA, 2018, p. 88).

Sabe-se que existe uma intensa produção científica sobre a relação entre religião e feminismo e uma série de organizações de mulheres religiosas que vem se envolvendo com pautas feministas, sendo inclusive identificados discursos feministas ou religiosos liberais que defendem a igualdade das mulheres. Porém, o dado de interdição na pesquisa precisa ser contextualizado em meio à realidade brasileira de intensificação do conservadorismo, emperrando o avanço de pautas valorosas para os movimentos feministas. Especialmente após 2014, quando ganhou maior visibilidade a chamada “ideologia de gênero”, segmentos religiosos católicos e evangélicos como base aliada do governo, entenderam que a agenda de gênero no país teria ganhado demasiada centralidade (BIROLI, 2018). Esse dado pode ser aproximado do que Flournoy (2013) aponta em relação ao movimento da direita cristã americana, uma combinação de cristianismo, conservadorismo político e econômico, criando uma tríade que se auto-reforça.

Do ponto de vista teórico da “abordagem do processo político”, enfatiza-se o caráter conflitivo dos movimentos e nesse modelo o Estado tem papel central. Nesse sentido,

vinculando luta política e mudança social, a relação entre Estado e movimentos sociais é vista sob a ótica do conflito (ABERS; BÜLOW, 2011).

Nessa toada, nos resultados do estudo, encontrei interdições e raridades discursivas em relação ao ativismo disparado no sentido de envolvimento com partidos políticos e com eleições. Ademais, há afirmações de que o feminismo precisa estar nas políticas públicas, feministas precisam ocupar as escolas, a academia, a saúde, colocando em discussão o feminismo institucional ou estatal.

O feminismo estatal é uma das facetas do movimento que demarca a relação do ativismo com o contexto político e social, uma vez que consiste no fenômeno pelo qual as instituições estatais se tornaram mais receptivas às demandas feministas nas décadas de 1980 e 1990 (DEAN; AUNE, 2015). Apesar de a literatura apontar relações fracas entre o feminismo estatal e os movimentos de base, são apontadas contribuições dessa relação para a subjetividade política coletiva e transformação social, envolvendo mudanças moleculares, causadas por feministas que trabalham coletivamente, dentro e fora das instituições (TARAMUNDI, 2016).

Para que o feminismo ganhe força nas instituições é preciso o apoio dos movimentos, porém, por sua vez, é preciso abertura institucional à participação social. Biroli (2018) menciona que:

[...] os movimentos feministas têm atuado de “fora” (exercendo pressão a partir das ruas) e “dentro” do Estado, participando da construção de políticas e de novos marcos de referência para as democracias contemporâneas no âmbito estatal nacional e em organizações e espaços transnacionais (BIROLI, 2018, p. S/N).

Mas, os dados produzidos da observação-participante revelam certa desconfiança na relação entre as mulheres que representam órgãos institucionais e aquelas vinculadas aos movimentos de base. Há também expressões de cobranças e demarcação das fronteiras. Nesse sentido, a versão preferencial de si enquanto mulher-oprimida esteve associada a uma vinculação institucional, o que pode estar relacionado ao que é mencionado por Taramundi (2016) quando questiona até que ponto o feminismo institucional poderá defender as mulheres do neoliberalismo e do patriarcalismo.

Tanto o referencial de NMS quanto a abordagem do processo político se mostraram insuficientes para captar e analisar as relações entre movimentos sociais e Estado. Portanto, Abers e Bülow (2011) discorrem sobre o conceito de redes de atores, motivadas pelo entendimento de que não se pode compreender os movimentos sem fazer uma análise sobre vínculos com partidos políticos e Estado e também pela necessidade de incorporar os impactos das ações do Estado sobre os movimentos sociais: “[...] movimentos sociais formam

campos multiorganizacionais amplos, baseados em redes que são estabelecidas por vínculos entre organizações e/ou entre indivíduos” (ABERS; BÜLOW, 2011, p. 72).

Há formação de unidades diversificadas e autônomas, as quais se materializam em contato, por meio de redes de comunicação. Parte dos estudos sobre redes são construídos com argumento que elas incluem não apenas movimentos sociais, mas também Organizações Não-Governamentais (ONGs), acadêmicos, governos e organizações internacionais. Redes só são movimentos sociais, nessa perspectiva, na medida em que são constituídas por vínculos identitários baseados em colaboração (ABERS; BULOW, 2011).

Ademais, em uma abordagem de discussão sobre os motivos e formatos de vinculação com movimentos sociais, denominada “relacional”, atrelada ao cyberativismo e a formação de redes, valoriza-se as interações que podem atribuir força, dinamismo, intensidade e a subjetividade (GOHN, 2019).

Assim, por este vetor de análise de conformações mais contemporâneas, é importante mencionar que os eventos acompanhados na pesquisa foram convocados pelas redes sociais ou continuavam ocorrendo nas redes sociais, alcançando outras pessoas além daquelas presentes fisicamente. Também este aspecto foi encontrado nas entrevistas, com enunciados de naturalização, críticas e reconhecimento da importância do formato virtual de ação. Nos movimentos atuais, há uma maior tendência às movimentações culturais e autônomas, além da utilização dos meios globais de comunicação, sendo uma das principais formas de intervenção feminista, impulsionadas pelos modos contemporâneos de subjetividade (JIMÉNEZ, 2015; DEAN; AUNE, 2015).

O acesso à mídia aumentou imensamente para as minorias, permitindo-lhes apresentar e discutir notícias, experiências e questões relacionadas às suas próprias comunidades, em seus próprios termos (MIDDEN; PONZANESI, 2013). Essa incorporação ao virtual, do ponto de vista geracional do feminismo, compõe peculiaridades do feminismo jovem: "O tom, o estilo e as variações temáticas são distintamente contemporâneos, pois as mulheres questionam constantemente posições familiares e articulam criativamente novas" (SA'AR A; GOOLDIN, 2009, p. 179).

Existem movimentos sociais formais, instituídos e institucionalizados, mas também existem coletivos autônomos. Eles são caracterizados por Duarte (2012) como aqueles que apresentam independência em relação a partidos políticos e às estruturas institucionalizadas de representação, com atuação sem estatuto, sem líderes e sem hierarquias. Nos resultados do estudo, destacaram-se o encontro e relatos de inserção em movimentos autônomos e

especialmente mobilizados pelas redes sociais e com participação de pessoas que estudam sobre a temática de gênero.

A institucionalização não está relacionada somente ao diálogo com o que se imagina ser o Estado, mas também como elemento atrelado a deliberações e organização política (LIMA, 2018). O termo institucionalizado aparece como:

[...] meio de marcação geracional de dois lugares: um, mais antigo, que observaria o modo de fazer política baseada no diálogo com o governo, políticas públicas e a conquista de direitos civis; e outro, protagonizado por “jovens”, que observa o diálogo mais intenso entre a academia e o movimento social como agente mais ativo para atuação política (LIMA, 2018, p. 24).

Nos resultados, destacou-se o espaço da universidade como impulsionador para a inserção nos movimentos sociais, havendo grande dedicação em relatar fatos da época da graduação e ações de movimentos estudantis. Ademais, a universidade foi apontada como espaço de expansão de horizonte, um local politizado e de realização de crítica a instituições de poder. Todavia, também encontrei demarcação da diferença entre manifestações basistas, aquelas que se dedicam ao trabalho de base com o movimento em si e com a comunidade; e teóricas/“universitárias”, sendo esta última forma atrelada a questões de raça/cor - de “branca universitária”. Encontrei também a valorização de um envolvimento “orgânico”.

Lima (2018) faz uma discussão sobre as interfaces dos movimentos com a academia, em especial, com grupos de pesquisas das universidades. A produção acadêmica e o debate político muitas vezes são excludentes entre si, sendo “[...] tênues e flexíveis os limites e linhas de demarcação entre academia e movimento social” (LIMA, 2018, p. 32). Nesse sentido, ocorre uma divisão entre grupos, professores e debates aliados, e a oposição é pejorativamente denominada “academicistas”:

“Academicista” em geral qualifica aqueles que preconizariam o debate teórico-reflexivo em si, ao invés de relações e reflexões para formulações de pautas políticas (LIMA, 2018, p. 29).

No decorrer da construção desta tese, a participação social esteve relacionada a outros termos que comparativamente, tanto no campo político como científico, são atribuídos a categorias de significados, tais como: militância, ativismo, grupos, coletivos. Lima (2018) analisa o uso destes termos no contexto do Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual, possibilitando discutir tais usos também em outros espaços.

As categorias militante e ativista aparecem de modo diferente como se o militante fosse aquele que se organiza coletivamente e o ativista aquele que realiza sua vida de modo individual:

[...] pude perceber durante o trabalho de campo que se auto-referir como “militante” era comum aos sujeitos que faziam parte de algum grupo ou coletivo, em contraste com a auto-referência ou a referência a pessoas que atuavam politicamente através da Internet por meio de blogs, páginas e grupos do Facebook, que, nestes casos, seriam “ativistas” (LIMA, 2018, p. 25).

Há uma consideração de ser mais política a atuação dos que se organizam em grupo, os militantes em relação aos ativistas, apesar de serem encontradas as duas formas de atuação nos espaços de participação social. Portanto, a noção de coletividade mencionada acima implica também na diferenciação entre grupos e coletivos, mudança nominal que ocorreu de modo mais intenso em meados de 2009 e 2010, sendo que a maioria dos grupos passou a se denominar como coletivos, uma forma mais contemporânea de organização: [...] a noção de coletivo se insere para designar o lugar de diálogo entre os integrantes; um diálogo que se faria “coletivamente” e “horizontalmente” (LIMA, 2018, p. 26-7).

Nesse quesito de horizontalidade, em que não há delegação e representação formal, faz-se uma diferenciação com os formatos hierárquicos de alguns movimentos sociais, tais como o movimento estudantil e o movimento LGBTQ+. Nesse sentido, muitas vezes a “institucionalização” se torna sinônimo de “cooptação”, modo comum de acusar atores que ocupam posições em conselhos, comitês e conferências.

Noutro modo, Sales, Fontes e Yasui (2018) realizaram uma revisão de literatura sobre os usos do termo militância e problematizam o seu uso naturalizado, em comparação ao uso de outra metodologia de ação coletiva dos ditos NMS no Brasil - ativismo.

Os autores encontraram a militância como um adjetivo que qualifica o engajamento e “luta” de sujeitos em causas, mas também como um substantivo definindo um sujeito ou coletivo engajado na defesa de uma causa. Sobre a forma de engajamento da militância há uma suposição comum de envolver um investimento marcado por força e vigor e pela disponibilidade e sacrifício de necessidades pessoais em detrimento de um ideário (SALES; FONTES; YASUI, 2018).

Aprofundando nessa conceituação, são utilizados referenciais da genealogia e de subjetivação militante para demonstrar que o engajamento militante é perpassado por um regime de poder disciplinar, centralizado e totalitário (SALES; FONTES; YASUI, 2018). De modo similar, encontrei dados que também demonstram a captura dos movimentos sociais por jogos de verdade e por intentos de disciplinamento e exclusão, em especial nos dados que revelam a existência de metodologias e pedagogias próprias dos espaços, expressos em termos como “mística” e “misterioso” para adjetivar os espaços de participação social e mesmo pela preocupação com o preparo de sucessores para ocupar os espaços. Somente as pessoas do

mesmo convívio conseguem decifrar o que está sendo dito, uma construção discursiva altamente simbólica que muitas vezes afasta novas pessoas, impede outras de participarem, ocorrendo uma violência simbólica discursiva. Ademais, apesar de esperar que o espaço dos movimentos seja de solidariedade e coletividade, foi narrada por Mary, com tensão, a falta de apoio por parte de companheiras dos movimentos, sentir-se só.

Nesse sentido, Sales, Fontes e Yasui (2018) discutem a estrutura da militância nos partidos, a figura do militante comunista, as aproximações com a teoria marxista, o distanciamento entre discurso militante e práticas da vida privada e o modo repertório militante de taticamente desqualificar posições contrárias e fazer oposição radical entre movimentos que militam por causas distintas, dificultando a construção de interfaces. Diante desta discussão, questionam se a metodologia militante ainda perdura como forma de produzir coletivos capazes de sustentar mudanças. O ativismo, de outro modo, tem se pautado:

[...] em relações mais horizontalizadas, valorizando a dimensão mais subjetiva do engajamento, com formas de organização descentralizadas e relativamente autônomas, investindo em estratégias pedagógicas vivenciais e não restritas às práticas argumentativas de convencimento racional, essa “nova sociabilidade militante” tem se fortalecido no embate com os modos tradicionais (SALES, FONTES E YASUI, 2018, p. 572).

De modo similar, em algumas narrativas encontrei enunciados de que enfrentamentos precisam ser feitos com amorosidade e humanidade, precisam ser arquitetados do ponto de vista de educação popular e não por punitivismo.

Mais do que um novo modo de fazer dos movimentos sociais, Seidl (2014) apud Sales, Fontes e Yasui, (2018), dizem ser uma negação do modelo de militância das organizações sindicais e partidárias, incluindo críticas à centralização das informações e decisões, assimetria nas relações de poder e baixa participação dos membros na construção das ações desenvolvidas. Portanto, as expressões ativismo e militância são predominantemente usadas como sinônimos, mas o termo “ativismo” parece se aproximar melhor da metodologia empregada pelos NMS que tem ocupado vias públicas e reinventado repertórios de ação e protesto, com relações horizontalizadas; em redes descentralizadas e autônomas e reconhecendo a pluralidade dos interesses de seus atores (SALES; FONTES; YASUI, 2018).

Destaco os dados produzidos sobre a discussão política na sociedade e no ambiente doméstico serem algo que as pessoas não incentivam, além dos enunciados referentes às resistências e desentendimentos sobre o que é o feminismo. Do contrário, os afetos em campo demonstram que há espaço para o pensamento diverso, o que não quer dizer que não haverá resistência, mas discursos que parecem contraditórios podem conviver em um mesmo espaço.

Importante considerar que a política é conformada como um espaço masculino, o que torna ainda mais distante essa inserção para mulheres. “A história do espaço público e das instituições políticas modernas é a história da acomodação do ideal de universalidade à exclusão e à marginalização das mulheres e de outros grupos sociais subalternizados” (BIROLI, 2018, p. S/N).

Assim, apesar do feminismo ter se institucionalizado, ganhado espaço e cooperado com o avanço de tantas pautas feminias, ainda está às margens, especialmente porque vive-se um momento socio-político desfavorável, caracterizado pelo fortalecimento do neoliberalismo, despolitização e persistência do patriarcado (DEAN; AUNE, 2015; TARAMUNDI, 2016).

Nesse sentido, as participantes fizeram menção as manifestações de 2013, ao impeachment de Dilma e a EC 95/2015. No início de 2016, a crise das democracias representativas ocidentais somou-se, no Brasil, a uma crise de governabilidade e de institucionalidade tamanhas que fizeram circular em vários meios públicos frases de desalento como “[...] um governo que não dá pra defender, uma oposição que não dá pra apoiar, uma justiça que não dá pra confiar, uma imprensa que não dá pra crer, uma população que não dá pra dialogar” (SALES; FONTES; YASUI, 2018).

Em meio à pandemia de COVID-19, o contexto das mulheres ganha ainda perspectiva de piora dos contornos sociais. No Brasil vivemos uma desgovernança de saúde pública, discutida em termos de conceituais como “governo de exceção” e “ignorância estratégica”. Nesse cenário, novamente se apega na possibilidade de formas de solidariedade e ajuda mútua, populares e democráticas (ORTEGA; ORSINI, 2020).

Assim, diante de toda a discussão do capítulo, me apego à adoção teórica feita por Oliveira e Marçon (2019) sobre o feminismo, tratado em sua pluralidade como feminismos e exaltado por sua grandiosidade na atualidade:

Os Feminismos entremeados aos diversos territórios da vida social produzem encontros, modos de existência e militância, disputam narrativas históricas, fazem questionamentos quanto ao que seria justiça social e nos últimos anos tem produzido movimentações sociais significativas tanto no Brasil como no resto do mundo (OLIVEIRA; MARÇON, 2019, p.69).

Admite-se que a participação em movimentos sociais é uma condição que potencializa a transformação de si e da realidade social, havendo potência das manifestações macro e micropolíticas, simultaneamente singular e plural (DUARTE, 2012). Na discussão dessa categoria busquei explorar o potencial de transformação social presente no contexto e enredos dos encontros vivenciados.

A seguir, explorarei o potencial de transformação de si, o que tem estreita relação com o referencial de processos de subjetivação baseado em Foucault e com a “abordagem dos autonomistas”, adotada para explicar como e porque as pessoas se engajam em movimentos sociais. Essa abordagem engloba diversos referenciais, com divergências de entendimento sobre os sujeitos, mas que convergem diante da possibilidade de agência, de construção do novo a partir dos significados e interpretações dadas às condições sociais (GOHN, 2019).

6.2 Ser mulher-enfermeira e o envolvimento em movimentos sociais

Na vertente dos feminismos, diversos estudos têm sido conduzidos à luz de dispositivos foucaultianos (NARVAZ; NARDI, 2007), produzindo importantes referenciais e avanços na área. São apontadas quatro principais convergências entre a teoria feminista e de Foucault: o corpo como ponto de poder, o poder como local, a ênfase nos discursos, e as críticas ao privilégio masculino e à proclamação dos universais no humanismo ocidental (MC LAREN, 2016). Tais convergências entre feminismo e Foucault já foram consideradas no subcapítulo anterior. Aqui serão retomadas para pensar os processos de subjetivação.

6.2.1 *A participação social como um dispositivo de subjetivação*

Considera-se a sobreposição do ético e do político e a concepção do eu corporificado e socialmente constituído como recursos teóricos importantes para o feminismo contemporâneo (MCLAREN, 2016). Em especial, o conceito de cuidado de si, que conduz à subjetivação ético-política, possui grande relevância para a atualidade e o objeto de estudo, pois “[...] apresenta claras contribuições para a compreensão das práticas de atuação política dos coletivos, as quais exigem que seus membros se dediquem à tarefa da autotransformação crítica e reflexiva” (DUARTE, 2012, p. 10).

A constituição do sujeito passa pelo entendimento deste como objeto, moldado por processos de objetivação com formação de um corpo docilizado e útil, mas também em uma postura ético-estética como ‘sujeito à’. Esta postura é denominada como processos de subjetivação, nos quais o indivíduo tem a possibilidade de constituir sua própria identidade pela consciência de si, ao trabalhar e pensar sobre si mesmo (FONSECA, 1995; VEIGANETO, 2003).

Diante do referencial, destaco inicialmente os dados em torno da conformação de uma versão preferencial de si de mulher posicionada no mundo, que se performa especialmente pela utilização de discursos diretos e refrões. Essa versão está relacionada, segundo os enunciados, à participação nos movimentos sociais, enfatizada pela utilização de variações do verbo “participar” e pela autodenominação de “militante”, “ativista” e “feminista”. Estar posicionada no mundo demonstra consciência das opressões vividas associadas ao gênero e a profissão, o exercício de questionamentos e posicionamentos diante dos embates diversos.

Interessante demarcar dados produzidos acerca dos impulsos para o envolvimento social e político, em especial os aspectos contextuais da própria vida, a curiosidade, a

necessidade de conhecer e o desejo de responder a necessidades. Florell (2021) menciona que ativistas de enfermagem são frequentemente levadas ao ativismo por causa de seus valores, e que os valores comumente envolvidos incluem a existência de um dever de agir e a compreensão de que a ação para melhorar a saúde das pessoas e das populações é necessária. Se constituir como testemunhas de injustiças consiste em um ato precursor para impulsionar enfermeiras de uma posição de testemunha para ação. (FLORELL, 2021).

Há o entendimento de que a versão de si feminista é mais “avançada”, passou por maturidade pessoal. Nota-se uma leitura de si mesma, das vivências pessoais e um implicar-se nos problemas sociais com efeitos de ressignificação de si.

Maciazeki-Gomes, *et al* (2016) apontam que a participação política de mulheres é importante na produção de elos entre público e privado, ao pautar o ambiente privado também como político (privacidade compartilhada) e abrir espaços para reinvenção dos modos de vida. Os movimentos se centram nas questões políticas mais concretas da vida cotidiana em um processo circular, que parte da vida privada da família, passa pelo espaço coletivo dos grupos e por uma espécie de individualização das práticas políticas (VACCHELLI, 2011).

É possível vislumbrar duas pedagogias da reflexão de si: uma que se preocupa com a produção do sujeito e outra que se destina a transformá-lo (SANTOS; SILVEIRA; SILVA, 2016). Mas os referenciais pós-estruturalistas se afastam dos pressupostos modernos de que o sujeito é soberano e autônomo, da existência de universalidade, unidade e identidade e assumem a diferença como importante categoria (TEDESCHI; PAVAN, 2017). Acredita-se que não haja estabilidade nas estruturas, a subjetivação e ressubjetivação ocorrem ao longo dos processos.

Deste modo, foram encontrados enunciados de que não é possível ser coerente o tempo todo com a versão de si feminista, de mulher posicionada, sendo considerada idealista essa possibilidade. Há coexistência de versões de si que parecem contraditórias, por exemplo, versão feminista *versus* versão oprimida. É importante demarcar que a conformação de versões preferenciais de si não foi adotada no estudo como estanque ou mesmo intencional, mas sim como resultante de uma formação subjetiva, processos diários e contínuos de escape traçados.

Os resultados demonstram que a inserção nos espaços de participação social ocorre gradualmente e a vinculação com os movimentos conduz a passagem de uma posição de identificação com a causa para um pertencimento ao grupo. Por isso, encontrei mulheres em diferentes fases desse processo, umas se inserindo recentemente, participando apenas de

alguns espaços, outras tão imbuídas que se repetem, falam com propriedade e se conformam como elos de uma rede de laços apertados.

Feministas jovens destacam a identificação com os movimentos como fluida, propondo a substituição do termo ‘identificar’ por ‘pertencer’, o que permite envolvimento coletivo e múltiplas subjetividades (VACCHELLI, 2011). Sobre a criação do vínculo com o movimento, diante da história de participação de uma mulher no MST, Rosa e Silva (2015) pontuam que se leva tempo para incorporar as simbologias e ideologias do movimento. De modo que, ao longo do envolvimento, são cruciais a formação e os estudos, além do convívio e a partilha de dificuldades com membros do movimento.

O processo gradual de pertencimento envolve colocar as ideias constantemente em questionamento, começando por si própria, o que pode originar conflitos no entremeio da complexidade entre profissional/pessoal, indivíduo/sociedade, considerando facetas de identidade e condições sociais que influem na construção da subjetividade (DEAN; AUNE, 2015).

Assim, nos relatos sobre o ativismo social e político, diversos dilemas e dúvidas pessoais que antecedem a tomada de decisões, bem como conflitos internos, foram mencionados como ainda não superados, tais como se blindar da afetação ou se sentir perseguida, sofrer ou se impulsionar. Muitos conflitos foram sentidos também em meu corpo de pesquisadora-mulher-enfermeira. Os embates discursivos são importantes elementos nesse contexto conflitivo. As opressivas normas sociais não são apenas impostas pelo exterior, são também internalizadas, dado que se não internalizadas os sujeitos podem sofrer sanções sociais que vão do isolamento menor a privações mais significativas (MCLAREN, 2016).

Apesar dos dilemas, as mulheres envolvidas com o ativismo político tendem a experimentar grande satisfação agindo coletivamente em prol da mudança social, construindo amizades, intimidade e crescimento pessoal. Esse processo se apresenta como antagônico, pois a pertença inicial a uma sociedade patriarcal as obriga a investir num forte trabalho emocional para manutenção de limites pessoais, havendo sentimento de pertencimento e não-pertencimento, tanto dentro como fora do movimento (SA'AR A; GOOLDIN, 2009). Assim, em alguns momentos das narrativas, as participantes mencionaram que se afastaram dos movimentos sociais, ao reconhecer que não dava mais pra sustentar aquele pertencimento.

Sobre a satisfação com o ativismo social e político, as entrevistadas demonstraram desejo de relatar suas histórias e admiração/orgulho em relação às atividades vinculadas aos movimentos sociais, às expressões de liberdade e de resistência e as pessoas envolvidas nesses espaços. Tais aspectos são considerados por elas como belos, esplendorosos,

empolgantes; e as experiências junto aos movimentos relatadas como avassaladoras, transgressoras e permanentes. Segundo o referencial de Foucault o contra-ataque às amarras do poder está relacionado a um:

[...] saber-fazer que permite aos indivíduos instaurarem determinados tipos de relação consigo mesmos, um ‘cuidado de si’ que se fundamenta na relação de grupo, no laço de amizade e de fraternidade, ou até mesmo na relação sexual (BERT, 2013, p.158).

Foucault não se preocupava se o sujeito seria autônomo ou não, mas se estaria disposto a se tornar sujeito da crítica, opondo-se aos mecanismos de poder governamental (LORENZINI apud FERREIRA NETO, 2018). Rago (2019) associa essa tendência da obra foucaultiana à busca pelo entendimento da subjetividade:

Com sua contundente crítica à concepção do sujeito que informava as teorias revolucionárias do passado, que apostavam no surgimento de um “novo homem”, pleno e reencontrado em sua essência originária, instalado na sociedade ideal paradisíaca, Foucault renovou a questão, trazendo a subjetividade para o primeiro plano e articulando estreitamente subjetividade e política (RAGO, 2019, p. 2).

Assim, a dimensão de objetivação dos sujeitos não pode ser desconsiderada, incluindo os mecanismos de fabricação no interior dos aparatos pedagógicos, terapêuticos e outros (HALL, 1997), perpassados por jogos de verdade e relações de poder. A relação jogos de verdade-sujeito ocupa todos os domínios da obra de Foucault e relativo a esse prisma, encontrei uma versão preferencial de mulher-enfermeira-oprimida, um vetor resultante do contexto de ser mulher-enfermeira e uma conformação que está submetida ao olhar e fazer de *outrem*.

Ao longo da história, os jogos de verdade, sob o ponto de vista geográfico e estratégico, assumem três modelagens geométricas de atuação: circularidade, enquadramento e profundidade; de modo que atuam na superfície, nos simbólicos, na naturalização; mas também nas classificações, nas sociedades de discurso, nas disciplinas e técnicas; e por fim e respectivamente na profundidade, na relação interno-externo, no corpo a corpo, na rede de instituições (ARTHUR, 2017). Os efeitos das relações de poder sobre os corpos podem ser organizados em: processos de inscrição, processos de internalização e de interpretação, os dois primeiros voltados para um corpo útil, em termos de submissão e uso e o terceiro para um corpo inteligível, em termos de funcionamento e explicação (MCLAREN, 2016).

Diante de tais referenciais foi encontrado reconhecimento da vivência de desigualdades por mulheres e enfermeiras, em especial de gênero, classe e raça; também de efeitos corporais de machismos, padrões de beleza e exploração do trabalho feminino, com naturalização do acúmulo de tarefas por mulheres.

A sexualidade das mulheres foi tratada nas narrativas com denúncias sobre a heteronormatividade presumida e perpassada por tentativas de controlar o corpo feminino. Há enunciados que condicionam a forma de expressão corporal, incluindo escolha de vestimentas, com a imagem de promiscuidade ou postura ética e profissional.

Ademais, nas entrevistas realizadas, foi encontrado reconhecimento da relação entre opressões da enfermagem e o gênero, com críticas a formação histórica da profissão perpassada por religiosidade e militarismo. Assim, há conformação de estereótipos ideais de enfermeiras e de uma dimensão conflitiva de atuação em relação às questões vinculadas a sexualidade.

Em recente informe publicado pela Organização Mundial de Saúde (2020), evidencia-se que mundialmente a enfermagem continua sendo uma profissão dominada por gênero (aproximadamente 90% das trabalhadoras são mulheres), mas poucos cargos gerenciais são ocupados por mulheres e há diferença salarial de gênero.

Especificamente na narrativa de Edma, encontrei reconhecimento de que as opressões vividas pela enfermagem estão relacionadas à combinação gênero, classe e raça. Enquanto isso, Maria e Mary consideram que as questões raciais sejam menos problemáticas que as questões do gênero na sociedade, com efeitos sobre a enfermagem, como se as desigualdades raciais fossem mais escancaradas.

Sob o referencial de interseccionalidade considera-se que a posição ocupada por mulheres na sociedade é tangenciada pelo cruzamento com diversos marcadores de opressão, em especial raça/cor e orientação sexual (DAVIS, 2016). Ademais, para ser compreendido na totalidade, o gênero precisa ser pensado na imbricação com raça, que por sua vez não se separa do pertencimento de classe e representações de sexualidade (PELÚCIO, 2011).

A enfermagem se caracteriza como uma ocupação que se profissionalizou pela cientificidade de uma prática que historicamente já era produzida por mulheres, muitas vezes negras, tais como parteiras, amas de leite, negras domésticas, babás e mães pretas, no cuidado de idosos, enfermos e crianças (CAMPOS; OGUISSO; FREITAS, 2007). Dados da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil demonstram que 42,3% da equipe de enfermagem declara ser da cor branca; 41,5% parda e 11,5% preta, somados estes percentuais profissionais de enfermagem negros atingem 53%, tornando-se o mais expressivo e dominante na composição de cor/raça da equipe (MACHADO, 2017). Portanto a construção ideológica e histórica de uma enfermagem-padrão branca não impediu que mulheres negras continuassem a trabalhar na profissão.

Todavia, as mulheres negras na enfermagem estão mais representadas na estratificação de técnicos e auxiliares de enfermagem, do que entre enfermeiros de nível universitário. Importante considerar fatores raciais e de renda associados ao acesso a cursos de nível superior: capacidade de pagamento, tempo disponível, suporte financeiro para estudar sem trabalhar e adequada formação de nível médio (LOMBARDI; CAMPOS, 2018).

Portanto, a divisão técnica do trabalho na enfermagem, que será tratada com maior afinco na próxima categoria de discussão, é central para a análise histórica da conformação de raça/cor na enfermagem, na medida em que dela decorre a desigualdade de posição das mulheres dentro do trabalho. Apesar de haver reconhecimento das contribuições históricas de mulheres negras para a enfermagem, em uma série de trabalhos e de saberes de cura e trato com enfermos e “incapazes”, a elas foi negado espaço a partir da profissionalização (LOMBARDI; CAMPOS, 2018).

Ainda sobre a enfermagem, símbolos como o jaleco e estetoscópio foram apontados como marcadores de um cuidado biomédico e higiênico, que contribuem pra perpetuar as hierarquias da diferenciação entre cuidador e paciente. Diante de tais conformações de subordinação e opressão de mulheres-enfermeiras, encontrei dados sobre o silenciamento da enfermagem, ausência de espaço pra expor os problemas e supremacia de espaços hierarquizados, com poucas oportunidades de debater.

Diante dessa síntese de dados produzidos em torno das relações de poder e jogos de verdade, destaca-se a complexa rede de normas sociais com efeitos na subjetivação de mulheres-enfermeiras. Foucault fornece ao feminismo uma teoria social que concebe: “[...] o poder como uma complexa rede de relações, operando não apenas através da lei e da economia, mas também através de normas sociais e práticas culturais” (MCLAREN, 2016, p. 213). Essa discussão se faz necessária e assume um caráter emergente diante do objeto de estudo e das fontes multifacetadas de subordinação e opressão feminina (sexual, de gênero, de classe, racial, heterossexual, etc) (MCLAREN, 2016).

Importa demarcar que na atualidade o poder assume novas conformações, além daquelas nomeadas como poder soberano e biopoder/biopolítica. Vive-se o que se denomina de governamentalidade neoliberal, fortemente marcada pelas ideias de capital humano e empresariamento de si e das relações (RAGO, 2019). Além disso, há:

[...] falência dos discursos tradicionais da esquerda, o crescimento das forças conservadoras e reacionárias [...] que visam inibir a potência da vida em todos os níveis, o fortalecimento dos fundamentalismos, da intolerância e dos preconceitos que bloqueiam os encontros e as conexões possíveis (RAGO, 2019, p. 4).

Nesta lógica, os sujeitos se transformam em microempresas, o que mina a existência social e desde sua concepção já pode ser considerado como uma prática patológica, haja vista a figura do *loser* (fracassado). Neste modelo o sujeito não se sente assujeitado e pela concorrência constante não percebe a solidão a qual é submetido. A cada avanço conquistado parece emergir uma avalanche de respostas contrárias (RAGO, 2019). Assim, além do neoliberalismo, doutrina religiosa e patriarcalismo, reconhecidamente opressores para as mulheres, destaco outros sistemas de dominação com efeitos sobre os corpos das enfermeiras: o militarismo, o capitalismo, o positivismo e o tecnicismo.

Encontrei nas narrativas regras do discurso em relação as noções de individualidade *versus* coletividade, com menção de que vaidades e privilégios se constituem como amarras para o avanço de processos coletivos e superação de opressões. Foi encontrado também leitura de privilégios próprios, com preocupação de que eles não conduzam a posição de opressoras/exploradoras. A ideologia de individualismo é inconsistente com as conceitualizações contemporâneas de justiça social (VALDERAMA-WALLACE; APESOA-VARANO, 2019).

Ademais, na narrativa de Mary, encontrei discursos emergentes acerca dos efeitos do neoliberalismo, privatizações e terceirizações sobre os corpos de trabalhadoras e trabalhadores da enfermagem, que serão retomadas no subcapítulo 6.3 - “enfermagem envolvimento sociopolítico e o saber-fazer-cuidado de mulheres-enfermeiras”.

Tais conformações de poder não substituem as demais, se somam para dominar e controlar as condutas das mulheres, também envolvidas nesta trama de relações. O feminismo muitas vezes está consciente acerca destas novas conformações de poder:

[...] embora o neoliberalismo se aproprie de várias pautas feministas, valorizando a figura competitiva da “empresária de si mesma”, os feminismos denunciam essas sofisticadas tecnologias do poder em sua luta por um mundo anticapitalista, filógino e libertário (RAGO, 2019, p.1).

As noções de si e de subjetividade são inseparáveis da personificação e práticas corporais, em outras palavras a subjetividade é sempre corporificada. Nessa concepção de subjetividade corporificada, Foucault oferece uma gama de formas de pensar sobre o corpo: como material, histórico, interpretado através de discursos, com habilidade de autorregular e capaz de resistência, por meio de contradiscursos (MCLAREN, 2016).

Em diversos momentos dos encontros em campo, os corpos das mulheres (e o meu) se mostraram como peças-chave para a manifestação das experiências de subjetivação, seja como alvo de relações de poder e jogos de verdade, seja na expressão de contra-ataque. O

corpo como alvo foi associado ao perfil de mulher incômoda, oposição e de assumir posição de liderança.

Mas foram encontrados também corpos (in)mundo, que estão ocupando as ruas, os microfones, que passam por transições – capilares, de identidade de gênero – que choram, sorriem, gritam, se retiram, se ausentam, se identificam, se recusam a seguir ideais corporais de beleza e estética.

O corpo feminino é a peça-chave para as mudanças, uma das principais formas de ativismo e intervenção feminista (DEAN; AUNE, 2015; JIMÉNEZ, 2015), é vislumbrado enquanto ferramenta simbólica coletiva, sendo fundamental o reconhecimento do seu potencial, deixando-o se expressar, desterritorializar codificações patriarcais, racistas e capitalistas (JIMÉNEZ, 2015).

Parece que sistemas de resistência tradicionais como sindicatos e partidos, criados diante do poder soberano e, isoladamente, são insuficientes frente aos novos poderes. Diante de tais ponderações fui impelida a analisar os resultados do ponto de vista dos modos de resistir, os exercícios de contra-conduta, a subjetivação diante de conformações de poder. Isso porque Foucault insistia que cuidar da relação do eu consigo mesmo era tarefa politicamente indispensável já que o relacionamento consigo mesmo pode ser o único ponto de resistência ao poder político (TAYLOR, 2013), pelo encontro de escapes tratados muitas vezes como linhas de fuga.

Mas as subjetividades não se concentram apenas na relação com a própria individualidade, e sim nas relações que temos com os outros, uma vez que as práticas de si são práticas sociais (FERREIRA NETO, 2018; FOUCAULT, 2010). McLaren (2016) afirma que “A política do corpo e as práticas de si não começam e terminam com o indivíduo. Elas são sociais, culturais e históricas” (p. 191).

Nos dados produzidos da pesquisa a participação social e política, tratada em diversas peculiaridades até aqui, esteve entremeada na criação e possibilidade de resistir e escapar das amarras de poder e jogos de verdade existentes. Destaco, casos mais concretos e explícitos de resistência e escape feministas: na narrativa de Mary o shortasso, um ato subversivo em que alunas de enfermagem se vestiram de short para protestar contra o controle dos corpos femininos no sistema acadêmico; a ironia e humor como modos de Mary relatar as atividades junto aos movimentos sociais; e o tom de discurso provocativo adotado por Edma. Os processos de subjetivação se relacionam com características de invenção, inovação, criatividade e transformação nas relações de uns com os outros, nos esforços individuais e coletivos (MCLAREN, 2016).

Esses resultados são importantes do ponto de vista do conceito de ativismo de enfermagem, que Florell (2021) diferencia de engajamento, envolvimento e advocacy de enfermagem. Dá-se destaque a ação, de modo que ser ativista é agir em nome da solução de questões sociais e políticas, na vanguarda de um movimento, muitas vezes comprometendo sua própria energia para buscar justiça e evocar mudanças (FLORELL, 2021).

O conceito de subjetividade política adotado por alguns autores perpassa a compreensão de que as práticas de si não consistem em um trabalho intraindividual, mas coletivo e institucional (FERREIRA NETO, 2018). Desse modo, a abordagem foucaultiana da obra *Alcebiades*, obra-prima do cuidado de si socrático-platônico, reforça que a noção de cuidado de si está relacionada ao desejo de exercer o poder político e governar os demais: “A necessidade do cuidado de si, que se expressa como condição de possibilidade para sua condição social se converter em ação política sobre os demais” (SANTOS; SILVEIRA; SILVA, 2016, p. 5).

Essa discussão muito se aproxima do contexto das mulheres-enfermeiras, que naturalmente representam uma sociedade civil organizada e com saberes e poderes específicos. Nos dados encontrei aspectos que demarcam um perfil de liderança de equipes e estudantes, conduzindo outras pessoas para o envolvimento social e político, por meio da utilização de palavras de ordem e discursos de apadrinhamento.

Ademais, sobre os modos de subjetivação encontramos as denominações foucaultianas de ‘técnicas de si’ e ‘práticas de si’. As técnicas são procedimentos que implicam nas identidades dos sujeitos, seja mantendo-as ou transformando-as. Através de relações de domínio de si e conhecimento de si, as técnicas permitem que os indivíduos façam operações em seus corpos, almas, pensamentos e condutas, em vias de alcançar um estado de perfeição, felicidade, pureza, poder sobrenatural (FOUCAULT, 2016; FOUCAULT; SENNETT, 1981).

Por sua vez, as práticas de si são apontadas como aquelas que envolvem uma gama de cuidados de si, narração da verdade (*parresia*) e escrita de si, portanto uma gama de técnicas de si. Destaca-se, porém, que as técnicas de si possuem um caráter ambivalente, podem ser um exercício de sujeição – onde se produz a verdade exigida sobre si mesma – mas também podem ser um exercício de subjetivação. Para isso, McLaren (2016) exemplifica utilizando uma análise sobre a confissão, um tipo de autobiografia. Outras técnicas de si discutidas são a escrita de si, a *parrésia* e a conscientização, denominadas como “práticas feministas do eu”. (MCLAREN; 2016).

Diante do referencial de práticas de si, destaco a menção de Mary e Maria de buscar e realizar terapia, um espaço para refletir sobre conflitos internos e externos vividos, um meio

de se autoconhecer e encontrar formas de blindagem para afetações danosas e de encontrar fôlego para seguir em frente, mesmo diante de tantas dificuldades de viver. Destaco também a escolha por pesquisa-interferência, pesquisa que opera no entre e na possibilidade do pesquisador interferir e ser material de interferência, e aportar parte da tese na escrita de si, de modo que a conformação destas opções metodológicas como práticas de si ficará ainda mais evidente no subcapítulo 6.2.2 – “Vir a ser feminista: do estranhamento ao reconhecimento de potencialidades”.

Portanto, a inserção nos movimentos sociais, e os processos de subjetivação envolvidos nesta ação, são complexos, muitas vezes antagônicos e penosos, mas são também promissores em relação aos modos de existência. Os movimentos sociais de mulheres se apresentam como dispositivos que simultaneamente disparam e se comportam como tecnologias do poder e tecnologias de si, permitem multiplicidades de discursos e de pautas, mas também participam de jogos de verdades, são regidos por regras discursivas, são capturados por interdiscursos; denunciam efeitos do patriarcado, do capitalismo, do neoliberalismo, mas também possuem discursos interditados por estes sistemas e pelo conservadorismo e cristianismo.

As mudanças promovidas pela participação em movimento social resultam no desenvolvimento de uma nova consciência sobre demandas e direitos próprios, de uma *práxis* política no âmbito social, não apenas no círculo familiar; de reordenamento das dinâmicas familiares e relações de gênero, transição de uma posição subjugada a uma prática repleta de sentidos e sentimentos positivos e emancipatórios (ROSA; SILVA, 2015). Sentidos emancipatórios para o cuidado e profissão de enfermagem, como resultantes da participação social, serão tratados com maior afinco no capítulo 6.3 – “O envolvimento sociopolítico e o saber-fazer-cuidado de mulheres-enfermeira”.

Por fim, em uma balança provisória entre discursos permanentes e emergentes, se destaca o potencial dos movimentos sociais de acionar e afetar corpos, de politizar e de criar vínculos, redes. Essas parecem ser possibilidades de suma importância diante das desigualdades de gênero enfrentadas por mulheres e enfermeiras.

Na relação entre ativismo sociopolítico e as práticas sociais valorizo o gesto filosófico da atitude crítica, as contracondutas coletivas e a legítima defesa dos governados, como formas de resistir aos dispositivos de controle e governamentalização da vida presentes. Esse movimento não está inscrito em uma cadeia linear de revolução e na promessa de retorno, mas é parte do esforço permanente de “saída” de um estado atual no qual somos governados, que passa pela visibilização da singularidade dos acontecimentos que antecedem seus efeitos

(CANDIOTTO, 2013). A seguir apresento parte dos meus esforços pessoais de saída, aqueles que considero pertinentes para este estudo.

6.2.2 Vir a ser feminista: do estranhamento ao reconhecimento de potencialidades

Este subcapítulo foi apresentado no 72º Congresso Brasileiro de Enfermagem em 2020, tendo alcançado o 1º lugar no Prêmio Haydée Guanais Dourado.

Diante da escolha de fazer pesquisa-interferência e em uma posição de sujeita implicada, destaco a riqueza dos encontros com outras mulheres em campo, em especial a possibilidade de conviver nos espaços de participação social com pessoas de outras gerações ou com outras vivências e que, portanto, tem uma leitura sociopolítica diversa.

No conhecer militante há o pressuposto de que os encontros sejam entre sujeitas implicadas, que podem se reconhecer ou negar na outra. Santos, Cunha e Cerqueira (2020), com base em Spinoza, apresentam uma definição que materializa a vivência dos encontros ao longo da pesquisa:

[...] entendemos encontro como algo que faz os corpos colidirem mesmo sem contato visceral, direto, físico, mas que altera os corpos, afetando-os, efetuando não só a mistura dos mesmos, mas modificando-os, aumentando ou diminuindo a sua potência de ação no mundo, forjada em ato (SANTOS; CUNHA; CERQUEIRA, 2020, p.8).

Importante demarcar também o contexto implicador no qual se deram tais encontros: eventos de diversas formatações, múltiplas pautas de luta e debate, muitas delas afetas ao feminismo e diversas formas de expressão e modos de engajamento social. Esses aspectos ampliaram as chances de afetação, de modo que eventos artísticos e culturais, por exemplo, se tornaram cenários propícios para recordações, envolvimento e reflexões.

A multiplicidade de pautas somada a diversidade de formas de expressão e modos de engajamento social também me permitiu compreender melhor a ação dos movimentos sociais, expandir a costumeira impressão de se resumirem a atos públicos e greves e ações ensimesmadas. No atual campo de movimentos sociais não há uma restrição apenas aos aspectos de classe social e estrutura social, mas há politização de novos temas, incluindo cultura, identidade, gênero, raça, entre outros (SALES; FONTES; YASUI, 2018).

O contexto dos encontros permitiu também compreender que o feminismo não é o oposto do machismo, não visa criar outras formas de opressão ou de limitação da liberdade, nem se resume em combater a desigualdade de gênero: “[...] há uma concordância generalizada de que o feminismo está comprometido com a superação da opressão com base

em classe, raça, etnia, orientação sexual e habilidade, bem como gênero. O feminismo é um movimento emancipatório” (MCLAREN, 2016, p.33).

No referencial de sujeito implicado considera-se que a pesquisadora é ao mesmo tempo quem interroga, produz o fenômeno sob análise e dá sentido ao mesmo, portanto, neste processo cria-se a significação de si e do fenômeno e torna-se mais sujeita da ação com ganhos de autonomia (MERHY, 2004). Assim, é preciso mencionar que a afetação se deu no meu corpo de pesquisadora envolvida e em termos de processos de subjetivação, por práticas de si, como os momentos de autoanálise descritos no capítulo de composição de cenas.

Foi possível colocar em análise o lugar que ocupo, as práticas de saber-poder em torno do cuidado de enfermagem, seus efeitos de verdade, o que elas põem em funcionamento, com o que se agenciam. Também foi possível produzir saberes e agires transformadores, modos de escape, rompimento com a lógica atual.

Do ponto de vista de ser mulher e enfermeira, a experimentação da pesquisa me propiciou refletir sobre os modelos e padrões sócio historicamente construídos, perpassados por saberes, poderes, verdades; a vivência de desigualdades, a particularidade de cada uma, a combinação de marcadores da diferença, as necessidades sociais e de saúde; a existência de estereótipos ideais de enfermeiras e o reconhecimento das aproximações de tais opressões com as questões de gênero.

Fui conduzida a refletir sobre a conformação de trabalhadores(as) diante do modo de trabalho capitalista; a ocupação de espaços de poder por mulheres, em especial nas áreas em que somos maioria como a enfermagem; e sobre a diferença entre fazer pesquisa sobre comunidades e com/para comunidades.

Como uma pesquisadora (in)munda foram feitos movimentos de auto-análise sobre as próprias afetações por tais rótulos, as expectativas em torno de ser mulher, pesquisadora, enfermeira e gestora. Nestes movimentos me percebi por vezes privilegiada socialmente, mas também violentada e submetida a dizeres, olhares, ações e expectativas.

Neste intermédio de acompanhar eventos formais e informais, pesquisar sendo mulher-enfermeira-pesquisadora, me deixar conformar por discursos feministas, mas também continuar no labor diário de gestora da saúde, foram feitas reflexões acerca da entrada e manutenção da teoria e movimentação social feminista nas instituições de saúde.

As minhas afetações de pesquisadora em campo foram constantemente mediadas pelas reflexões em torno das justificativas para se constituir ou não como uma feminista em saúde. Nesse ponto, se destaca a discussão em torno da institucionalização do feminismo de modo que na nova forma de se fazer política, na relação com o Estado, outrora de oposição, se

assume a possibilidade de cooperação (SALES; FONTES; YASUI, 2018). Há uma estagnação da relação entre o feminismo estatal/institucional e o ativismo do movimento feminista, de modo que a revolução permanente que o feminismo deve aspirar se trata de mudanças moleculares causadas por feministas que trabalham dentro e fora de instituições, coletivamente para uma transformação efetiva (TARAMUNDI, 2016).

Desse modo, como implicações da pesquisa vivi transformações pessoais, que podem ser exemplificadas em termos de desconfiança em relação à doutrina religiosa, inserção em coletivo feminista e em entidade representativa da Enfermagem. Mas também ao longo da pesquisa foram sendo produzidos agires transformadores, novos discursos e ações para o cuidado de enfermagem, incluindo o ambiente da gestão em saúde, tais como: condução de roda de conversa com trabalhadoras da saúde sobre papel social e práticas de saúde, debates sobre feminismo com alunos de nível fundamental e superior, condução de equipe orientada por modelos participativos de gestão de pessoas, produção acadêmica de trabalhos que discutam Enfermagem e feminismo e participação na implantação de política hospitalar estadual, orientada por princípios de justiça social, em especial por equidade em saúde.

Nas ciências existe uma hipervalorização da sustentação dos estudos em uma epistême patriarcal, em conhecimento baseado em fundamentos empíricos ‘insuspeitáveis’, em normas universais de racionalidade, em paradigmas da cientificidade; o que desafia a emergência de formas de pensar que contradigam esses pressupostos (RIBEIRO, *et. al*, 2017; STRATHERN, 2009). A pesquisa desenvolvida foi um percurso de contestação de verdades produzidas ao longo da vida e da carreira, de modo que os resultados são situados e não há pretensão de afirmar novas verdades. Assim, a realização da pesquisa propiciou desnaturalizar e estranhar modelos de ser mulher, enfermeira, pesquisadora e gestora de saúde, bem como entendimentos acerca de feminismos e saberes/práticas de enfermagem.

Por fim, em relação ao vetor de análise acerca dos processos de subjetivação, me vi impelida a produzir materialidade em relação a essas desconstruções aqui tratadas. Desse processo resultaram as tirinhas de histórias em quadrinhos apresentadas no subcapítulo 5.2.2 – “Narrativa coletiva: interseções na vida e no trabalho, caminhos e saídas nos movimentos sociais”. Esse movimento foi importante do ponto de vista de traduzir o conhecimento produzido na pesquisa, deixando alguns possíveis instrumentos para reformas sociais, o que condiz com o interesse em pesquisa-interferência.

6.3 O envolvimento sociopolítico e o saber-fazer-cuidado de mulheres-enfermeiras

Nesta categoria de discussão dou maior atenção ao *corpus* empírico acerca das implicações para o cuidado e profissão de Enfermagem, promovidas pelo ativismo de mulheres-enfermeiras, resultados resultantes tanto da observação-participante quanto das entrevistas narrativas. Parte da discussão aqui apresentada foi submetida para apreciação da Revista Brasileira de Enfermagem, tendo sido aceito para publicação o artigo denominado “Que não seja aquela enfermagem que pede silêncio: participação em movimentos sociais e saberes sociopolíticos-emancipatórios”.

É preciso considerar que o saber-fazer-cuidado está inserido em espaços tensos (e tênues), habitados por diferentes formações discursivas, relações de poder e saber, sendo o trabalho produtor de modos de ser, um *si* pelo qual o sujeito se reconhece (LUCENA; PAVIANI, 2017). Nesse sentido, a todo o momento serão feitos paralelos com resultados tratados anteriormente, acerca da subjetivação de mulheres-enfermeiras.

O cuidado tem sido assumido como conceito central na disciplina de Enfermagem e como caracterizador da ação profissional da Enfermagem (QUEIRÓS, *et al.*, 2016). Sobre os cuidados profissionais de Enfermagem, Leininger (1978) aponta que são:

[...] todos aqueles modos humanísticos e científicos, aprendidos cognitivamente, de ajudar a capacitar os indivíduos, famílias e comunidades para receber serviços personalizados através de modalidades, culturalmente determinadas, técnicas e processos de cuidado orientado à manutenção e desenvolvimento de condições favoráveis de vida e de morte (LEININGER, 1978, p. 9).

O cuidado é um meio de facilitação da transição de uma condição atual dos sujeitos para outra que mais se aproxima da saúde e bem-estar. Por isso o conceito de saúde, bem como os padrões de conhecimento acionados para cuidar, tem grande influência sobre a forma de ofertá-lo.

Por ser o cuidado o domínio central da Enfermagem, esta se caracteriza como uma ciência humana prática que combina um conjunto de conhecimentos criados e recriados, inicialmente organizados em quatro padrões: empírico, ético, pessoal e estético (CARPER, 1992). O padrão de conhecimento Empírico está ligado à ciência e metodologia, tem o objetivo de desenvolver o conhecimento abstrato e explicações teóricas; o padrão Ético se vincula ao conhecimento de normas e códigos éticos, no suporte a dilemas morais, no confronto de valores, normas, interesses ou princípios; o padrão Pessoal está vinculado ao conhecimento, encontro e entendimento de si mesmo para a reciprocidade com o outro; e o padrão Estético, também conhecido como ‘a arte da Enfermagem’, diz respeito ao aspecto

subjetivo, expressivo, da criatividade, da percepção/intuição e empatia (DAL PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006; PERSEGONA, *et al.*, 2009). Posteriormente foram incorporados outros padrões de conhecimento: sociopolítico, emancipatório e espiritual (CHINN, JACOBS-KRAMER, 1995; WHITE, 1995; WILLIS; LEONE-SHEEHAN, 2019).

Debater desigualdades de gênero na sociedade e na profissão – objeto deste estudo – suscita especialmente um agir orientado por conhecimentos sociopolíticos e emancipatórios. Porém, considera-se redundante distinguir tais padrões uma vez que ambos evidenciam a preocupação com as questões relativas à injustiça social e as condições que as criam e requerem competências para corrigi-las (NUNES, 2018). Assim, ao longo do capítulo, optei por adotar a expressão saber sociopolítico-emancipatório numa tentativa de aproximação dos dois conjuntos de conhecimentos.

O padrão sociopolítico de conhecimentos é fundamental para a apreensão dos demais, pelo esforço em visualizar a Enfermagem no mundo social, político e econômico, no planejamento e decisões sobre saúde e as relações de poder que afetam resultados de saúde-doença. Neste padrão estão envolvidos dois níveis de conhecimento: um relacionado ao contexto sociopolítico das pessoas (pacientes e enfermeiros); e outro relacionado ao contexto sociopolítico da enfermagem como prática profissional, incluindo o entendimento da sociedade sobre ela e da enfermagem sobre a sociedade e as políticas (WHITE, 1995).

Participação social, saberes sociopolíticos-emancipatórios e cuidados de enfermagem

Nos sistemas de saúde atuais é demandado que a Enfermagem ofereça um cuidado culturalmente competente, centrado no(a) paciente e baseado em evidências, com destaque para o envolvimento ativo em questões de justiça social (THURMAN; PFITZINGER-LIPPE, 2017). Nesse sentido, o ativismo de enfermagem é uma forma de reorientação da profissão de enfermagem com o objetivo de combater as iniquidades na saúde (FLORELL, 2021). Mas a participação da Enfermagem na superação de desigualdades é considerada uma tarefa complexa que envolve “[...] luta política, capacidade organizativa, conhecimento, autonomia econômica e níveis elaborados de participação social” (PIRES, 2007, p. 719).

Os resultados do estudo demonstram que o contexto social de vida e trabalho das mulheres-enfermeiras e a participação nos movimentos sociais e feministas acionam saberes sociopolíticos-emancipatórios e resultam em um cuidado diferenciado, num modo de agir orientado para redução das desigualdades.

Em relação ao contexto sociopolítico em que a ação de saúde/enfermagem se conforma, como discutido anteriormente, há reconhecimento de sistemas de opressão e de facetas de desigualdades. Ao reconhecer essas desigualdades, as mulheres-enfermeiras o fazem num exercício reflexivo das suas próprias experiências pessoais e das situações em que vivenciam nos espaços de saúde e de formação. Foram encontrados também enunciados que apontam uma análise crítica sobre aspectos que influenciam no direito e no acesso da população à saúde, portanto a identificação de iniquidades em saúde.

As desigualdades resultam em iniquidades em saúde – diferenças sistemáticas no estado de saúde de diferentes grupos populacionais – e conduzem ao debate acerca da justiça social. Defende-se uma abordagem crítica e feminista de justiça social que conduza enfermeiras a enfrentarem condições que levam a iniquidades em saúde, envolvendo não apenas o acesso a serviços de saúde, mas também a recursos sociais e opressões institucionalizadas (PAULY; MACKINNON; VARCOE, 2009).

O reconhecimento das condições de vida e trabalho é uma expressão de saber sociopolítico-emancipatório e pode se conformar como um importante meio de superação das desigualdades existentes, já que tal padrão de conhecimento está atrelado a produção de intervenções sociais orientadas à equidade (PERSEGONA, *et al.* 2009).

Nas narrativas foram encontradas denúncias de formas comuns de ofertar o cuidado em saúde/enfermagem, consideradas opressoras, silenciadoras, inadequadas e danosas, sendo encontradas marcas de discursos essencialistas, fronteiras e regimes de verdade, reprodução de sistemas disciplinares e tendências de irreflexividade pelos trabalhadores. Foram ainda mencionadas atitudes de racismo institucionalizado em práticas de saúde.

No campo de saúde das mulheres são encontradas práticas gerencialistas de gestão e cuidados, com raras oportunidades de a vida das mulheres aparecerem no centro do debate, em um movimento de elaboração das políticas de cuidado à saúde reprodutiva da mulher em resposta à lógica econômica neoliberal (OLIVEIRA; MARÇON, 2019). De modo complementar, é mencionada a existência de práticas em saúde marcadas por objetivação do outro, fragmentação do corpo humano, especialização dos saberes, distanciamento e não reconhecimento das singularidades e intermediação tecnológica das relações (LUCENA; PAVIANI, 2017).

Destaca-se o discurso emergente presente na narrativa de Mira, ao associar práticas repressoras de Enfermagem à conformação histórica da profissão, atrelada ao colonialismo, havendo uma compreensão dos efeitos colonialistas e racistas no cuidado exercido. O compromisso da enfermagem com a justiça social é baseado em esforços na prática, educação,

pesquisa, política, governança e liderança. Esses esforços exigem o reconhecimento da branquidade e do colonialismo na enfermagem e na prática transformadora para promover a equidade na saúde (VALDERAMA-WALLACE; APESOA-VARANO, 2019).

Portanto, a partir de referenciais interseccionais e diante da formação étnica brasileira, é preciso ampliar e incluir a discussão sobre o racismo institucional nas práticas de saúde como componente essencial das discriminações sofridas pelos sujeitos em seus itinerários em busca de atenção e cuidados em saúde (BRANDÃO; ALZUGUIR, 2019).

Ainda sobre os modos de ofertar saúde, os dados produzidos revelam uma importância dada ao domínio de assistência direta ao paciente e visão restritiva da atuação da enfermagem relativa aos aspectos administrativos e procedimentais. Mira crítica a valorização dos procedimentos em detrimento de questões humanas e filosóficas. Nesse sentido, encontrei também enunciados da distância entre ciências humanas e da saúde na conformação de saberes da enfermagem. Tais aspectos parecem apontar para uma superutilização de conhecimentos de Enfermagem categorizados em um padrão empírico:

O conhecimento empírico tende a ser o mais utilizado e enfatizado pela enfermagem, pelas próprias características e necessidades de organizar as ações de cuidar de acordo com os fenômenos de interesse dos enfermeiros. Porém, a utilização isolada parcela o saber, o fazer e o pensar que a ciência de enfermagem exige (PERSEGONA, *et al.*, 2009, p.650).

Tal discussão está estreitamente relacionada ao conceito de saúde doença e, conseqüentemente, o que se espera enquanto prática de intervenção na saúde/doença. O conceito de saúde presente na Carta de Ottawa de 1986 foi um marco para o extrapolamento do corpo físico, inclusão do contexto social, ambiental, político e econômico. Mas, as práticas cotidianas de saúde continuam endereçadas a uma assistência em prol da queixa-conduta. A enfermagem acompanha essa tendência e continua realizando seu trabalho em decorrência da clínica do corpo, da qual o médico é o protagonista (DAL PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006).

Nas entrevistas encontrei denúncias da sobrevalorização da figura médica e da soberania de conhecimentos hegemônicos, em detrimento de conhecimentos locais e dos demais profissionais da saúde. Apresento estes dois dados concomitantemente uma vez que a medicina é o braço mais antigo da área da saúde, sendo tratada como uma ciência consolidada, enquanto a enfermagem é uma ciência humana prática que se profissionalizou em um tempo bem mais recente. O descompasso entre o valor dado a cada uma das profissões foi mencionado pelas participantes desde a inserção nos cursos superiores, quando há uma concorrência para o curso de medicina, enquanto a entrada na enfermagem se dá por acaso, como um caminho possível.

Lunardi (1993), em um resgate histórico, conta que na transformação dos hospitais enquanto estruturas terapêuticas, e não mais locais de relegar moribundos como anteriormente, o saber médico se destinava à recuperação dos doentes, com especial dedicação ao que os cercam - o ar, a água, o ambiente, a temperatura e a alimentação:

Neste novo espaço, medicalizado e disciplinado, observam-se mudanças também na estrutura de poder, onde o lugar antes ocupado pelo pessoal religioso, no topo da hierarquia administrativa, passa a ser preenchido pelo médico, o novo detentor do saber (LUNARDI, 1993, p. 290).

Acerca dos aspectos das disciplinas percorridos por Foucault como arquiteturas, funcionais e hierárquicos, McLaren (2016) analisa o lugar do médico no topo da hierarquia do elenco de assistentes da saúde. Afirma que esse *locus* é reforçado por sua ocupação do final da cadeia de processos da saúde e pelo seu papel de especialista em interpretar resultados.

A hegemonia médica também foi expressa em dados relativos a diferenças de atribuições, salários e participação em decisões, com enunciados que demonstram determinismo e naturalização do poder médico. A subordinação da enfermagem à medicina pode ser identificada em termos dos estratos sociais que a compõem, do prestígio e, sobretudo, da remuneração recebida (LOMBARDI; CAMPOS, 2018).

Também o conhecimento científico foi tratado como um conhecimento hegemônico, inclusive as próprias participantes o utilizam para legitimar seus discursos ao longo das narrativas. Muitos discursos proferidos nos espaços de participação social se sustentam no embasamento científico, teórico, empírico, com intertextualidade de poesias, verbetes, dados históricos e epidemiológicos, citação de órgãos de governo e legislações.

Enquanto isso, o saber dos movimentos locais foi apontado como local e por isso desvalorizado. Sobre a desvalorização dos saberes locais, Foucault denomina esse tipo de saberes que foram excluídos e desqualificados historicamente como ‘subjugados’ e afirma que aqueles que servem de fonte para tais saberes estão frequentemente às margens da sociedade (MCLAREN, 2016).

A verdade é entendida como uma construção, uma fabricação. O sujeito do enunciado busca se valer da existência acumulada de competências, saberes, instituições e normas que dão condições legais e fixam limites a uma dada prática e experimentação do saber. A interdiscursividade busca conferir legitimidade aos discursos pelo campo científico. Nesse sentido, algumas vozes têm o direito de enunciar a verdade e de fazê-la proliferar e os conceitos deixam rastros ao longo do tempo, mas vão sendo gradualmente substituídos (FOUCAULT, 1996; BATISTA, 2018).

Tais apontamentos sobre as práticas de cuidado ofertadas consistem em um convite à mudança no saber-fazer-cuidado de enfermagem e os discursos encontrados parecem ser um exercício daquilo que temos tratado como (des)cuidado, uma negação à forma de cuidado historicamente realizada. Aqui se destaca a expressão de saberes emancipatórios, de modo que estão incluídos também, além da capacidade de ser consciente, realizar reflexão crítica sobre as vias e finalidades que levaram ao cenário social, cultural e político, agir para reduzir/eliminar desigualdades e injustiças (CHINN; JACOBS-KRAMER, 1995).

Neste estudo destaco a dimensão filosófica e o cuidado enquanto prática social, envolvendo questões antropológicas, históricas e sociais dos sujeitos cuidados e cuidadores; e por isso muito relacionado ao padrão sóciopolítico de conhecimentos, aquele que permite adotar uma postura crítica sobre o contexto prático em prol do futuro da saúde e da profissão. O caráter da profissão – “[...] convergente, múltiplo, heterogêneo, conflitivo, ambivalente, afetivo e socialmente relevante, projeta uma infinidade de competências sócio-políticas” (DAL PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006, p.86).

Nas narrativas, destacou-se a defesa do SUS como fio condutor para adesão as demais pautas de luta e como uma atividade cotidiana. Historicamente o movimento feminista brasileiro esteve envolvido em debates sobre o direito à saúde, na reivindicação de um sistema público que tivesse a participação de mulheres em sua formulação e implementação (BIROLI, 2018).

A contribuição da Enfermagem para a reorientação do modelo assistencial no Brasil é expressiva, possivelmente a mais substantiva dentre os trabalhadores da saúde, devido a presença maciça de trabalhadores da Enfermagem em todos os níveis de atenção do SUS, com destaque para a capilaridade da Atenção Básica:

Mesmo onde não há médicos e outros profissionais de saúde, existem enfermeiras, técnicos e auxiliares de Enfermagem; e não de modo transitório, até que consigam outra posição, mas de forma permanente e contínua, assumindo o cuidado a famílias, grupos sociais e coletividades, especialmente os mais vulneráveis, que contam unicamente com a rede pública de serviços do SUS (OLIVEIRA; SILVA, 2018, p.749).

Ademais, o reconhecimento de fatores que influenciam no direito à saúde reflete um entendimento político, o que pode ajudar a mobilizar grupos para abordar o acesso a recursos necessários para a saúde e defender reformas na política de saúde e/ou práticas institucionais (PAULY; MCKINNON; VARCOE, 2009).

Por sua vez, o cuidado diferenciado, que consiste em uma prática política implicada pelos aprendizados com os movimentos sociais e feministas, é apontado como atrelado a dimensão ampliada de saúde, com disposição de encarar embates discursivos; resultante de

elaboração e reflexão voluntária, do exercício de consciência do meio e das estruturas sociais que conformam o mundo; aberto a coletividade, promotor de redução de assimetrias de poder e da criação de redes. Tais características se contrapõem a aspectos comumente mantenedores/produtores de desigualdades – dimensão restritiva de saúde, silenciamentos/submissões, alienação, opressões, individualismos, manutenção de hierarquias e fuga de embates.

A consciência do meio influenciando e sendo influenciado pelos movimentos sociais é um importante dado, do ponto de vista dos processos de subjetivação. A subjetivação encontra-se no intermeio entre subjetivo e objetivo, individual e institucional. Portanto, enquanto margem de manobra ou de liberdade, a subjetivação é tanto mais importante quanto o indivíduo esteja mais consciente da real natureza das relações que o determinam (BERT, 2013).

Como mencionado na categoria anterior o cuidado de si envolve prática de si e prática social, englobando um conjunto de experiências e técnicas, um trabalho sobre si de elaboração do sujeito (BERT, 2013). Foucault alerta que “ocupar-se de si não é uma sinecura” (FOUCAULT, 1985, p.71), ou seja, é importante que tenha todo um processo de elaboração e reflexão, um trabalho diário de persistência. Nesse sentido, destaco resultados em torno das afetações da cuidadora no cuidado ofertado, marcado por práticas com amorosidade, pertencimento e empatia (colocar-se no lugar do outro).

Na dimensão de cuidado enquanto prática social faz parte da essência profissional observar o que está em volta, “[...] ver o que não está explícito a olho nu ou palpável e reconhecer que os fenômenos em saúde evidenciam o poder de alcance das experiências humanas, o que, de fato, dá significado à vivência do indivíduo” (SALVIANO *et. al.*, 2016, p. 1244). Nessa perspectiva, o trabalho da enfermagem consiste em reduzir riscos, orientar, educar, formar, informar, fomentar a participação social na elaboração de políticas públicas e participar dos processos de autocuidado, considerando sujeitos que são abertos, ecológicos, em equilíbrio, com capacidade de cuidar de si: autoeco-organizadores (SALVIANO, *et al.*, 2016; QUEIRÓS, 2014).

A prática profissional da enfermagem também pode ser analisada sob o prisma foucaultiano de que não existe outra via para o desenvolvimento ético do cuidado de si senão mediada pela relação com o mestre. Cabendo ao educador (ou cuidador) promover a construção de experiências-limite que emergem como tarefas de subjetivação, visando sair de si mesmo, no intuito de não ser mais o mesmo (SANTOS; SILVEIRA; SILVA, 2016).

Apesar desses dados produzidos, em torno de uma compreensão de mundo e da discussão realizada, sobretudo na categoria anterior acerca da subjetivação das mulheres-enfermeiras, não identifiquei discursos em torno das implicações de um conhecimento de si (enquanto cuidadora) sobre o cuidado. Esse resultado é contrastado com um dos padrões de conhecimento importantes para o exercício de enfermagem que é o padrão pessoal, importante do ponto de vista de reciprocidade com o ser cuidado.

Nos resultados foram encontradas críticas ao fato das práticas de saúde e do cuidado poderem ser esvaziados do caráter político. Em um nível macrosocial Pine (2013) aponta que há uma estreita relação entre prática de enfermagem e formas de governo. Já no nível microssocial, da dimensão de participação política no processo de trabalho da enfermagem, encontramos indicativos de que a promoção de práticas equânimes é pouco exercitada. Silva e Oliveira (2020) discorrem sobre esse desafio:

As questões que envolvem a equidade são apaixonantes e ao mesmo tempo polêmicas, porque mexem com valores, autoestima, preconceitos, sentimentos de superioridade e de inferioridade. Por outro lado, as que a tratam como política são desafiadoras, pois desenvolvem a capacidade de pensar criticamente, produzir mudanças; também desmotivadoras e escusas, mas necessárias no processo de construção do Estado Democrático de Direito. É no campo da participação política que são forjadas as diretrizes para reduzir as desigualdades, na formulação das políticas de promoção da equidade (SILVA; OLIVEIRA, 2020, p. 4).

Desse modo, além da dimensão formal/técnica do cuidado, é necessária a face política, que questiona e desconstrói sistematicamente as assimetrias de poder, tornando-as mais democráticas e inclusivas, alargando coletivamente as chances e oportunidades cidadãs. Portanto, o cuidado é dotado de um potencial político de impulsionar sujeitos críticos, numa prática que permita novas possibilidades de existência do ser cuidado e da cuidadora (PIRES, FONSECA, PADILHA, 2016).

Nas entrevistas também encontrei a possibilidade de afetação dos movimentos sociais sobre o cuidado pela condição de praticá-lo nos espaços de participação social. Maria demarca que esse modo de cuidado da socialização dos movimentos é vinculado a uma dimensão ampliada de saúde, que considera a diversidade das pessoas e é baseado na lealdade, no respeito e no apoio. Relata que esses aprendizados são transladados para promoção de práticas assistenciais e docentes diferenciadas, aspectos apontados como importantes para sobreviver em espaços considerados “estéreis”.

Assim, sobre a concretude das ações, é importante perceber que Foucault defende a atitude histórico-crítica, mudanças sociais e políticas, mas de modo específico e local:

Ele acredita que os ideais humanistas de liberdade e verdade são questionáveis e que as soluções globais que são abstratas e universais podem servir para dominar em vez de libertar, subvertendo o próprio objetivo que defendem (MCLAREN, 2016, p. 65).

O campo de atuação da saúde mental foi apontado como um local-vitrine para práticas de cuidado diferenciadas, pela permissividade e seu aspecto convidativo para execução de atitudes apontadas como promissoras, tais como práticas artísticas, leitura política e comportamentos de resistência. Mas, relacionado ao ambiente da saúde mental, também foram apontados outros potenciais aprendizados que engrandecem as práticas de cuidado: executar papéis exclusivos da enfermagem (como a consulta de enfermagem), reduzir assimetrias de poder entre usuários e profissionais e desmistificar construções prévias (como a conotação social do sofrimento mental). Melo *et al.* (2016) apontam que os campos de atuação da saúde mental e obstetrícia guardam potencialidade de atuação da enfermagem com maior grau de autonomia.

O campo de atuação da saúde mental também se destacou durante a observação-participante da pesquisa, com ênfase para uma regularidade em torno das dimensões envolvidas na reforma psiquiátrica, com tratativas em torno da concepção de saúde/sofrimento mental. De modo similar, estudo desenvolvido na Bahia, demonstrou que fundamentos teórico-conceituais da reforma psiquiátrica brasileira foram apreendidos por gestores, profissionais e usuários implicados com a saúde mental. Entretanto, os achados daquele estudo demonstraram que as concepções abrangentes foram relativizadas e minimizadas diante do cenário de difícil operacionalização na prática cotidiana dos serviços (SAMPAIO; BISPO JUNIOR, 2021).

Nas entrevistas, em relação ao espaço-tempo em que as narrativas ocorrem, encontrei grande dedicação em relatar fatos da época de graduação. Além disso, a versão feminista de si encontrada esteve frequentemente associada a formação em Enfermagem, sendo a universidade tratada como local de expansão de horizontes e abertura à diversidade. Desta forma, parece haver uma relação entre o ativismo social e político e o período de formação acadêmica, em especial nas universidades públicas com suas atividades afins. Mas, para isso, as participantes mencionam que é preciso considerar que as oportunidades da universidade não se resumem ao estudo formal das disciplinas curriculares.

Dal Pai, Schrank e Pedro (2006) demarcam o papel da formação para desenvolvimento da competência sociopolítica do enfermeiro, pelo desenvolvimento de um pensamento crítico, participativo e transversal das diversas áreas do saber, participando de atividades acadêmicas que envolvam questões sócio-políticas. Nesse sentido, os autores afirmam que:

[...] pertence também aos formadores a tarefa de relacionar saberes, práticas e as consequências da profissão para a saúde, para a qualidade de vida e, principalmente, para o desenvolvimento de uma prática sócio-política, refletindo sobre a teoria e a prática, compreendendo-as de modo desafiador na busca pela criticidade e

criatividade do enfermeiro como ser participante na estruturação social e política das práticas de saúde (DAL PAI; SCHRANK; PEDRO; 2006, p.86).

O desenvolvimento de competência fundamentada em valores ético-políticos na formação do enfermeiro deve ser subsídio para que possa atuar em esferas assistenciais, gerenciais e educacionais, colaborando na construção das políticas de saúde. Para isso compreende-se que formar profissionais da saúde é, acima de tudo, formar cidadãos competentes tanto na esfera ética quanto na política, que reconheçam os determinantes do processo saúde/doença e compreendam que a promoção da saúde é resultado de ações articuladas entre governo e instituições de saúde, instituições de ensino e população (SANTOS; ADORNO ARAÚJO, 2008).

É importante considerar que o governo de si causa um impacto essencial na produção de subjetividades, onde a abertura para a alteridade de novas experimentações pode possibilitar o deslocamento de subjetividades (SANTOS; SILVEIRA; SILVA, 2016). Essa abertura propiciada pela pesquisa desenvolvida permitiu extrair aprendizados para a forma como pensamos e ofertamos cuidado.

Assim, diante da observação em campo e entrevistas narrativas realizadas, encontrei linhas de fuga que podem ser adotadas como convite a mudanças nos saberes e práticas da Enfermagem. Tais aprendizados foram organizados nas seguintes premissas: permitir espaço e conviver com a diferença, entendendo que normas precisam ser questionadas, embates precisam ser fomentados e enfrentados; entender que toda postura assistencial/técnica é também política, o cuidado é político; entender que ofertamos e produzimos saberes e práticas situados, enquanto seres com identidade de gênero/orientação sexual, raça/cor, classe social, características geracionais; desenvolver um olhar crítico e histórico sobre os fenômenos, repensando racionalidades impostas e definindo modelos de cuidado que valem a pena ser defendidos; e ocupar os espaços públicos com o entendimento de que são espaços de poder nos quais é preciso enfrentar discursos permanentes e danosos para as mulheres e para a sociedade.

Participação social e implicações para a profissão de enfermagem

Em relação ao nível de conhecimento sociopolítico que trata do contexto social da enfermagem enquanto prática profissional, foram encontrados enunciados da percepção de aspectos da conformação social da enfermagem e os efeitos de desvalorização da profissão. Todavia, também foram apresentadas estratégias potenciais de emancipação da enfermagem.

Sobre a conformação social da enfermagem foi mencionada a existência de um estereótipo ideal de enfermeira, havendo reconhecimento da relação entre as opressões vividas na profissão e as questões de gênero, raça/cor e renda.

A história da enfermagem brasileira se inicia no período colonial, não como uma profissão, mas como uma atividade de cuidados prestados em especial por escravos que se encarregavam dessas atividades. Diante da necessidade de acompanhar as sinhás em parto, as escravas foram incluídas na atividade de cuidado e a obstetrícia foi o primeiro ramo ou especialidade da enfermagem a possuir um curso formal no país. No século XX timidamente iniciaram as atividades de escolas de enfermagem e, com o advento da 1ª Guerra Mundial, as escolas práticas de enfermeiras (WERMELINGER; VIEIRA; MACHADO, 2016).

No período moderno a profissão se constituiu como coadjuvante da prática médica e *loco* instituída em contextos hospitalares. No modelo educacional historicamente exercido e conduzido por influência anglo-americana, havia o ideal de comportamento de uma “boa enfermeira”, com o objetivo de disciplinamento das trabalhadoras e de suas tarefas (LUCENA; PAVIANI, 2017). Ainda hoje, o caráter feminino da profissão é atrelado à manutenção de condições inadequadas de trabalho e baixa valorização profissional: “[...] a recompensa tende a ser inferior nas profissões majoritariamente femininas, onde o trabalho não é considerado economicamente produtivo” (GASTALDO; VIEIRA, 2020, p. 3).

A enfermagem como trabalho feminino, somado ao fator anteriormente debatido de submissão a profissionais médicos, sendo um trabalho auxiliar, gera uma equação que empurra o *status* social para baixo (LOMBARDI; CAMPOS, 2018). Nesse sentido, foi mencionado pelas entrevistadas baixo reconhecimento social e financeiro e distanciamento da tomada de decisões.

Ainda que estes dados demonstrem entraves para o avanço da profissão, os discursos encontrados em relação à prática profissional, sua influência social, histórica e política são expressões de conhecimento sociopolítico-emancipatório e pela repetição poderão se multiplicar, do ponto de vista da prática discursiva.

Para reverter esse cenário, a participação política da enfermagem é posta em discussão. Nas entrevistas o discurso de ocupar locais de poder e conhecer os direitos próprios se mostrou como uma regra, aquilo que se pode dizer e diz com fluidez. Entendendo ativismo como um esforço consciente e robusto para alcançar a mudança, Florell (2021) destaca que as primeiras lideranças da enfermagem, como Florence Nightingale, Lillian Wald e Margaret Sanger, acreditavam não apenas no conceito de ativismo, mas na importância de identificar as questões e tomar medidas para facilitar mudanças nos cuidados de saúde.

Todavia, como num refrão, uma das participantes afirmou em sua narrativa que a Enfermagem enquanto categoria é desorganizada, inerte, fragmentada, não percebe a importância e não se organiza como classe. Ademais, denunciou a baixa representação parlamentar da enfermagem. De modo similar, ao contrário do que eu esperava, durante a observação-participante dos eventos acompanhados, não encontrei a Enfermagem ou enfermeiras explicitamente. A maioria dos movimentos encontrados não era do campo da saúde, nem havia organizações formais da Enfermagem. Esse dado foi encontrado mesmo com pessoas influentes afirmando que possuem enfermeiras envolvidas com movimentos feministas. Portanto, diante das pautas debatidas, que tem forte impacto na saúde da população, o setor saúde parece não ser protagonista nos espaços de participação social observados.

A Enfermagem parece estar ausente nas posições de poder que garantem as decisões sociais, sendo que dentre estas, é imprescindível que o enfermeiro atue nas relacionadas à saúde (DAL PAI; SCHRANK; PEDRO, 2006). Também uma revisão integrativa apontou baixo envolvimento de enfermeiros na elaboração de políticas, com necessidade de defender seu legítimo lugar nos fóruns políticos, encorajá-los a trabalhar como decisores políticos em vez de implementadores acríticos (RASHEED; YOUNAS; MEHDI, 2020).

Sobre os espaços formais de organização da profissão as entrevistadas apontam que os conselhos, associações e sindicatos de enfermagem deveriam atuar juntos, mas estão desarticulados e possuem fragilidades. Ademais, há tensões discursivas sobre estes espaços/locais de inserção política da enfermagem, com interdições e raridade na abordagem da temática. Esse resultado pode estar relacionado com o perfil de movimentos acompanhados, ou mesmo de enfermeiras entrevistadas. Todavia, organizações profissionais de Enfermagem oferecem uma poderosa oportunidade para que ativistas de enfermagem falem coletivamente (FLORELL, 2021).

Em estudo que analisou as dimensões de desigualdades sociais nos discursos de entidades representativas da enfermagem brasileira, apesar de haver reconhecimento do quanto a profissão é afetada pelas desigualdades, não foi encontrada defesa explícita de mecanismos para a sua superação, sendo acionadas poucas estratégias textuais de persuasão e convocação da classe (SILVA, *et al.*, 2021). Também no estudo de Pine (2013), acerca dos impactos de um golpe de Estado sobre enfermeiras e profissionais hondurenhas, a atuação de enfermeiras nos movimentos sociais se mostrou marcada pelo abandono de modelos de identidade baseados na profissão.

É importante mencionar também os enunciados de que o cuidado é costumeiramente associado a ações de caridade, domésticas e instintivas para mulheres, com divergências nas expectativas em relação ao cuidado ofertado por homens e por mulheres, em termos de confiança, saber cuidar e saber aprender. Tal caráter doméstico do trabalho da enfermagem faz com que este ganhe visibilidade apenas quando não executado. Ademais, uma das participantes mencionou que historicamente ícones da Enfermagem geraram empecilhos para a organização coletiva da profissão.

Assim há uma necessidade de reivindicar o saber-fazer-cuidado de enfermagem como um trabalho e um bem em prol da justiça social, em especial em uma época de primazia do material e do econômico. É preciso superar o ideal da enfermagem como um trabalho “altamente humanitário”, o que manteve a profissão associada à sua origem nas congregações religiosas e à ideia de tratamento como carinho e caridade. Tais fatores dificultam o desenvolvimento da profissionalização, relegando para segundo plano as relações e condições do trabalho de prestação de serviços de saúde (LOMBARDI; CAMPOS, 2018).

Diante do contexto apresentado e como um aprendizado junto aos movimentos sociais, foi apontada a necessidade de adoção de uma visão classista e feminista para percepção de relações de poder/saber no trabalho em enfermagem e adoção de formas de escape. Nesse sentido, foram feitas críticas à divisão técnica do trabalho, que acentua a hierarquização interna na categoria profissional.

Por volta de 1940, a escassez de profissionais diante da demanda da sociedade, o fato do preparo ser dispendioso e demorado, somado com a falta de capacidade do sistema formativo da época para titular tantos profissionais, eram justificativas adotadas para a formação de auxiliares de enfermagem no Brasil. Igualmente, para tentar conter tensões entre enfermeiras diplomadas e aquelas que exerciam a enfermagem de forma leiga ou haviam sido formados em locais sem reconhecimento de ensino padrão, foram criados e mantidos por diversos anos os exames de qualificação para auxiliares de enfermagem e parteiras práticas (WERMELINGER; VIEIRA; MACHADO, 2016).

Assim, na década de 1950 havia quatro categorias profissionais atuando na enfermagem: Enfermeiro Diplomado, Auxiliar de Enfermagem, Enfermeiro Prático Licenciado e Prático de Enfermagem. Contudo, não havia uma organização em equipe, dada a ausência de hierarquia definida entre essas quatro categorias e de trabalho solidário entre elas; a relação era de competição por reserva de mercado. Mesmo com restrições aos auxiliares e práticos de enfermagem, das quais cito a impossibilidade de filiar-se a Associação Brasileira de Enfermagem, proliferaram os cursos de auxiliares de enfermagem, em resposta a insuficiência

numérica de egressos de escolas de enfermagem (WERMELINGER; VIEIRA; MACHADO, 2016).

Apenas após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1962, passou a ser possível a formação de técnicos de enfermagem, uma vez que foram definidos três níveis de ensino no país, possibilitando a formação profissional no segundo grau. Deste modo, foi criado em 1966 o primeiro curso técnico de enfermagem no Brasil, sendo mantida a possibilidade de formação de auxiliares de enfermagem com exigência apenas do ensino fundamental (WERMELINGER; VIEIRA; MACHADO, 2016).

Na atualidade, mantida a formação de técnicos e findada a possibilidade de formar auxiliares de enfermagem, mais de 70% da força de trabalho da enfermagem no Brasil não possui curso superior, o que difere muito do cenário mundial (OMS, 2020). Lombardi e Campos (2018) mencionam uma bipolarização, o mesmo sexo, mas trabalhos diferentes:

Se há uma inegável homogeneidade feminina em termos de composição dos quadros, há também uma heterogeneidade em relação ao tipo de mulher e ao tipo de trabalho que cada uma desempenhar nesse vasto universo laboral. Entre cuidar de feridas e fluidos humanos, instrumentar numa cirurgia ou administrar o material e os medicamentos de uma unidade hospitalar, por exemplo, há muita diferença. (LOMBARDI; CAMPOS, 2018, p. 32).

Assim, o saber de enfermagem, que desde os primórdios podia ser de domínio de práticos, auxiliares e técnicos, “[...] estava restrito à capacidade de desempenhar tarefas e procedimentos resultantes da prescrição médica, sem nenhuma elaboração de princípios científicos” (WERMELINGER; VIEIRA; MACHADO, 2016, p.143). Este aspecto conforma a divisão técnica do trabalho não somente dentro da categoria profissional, mas também a divisão entre médicos e não médicos.

Melo *et al.* (2016) relacionam esse contexto com o modelo biomédico hegemônico - médico centrado, hospitalocêntrico, focado na doença e na atenção individual - que impacta no processo de trabalho em saúde e restringe a autonomia técnica da enfermeira, o que tem direta relação com a valorização do trabalho e da profissão. A autonomia profissional se dá pela legitimidade técnica e social do saber que fundamenta a ação e o poder de decisão do profissional na execução do seu trabalho. De modo que a situação de restrição de autonomia impõe a enfermeira “[...] a venda da sua força de trabalho ao capital, atendendo às exigências de quem a emprega e também aos determinantes sociais do seu trabalho, com destaque para a reestruturação produtiva e a precarização do trabalho” (MELO, *et al.*, 2016, p.s/n).

Apesar de muitos avanços na enfermagem no cenário nacional e internacional, em especial em relação a consolidação científica, observa-se que ideologicamente pouco se avançou, restando concepções de servir, vocação, submissão e caridade entre muitos dos

agentes da enfermagem e, especialmente, na percepção da sociedade. As divisões técnica e social permanecem, com problemas como a indefinição das atribuições de cada uma das categorias que compõem a enfermagem e proliferação de novos profissionais vinculados ao trabalho da enfermagem, como cuidadores e agentes comunitários de saúde. Isso se fortalece através da reprodução consciente ou inconsciente dessa ideologia no ensino, na pesquisa e na assistência em enfermagem (DUTRA, 2016).

Como modo de reverter esse contexto, observa-se na enfermagem uma busca por especializações e a ênfase naquilo denominado como “Práticas Avançadas de Enfermagem”. Tais estratégias foram criticadas por uma das participantes do estudo que considera que elas reforçam a hierarquização na profissão.

Uma das práticas avançadas mais conhecidas é a prescrição de medicamentos. Melo *et al.* (2016) analisam essa prática como limitada, em termos de autonomia profissional, uma vez que há o limite do ato prescritivo, por ser uma conduta embasada em análise e decisão dentro dos parâmetros estabelecidos em protocolos, o que não garante intervir nos problemas que ultrapassam os limites dos protocolos. Ademais, as práticas avançadas tem acentuado a sobrecarga de trabalho da enfermagem que continua acumulando as tarefas rotineiras (MELO *et al.*, 2016).

Uma das participantes apresentou indicativos de leitura acerca dos efeitos do neoliberalismo, privatizações e terceirizações sobre os corpos de trabalhadoras e trabalhadores da enfermagem. No contexto da enfermagem há o risco de uberização das relações de trabalho, fenômeno encontrado também em outros contextos e profissões. São exemplos de características deste processo: a disponibilidade diuturna do profissional para o trabalho (trabalhador *just-in-time*), a responsabilidade de adquirir os próprios equipamentos de proteção individual e a remuneração por hora trabalhada (SOUZA, *et al.*, 2020).

No contexto da pandemia de COVID-19 a enfermagem se destacou, dentre todos profissionais da saúde que atuaram de frente na crise sanitária, por assumir o cuidado integral às pessoas infectadas, medidas de prevenção e práticas de educação e gestão em saúde. Diante de tal contexto a saúde das(os) trabalhadoras da saúde foi afetada com números desastrosos, acentuando as desigualdades as quais a categoria é submetida em sua trajetória histórica. Há urgência na elaboração de políticas de reparação que perapassem piso salarial, jornada de trabalho, concursos públicos, ações efetivas da Política Nacional de Saúde do Trabalhador e Trabalhadora, ambiência no trabalho e dimensionamento das equipes (GANDRA *et. al*, 2021).

Além disso, aponta-se como fundamental construir e apropriar-se de conhecimentos que sejam próprios ao campo da enfermagem, para mudar o contexto de limitação de autonomia e precarização do trabalho. Destaca-se que:

[...] a promoção da saúde é uma estratégia importante para ampliar a autonomia profissional da enfermeira, pois projeta seu trabalho para além dos limites impostos pelo trabalho médico e aproxima o processo de trabalho em enfermagem à promoção da vida. Não se pode deixar de dizer que a promoção da saúde é um campo que possibilita às enfermeiras construir um saber próprio, de modo a ressignificar o seu processo de trabalho e ampliar as fronteiras da sua autonomia profissional (MELO, *e. al.*, 2016).

Ademais, como tratado anteriormente, o campo da saúde mental e obstetrícia dão maior abertura para a autonomia das enfermeiras. A Reforma Psiquiátrica e o Movimento Antimanicomial, por exemplo, são campos em que novos saberes e práticas podem ser desenvolvidos, o que vai exigir o desenvolvimento de pesquisas na direção da construção de práticas singulares no cuidado às pessoas e suas famílias (MELO, *et al.*, 2016).

Diante dos resultados e discussão apresentados, destaco que os espaços e meios de participação social se constituem como estratégias que fomentam o acionamento dos saberes sociopolíticos-emancipatórios na Enfermagem, que perpassa os outros domínios de saberes na enfermagem. Não havendo pretensão de valorar apenas um padrão como exclusivo ou superior, o que poderia restringir a capacidade de evolução da ciência de enfermagem (PERSEGONA, *et al.*, 2009).

Tschudin (2003) enquanto editora da Revista *Nursing Ethics*, a partir de uma análise das tendências de publicações recebidas ou encomendadas na referida revista, discute o que denomina como ‘voz política da Enfermagem’, necessária especialmente no cenário denominado, àquela época, como futuro. A autora aponta alguns elementos/ações que precisam ser desenvolvidas pela Enfermagem, dos quais destaco: (i) pressionar as organizações nacionais de Enfermagem para serem ativas nas questões nacionais de saúde; (ii) aproximação com as mídias locais com foco nas preocupações de saúde situacionais; (iii) pressionar os membros do parlamento sobre questões nacionais; (iv) ser eleitos em comissões locais de gestão, ética, recursos, finanças; (v) investigar questões de importâncias globais, tais como doenças infecciosas, pobreza, mal nutrição, violência contra as mulheres (e enfermeiras); (vi) enquanto estudantes se inserir em diferentes países e culturas, ampliando visões e reduzindo preconceitos; (vii) registrar preocupações em relatórios direcionados a pessoas capazes de geri-las; e (viii) questionar e compreender as razões das regras e desafiá-las se não forem úteis para os cuidados de Enfermagem.

Apesar dos discursos emergentes identificados ainda é dominante a ideia de que o envolvimento sociopolítico não consiste em prática de saúde ou da própria profissão. Por sua vez, Florell (2021) aponta que o ativismo de enfermagem é um conceito relativo a responsabilidades éticas da disciplina e do contrato social com a humanidade, sendo uma resposta necessária às desigualdades na saúde, uma responsabilidade social e uma via de promoção da profissão de enfermagem.

Sobre o campo de estudo, é importante mencionar que o ativismo de enfermagem é pouco diferenciado na literatura do engajamento de enfermagem e advocacia. Ademais, os artigos sobre ativismo de enfermagem são frequentemente escritos como editoriais ou chamadas à ação, em vez de artigos originais (FLORELL, 2021). Tais fatores podem ter dificultado a identificação de literatura acessória e mesmo a publicação dos materiais empíricos desta tese.

Ademais, no campo acadêmico da saúde/enfermagem, temos observado crescimento da demarcação da categoria gênero, mas pouca menção ao feminismo. Em uma oficina orientada pela epistemologia feminista para criação de um grupo de pesquisa em Enfermagem na área de saúde da mulher, no eixo de adoção do gênero como categoria analítica, participantes mencionaram que o feminismo na ciência e a presença da mulher na produção científica são elementos fundamentais e disparadores para a visibilidade e superação das desigualdades de gênero (FONSECA, *et al.*, 2012).

Assim, nos parece necessária uma atualização discursiva na Enfermagem sobre a qualidade política, tão importante quanto a qualidade técnica (PIRES, 2007). É preciso afirmar que espaços/meios de participação social são também práticas de saúde e que currículos e pesquisas precisam destinar espaço para a participação social, interfaces entre feminismo e saúde, feminismo e enfermagem.

Como vimos, há toda uma conformação feminina da enfermagem, com delimitação de papéis subalternos expressos na restrição da atuação nos campos de organização e gestão dos espaços privados e na desocupação de lugares de fala e poder. Assumir o campo do feminismo é assumir uma demarcação política contrária a essa conformação histórica e cotidiana. Do “estranhamento ao reconhecimento de potencialidades” significa deixar de arrepiar ao ouvir que é enfermeira-feminista e entender que a demarcação política é o que de fato é capaz de promover mudanças tão necessárias para as mulheres e a enfermagem:

As conseqüências potenciais e poderosas do ativismo de enfermagem incluem, interrupção do *status quo* como um passo essencial para um mudança [...] A conseqüência potencial mais importante do ativismo de enfermagem é alcançar justiça através da mudança social (FLORELL, 2021, p. 138).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões que ecoavam no desejo pulsante de pesquisar continuam ecoando, mas com outras profundidades e efeitos. A experiência da realização da presente pesquisa-interferência produziu importantes implicações de/sobre mim e o fenômeno. Os resultados e discussões produzidos são extensos e profundos, sendo resumidamente apresentados a seguir.

O **Capítulo 3** apresenta os resultados da revisão integrativa realizada, com destaque para a produção de práticas de si e práticas sociais a partir do envolvimento de mulheres com a participação social. Do ponto de vista das práticas de si, os trabalhos apontam para a subjetividade de cada mulher, o corpo feminino como peça-chave, a mobilização de aspectos privados, produção de vidas críticas e relações solidárias. Já em relação às práticas sociais, destacaram-se as influências no e do contexto macrosocial. A revisão, que busca o estado da arte da produção científica, contribuiu para o levantamento dos métodos mais utilizados em relação ao objeto de estudo.

Considerando o referencial metodológico adotado e descrito no **Capítulo 4**, **no Capítulo 5** são apresentados, em duas vertentes, os dados primários deste estudo: cenas narrativas provenientes da observação-participante e narrativas extraídas das entrevistas com mulheres-enfermeiras. A segunda vertente dos resultados foi apresentada em três formatos: *(i)* singularidade de cada entrevista, por meio de informes das narrativas; *(ii)* transversalidade das narrativas, em tirinhas de História em Quadrinhos, e *(iii)* transversalidade das narrativas por meio da apresentação da análise do discurso em trechos.

Por sua vez, no **Capítulo 6** – “Tecendo linhas entre a enfermagem e a participação social”, os dados produzidos são discutidos e alinhavados tendo como fio condutor os referenciais teóricos adotados.

Diante do referencial de participação social, novos movimentos sociais, militância, ativismo e feminismos, **no subcapítulo 6.1**, exploro o contexto e enredos dos encontros vivenciados, bem como o potencial de transformação social. Foi encontrada uma multiplicidade de movimentos e espaços de participação social, com forte atravessamento do aspecto virtual e autônomo de movimentações, diversidade de pautas, tendência de identificação das mulheres entre si e a conformação de um espaço amistoso e receptivo. A universidade se apresentou como impulsionadora para a inserção nos movimentos sociais, por seu potencial de promover expansão de horizonte, ser um local politizado e de realização de críticas a instituições de poder.

Nos eventos e entrevistas há um discurso comum que visibiliza desigualdades políticas, econômicas e sociais de gênero e demarca a luta pela mudança das condições vividas, por direitos e interesses das mulheres. As diversas formas de violência se configuram como uma pauta de (des)encontro entre as mulheres. Nos movimentos há espaço para o pensamento diverso, e a experiência com a participação social é repleta de embates discursivos, contrapondo identidades, princípios e teorias. Todavia, pontua-se que os enfrentamentos precisam ser feitos com amorosidade e humanidade, arquitetados do ponto de vista de educação popular.

Foram encontrados enunciados que demonstram profunda leitura da conjuntura política pelas mulheres e enfermeiras e consciência do meio e do papel de influenciá-lo, desenvolvidos, em especial, por exercícios de análise de conjuntura e demarcação de posicionamentos adotado pelas mulheres - contrárias à ditadura, ao fascismo e ao fundamentalismo, e a favor do Estado laico. Também há um forte caráter político, chamado incisivo a ocupar os espaços públicos e institucionais, a extravasar os muros dos movimentos, convocação para a cidadania e por ações concretas.

Foram encontradas interdições e raridades discursivas em relação à discussão entre religião e feminismo, pautas vinculadas aos direitos sexuais e reprodutivos, e o ativismo disparado no sentido de envolvimento com partidos políticos e eleições. Há momentos de captura dos movimentos sociais por jogos de verdade e por intentos de disciplinamento e exclusão. Ademais, foram feitas considerações sobre a resistência cultural à discussão política, bem como resistências e desentendimentos sobre o que é o feminismo.

No subcapítulo 6.2 o foco é dado aos resultados relativos às transformações de si (da pesquisadora e das enfermeiras que se inserem em movimentos sociais). Com suporte em referenciais de cuidado de si, processos de subjetivação/objetivação, ativismo de enfermagem, história da profissão e sujeito implicado, discuto a conformação das versões preferenciais de si como mulher posicionada no mundo-feminista e mulher-enfermeira no mundo-oprimida.

Estar posicionada no mundo demonstra consciência das opressões vividas associadas ao gênero e a profissão, o exercício de questionamentos e posicionamentos diante dos embates diversos; uma leitura de si mesma, das vivências pessoais e um implicar-se nos problemas sociais, com efeitos de ressignificação de si.

Já a versão de mulher oprimida é debatida diante da discussão sobre os processos de objetivação e jogos de verdade, tendo sido encontrada uma complexa rede de normas sociais em torno da subjetivação de mulheres-enfermeiras, com reconhecimento: (i) da vivência de desigualdades de gênero, classe e raça; (ii) de efeitos corporais de machismos, padrões de

beleza e exploração do trabalho feminino; (iii) do controle do corpo feminino, em especial no campo da sexualidade; e (iv) da relação entre opressões da enfermagem e gênero e raça/cor.

A coexistência de versões de si que parecem contraditórias e o processo de pertencimento gradual aos movimentos foram debatidos sob a compreensão da constituição dos sujeitos e construção de identidades, entendimentos de que o sujeito não é soberano, universal, autônomo, nem está dado.

Os corpos das mulheres (e o meu) se mostraram como peças-chave para a manifestação das experiências de subjetivação, seja como alvo de relações de poder e jogos de verdade, seja na expressão de contra-ataque. São apresentados exemplos concretos de resistência e escape feministas presentes nas narrativas e que compuseram parte dos meus esforços pessoais de “saída” de um estado atual no qual somos governados. Durante a pesquisa foi colocado em análise o lugar que ocupo, as práticas de saber-poder em torno do cuidado de enfermagem, seus efeitos de verdade, o que elas põem em funcionamento, com o que se agenciam. Assim, foram sendo produzidos agires transformadores, novos discursos e ações para o cuidado de enfermagem, incluindo o ambiente da gestão em saúde em que atuo.

Por fim, **no subcapítulo 6.3**, com suporte em referenciais de cuidado, saberes sociopolíticos-emancipatórios, ativismo de enfermagem e abordagem crítica e feminista de justiça social, discuto as implicações da participação social para o cuidado e profissão de enfermagem. Esse subcapítulo tem estreita relação com a terceira versão preferencial de si encontrada: enfermeira posicionada no mundo-cuidadora diferenciada.

Como expressões de saberes sociopolíticos-emancipatórios foram encontrados: o reconhecimento das condições de vida e trabalho das mulheres e enfermeiras, de fatores que influenciam no direito à saúde e a percepção de aspectos que influenciam na conformação social, histórica e política da enfermagem.

Foram encontradas também denúncias de formas comuns de ofertar o cuidado em saúde/enfermagem, consideradas opressoras, silenciadoras, inadequadas e danosa; e a existência de atitudes de racismo em práticas de saúde e sobrevalorização médica e de conhecimentos científicos. Importante mencionar também enunciados de desvalorização da profissão e de associação do cuidado a ações de caridade, domésticas e instintivas para mulheres.

Assim, nos discursos parece haver um exercício daquilo tratado como (des)cuidado, uma negação à forma historicamente realizada, valorizando ofertas diferenciadas. O campo da saúde mental se destaca por permitir executar papéis exclusivos da enfermagem, reduzir assimetrias de poder entre usuários e profissionais e desmistificar construções prévias.

Diante dos dados produzidos, as linhas de fuga encontradas e que podem ser adotadas como convite a mudanças nos saberes e práticas da Enfermagem foram organizadas nas seguintes premissas:

- (i) permitir espaço e conviver com a diferença, entendendo que normas precisam ser questionadas, embates precisam ser fomentados e enfrentados;
- (ii) entender que toda postura assistencial/técnica é também política pois o cuidado é político;
- (iii) entender que ofertamos e produzimos saberes e práticas situados, enquanto seres com identidade de gênero/orientação sexual, raça/cor, classe social, características geracionais;
- (iv) desenvolver um olhar crítico e histórico sobre os fenômenos, repensando racionalidades impostas e definindo modelos de cuidado que valem a pena ser defendidos; e
- (v) ocupar os espaços públicos com o entendimento de que são espaços de poder nos quais é preciso enfrentar discursos permanentes e danosos para as mulheres e para a sociedade.

Para reverter o contexto de desvalorização da profissão, a participação política da enfermagem é posta em discussão, de modo que ocupar locais de poder e conhecer os direitos próprios se mostrou como uma regra, mas aponta-se que a categoria é desorganizada, inerte, fragmentada, não percebe a importância e não se organiza como classe. Sobre os espaços formais de organização da profissão, as entrevistadas apontam que os conselhos, associações e sindicatos de enfermagem estão desarticulados e possuem fragilidades. Ademais, há tensões discursivas sobre estes espaços/locais de inserção política da enfermagem, com interdições e raridade na abordagem da temática.

Desse modo, foi apontada a necessidade de adoção de uma visão classista e feminista para percepção de relações de poder/saber no trabalho em enfermagem. Nesse sentido, são realizadas críticas à divisão técnica do trabalho, que acentua a hierarquização interna na categoria profissional e ao campo das práticas avançadas em enfermagem; além de denúncias sobre efeitos do neoliberalismo, privatizações e terceirizações sobre os corpos de trabalhadoras(es) da enfermagem.

Portanto, os movimentos sociais de mulheres se apresentam como dispositivos que simultaneamente disparam e se comportam como tecnologias do poder e tecnologias de si, permitem multiplicidades de discursos e de pautas, mas também participam de jogos de verdades, são regidos por regras discursivas, são capturados por interdiscursos; denunciam

efeitos do patriarcado, do capitalismo, do neoliberalismo, mas também possuem discursos interditados por estes sistemas e pelo conservadorismo e cristianismo.

Em uma balança provisória entre discursos permanentes e emergentes, se destaca o potencial da participação social de acionar e afetar corpos, politizar e criar vínculos, redes; importantes implicações para a produção do cuidado de enfermagem e a compreensão das bases sociais da profissão, na busca por valorização da enfermagem. O contexto social de vida e trabalho das mulheres-enfermeiras e a participação nos movimentos sociais (e feministas) foi capaz de acionar saberes sociopolíticos-emancipatórios e resultar em implicações na produção do cuidado de Enfermagem (um cuidado diferenciado, um modo de agir orientado para redução das desigualdades). Assim, **confirma-se a tese adotada no estudo**.

Acerca do modo de fazer pesquisa escolhido, ao nível de experimentação condizente com pesquisa-interferência, destaca-se a riqueza do percurso de pesquisa para a formação de enfermeiras-mulheres-pesquisadoras. Também a narrativa se mostrou como ferramenta adequada para o objeto de pesquisa pela possibilidade de trabalhar com as linhas de fuga feitas pelo *self* como uma entidade narrável. A vivência do campo e produção da tese contribuiu também para a formação enquanto pesquisadora, em um trabalho árduo, estando em jogo estar atenta, disponível e sensível aos acontecimentos, encontrar formas de registrar os acontecimentos, lidar com as múltiplas vozes em mim, minhas e das outras mulheres.

Relativo às **contribuições do estudo** para o campo da enfermagem, a participação social e o feminismo se apresentaram como espaços e estratégias necessárias para expandir a lente de quem trabalha na saúde. É importante viabilizar oportunidades nas quais trabalhadoras da saúde se aproximem da temática, quebrem *tabus* e vivenciem experiências próprias dos movimentos sociais e feministas. Acredito também no potencial de reconhecimento de elos de uma rede a se formar característico desses espaços e tipos de pesquisa, contribuindo para romper ou desestabilizar processos de alienação no trabalho e potencializar a inserção pública de mulheres pela profissão de Enfermagem, com retornos na redução das desigualdades de gênero na vida de cada uma, na profissão e para a sociedade.

Assim, os resultados da pesquisa se mostraram importantes para a produção de saberes e agires transformadores, em um processo de reconhecimento da potencialidade que há na aproximação entre feminismo e saúde, feminismo e enfermagem para a produção de práticas de saúde comprometidas com uma reforma social, com a justiça social.

Sobre as **limitações do estudo**, busquei participar de tantos eventos quanto possível, com a finalidade de abarcar a multiplicidade de temáticas e movimentos atuantes. Mas a disponibilidade de agenda, bem como o recorte espacial adotado e a amostragem intencional,

podem representar delimitações particulares deste estudo. Por exemplo, o fato de todas as participantes terem se graduado em instituições públicas pode influenciar os dados do estudo. Buscamos produzir uma análise contextualizada que considerou o perfil de movimentos e das participantes incluídas e sugerimos a realização de novas investigações com outros públicos e outros locais de observação-participante.

Também a desvinculação do ativismo social instituído e pouca experiência com pesquisas narrativas podem representar limites, do ponto de vista de compreensão de nuances típicas destes espaços e pesquisas. Para minimizar esses aspectos, optamos por um longo período de coleta de dados e nos inteirar do máximo de referenciais existentes na área.

Ademais, em decorrência da pandemia de COVID-19, a realização de três entrevistas por meio remoto pode ter afetado a compreensão de alguns fatores relacionados ao fenômeno e interferido na interação pesquisadora-participante. Todavia, por outro ponto de vista, realizar entrevistas presenciais com o uso de máscaras também prejudicaria a interação.

O resultado de pesquisas como esta costuma ecoar em novas perguntas e reflexões. Aponta-se para a necessidade urgente de evolução da relação entre feminismo e enfermagem, passagem ainda que gradual de um estado de estranhamento para inclusão nos currículos, fazeres cotidianos e lógicas de pensamento. Para isso afirmamos as potencialidades da participação social para a produção de um cuidado político e avanços na profissão que é marcada pelas questões de gênero. Parece necessário realizar análise documental e histórica sobre a Enfermagem e o feminismo, entendendo as regras do discurso e possibilidades de escape existentes.

Sobre as instituições as quais pertenço, implicada pelo objeto e referencial adotado, tenho desejado continuar os estudos por meio da análise da implicação de trabalhadores(as) no saber-fazer-cuidado produzido nos espaços de gestão do sistema de saúde e de docência de enfermagem. Acredito que se quisermos promover reforma em políticas públicas de saúde e na docência em enfermagem, o feminismo precisará, por meio de corpos políticos, se entranhar nesses espaços institucionais, amparando o estranhamento de diversos modelos e conceitos.

REFERÊNCIAS

- ABERS, Rebecca; BÜLOW, Marisa Von. Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre Estado e sociedade? *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, set./dez., p. 52-84, 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222011000300004>
- ARANDA, Kay. The Political Matters: Exploring material feminist theories for understanding the political in health, inequalities and nursing. *Nursing Philosophy*, v.20, n.4, p. 1-11, 2019. doi: <https://doi.org/10.1111/nup.12278>
- ARAUJO, Janieiry Lima de; FREITAS, Rodrigo Jacobm Moreira de; GUEDES, Maria Vilani Cavalcanti *et al.* Sistema Único de Saúde e democracia: a enfermagem no contexto de crise. *Rev Bras Enferm*, v.71, n.4, p. 2187-92, 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0352>.
- ARTHUR, Nilton César. *Da noção epistêmica de espaço à compreensão política de lugar – uma configuração epistemopolítica em Michel Foucault*. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21058/2/Nilton%20C%20c3%a9sar%20Arthur.pdf>
Acesso em: 19 mai 2020.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. Tradução: Heber Costa e Silva e Dóris de Arruda C. da Cunha. *Revista Investigações*, v. 28, n. Especial, Dezembro/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1846> Acesso em: 19 dez. 2021.
- AYRES, José Ricardo de C. M. Cuidado: trabalho, interação e saber nas Práticas de saúde. *Rev baiana enferm*, v. 31, n. 1, p. 1-4, 2017. doi: <https://doi.org/10.18471/rbe.v31i1.21847>
- BARBOSA, Rute; LABRONICI, Liliana Maria; SARQUIS, Leila Maria Mansano *et al.* Violência psicológica na prática profissional da enfermeira. *Rev Esc Enferm USP*, v. 45, n. 1, p.26-32, mar. 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000100004>
- BARROS, Camila Silva; QUEIROZ, Patrícia Pereira; JAVORSKI, Marly *et al.* Significados da vivência do amamentar entre as enfermeiras da área materno-infantil. *Rev. enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p.802-807, dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/6027>. Acesso em: 19 dez. 2021.
- BATISTA, Bruno Nunes. Convite à análise discursiva em Michel Foucault nas pesquisas em Educação. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, v. 10, n. 20, p. 84–96, jan./abr. 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.18316/rcd.v10i20.3397>.
- BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. 250p.
- BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. Ain't I a woman? Revisiting intersectionality. *Journal of International Women's Studies*, Bridgewater, v. 5, n. 3, p. 75-86, may 2004. Disponível em: <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol5/iss3/8/> Acesso em: 19 dez. 2021.

BERT, Jean-François. Capítulo IV: práticas de si e relação com o outro. *In*: BERT, Jean-François. *Pensar com Michel Foucault*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 145-73.

BRANDÃO, Elaine Reis; ALZUGUIR, Fernanda Vecchi. A importância do ensino sobre gênero na graduação em Saúde Coletiva: uma interseção necessária. *Saúde soc*, São Paulo, v.28, n.2, p. 67-79, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902019190241>.

BRASIL. *Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990*. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília-DF, p.4-5.

BRASIL. Ministério da Saúde/ Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 [Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos]. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, 13 jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde/ Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 [Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana]. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, 24 mai. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). *Documento orientador: 2ª Conferência Nacional de Saúde das Mulheres. Saúde das Mulheres: desafios para integralidade com equidade*. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2017/doc/2CNSmu_DocOrientador.pdf>. Acesso em 25 jul. 2017.

CALEIDOSCÓPIO. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2017]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caleidosc%C3%B3pio> Acesso em: 30 set. 2020.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de. Cultura dos cuidados: mulheres negras e formação da enfermagem profissional brasileira. *Cultura de los cuidados*, ano XI, n. 22, 2007. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6630/1/CC_22_05.pdf Acesso em: 19 dez. 2021.

CAMPOS, Rosana Onocko. Fale com eles! O trabalho interpretativo e a produção de consenso na pesquisa qualitativa em saúde: inovações a partir de desenhos participativos. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1269-86, 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000400006>.

CANDIOTTO, Cesar. Política, Revolução e insurreição em Michel Foucault. *Rev. Filos.*, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 223-264, jul./dez. 2013. Doi: <https://doi.org/110.7213/aurora.25.037.DS.10>.

CARNEIRO, Rosamaria Giatti. *Cenas de parto e políticas do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015. 326p.

CARPER, Barbara. Philosophical inquiry in nursing: an application. In: KIKUCHI, June F., SIMMONS, Helen. *Philosophical Inquiry in nursing*. Newbury Parck CA: Sage; 1992.

CARVALHO, Sérgio Resende; GASTALDO, Denise. Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, Sup.2, p.2029-40, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000900007>.

CERQUEIRA, Paula; MERHY, Emerson; SILVA, Ermínia *et al.* Uma pesquisa e seus encontros: a fabricação de intercessores e o conhecimento como produção. In: GOMES, Maria Paula Cerqueira; MERHY, Emerson Elias. *Pesquisadores IN-MUNDO: Um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental*. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2014. p. 25-42.

CHINN, Peggy L. Feminism and nursing: can nursing afford to remain aloof from the women's movement? *Annu Rev Nurs Res*, v.13, p. 267-89, 1995. Disponível em: https://www.nlm.nih.gov/exhibition/confrontingviolence/assets/transcripts/OB12021_200_dpi.pdf. Acesso em: 19 dez. 2021.

CHINN, Peggy L.; JACOBS-KRAMER, Maeona. Nursing theory as an expression of empirics. In: CHINN, Peggy L.; JACOBS-KRAMER, Maeona. *Theory and nursing: a systematic approach*. St. Louis (USA): Mosby; 1995.

CLANDININ, D.Jean; CONNELLY, F. Michael. Capítulo 7 – Compendo textos de campo. In: CLANDININ, D.Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. 2 ed. Revisada. Uberlândia: EDUFU, 2016a. p. 133-162.

CLANDININ, D.Jean; CONNELLY, F. Michael. Capítulo 6 - O pesquisador entrando no campo de pesquisa: caminhando por entre as histórias. In: CLANDININ, D.Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. 2 ed. Revisada. Uberlândia: EDUFU, 2016b. p. 99-117.

CORNEJO CANCINO, Marcela; FAÚNDEZ, Ximena; BESOAIN, Carolina. El análisis de datos en enfoques biográficos-narrativos: desde los métodos hacia una intencionalidad analítica. *Forum: qualitative social research*, v. 18, N. 1, Art. 16, Enero 2017. Doi: <https://doi.org/10.17169/fqs-18.1.2491>.

DAL PAI, Daiane; SCHRANK, Guisela; PEDRO, Eva Neri Rubim. O Enfermeiro como Ser Sócio-Político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. *Acta Paul Enferm*, v.19, n.1, p.82-7, Mar. 2006. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002006000100013>.

DAMASCENO, Nauristela Ferreira Paniago; MALVEZZI, Edson; SALES, Cibele de Moura; SALES, Antonio. A narrativa como alternativa na pesquisa em saúde. *Interface comunicação, saúde e educação*, v. 22, n. 64, p. 133-40, jan-mar 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0815>.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial; 2016. 248p.

DEAN, Jonathan; AUNE, Kristin. Feminism Resurgent? Mapping Contemporary Feminist Activisms in Europe. *Social Movement Studies*, v.14, p. 375-95, nov. 2015. doi: <https://doi.org/10.1080/14742837.2015.1077112>.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. 2.ed. São Paulo: Planeta; 2014. 303p.

DENZIN, Norman K. Chapter six: Reading, Writing, and Publishing the Experimental Text. In: DENZIN, Norman K. *The Qualitative Manifesto: a call to arms*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2010. p. 85-99.

DUARTE, André. Singularização e subjetivação: Arendt, Foucault e os novos agentes políticos do presente. *Princípios: revista de filosofia*, Natal, v.19, n.32, p.9-34, jul/dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7560> Acesso em: 20 dez. 2021.

DUTRA, Herica Silva. Divisão social do trabalho e enfermagem. *Rev enferm UFPE on line*, Recife, v.10, n.11, p.4161-3, nov. 2016. 10.5205/reuol.9881-87554-1-EDSM1011201643. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/11503/13374>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ERIBON, Didier. A vida como uma obra de arte. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 118-126.

FERIGATO, Sabrina Helena; CARVALHO, Sérgio Resende. Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v.15, n.38, p.663-75, jul/set. 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011005000037>.

FERREIRA NETO, João Leite. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. *Rev. Polis e Psique*, v. 7, n. 3, p. 7-25. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/76339>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FIGUEIREDO, Eluana Borges Leitão de; ANDRADE, Eliane Oliveira de; MUNIZ, Marcela Pimenta *et al.* Pesquisa-interferência: um modo nômade de pesquisar em saúde. *Rev Bras Enferm*, v. 72, n. 2, p. 598-603, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0553>.

FINA, Anna de; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Narrative definitions, issues and approaches. In: FINA, Anna de; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. *Analyzing narrative: discourse and sociolinguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.1-25.

FLETCHER, Karen. Image: changing how women nurses think about themselves. *Journal of Advanced Nursing*, v. 58, p. 207-215, april 2007. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2007.04285.x>

FLOURNOY, Ellen. No, It's Not a Joke: The Christian Right's Appropriation of Feminism, Rethinking Marxism. *A Journal of Economics, Culture & Society*, v. 25, n. 3, p. 350-366, 2013. doi: <https://doi.org/10.1080/08935696.2013.798970>.

FLORELL, Melissa C. Concept analysis of nursing activism. *Nurs Forum*, v.56, p.134–140, 2021. doi: <https://doi.org/10.1111/nuf.12502>

FONSECA, Márcio A. da. A preocupação com o sujeito e o poder. In: FONSECA, Márcio A. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 1995. p.21-37.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; SOUZA, Kleyde Ventura de; ANDRADE, Clara de Jesus Marques *et al.* Creation of a nursing research group on women's health and gender. *Text Context Nursing*, Florianópolis, v.21, n.4, p. 990-8, Out-dec 2012. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000400032>.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979/1995. 432p.

FOUCAULT, Michel; SENNETT, Richard. Sexuality and solitude. In: *London Review of Books*, 1981. p. 04-07.

FOUCAULT, Michael. *A história da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 320p.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. p.129-60.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*: aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Ed. Loyola, 1996. 79p.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236p.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso no collège de France, 1979-1980*: excertos/ Michel Foucault; tradução, transcrição e notas Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2010. p.154-188.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos volume IV: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. 464p.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016. 306p.

FREIRE, Marcelino Juvêncio. Da paz. In: FREIRE, Marcelino Juvêncio. *Rasif: mar que arrebeta*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GALVÃO, Cristina Maria; SAWADA, Namie Okino; MENDES, Isabel Amélia Costa. A busca das melhores evidências. *RevEsc Enferm USP*, v. 37, n. 4, p. 43-50. 2003. doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000400005>.

GANDRA, Elen Cristiane; SILVA, Kênia Lara; PASSOS, Hozana Reis *et. al.* Enfermagem brasileira e a pandemia de COVID-19: desigualdades em evidência. *Esc. Anna. Nery*, v.25, n. spe, 2021, doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0058>.

GARRÉ; Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Travessias de uma pesquisa: mapeando algumas ferramentas metodológicas da análise do discurso em Michel Foucault. *Conjectura*:

Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 300-319, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4723>. Acesso em: 20 dez. 2021.

GASTALDO, Denise; VIEIRA, Ana Cláudia. From Discredited to Heroines: COVID-19 and the year that would be Nursing Now. *Esc Anna Nery*, v.24, no.spe, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0409>.

GOHN, Maria da Glória. Conselhos gestores e participação sociopolítica. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2016. 128p.

GOHN, Maria da G. Teorias sobre a participação social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais. *Cad CRH*, v. 32, n. 85, p.63-81, Jan-Apr. 2019. doi: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i85.27655>.

GONDRA, José; KOHAN, Walter. Foucault 80 anos. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (Orgs). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.45-56.

GUTIERREZ, Pamela; TABILO, Evelyn; LUNA, Eliazar *et al.* Configuración de subjetividad en mujeres em situación de discapacidad: un abordaje desde discapacidad, cuerpo y género. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, v. 15, n. 1, p. 33-44, agosto 2015. Doi: 10.5354/0719-5346.2015.37128. Disponível em: <https://revistaterapiaocupacional.uchile.cl/index.php/RTO/article/view/37128>. Acesso em: 21 dez. 2021.

HABERMAS, Jürgen. Direito e Democracia, Entre Facticidade e Validade. 4.ed. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. 354p.

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A, 1997. p.25-50.

JIMÉNEZ, Claudia Mercedes. Movimiento social de ‘piernas cruzadas’, práctica neosubjetiva y comprensión del cuerpo como lugar de lo político. *Revista Colombiana de Sociología*, v. 38, n. 1, p. 145-163. 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.15446/rcs.v38n1.53283>.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 2002. p. 90-112.

LEININGER, Madeleine. The phenomenon of caring: Importance, research questions and theoretical considerations. In: LEININGER, Madeleine (Ed.). *Caring: an essential human need/ Proceedings of three National Caring Conferences*. Salt Lake City, UT: University of Utah, 1978, 177p.

LIMA, Stephanie. “Coletivo”, “ativista” e “horizontal”: uma análise de categorias em uso no movimento social contemporâneo. *Teoria e Cultura (on line)*, v. 13, n. 1, p.18-53, junho 2018. doi: <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2018.v13.12382>.

LIMA, Maria do Rosário de Araújo; NUNES, Maria Luísa de Almeida; KLÜPPEL, Berta Lúcia Pinheiro *et al.* Nurses’ performance on indigenous and African-Brazilian health care

practices. *Rev Bras Enferm*, v.69, n.5, p.788-94, set-out 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690504>.

LISPECTOR, Clarice. Se eu Fosse Eu. In: LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984. p.200-1.

LOMBARDI, Maria Rosa; CAMPOS, Veridiana Parahyba. A enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. *Rev ABET*, v.17, n.1, p.28-46, Jan-Jun. 2018. doi: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1676-4439.2018v17n1.41162>

LUCENA, Maria Angélica Gazzana. de; PAVIANI, Jayme. O sujeito que cuida do outro: seus discursos e práticas em saúde. *Sapere aude*, Belo Horizonte, v.8, n.16,p.522-35, ago/dez. 2017. doi: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2017v8n16p522>.

LUNARDI, Valéria Lerch. Relacionando Enfermagem, Gênero e formação disciplinar. *R. Bras. Enferm*, Brasília, v.46, n.3-4, p. 286-95, Jul./dez. 1993. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671993000300012>.

MACHADO, Lia Zanotta. Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia. *Cadernos pagu*, n.42, p. 13-46. 2014. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420013>

MACHADO, Maria Helena (coord.). *Relatório final da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil*. Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS -ENSP/Fiocruz, 2017. 750p. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia; NOGUEIRA, Conceição; VÁZQUEZ, Claudia Lazcano *et al.* Participação política e subjetividade – Narrativas de vida de trabalhadoras rurais do sul do Brasil. *Psico*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 148-58. 2016. doi: 10.15448/1980-8623.2016.2.21933. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psico/v47n2/07.pdf> Acesso em: 21 dez. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5.ed. São Paulo: ÁTICA, 2000.94p.

MARTÍNEZ, Verónica Soria; SANFÈLIX, Neus Lozano. La cuarta voz: La idea de colectivo como interlocutor. *AusArt*, v. 5, n. 1, p. 25-37, 2017. doi: 10.1387/ausart.17788. Disponível em: <https://ojs.ehu.eus/index.php/ausart/article/view/17788/15605>. Acesso em: 21 dez. 2021.

MARTÍNEZ-GUZMÁN, Antar; PRADO-MEZA, Claudia M; MURO, Cristina Tapia *et al.* Una Relectura de Fotovoz como Herramienta Metodológica para la Investigación Social Participativa desde una Perspectiva Feminista. *Empiria: Revista de metodología de ciencias sociales*, [S.l.], n. 41, p. 157-185, 2018. doi: <https://doi.org/10.5944/empiria.41.2018.22608>.

McLAREN, Margareth. *Foucault, feminism e subjetividade*. Tradução de Newton Milanez. 1.ed. São Paulo: Intermeios, 2016. 284p.

MELNYK, Bernadette Mazurek; FINEOUT-OVERHOLT, Ellen. *Evidence-based practice in nursing and healthcare: a guide to best practice*. 4 ed. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2019. 868p.

MELO, Cristina Maria Meira de; FLORENTINO, Tatiane Cunha; MASCARENHAS, Nildo Batista *et al.* Autonomia profissional da enfermeira: algumas reflexões. *Esc. Anna Nery*, v.20, n.4, out-dez. 2016. doi: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160085>.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.

MERHY, Emerson Elias. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio de reconhecê-lo como saber válido. *In: FRANCO, Túlio Batista; PERES, Marco Aurélio de Anselmo; FOSCHIERA, Marlene Madalena Possan. Acolher Chapecó: Uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho.* 1 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004. p. 21-45.

MIDDEN, Eva; PONZANESI, Sandra. Digital faiths: An analysis of the online practices of Muslim women in the Netherlands. *Women's Studies International Forum*, v. 41, p. 197–203. 2013. doi: <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2013.07.012>.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania (SEDPAC). Subsecretaria de Políticas para Mulheres (SPM-MG). *Plano Decenal de Políticas para Mulheres do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2018, 133p. Disponível em: <http://novosite.fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/Plano-Decenal-de-Pol%C3%ADticas-para-as-Mulheres-2018-SPMMG.pdf> Acesso em: 23 dez. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v.5, n.7, p.1-12, abril. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>. Acesso em 21 dez. 2021.

MONTEIRO, Luciana Fogaça; MACHADO, Paula Sandrine; NARDI, Henrique Caetano. Do armário à armadura: estratégias de mulheres no enfrentamento da homofobia e do heterossexismo. *Polis e Psique*, v. 1, número temático, p. 112-139, 2011. doi: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.31533>

NARVAZ, Martha; NARDI, Henrique Caetano. Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. *Revista mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. 8, n.1, p. 45-70, mar.2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000100005. Acesso em: 21 dez. 2021.

NUNES, Lucília. Para uma epistemologia de Enfermagem. 2. ed. Loures: Lusodidactica, 2018. 177p.

OLIVE, Rebecca. ‘Making friends with the neighbours’: Blogging as a research method. *International Journal of Cultural Studies*, v. 16, n. 1, p. 71-84, 2012. doi: <https://doi.org/10.1177/1367877912441438>.

OLIVEIRA, Cathana Freitas; MARÇON, Luana. Pesquisa Feminista e Saúde: a urgência da diferença para produção de modos de cuidado mais libertários. *In: CARVALHO et al. Vivências do cuidado na rua: produção de vida em territórios marginais.* Porto Alegre: Rede Unida, 2019. p. 57-74.

OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos; SILVA, Tharsila Martins Rios da. Health advocacy in nursing: contribution to the reorientation of the Brazilian healthcare model. *Rev Bras Enferm*, v.71, Suppl 1, p.700-3, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0615>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Situación de enfermería en el mundo: resúmen de orientación*, 2020. 16p. Disponível em: <https://www.paho.org/es/documentos/situacion-enfermeria-mundo-2020-resumen-orientacion> Acesso em: 23 dez. 2021.

ORTEGA, Francisco; ORSINI, Michel. Governing COVID-19 without government in Brazil: ignorance, neoliberal authoritarianism, and the collapse of public health leadership. *Global Public Health*, v.15, n.9, p.1257-77, 2020. doi: <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1795223>.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; VAGHETTI, Helena Heidtmann; BRODERSEN, Gladys. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. *Rev. enferm. UERJ*, v.14, n.2, p. 292-300, 2006. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/1572>. Acesso em: 26 out. 2021.

PASSOS, Izabel Christina Friche. A Análise Foucaultiana do Discurso e sua Utilização em Pesquisa Etnográfica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.35, p. 1-11, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>.

PATTON, Michael Quinn. *Qualitative research and evaluation methods*. United States of America: Sage Publications, 2002. 688p.

PAULY, Bernadette M.; MACKINNON, Karen; VARCOE, Colleen. Revisiting “Who Gets Care?”: Health Equity as an Arena for Nursing Action. *Adv Nurs Sci*, v.32, n.2, p.118-27, 2009. doi: <https://doi.org/10.1097/ANS.0b013e3181a3afaf>

PELÚCIO, Larissa. Marcadores Sociais da Diferença nas Experiências Travestis de Enfrentamento à aids. *Saúde Soc.*, São Paulo, v.20, n.1, p.76-85, Mar. 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000100010>.

PERSEGONA, Karin Rosa; ROCHA, Daniele Laís Brandalize; LENARDT, Maria Helena *et al.* O conhecimento político na atuação do enfermeiro. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, v. 13, n. 3, p. 645-50, jul-set 2009. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000300027>

PINE, Adrienne. Revolution as a care plan: Ethnography, nursing and somatic solidarity in Honduras. *Social Science & Medicine*, v. 99, p. 143-152, 2013. doi: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.05.028>.

PIRES, Maria Raquel Gomes Maia. Pela reconstrução dos mitos da enfermagem a partir da qualidade emancipatória do cuidado. *Rev Esc Enferm USP*, v.41, n.4, p.717-23, Dez. 2007. doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342007000400025>.

PIRES; Maria Raquel Gomes Maia; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; PADILHA, Beatriz. A politicidade do cuidado na crítica aos estereótipos de gênero. *Rev.Bras. Enfermagem*, v. 69, n.6, p.1223-30, Nov-dez. 2016. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0441>

PORTELLI, Alessandro. História oral: Uma relação dialógica. In: PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 9-25.

PRADO, Carolina Conceição; SOUSA JR., Carlos Eduardo; PIRES, Mariana Leal. Histórias em quadrinhos: uma ferramenta para a educação e promoção da saúde. *Reciis - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v.11, n.2, p.1-12, abr-jun. 2017. doi: <http://doi.org/10.29397/reciis.v11i2.1238>.

QUEIRÓS, Paulo Joaquim P. Reflections for a nursing epistemology. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 23, n.3, p. 776-781, 2014.

QUEIRÓS, Paulo Joaquim Pina; FONSECA, Elisabete Pinheiro Alves Mendes; MARIZ, Manuel Augusto Duarte *et al.* Significados atribuídos ao conceito de cuidar. *Revista de Enfermagem Referência*, v. 4, n. 10, p. 85-94, jul./ago./set. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16022>.

RABELO, Ana Renata Moura. *Cuidado de si de enfermeiras obstétricas: decisões sobre seus corpos e vidas*. 2016. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://www.enf.ufmg.br/pos/defesas/999M.PDF>. Acesso em: 01 out. 2020.

RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. *Interface*, Botucatu, v. 23, p.1-11, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/Interface.180515>

RASHEED, Subia Parveen; YOUNAS, Ahtisham; MEHDI, Fahmida. Challenges, Extent of Involvement, and the Impact of Nurses’ Involvement in Politics and Policy Making in in Last Two Decades: An Integrative Review. *Journal of Nursing Scholarship*,v.0, n.0, p.1-10, 2020. doi: <https://doi.org/10.1111/jnu.12567>

RIBEIRO, Loredana; FORMADO, Bruno Sanches Ranzani da Silva; SCHIMIDT, Sarah *et al.* A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. *Estudos feministas*, v. 25, n. 3, p. 1093-1110, Set/Dez 2017. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1093>.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Structural Analysis. In: RIESSMAN, Catherine Kohler. *Narrative Methods for the Human Sciences*. CA, USA: SAGE Publications, 2008a. p.77-103.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Dialogic/ Performance Analysis. In: RIESSMAN, Catherine Kohler. *Narrative Methods for the Human Sciences*. CA, USA: SAGE Publications, 2008b. p. 105-40.

RINALDO, Rachel. Muslim Women, Moral Visions: Globalization and Gender Controversies in Indonesia. *Qual Sociol.* v. 34, p.539–560, 2011. doi: [10.1007/s11133-011-9204-2](https://doi.org/10.1007/s11133-011-9204-2). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11133-011-9204-2>. Acesso em 21 dez. 2021.

ROSA, Leandro Amorim; SILVA, Ana Paula Soares da. Sujeito político dramático: mudanças vivenciadas por uma militante do MST. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 47-57, 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p047>.

ROSE MARIE MURARO. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimédia Foundation, 2020]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rose_Marie_Muraro. Acesso em 30 set. 2020.

SA'AR A, Amalia; GOOLDIN, Sigal. Intense engagement: Young women in Israel forging feminist subjectivities. *Women's Studies International Forum*, v. 32, p. 179–188, 2009. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2009.05.013>

SALES, André Luis Leite de Figueirêdo; FONTES, Flávio Fernandes; YASUI, Silvio. Para (Re)Colocar um Problema: A Militância em Questão. *Trends Psychol.*, Ribeirão Preto, vol. 26, n. 2, p. 565-57, Abr-Jun. 2018. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2018.2-02Pt>.

SALVIANO, Márcia Eller Miranda; NASCIMENTO, Prince Daiane Felizardo Silva; PAULA, Mariane Andreza de *et al.* Epistemologia do cuidado de enfermagem: uma reflexão sobre suas bases. *Rev. Bras. Enferm*, v. 69, n.6, p.1240-1245, Nov-dez. 2016. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0331>.

SAMPAIO; Maria Lanzotti; BISPO JUNIOR, José Patrício. Dimensão epistêmica da Reforma Psiquiátrica Brasileira: significados de gestores, profissionais e usuários. *Interface*, Botucatu, v.25, 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/Interface.200267>.

SANTOS, Sonia Aparecida dos; ADORNO ARAUJO, Elizabeth. A competência e os aspectos ético-políticos no curso de enfermagem: a partir do olhar de docentes enfermeiros. *ConScientiae Saúde*, São Paulo, v.7, n.1, p.93-100, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/929/92970114.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2021.

SANTOS, Gabriel Nascimento da Silva; SILVEIRA, Ederson Luis; SILVA, João Paulo de Lorena. (Des)naturalizando Sujeitos e Práticas na Escola: Foucault para além de vigiar e punir. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1275-87, Out-dez. 2016. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-623653313>

SANTOS, Angela Maria; CUNHA, Antonio Ledo Alves; CERQUEIRA, Paula. O matriciamento em saúde mental como dispositivo para a formação e gestão do cuidado em saúde. *Physis*, v.30, n.4, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300409>.

SANTOS, Fernanda Batista Oliveira; RABELO, Ana Renata Moura; FRANÇA, Bruna Dias *et al.* Mulheres negras na história da enfermagem: a competência cultural na trajetória de Maria Barbosa Fernandes. *Rev Bras Enferm*, v. 73, Suppl 4: 1-7, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0221>.

SIGSWORTH, Janice. Feminist research: its relevance to nursing. *J Adv Nurs*, v.22, n.5, p.896-9, Nov. 1995. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.1995.tb02640.x>.

SILVA, Nair Chase; OLIVEIRA, Hadelândia Milon. Reflections on equity and its applicability to the nursing work process. *Rev Bras Enferm*, v.73, n.3, p.1-5, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0783>.

SILVA, Kênia Lara; RABELO, Ana Renata Moura; GANDRA, Elen Cristine *et al.* Desigualdades sociais no discurso da enfermagem brasileira: compromisso social e luta hegemônica. *Revista de Enfermagem Referência*, Série V, n.5, 2021. doi: <https://doi.org/10.12707/RV20089>.

SLOMP JUNIOR, Helvo; MERHY, Emerson Elias; ROCHA, Monica Moreira *et al.* Contribuições para uma política de escritura em saúde. *Athenea Digital*, [S. l.], v.20, n.3, p.1–21, 2020. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Athenea/article/view/375433>. Acesso em: 21 dez. 2021.

SOARES, Cassia Baldini; HOGA, Luiza Akiko Komura; PEDUZI, Marina *et al.* Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*, v. 48, n. 2, p. 335-45, abr. 2014. doi: <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>.

SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira; DIAS, Midian Oliveira; CARVALHO, Eloa Carneiro *et al.* Uberisation risk of nursing work in times of Covid-19 pandemic: experience report. *Res Soc Dev*, v.9, n.10, p.1-21, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9060>.

STRATHERN, Marilyn. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da antropologia. *Mediações*, v. 14, n. 2, p. 83-104, Jul/Dez 2009. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n2p83>.

TAMBOUKOU, Maria. A Foucauldian approach to narratives. In: MOLLY, Andrews; SQUIRE, Corinne; TAMBOUKOU, Maria. *Doing Narrative Research*. Sage: London, 2008. p. 102-119.

TAMBOUKOU, Maria. Aventuras da pesquisa narrativa. In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana. *Narrativas, gênero e política*. 1.ed. Curitiba: CRV, 2016. p.67-83.

TARAMUNDI, Dolores Morondo. Gender machineries vs. feminist movements? Collective political subjectivity in the time of passive revolution. *Gender and Education*, v. 28, n. 3, p. 372-385, 2016. doi: <https://doi.org/10.1080/09540253.2016.1169253>.

TAYLOR, Dianna. Resisting the Subject: A Feminist-Foucauldian Approach to Countering Sexual Violence. *Foucault Studies*, n.16, p. 88-103, 2013. doi: <https://doi.org/10.22439/fs.v0i16.4119>

TEDESCHI, Sirley Lizott; PAVAN, Ruth. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v.12, n.3, p. 772-87, set/dez. 2017. doi: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.12i3.005>.

THURMAN, Whitney; PFITZINGER-LIPPE, Megan. Returning to the Profession's Roots: Social Justice in Nursing Education for the 21st Century. *Advances in Nursing Science*, v.40, n.2, p.184–193, 2017. doi: 10.1097/ANS.000000000000140. Disponível em: https://journals.lww.com/advancesinnursingscience/Abstract/2017/04000/Returning_to_the_Profession_s_Roots__Social.8.aspx Acesso em: 22 dez. 2021.

TRACY, Sarah J. Qualitative Quality: Eight “Big-Tent” Criteria for Excellent Qualitative Research. *Qualitative Inquire*, v. 16, n.10, p. 837-51, 2010. doi: <https://doi.org/10.1177/1077800410383121>.

TSCHUDIN, Verena. The future nursing voice. *Rev Latino-am Enfermagem*, v. 11, n.4, p. 419-9, ago.2003. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692003000400002>.

VACCHELLI, Elena. Geographies of subjectivity: locating feminist political subjects in Milan. *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography*, v. 18, n. 6, p. 768-785, 2011. doi: <https://doi.org/10.1080/0966369X.2011.617916>.

VALDERAMA-WALLACE, Claire P; APESOA-VARANO, Ester Carolina. "Social justice is a dream": Tensions and contradictions in nursing education. *Public Health Nurs*, v.36, p.735–743, 2019. doi: <https://doi.org/10.1111/phn.12630>

VARGAS, Juliana Ribeiro de; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas. Conceitos e práticas para pesquisas contemporâneas: algumas palavras sobre a obra Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. *Educ. ver*, Belo Horizonte, v.29, n.4, p.279-88, Dec. 2013. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982013000400012>.

VEIGA-NETO, Alfredo. Temas foucaultianos: o sujeito. In: VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 131-140.

VIDA Maria. Produção de Ramos J, Ramos M. Fortaleza: VIACG; 2006 [Curta-metragem - Animação].

VIEIRA, Adriane; ALVES, Marília; MONTEIRO, Plínio Rafael Reis *et al*. Women in nursing teams: organizational identification and experiences of pleasure and suffering. *Rev Lat Am Enfermagem*, v. 21, n. 5, p.1127-1136, out. 2013. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692013000500016>.

YANAY-VENTURA, Galit; YANAY, Niza. Unhyphenated Jewish religious feminism. *Women's Studies International Forum*, v. 55, p. 18–25. 2016. doi: <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2016.01.001>.

WERMELINGER, Mônica; VIEIRA, Monica; MACHADO, Maria Helena. Evolução da formação na equipe de enfermagem: para onde aponta a tendência histórica? *Divulg. saúde debate*, Rio de Janeiro, n. 56, p. 134-147, Dez. 2016. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/884448/evolucao-da-formacao-na-equipe-de-enfermagem-para-onde-aponta-a_UjVCGQ9.pdf Acesso em: 22 dez. 2021.

WHITE, Jill. Patterns of knowing: Review, critique and update. *Adv Nurs Sci*, v.17, n.4, p.73-86, 1995. doi: 10.1097/00012272-199506000-00007. Disponível em: https://journals.lww.com/advancesinnursingscience/Abstract/1995/06000/Patterns_of_knowing__Review,_critique,_and_update.7.aspx Acesso em: 22 dez. 2021.

WILLIS, Danny G.; LEONE-SHEEHAN, Danielle M. Spiritual Knowing: Another Pattern of Knowing in the Discipline. *Adv Nurs Sci*, v.42, n.1, p.58–68, 2019. doi: <https://doi.org/10.1097/ANS.0000000000000236>.

WILSON, Donna M; ANAFI, Frederick; KUSI-APPIAH, Elizabeth *et al.* Determining if nurses are involved in political action or politics: A scoping literature review. *Applied Nursing Research*, v.54, p.1-10, 2020. doi: <https://doi.org/10.1016/j.apnr.2020.151279>

WORLD ECONOMIC FORUM. *The Global Gender Gap Report*, 2020. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2020.pdf. Acesso em 16 jan 2021.

APÊNDICE A – Histórias de personalidades femininas escolhidas para denominar as mulheres-enfermeiras entrevistadas

Maria Barbosa Fernandes (1918-??): foi a primeira mulher negra a diplomar-se enfermeira na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (1935-1938), atual Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. A documentação sobre a sua história permite inferir que sua trajetória profissional foi marcada por cuidados atentos às singularidades e à realidade sociocultural dos indivíduos, com destaque para a atuação em cenários de vulnerabilidade: “Ao romper com os estereótipos de enfermeira esperados para a época e se dedicar à enfermagem de um modo culturalmente competente, Maria Barbosa se apresenta como uma importante “personagem” para a história da enfermagem” (SANTOS, et al., 2020, p. 6).

Estamira Gomes de Souza (1941-2011): foi uma senhora que apresentava distúrbios mentais, vivia e trabalhava no aterro sanitário de Jardim Gramacho, local que recebe os resíduos produzidos na cidade do Rio de Janeiro. Tornou-se famosa pelo documentário “Estamira” que apresenta partes do seu discurso filosófico, uma mistura de lucidez e loucura, que abrange temas como: a vida, Deus, o trabalho e reflexões existenciais acerca de si mesma e da sociedade dos homens. O documentário teve repercussão internacional, angariando prêmios e o reconhecimento da crítica.

Ivone Lara (1922-2018): foi uma enfermeira que formou pela Faculdade de Enfermagem do Rio e dedicou-se intensamente à profissão, em especial no campo da Saúde Mental, tendo atuado contra a lobotomia, eletrochoques e outros métodos agressivos de tratamento de saúde mental. Portanto, participou ativamente da reforma psiquiátrica no Brasil. Também foi cantora e compositora de sambas consagrados e teve trabalhos como atriz, com participação em filmes. Foi a Tia Nastácia em especiais do programa Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Noraci Pedrosa Moreira (??-1986): foi a fundadora da Associação Pré-Sindical dos Enfermeiros de Alagoas – APENAL, a qual deu origem, em 1985, ao Sindicato dos Enfermeiros do Estado de Alagoas - SINEAL. Foi participante ativa do Movimento Unificado dos Trabalhadores de Saúde, lutando pela concretização do SUS em Alagoas. Participou de momentos políticos importantes do Brasil, participou de vários acontecimentos na enfermagem alagoana e contribuiu de várias formas para o desenvolvimento da enfermagem

alagoana e brasileira. Participou da institucionalização da Federação Nacional dos Enfermeiros (FNE), sendo considerada uma das referências em Saúde Pública no Brasil.

Mary Jane Seacole (1805-??): Enfermeira negra jamaicana que atuou na guerra da Criméia, a mesma que deu destaque para Florence Nightingale. Mary aprendeu a medicina tradicional através dos ensinamentos de sua mãe, assim como o tratamento aos doentes e combate às doenças endêmicas. Em 1854, inscreveu-se para participar da equipe de enfermagem de Florence, para cuidar dos soldados feridos da Guerra da Criméia. Apesar das cartas de recomendações dos governos da Jamaica e Panamá, não foi aceita. Em sua figura se destaca a invisibilidade das mulheres negras na enfermagem.

Edma Rodrigues Valadão (1953-1999): enfermeira ativista do movimento sindical, considerada uma mártire da enfermagem. Em 1999, junto com seu marido – Marcos Valadão - foram assassinados no Rio de Janeiro, quando se dirigiam para a Plenária final da III Conferência Estadual de Saúde do RJ. Edma era Presidente do Sindicato dos Enfermeiros do Estado do Rio de Janeiro e Marcos Otávio Valadão, Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro. O crime é relacionado ao fato de que o casal denunciava irregularidades praticadas por gestores do COFEN/COREN-RJ e procuravam a moralização e a democratização das gestões do sistema. Edma possuía também uma atuação pelos direitos humanos, dignidade e justiça. Infelizmente o crime segue impune.

Páginas consultadas:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/cqdMjT4ky7jtGDKZ677TvyS/?format=pdf&lang=pt>

<https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/11-enfermeiras-negras-que-fizeram-historia-mas-nao-foram-reconhecidas/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Dona_Ivone_Lara

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Estamira>

<https://www.abenalagoas.org/historia>

<http://objdig.ufrj.br/51/teses/845081.pdf>

http://rj.corens.portalcofen.gov.br/mary-jane-seacole-a-outra-florence-nightingale_18499.html

<https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/requiem-para-marcos-e-edma-valadao-necessidade-de-resgate-para-nao-perdermos-a-memoria/>

http://rj.corens.portalcofen.gov.br/vinte-anos-sem-edma-e-marcos-valadao_15870.html

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista inicial

Dados de identificação da entrevista			
Nº da entrevista		Local de realização	
Data	___/___/___	Horário início - término	
Entrevistado			
Dados perfil da participante			
Idade		Estado civil	
Nº de filhos		Tempo de exercício na profissão	
Local de trabalho			

1. Você foi indicada como participante da pesquisa por sua participação em espaços de movimentos sociais ou coletivos de mulheres. Gostaria que me contasse como se dá essa participação (como foi o engajamento, qual a frequência, há quanto tempo, quais facilidades e dificuldades...)
2. Nesse(s) espaço(s) como se dá a relação de cuidado com as outras mulheres participantes?
3. Como essa(s) experiência(s) de participação nos movimentos sociais/coletivos afeta(m) o cuidado que você presta às mulheres na sua prática profissional?
4. Poderia me contar alguma situação em que teve que tomar uma decisão sobre si? (qual a motivação desta decisão?)

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista – versão revisada

1. Como você percebe/descreve a participação nos movimentos sociais em relação a sua vida?
2. Como você percebe/descreve sua participação nos movimentos sociais e a relação com a sua prática como enfermeira/ técnica de enfermagem?
3. Estou à procura de outras mulheres da enfermagem envolvidas com movimentos sociais que lutam pelas causas das mulheres. Você poderia me indicar alguém?

Dados de identificação da entrevista			
Nº da entrevista		Local de realização	
Data	___/___/___	Horário início - término	
Entrevistado			
Dados perfil da participante			
Idade		Estado civil	
Nº de filhos		Tempo de exercício na profissão	
Local de trabalho			

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TÍTULO DA PESQUISA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES-ENFERMEIRAS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Prezada Sra.

Por meio deste instrumento, venho torná-la ciente da pesquisa cujo título está referido acima, e convidá-la a participar voluntariamente da mesma. O objetivo desta pesquisa é analisar a prática de enfermagem como dispositivo de subjetivação de enfermeiras e mulheres nos movimentos sociais.

A pesquisa é desenvolvida no decorrer do curso de Doutorado em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e representa uma das exigências para obtenção do título de Doutora em Enfermagem. Essa pesquisa é de responsabilidade de Ana Renata Moura Rabelo, orientada por Kênia Lara Silva, professora dessa escola. Este termo de consentimento tem como finalidade fornecer informações sobre o estudo.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, tem sua coleta de dados realizada por meio de observação-participante de eventos públicos que se caracterizem como espaços de participação social de mulheres na Região Metropolitana de Belo Horizonte no período de realização da coleta de dados da pesquisa (entre 2018 e 2020); e entrevistas com mulheres-enfermeiras, contendo questões sobre sua atuação como enfermeira, além do seu processo de engajamento em movimentos sociais e de tomada de decisões cotidianas sobre sua vida. As respostas serão áudio gravadas, se assim for permitido, para ser o mais fiel possível a elas, estando à sua disposição de ouvi-la, se assim o desejar. As informações fornecidas na gravação não serão identificadas pelo seu nome.

Você está sendo convidada para participar da pesquisa, por ser uma enfermeira inserida em práticas de movimentos sociais e/ou coletivos de mulheres. Por isto, é necessário esclarecê-la em relação a alguns procedimentos:

- A entrevista será realizada de acordo com sua disponibilidade de horário e local, tendo uma duração média de uma hora.
- Os riscos identificados no desenvolvimento da pesquisa referem-se a possíveis desconfortos para responder às questões. Caso não se sinta confortável você deve relatar ao pesquisador imediatamente para a suspensão da coleta.
- Serão garantidos às participantes anonimato, privacidade e sigilo absoluto em relação às informações e declarações prestadas verbalmente e/ou por escrito antes, durante e depois da realização da pesquisa.
- As informações obtidas não serão utilizadas em prejuízo das pessoas, inclusive em termo de auto-estima, prestígio e/ou econômico-financeiros. As gravações estarão seguras e serão inutilizadas após a pesquisa.
- Será garantida a liberdade de interromper a pesquisa a qualquer momento sem prejuízos para o participante.
- Não haverá despesas pessoais para a participante em qualquer fase do estudo. Também não haverá compensação financeira relacionada à sua participação.
- Os benefícios da pesquisa se referem à possibilidade de produção do conhecimento sobre a atuação da enfermagem nos movimentos sociais e/ou coletivos de mulheres, incluindo seu potencial pedagógico e de subjetivação de mulheres.
- Concluída a pesquisa, seus resultados serão divulgados e ficarão acessíveis a qualquer pessoa.
- Caso participe, em qualquer momento poderá pedir informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como, sair da mesma e não permitir a utilização de seus dados, sem prejuízo algum.
- O seu consentimento em participar desta pesquisa deve considerar também, que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, nº 6627, Unidade Administrativa II, - 2º andar - Sala 2005, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil, CEP 31270-901, Tel: (31) 3409-4592, CAAE 98586718.5.0000.5149 sob o parecer nº 2.980.417.

Rubrica do Participante Pesquisa

Rubrica do Pesquisador Principal

Agradecendo sua colaboração, solicitamos ainda a declaração de seu consentimento livre e esclarecido assinado em duas vias e uma delas deverá ficar em sua posse. Em decorrência da pandemia de coronavírus vivenciada poderão ser realizadas entrevistas on-line por meio de ferramenta de interação por vídeo e áudio. Neste caso o consentimento para a realização da pesquisa poderá ser firmado pela participante por e-mail ou whatsapp, conforme previsto na Resolução CNS 510/16.

Atenciosamente,

Ana Renata Moura Rabelo
Pesquisadora Responsável

Acredito ter sido suficientemente informada a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Eu discuti com a pesquisadora Ana Renata Moura Rabelo, sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

_____ de 20__.

Nome/ assinatura do participante

Ana Renata Moura Rabelo

Endereço

CEP: XXXXXX

Tel: XXXXXXXX

Kênia Lara Silva

Escola de Enfermagem da UFMG

Av. Alfredo Balena, 190, Santa Efigênia,

Belo Horizonte/MG - CEP: 30130-100

Tel: (031) 3409-9181

ANEXO A – Aprovação da pesquisa pelo CEP/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Práticas pedagógicas e processos de subjetivação de mulheres-enfermeiras nos movimentos sociais

Pesquisador: Kênia Lara Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 08586718.5.0000.5149

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.980.417

Apresentação do Projeto:

A proposta é submetida por uma doutoranda em Enfermagem, na linha de Educação em Saúde e Enfermagem, e sua orientadora. A pesquisa, de abordagem qualitativa, tem sua coleta de dados realizada por meio de observação e entrevistas com mulheres-enfermeiras que participam de movimentos sociais ou coletivos de mulheres. Para as entrevistas, as proponentes prepararam questões sobre a atuação das voluntárias como enfermeiras, além do seu processo de engajamento em movimentos sociais e de tomada de decisões cotidianas sobre sua vida. Essas entrevistas terão duração média de uma hora e serão gravadas em áudio.

Objetivo da Pesquisa:

Tanto no projeto, quanto nas Informações Básicas do Projeto, o objetivo primário é "Analisar a prática de enfermagem como dispositivo de subjetivação de enfermeiras e mulheres nos movimentos sociais". Não há objetivos secundários.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos identificados são os possíveis desconfortos para responder às questões. Caso ocorra a coleta de dados será suspensa. Os benefícios apresentados se restringem "à possibilidade de produção do conhecimento sobre a atuação da enfermagem nos movimentos sociais e/ou coletivos de mulheres, incluindo seu potencial pedagógico e de subjetivação de mulheres".

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad. 31 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE

E-mail: coep@ppq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 2.980.417

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1213270.pdf	15/09/2018 19:48:05		Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.docx	15/09/2018 19:45:24	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_completo.pdf	14/09/2018 19:47:34	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito
Outros	Curriculo_do_Sistema_de_Curriculos_Lattes_Kenia_Lara_Silva.pdf	14/09/2018 19:46:04	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito
Outros	Curriculo_do_Sistema_de_Curriculos_Lattes_Ana_Renata_Moura_Rabelo.pdf	14/09/2018 19:42:22	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito
Outros	Parecer.pdf	14/09/2018 19:32:30	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	14/09/2018 19:29:38	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_plataforma_brasil.pdf	14/09/2018 19:16:44	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 24 de Outubro de 2018

Assinado por:

Eliane Cristina de Freitas Rocha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad 31 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

ANEXO B– Aprovação de emenda pelo CEP/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Práticas pedagógicas e processos de subjetivação de mulheres-enfermeiras nos movimentos sociais

Pesquisador: Kênia Lara Silva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 08586718.5.0000.5149

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.309.069

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa da aluna de doutorado Ana Renata Moura Rabelo do programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem UFMG, a ser desenvolvido sob orientação da Profª. Drª. Kênia Lara Silva.

A proposta de estudo refere-se às práticas de mulheres-enfermeiras envolvidas em movimentos sociais, espaços tomados como dispositivos pedagógicos e de subjetivação, perpassados pelo cuidado de si e pela criação de identidades, bem como, pelas lutas travadas pelas mulheres diante das diversas situações de iniquidades sociais como: violência contra a mulher, em especial das mulheres negras e pobres. Os efeitos das iniquidades muitas vezes resultam da "coisificação" das relações, além das radicais e duradouras assimetrias de visibilidade e possibilidades de expressão entre as pessoas.

A enfermagem se caracteriza como uma profissão majoritariamente feminina, sendo enfatizada sua posição social permeada por desigualdades de gênero que se sustentam no patriarcalismo. Tais fatos se expressam em relações de poder cristalizadas, em situações históricas de submissão a outros profissionais (especialmente médicos) e em comportamentos e condutas normatizadas.

Diante do exposto pressupõe-se que os movimentos sociais são espaços com potencial de modificação das formas de vida. Importante dispositivo para a transgressão da atual posição ocupada pelas mulheres na sociedade contemporânea, capaz de produzir avanços na saúde, no cuidado da vida e no modo de ser das mulheres, por meio de práticas pedagógicas que podem ser

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Ad 31 2005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.309.069

Outros	Lattes_Kenia_Lara_Silva.pdf	19:46:04	MOURA RABELO	Aceito
Outros	Curriculo_do_Sistema_de_Curriculos_Lattes_Ana_Renata_Moura_Rabelo.pdf	14/09/2018 19:42:22	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito
Outros	Parecer.pdf	14/09/2018 19:32:30	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_plataforma_brasil.pdf	14/09/2018 19:16:44	ANA RENATA MOURA RABELO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 30 de Setembro de 2020

Assinado por:
Críssia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad. Sl. 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@orpq.ufmg.br